

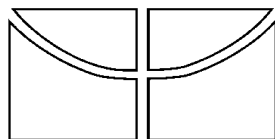
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira:
questões e abordagens (2000-2010)**

Denise Mafra Gonçalves

Tese apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Comunicação na linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias da comunicação.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Claudio Martino
Co-Orientador: Dr. Pedro David Russi Duarte.

Brasília, Junho de 2011.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira:
questões e abordagens (2000-2010)**

Denise Mafra Gonçalves

Brasília, Junho de 2011.

Ficha Catalográfica

Gonçalves, Denise Mafra

A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira: questões e abordagens (2000-2010) / Denise Mafra Gonçalves. - Brasília, DF, 2011. 336 f.

Orientador: Profº Dr. Luiz Cláudio Martino; Co-orientador: Profº Dr. Pedro Russi Duarte

Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Comunicação.

1. Epistemologia da Comunicação. 2. Internet. 3. Cibercultura. 4. Ciberespaço. 5. Estudos Brasileiros.

Denise Mafra Gonçalves

A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira: questões e abordagens (2000-2010)

Tese defendida e aprovada publicamente em 22 de junho de 2011, na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, diante da seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Pedro Russi-Duarte (Co-Orientador e Presidente da Banca)

Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto (Membro)

Universidade de Brasília - UnB

Profa. Dra. Janara Leal Lopes de Sousa (Membro)

Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Osvando de Moraes (Membro)

Universidade de Sorocaba – UNISO

Prof. Dr. João Curvello (Membro)

Universidade Católica de Brasília – UnB

Prof. Dr. Asdrúbal Borges Formiga Saraiva (Suplente)

Universidade de Brasília - UnB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom que me concedeu de buscar sempre o conhecimento e pela fé que me permite perseverar mesmo diante de todos os obstáculos.

Agradeço à minha mãe que sempre acreditou em meus sonhos e incentivou meus estudos, entendendo minha ausência e pedindo a Deus por mim.

Ao meu orientador, Dr. Luiz Cláudio Martino, pelo apoio e, especialmente, por despertar em mim a curiosidade pela pesquisa teórico-epistemológica na área de comunicação.

Ao Professor Pedro Russi, que assumiu a co-orientação e foi amigo quando precisei de um bom conselho.

À Professora Janara e demais membros da banca pelas contribuições.

Aos meus filhos, por compreenderem minha ausência, por suportarem meus momentos de estresse e por valorizarem meus sonhos.

Aos meus irmãos, pelo carinho e torcida.

Aos amigos que me deram força e me ajudaram a seguir em frente nos momentos de indecisão e fraqueza, especialmente, Gioconda Bretas, Lenise Garcia, Fernanda Lambach, Anna Letícia, Andréa Cerqueira e Andréa Ponte, Edinalva do Nascimento, Ana Estela Haddad, Helena Petta e Sílvia Bruni

Aos meus superiores que me liberaram do trabalho sempre que necessitei.

Aos colegas de Seminário de Pesquisa pelas discussões epistemológicas das sextas-feiras.

Aos colegas de turma do PPG/FAC/UnB pelos inesquecíveis momentos de estudo e de confraternização.

A todos que, direta e indiretamente, enviaram boas idéias e energias positivas e contribuíram para que eu concluísse este trabalho.

GONÇALVES, Denise Mafra. **A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira: questões e abordagens (2000-2010)**. Brasília: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2011. Orientador: Luiz Cláudio Martino; Co-Orientador: Pedro Russi Duarte. Tese (Doutorado em Comunicação)

RESUMO

Este estudo epistemológico mapeia a produção científica da área de comunicação brasileira publicada entre os anos de 2000 e 2010 sobre a Internet. A partir da problemática da formação do campo comunicacional, é discutida a pertinência do avanço conceitual na área de comunicação, uma vez que a Internet é uma tecnologia de comunicação digital que traz a oportunidade de novas reflexões teórico-epistemológicas. Analisa as primeiras incursões teóricas internacionais (1990-2000) e as principais tendências das explicações. A tese discute também o conceito de meio de comunicação e de atualidade mediática, sugerindo sua apropriação e aprofundamento pela área de comunicação no contexto da cibercultura mundial, como possíveis chaves para compreensão dos fenômenos comunicacionais decorrentes da comunicação digital em rede. Utiliza categorias, com base na metodologia da análise de conteúdo de Bardin, para levantar as questões e as tendências atuais localizadas nos estudos da área de comunicação brasileira sobre a internet. Conclui que existem avanços na abordagem teórico-epistemológica feita no Brasil, mas alerta que a diversidade teórica presente no campo tem dificultado a permeabilidade das idéias entre os pares e sua consolidação conceitual. Conclui também que existem tentativas brasileiras de abordar a comunicação digital em rede tomando o conceito de meio de comunicação como definidor das questões que interessam, particularmente, à área de comunicação.

Palavras-chave: Epistemologia da Comunicação. Internet. Cibercultura. Ciberespaço. Estudos Brasileiros.

GONÇALVES, Denise Mafra. **A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira: questões e abordagens (2000-2010)**. Brasília: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2011. Orientador: Luiz Cláudio Martino; Co-Orientador: Pedro Russi Duarte. Tese (Doutorado em Comunicação)

ABSTRACT

This is an epistemological research that treats the internet as problem from communication field, and suggests the opportunity and the relevance from conceptual advance in communications, considering since the Internet is a digital communications technology that brings the opportunity to theories based in the concept from media and mediatic actuality. Examines the first international theoretical incursions (1990-2000) and the main trends and the brazilian studies from communication (2000-2010) and tries compares them. The thesis also discusses the concept of media, suggesting ownership and deepen of the area of communication in the context of the cyberworld, as keys to understanding of communication phenomena arising from the digital communication network. Using categories, based on the methodology of content analysis of Bardin, raise issues and trends found in the studies of Brazilian communication over the Internet. Concludes that there is progress in the issue theoretical-epistemological made in Brazil in relation to international approaches, but that the theoretical diversity in this field has hindered the permeability of ideas among peers and their conceptual consolidation. Also concludes that there are Brazilian attempts to explain the digital communication network by taking the concept of media as, with definition of issues of concern from the communication's area.

Keywords: Epistemology of Communication. Internet. Cyberculture. Cyberspace. Brazilian Studies.

LISTA DE GRÁFICOS, FIGURAS, QUADROS E TABELAS

<u>Gráfico 1 – Expansão das publicações/revista/ano 1999-2010</u>	36
<u>Quadro 1 - Classificação das revistas pesquisadas no QUALIS – CAPES</u> ...	37
<u>Tabela 1 – Quantitativo de artigos/ano sobre Internet nas Revistas da Comunicação Brasileira</u>	40
<u>disponíveis na base de dados da INTERCOM – 2000-2010</u>	40
<u>Quadro 2 – Estudos Indicados nas Bibliografias de Pós-Graduação Brasileiras com linhas de pesquisa relacionado ao estudo da internet (cibercultura, ciberespaço, novas tecnologias)</u>	43
<u>Quadro 3 – Sumário do Pensamento Internacional sobre a Internet 1990-2000</u>	110
<u>Quadro 4 – Periodização dos temas dos estudos internacionais sobre a internet</u>	111
<u>Quadro 5: Abordagens de Teor Metodológico da Cibercultura no Campo da Comunicação, segundo Pereira da Silva (2007: 5-9)</u>	170
<u>Gráfico 2 – Comunicação na internet – Temas Livres – Intercom 2005</u>	174
<u>Quadro 6 – Fases dos Estudos Sobre a Internet, de acordo com Kim & Weaver (2000)</u>	178
<u>Quadro 7 – Proposta de Fases dos Estudos Sobre a Internet, com base em Kim & Weaver, 2000</u>	179
<u>Diagrama 1 – Dinâmica das pesquisas sobre a internet como meio de comunicação</u>	180
<u>Quadro 8 – Sumário do Pensamento Nacional sobre a Internet e a comunicação 2000-2010</u>	254
<u>Tabela 2 – Sumário da Principal Distribuição dos Estudos Brasileiros sobre Questões e Abordagens da Internet e a comunicação</u>	259
<u>Mapa 1 – O Mapa da Cibercultura</u>	193
<u>Mapa 2 – Tecnologias e Práticas Sociais</u>	197

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE GRÁFICOS, FIGURAS, QUADROS E TABELAS	8
INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	30
CAPÍTULO 1 – OS PRIMEIROS OLHARES SOBRE A INTERNET: O ÂMBITO INTERNACIONAL.....	48
1.1 PIERRE LÉVY: A PREGAÇÃO DA UTOPIA DA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA E DA LINGUAGEM UNIVERSAL	52
1.2 MANUEL CASTELLS E O OLHAR SOCIOECONÔMICO SOBRE A SOCIEDADE EM REDE.	59
1.3 NICHOLAS NEGROPONTE: UMA VOZ EXTREMA A FAVOR DA TECNOLOGIA DIGITAL DA COMUNICAÇÃO.....	65
1.4 HOWARD RHEINGOLDE E A CRIAÇÃO DO CONCEITO DE COMUNIDADE VIRTUAL	70
1.5 DERRICK DE KERCKHOVE: A RENOVAÇÃO DE McLUHAN E AS EXTENSÕES ELETRÔNICAS.....	72
1.6 DOMINIQUE WOLTON: PREOCUPAÇÃO COM O FUTURO APÓS A INTERNET	78
1.7 JEAN BAUDRILLARD E LUCIEN SFEZ: O SIMULACRO E O TAUTISMO COMO FIM DA COMUNICAÇÃO NA ERA DA VIRTUALIDADE.....	84
1.8 JOEL DE ROSNAY, A ABORDAGEM SISTÊMICA, O CONCEITO DO PRONETARIADO E DO HOMEM SIMBIÓTICO	89
1.9 ARMAND MATELLART, PHILIPPE BRETON E PAUL VIRILIO: A INTERNET COMO CONTROLE E A CONTRA-UTOPIA: UM ESQUEMA OPERATÓRIO DE REMODELAMENTO DA ORDEM MUNDIAL?	92
1.10 UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO DAS TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS DE PROBLEMAS SOBRE A INTERNET	103
CAPÍTULO 2 – A INTERNET: NECESSIDADE DE NOVAS ABORDAGENS	119
2.1 O CONCEITO DE MEIO DE COMUNICAÇÃO	120
2.2 O CONCEITO DE PRESENTEÍSMO X ATUALIDADE MEDIÁTICA: DIFERENTES PERSPECTIVAS.....	135
2.3 UM MODELO AMERICANO PARA ANÁLISE DA INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO	141
2.4 NOVOS OLHARES SOBRE A INTERNET	149
CAPÍTULO 3 – O SABER COMUNICACIONAL E A PERTINÊNCIA DO ESTUDO DA INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DA ATUALIDADE MEDIÁTICA	153
3.1 A TRAJETÓRIA DA FORMAÇÃO DO CAMPO COMUNICACIONAL	156
3.1 ALGUMAS ABORDAGENS DA INTERNET PELA ÁREA DE COMUNICAÇÃO	170

CAPÍTULO 4 – PANORAMA DAS PROBLEMÁTICAS E PROBLEMAS SOBRE A INTERNET NA LITERATURA DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRA.....	183
4.1 CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E EFEITOS DO CIBERESPAÇO.	200
4.1.1 COMO A ÁREA DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRA EXPLICA O CIBERESPAÇO?.....	201
4.2 CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E EFEITOS DA CIBERCULTURA.....	209
4.2.2 A PROBLEMÁTICA SOBRE A CIBERCULTURA E SEUS EFEITOS DO PONTO DE VISTA DA COMUNICAÇÃO BRASILEIRA	211
4.3 ARTE ELETRÔNICA E COMUNICAÇÃO NA INTERNET	219
4.3.1 A ARTE NA INTERNET: COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO CULTURAL NO CIBERESPAÇO ..	221
4.4 COMUNIDADES, REDES SOCIAIS, REDES COLABORATIVAS E INTELIGÊNCIA NA INTERNET	222
4.4.1 COMUNIDADES EM REDES SOCIAIS COLABORATIVAS: RESPOSTAS PARA A COMUNICAÇÃO DA ATUALIDADE MEDIÁTICA?.....	222
4.5 LINGUAGEM DIGITAL: “NAVEGAÇÃO” LEITURA E ESCRITA NA INTERNET COMO HIPERTEXTO	227
4.5.1 A LINGUAGEM DA INTERNET: LABIRINTOS DO HIPERTEXTO	227
4.6 IMAGINÁRIO TECNOLÓGICO: O PENSAMENTO SOBRE A CIBERCULTURA	231
4.6.1 AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO: UM OLHAR TRANSVERSAL SOBRE AS QUESTÕES COMUNICACIONAIS DA INTERNET	232
4.7 CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E EFEITOS DA INTERAÇÃO NA INTERNET	234
4.7.1 O OLHAR SOBRE A INTERAÇÃO: O QUE É MESMO QUE SE COMPREENDE?	235
4.8 CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E EFEITOS DA INTERNET COMO MEIO(S) DE COMUNICAÇÃO	239
4.8.1 A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO: COMO SÃO OS OLHARES ESPECÍFICOS E O QUE ELES ESTÃO PROMETENDO EXPLICAR?	240
CAPÍTULO 5 – SÍNTESE DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DOS ESTUDOS DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRA PARA ENTENDER A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO NA ATUALIDADE MEDIÁTICA	249
CONCLUSÕES.....	266
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	275
APÊNDICES.....	285
APÊNDICE 1 – SUMÁRIO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO SOBRE A INTERNET – 2000-2010	286
APÊNDICE 2 – CITAÇÕES LITERAIS DOS ESTUDOS	301
CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E EFEITOS DO CIBERESPAÇO.	301
ANDRÉ LEMOS.....	301
LÚCIA LEÃO	302
SUELY FRAGOSO	302
LUCIA SANTAELLA.....	302
ERICK FELINTO.....	303

LUCRECIA FERRARA	304
CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E EFEITOS DA CIBERCULTURA.....	304
FRANCISCO RUDIGER	304
CIRO MARCONDES FILHO	304
ANDRÉ LEMOS.....	304
EUGÊNIO TRIVINHO.....	305
IMAGINÁRIO TECNOLÓGICO: O PENSAMENTO SOBRE A CIBERCULTURA.....	305
JUREMIR MACHADO DA SILVA.....	305
FRANCISCO MENEZES MARTINS	306
ERICK FELINTO.....	306
ANDRE LEMOS.....	307
SUELY FRAGOSO	307
ARTE ELETRÔNICA E COMUNICAÇÃO NA INTERNET.....	307
ANDRÉ LEMOS.....	307
LÚCIA LEÃO	308
LÚCIA SANTAELLA.....	308
COMUNIDADES EM REDES SOCIAIS COLABORATIVAS: RESPOSTAS PARA A COMUNICAÇÃO DA ATUALIDADE MEDIÁTICA?.....	309
ALEX PRIMO	309
ANDRÉ LEMOS.....	309
ANDRÉ PARENTE	309
LÚCIA LEÃO	309
EUGÊNIO TRIVINHO.....	310
RAQUEL RECUERO	310
SUELY FRAGOSO	310
A LINGUAGEM DA INTERNET: LEITURA, ESCRITA E LABIRINTOS DO HIPERTEXTO	311
ALEX PRIMO	311
ANDRÉ PARENTE	311
LÚCIA SANTAELLA.....	311
LÚCIA LEÃO	311
SUELY FRAGOSO	312
O OLHAR SOBRE A INTERAÇÃO: O QUE É MESMO QUE SE COMPREENDE?.....	312

ALEX PRIMO	312
SUELY FRAGOSO	312
A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO: COMO SÃO OS OLHARES ESPECÍFICOS E O QUE ELES ESTÃO PROMETENDO EXPLICAR?	312
ANDRÉ LEMOS.....	313
ALESSANDRO PAVELOSKY	313
ALEX PRIMO	314
LUCRECIA FERRARA	314
LUIZ CLAUDIO MARTINO	314
SUELY FRAGOSO	314
RAQUEL RECUERO	315
APÊNDICE 3: O MEU OLHAR DE USUÁRIA DO COMPUTADOR E DA INTERNET. 	316
ANEXOS	323
ANEXO 1: EMENTAS DE DISCIPLINAS OU LINHAS DE PESQUISA DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRA 	324
ANEXO 2: INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS PARA CURSOS DE COMUNICAÇÃO BRASILEIROS - PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO FILIADOS À COMPÓS EM 2010:.....	327
ANEXO 3: GRUPOS DE PESQUISA EM CIBERCULTURA	335

Introdução

Para apresentar esta pesquisa acadêmica em comunicação, inicialmente, esclarecemos que o objeto de estudo aqui tratado não é a internet, mas a produção científica da área de comunicação brasileira sobre a internet.

Queremos também dizer que nossa curiosidade de investigadora nos fez refletir sobre nossa perspectiva inicial quando decidimos empreender esta pesquisa. Em contraste com o olhar que tinha sobre a comunicação, forjado em outras abordagens das ciências sociais e humanas, especialmente nos focos da educação e da literatura, ligados à minha formação, passei a considerar a comunicação “de dentro”, com uma perspectiva nova, que, inicialmente, me causou algum estranhamento. Para melhor compreendê-la – o que para mim era interessante, novo e cheio de dúvidas – colocamos a seguinte questão primordial que moveu o projeto da pesquisa: *como podia compreender a internet como objeto de estudo da área de comunicação?* O que haveria de diferente, próprio e típico da área de comunicação para explicar esse objeto que, em nossa leitura, era específico da comunicação?

Buscávamos, portanto, encontrar na área de comunicação explicações próprias para esse fenômeno típico da comunicação, especificamente porque da perspectiva de outras disciplinas, de onde vínhamos, os problemas e as explicações sobre as tecnologias da comunicação costumam recair sobre os indivíduos ou grupos que as utilizam e não sobre o próprio objeto técnico da comunicação. Essa foi, portanto, a nossa problemática inicial. Queríamos outra abordagem, para conhecer novos olhares sobre a internet. Para superar os primeiros obstáculos epistemológicos, mergulhamos na literatura produzida pela área de comunicação, aprofundando a análise teórica de seus estudos, mas a nossa questão não foi respondida.

Assim, propusemos esta pesquisa para compreender, criticamente, os estudos que tratam da internet como problema de interesse acadêmico-científico da área de comunicação brasileira. É para essa faceta da realidade, portanto, que a investigação está voltada.

Ao recortarmos o universo dos estudos sobre a internet para investigar a produção acadêmico-científica, decidimos focar nos estudos da área de comunicação

brasileira. Visávamos encontrar problemáticas e problemas apresentados que refletissem a situação da produção científica sobre o tema no país. Não se trata, assim, de apenas uma revisão bibliográfica, um levantamento do estado da arte da literatura brasileira sobre a internet. Queremos, antes, entender e compreender como a produção acadêmico-científica brasileira vinculada à área de comunicação costuma problematizar e elaborar teoricamente a relação entre a comunicação e a internet e como procura explicá-la no universo da própria comunicação.

Quanto ao tipo de estudo, a nossa investigação é, desse modo, estritamente teórico-epistemológica.

Pareceu-nos necessário fazer estas observações introdutórias para evitar qualquer tipo de confusão entre o objeto de análise dos estudos sobre a internet (a própria internet) e o objeto de estudo desta tese. Também consideramos necessário explicitar nosso lugar, nossa posição de investigadora. Ao virmos de outra formação, esperávamos encontrar algo novo na ótica para explicar a internet. Entretanto, tão logo começamos a reconhecer a literatura e a conviver com a área de comunicação, verificamos que havia um problema teórico-epistemológico da própria área de comunicação. Verificamos que havia uma necessidade de sistematização dos estudos da área, bem como uma abordagem crítica, sistemática, ou seja, metateórica, de modo a colaborar para esclarecer sobre o pensamento da área. Tal tipo de análise, aliás, é reconhecidamente indicada pelos teóricos da área como contribuição para a própria área de comunicação poder conhecer sua trajetória e avançar na proposição de suas próprias teorias. Porém, ao mesmo tempo que se recomenda esse tipo de estudo, vários teóricos tem apontado a dificuldade de sistematização dos estudos em face da diversidade das contribuições. Muitos deles têm afirmado que isto seria impossível e outros que seria inútil (Marques de Melo, 2008; Moraes, 1998; Lopes, 2005; Moragas, 1982; Miège, 2000; França, 2002). Outros, ao contrário, têm afirmado e explorado a possibilidade dessa sistematização (por exemplo, Martino, 2005, 2006a). É neste último sentido que se insere nossa colaboração.

Ao compreender isso, consideramos que uma pesquisa dessa natureza poderia, portanto, indiretamente, pelo olhar de outros estudos brasileiros da área de comunicação, de fato, contribuir, no mínimo, para ajudar a explicitar como a internet

está sendo tratada pela área de comunicação. Nosso enfoque é baseado então nessa perspectiva estritamente teórico-epistemológica.

Esclarecemos também que este trabalho não visa discutir o percurso histórico da internet ou suas características como tecnologia de informação e comunicação, nem analisará seus efeitos. Ao remeter o leitor às análises dos estudos que faremos, sem tratar da internet, diretamente, estaremos também fazendo essa discussão, sistemática e indiretamente, à medida que a análise da internet, ela própria, for sendo apresentada como objeto dos estudos pesquisados.

Dito isso, consideramos também necessário e importante justificar o limite do problema de pesquisa deste trabalho na área de comunicação brasileira. Deixamos claro que partilhamos aqui da Comunicação, com “C” maiúsculo, como um saber, constitutivo de um núcleo de conhecimento das ciências sociais aplicadas, mas cujo estatuto de disciplina autônoma (Martino, 2003, 2006) ainda não está claro.

Essa escolha, sem entrar, neste momento, no mérito da discussão sobre a pertinência ou não de a comunicação constituir um saber autônomo, um conhecimento específico, está justificada pela tradição de pesquisa da área, como já mencionamos.

A história da pesquisa da área de comunicação no Brasil, resgatada por epistemólogos que se dedicam a buscar avançar o conhecimento da área (Lopes, 2003; 2006; Martino, 2003b, 2005; Wolf, 1987; Marques de Melo, 2008), mostra quais são as questões que definem a problemática da comunicação hoje. A comunicação, considerada como parte das Ciências Sociais aplicadas, mas sem estatuto de disciplina autônoma (Martino, 2003a), parece encontrar sua maior dificuldade no momento em que necessita ser específica para tratar de um objeto de estudo pelo olhar técnico-comunicacional.

Pode-se perguntar, nesse ponto, porque a internet é um objeto que se presta a esse tipo de análise da área de comunicação. Ora, sabemos que o uso da internet começou a alterar as práticas sociais estabelecidas nas sociedades pós-industriais e os estudos acadêmico-científicos, brasileiros e internacionais, como de Lemos (2002); Castells (1999); e Matellart & Matellart (2001) passaram a tratar dessas questões, incluindo as práticas de comunicação. À medida que os problemas foram sendo descortinados e novas questões foram sendo suscitadas sobre a tecnologia digital e a

rede mundial de computadores, buscar explicações para elas passou por um caminho natural e necessário para iniciar o conjunto de idéias que definem a teoria de um determinado conhecimento. A utilização de qualquer técnica, naturalmente, leva a questões, a curiosidades, que exigem sua compreensão teórica. Os primeiros objetos criados, a relação entre o uso de artefatos produzidos pelo homem e a sociedade está estabelecida. O objeto pode ser apenas um recurso material, mas as idéias sobre esse novo objeto formam-se a partir de questões e de sua problematização. É necessário esse percurso para que seja compreendido do ponto de vista teórico. Também se faz necessário um distanciamento histórico razoável que permita sua interpretação o mais próximo da realidade. Entretanto, para se formularem teorias, esse objeto, em seu eixo de análise sobre o fenômeno tecnológico observado – neste caso, a internet – deve ser compreendido e explicado por um conjunto de idéias que aponte para problemas fundamentais e consensualmente percebidos. É necessário, portanto, um mínimo consenso de idéias oriundas de estudos de determinado conhecimento.

Essa é a construção epistemológica que permite a formulação de teorias. Os objetos materiais ou não que passam a constituir objetos de estudo, reconfiguram-se, pelas idéias sobre eles. Portanto, para que possam ser conhecidos, devem haver idéias que constituam uma base de análise consensual aceitável, mesmo que inicial, temporária, provisória, que seja capaz de explicá-lo, razoavelmente, até que venha a ser superada. Nesse processo, o conhecimento sobre aquele determinado objeto avança e leva à necessidade e ao interesse de sua sistematização.

O fato de a internet ser um assunto contemporaneamente estudado no contexto atual da área de comunicação, em que há efervescência em seu desenvolvimento teórico-epistemológico, supõe que se trate de um dos objetos que podem contribuir para os avanços teóricos da Comunicação. Seja por apresentar-se como problema típico da área e por esperar ser compreendido, seja por delinear-se como um objeto técnico que afeta os modos de ver e problematizar a comunicação na atualidade. Em nosso entendimento, o olhar dos analistas da área de comunicação deve buscar apreendê-lo como uma questão técnico-comunicacional, pois pode ser que seja mais do que pertinente estudá-la como meio de comunicação. Talvez essa abordagem possa levar ao consenso na formulação de idéias que sejam apropriadas para explicar

esse fenômeno do ponto de vista do conhecimento da área de Comunicação, como conhecimento específico.

Interessa-nos saber, nesse contexto, portanto, como os estudos acadêmico-científicos da área de comunicação brasileira vêm fazendo essa abordagem teórica e como estão problematizando a internet. Uma de nossas inquietações é explorar as abordagens sobre a internet para saber se os estudos da área estão buscando compreender a internet pelo olhar da comunicação, considerando que este é um objeto de estudo da área, um meio de comunicação. Para tanto, perguntamos: os estudos sobre a comunicação e a internet publicados no Brasil pela área de comunicação têm feito que tipo de tentativas para entender a internet, em relação à própria comunicação? Essas tentativas têm sido feitas de que modo, com que problemáticas e com qual delimitação de problemas? Que explicações têm sido dadas para a internet, considerada como fenômeno comunicacional? Que fundamentos teóricos têm sido apresentados pelos estudos para fundamentar essas explicações dadas? Por fim, os estudos da comunicação brasileira procuram explicar a internet, de modo a ampliar o que já vem sendo formulado e explicado pelas demais Ciências Sociais e Humanas (ciência social, sociologia, lingüística, filosofia, psicologia social, educação etc) para esse fenômeno, tentando esclarece-lo do ponto de vista da comunicação? Essas explicações contribuem para o avanço do conhecimento sobre a internet, como objeto de estudo de interesse específico da área de comunicação?

Para seguirmos nessa contextualização sobre o tema que escolhemos tratar, consideramos essencial ainda explicitar como estamos adotando o conceito de problema e de problemática. Laville & Dionne (1999) afirmam que a problemática não pode se confundir com o problema porque este está contido naquela que é o quadro no qual se situa. A problemática determina as questões que serão ou não formuladas, enquanto o problema é a questão fundamental a ser respondida pela investigação.

Os que se dedicam aos fundamentos da ciência preocupam-se em explicitar o conceito de problema em pesquisa científica, por se tratar de um dos principais, se não o principal, alicerce do procedimento científico. Tomamos Weber (2001), como um desses analistas, e apoiamo-nos também em fundamentos de Kaplan (1972), sobre a conduta na pesquisa e a necessidade de normas da prática científica, superando o senso comum e procurando o avanço para a reconstrução do objeto.

Para reconhecer o estado da produção científica nacional da área de comunicação sobre a internet, consideramos então necessário filtrar as contribuições que sejam relevantes para esse saber específico no conjunto das demais Ciências Sociais e Humanas.

Também consideramos os estudos sobre as problematizações em pesquisas da área de comunicação, bem como no papel da teoria e dos modelos teórico-metodológicos, conforme discutem Lopes (2005; 2006) e Martino (2003a; 2003b; 2006), entre outros teóricos brasileiros que cuidam de aspectos relativos à produção científica, teórico-epistemológica da área. Sentimo-nos respaldados, portanto, para explicitar que esses autores afirmam haver imaturidade na teoria da área de comunicação, de modo geral. Logo, pressupomos que existem lacunas nas reflexões teóricas, epistemológicas e metodológicas, o que, por si só, já justificaria a necessidade de sistematização do conhecimento produzido por essa área de conhecimento. Especificamente, neste estudo, para entender o que vem sendo explicado sobre a relação entre a comunicação e a internet, queremos verificar se os estudos acadêmico-científicos brasileiros apresentam problemáticas sobre a internet e a comunicação em suas pesquisas. Queremos verificar se, com essas problemáticas, alcançam a formulação do objeto de estudo pretendido, pelo afastamento da lógica-em-uso para aproximar-se da lógica reconstruída (Kaplan, 1972) e apresentam um conjunto de idéias que possam servir de base à análise desse objeto.

Mais que isso, como dissemos, por se tratar de um fenômeno recente, portanto cujo eixo de análise ainda está se constituindo, consideramos a identificação e a análise das problemáticas e dos tipos de estudo que têm sido feitos a respeito da relação entre a comunicação e a internet também um estudo oportuno. Essa identificação e análise poderão contribuir para o estabelecimento dos limites e das potencialidades dos próprios estudos sobre a comunicação na internet no Brasil por aqueles que se destinam a estudar essa relação do ponto de vista estrito da comunicação. Sob que ótica é problematizada a internet para a área de comunicação brasileira? Os estudos problematizam a centralidade dos meios ou não? Criticam o determinismo tecnológico e a centralidade dos meios? Buscam reconhecer o papel dos objetos técnicos que servem para mediar a comunicação da atualidade? Os estudos da comunicação que estão preocupados com a problemática da mediação por objetos

técnicos estão analisando a realidade da internet com o olhar de quem pretende explicar esses objetos técnicos, por eixos de análise próprios à comunicação, ou estão problematizando outras questões, do entorno da comunicação, como efeitos sociais, psicológicos, educacionais? Essa é a nossa problemática. O problema é saber como, hoje, em 2010, os estudos acadêmico-científicos da área de comunicação do Brasil estão discutindo a internet, tendo em vista uma década de especulações sobre a rede mundial de computadores.

Saad Corrêa et alli (2009) afirmam que há problemas teóricos a serem resolvidos no campo da comunicação e justifica:

Na medida em que a Comunicação, em sua evolução conceitual e tecnológica, se aproxima na operação de seus processos a outros campos de conhecimento, mais assistimos à recorrência de empréstimos conceituais de campos como os das Ciências Sociais, da Biologia, da Teoria dos Sistemas, da Arquitetura, da Matemática, por exemplo, para explicar os novos fenômenos. (...) Quando falamos em comunicação digital, essa questão se torna ainda mais árdua e ainda são poucos os autores que se embrenham em discutir a comunicação digital como um campo específico ou um sub-campo da Comunicação. Some-se a isso, o fato que a comunicação digital, em função de seu caráter mutante e dinâmico, tem hoje o foco em redes sociais e, cada vez mais, se aproxima de diversos campos correlatos ao tema redes para entender o fenômeno da comunicação digital em rede. (2009:222)

Intrigados com o uso de metáforas e com a aplicação de teorias de outros campos do conhecimento para explicar a comunicação digital, Saad Correa et alli questionam, neste estudo, se é legítima a transposição de teorias de outros saberes diretamente para a área de comunicação e pesquisam a incidência de uma série de metáforas importadas. Seu interesse, entretanto, é reconhecer quais são e analisar as metáforas e as analogias que são usadas para explicar as redes sociais, o que, para nós, parece uma contradição. Já que reivindicam o saber comunicacional, não deveriam querer entender a rede, a internet, em seu conceito e suas características de meio de comunicação para, depois, interessar-se pelos diferentes tipos de recursos de comunicação que são presentes nela, inclusive as redes sociais?

A nossa pesquisa trata o problema desta forma, como escolha objetivada sobre a seguinte conjunção de fatores: há indefinição dos objetos de estudo e limites do campo de conhecimento que trata da comunicação, especificamente, da internet; há ausência de um conjunto de afirmações que constitua conhecimento consensual

produzido pela área de comunicação para explicar a internet; há necessidade de se esclarecer sobre a internet como objeto de estudo da comunicação; há necessidade de se reconhecer o que vem sendo pesquisado como tema da comunicação, relativo à internet.

Pretendemos fazer esse esforço (árido, diga-se de passagem!) mencionado, para que essa pesquisa possa ser realizada. Esperamos mostrar que a área de comunicação brasileira está buscando encontrar o seu lugar como saber específico, ao considerar a internet como meio de comunicação da sociedade complexa, fundamento de todos os efeitos que a internet possa causar na sociedade e na cultura, portanto, o objeto de interesse direto da Comunicação. Por outro lado, temos dúvida se a pesquisa pode apontar apenas para abordagens interdisciplinares, ao reconhecer na internet um objeto de interesse indireto da comunicação, que deve ser explicado apenas pelos efeitos que causa, como *meio de comunicação sobre a cultura e a sociedade*. São diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto. Se a internet, vista e explicada como meio de comunicação, constituir o objeto de análise dos estudos, isso pode vir a demonstrar que as explicações teóricas sobre a internet, fornecidas pelos estudos da área de Comunicação brasileira, estão de fato contribuindo para a consolidação do saber comunicacional. Consideramos que essa é uma oportunidade para se discutir um objeto técnico que ainda se encontra com muitas interrogações e oferece todas as nuances para que devidas explicações teóricas sobre ele sejam dadas. Consideramos, por fim, que se trata de pesquisa de natureza epistemológica que pode vir a iluminar e apontar para fundamentos teóricos da Comunicação.

Conceituada como sistema de comunicação, suportes de comunicação, ou “incubadora” de mídias, conforme Lemos (2002), o fato é que a internet tem sido problematizada pela área de Comunicação brasileira por vários olhares. De fato, interessa-nos saber como isso está sendo feito. Que problemáticas têm sido desenvolvidas por esses estudos? Que problemas têm sido apresentados como núcleos da problemática, para que a internet (dado da realidade) surja como objeto de estudo, devidamente reconstruído, reelaborado, desnaturalizado do senso comum? Sob que ótica e fundamentos a internet está sendo problematizada? As pesquisas ultrapassam questões ideológicas ou mantêm afirmações que costuma ter o senso comum sobre as inovações tecnológicas e os meios de comunicação? Os fundamentos

são sociológicos, lingüísticos, políticos, educacionais, políticos, psicológicos, filosóficos ou técnico-comunicacionais?

Até o momento, podemos afirmar que não há modelos teórico-conceituais, suficientemente sistematizados e válidos, que possam dar conta de responder às diversas dimensões da internet na comunicação, seja no Brasil, seja no mundo. Entretanto, já existem, há mais de uma década, tentativas para sistematizar esse conhecimento com propostas para a compreensão da comunicação no contexto da internet. Há diversas idéias que foram lançadas no início da internet e ainda vem sendo propagadas. Em nossa pressuposição, consideramos que deveríamos encontrar estudos no Brasil que também estivessem fazendo a necessária discussão teórica sobre a internet com idéias que possam contribuir para ampliar, rever, iluminar as questões para atualizá-las do ponto de vista da comunicação.

Para isso, procuramos saber se os estudos brasileiros sobre a internet, entre 2000 e 2010, têm identificado a comunicação via internet como um forte eixo de análise e se tem aproveitado o momento do desenvolvimento dessa tecnologia digital em rede para aprofundar as questões da própria comunicação. Estão, por exemplo, discutindo o conceito de meio de comunicação? Estão buscando compreender o conceito de meio de comunicação como um fundamento da atualidade? Há que tendências teóricas nesses estudos? A explicação que trazem é adequada ao contexto histórico e ao papel desempenhado pelos meios de comunicação? Procuram explicar a internet como parte da problemática dos meios de comunicação?

Supúnhamos, sim, que esses estudos deveriam reconhecer o contexto da cultura e do espaço da atualidade, tratando de explicá-los, denominando-os e problematizando-os como “cibercultura” e “ciberespaço”, mas, antes, deveriam buscar compreender e explicar a internet como parte desse contexto, no recorte dos meios de comunicação. Assim, como campo específico do conhecimento, hoje, supomos que necessitariam fazer aproximações gradativas, com afastamentos históricos (distanciamento), e com os devidos procedimentos de análise crítica, para buscarem alcançar um estatuto de tradição em pesquisa científica sobre a internet, que seria mais do que realizar abordagens temáticas, por modismos, filosofia, ou para expressar ideologias ou impressões sobre circunstâncias da realidade observada. Os passos necessários para se afastar do senso comum são conhecidos da academia. Vão desde

a formulação de um problema de pesquisa, a partir da problemática sobre a realidade observada e a própria apresentação, delineamento e reconstrução do objeto, descolando-o do consenso do saber não-científico que se tem dele, até a definição de idéias que constituam fundamentos teóricos capazes de permitir a aplicação, a operacionalização, com base em discussão de pressupostos válidos. Assim, desde os diretamente interessados – os próprios estudiosos e pesquisadores da área de comunicação e os estudantes da área de comunicação – até outros pares, pesquisadores de outras ciências, poderiam dispor desse conhecimento e avançar sobre ele, discutindo-o, enfim, produzindo ciência.

Por mais que alguns condenem o modelo de ciência, pela dicotomia dita positivista entre sujeito e objeto, não se pode negar que procedimentos teórico-metodológicos fazem da linguagem científica uma prática social distinta de outras formas de conhecimento. Respeitando as considerações de estudos como o de Rudiger (2002), que, retomando as polêmicas hipóteses de Heidegger, para quem a ciência não pensa” e a essência da técnica não é algo de técnico” e decide, por isso, travar um diálogo com a filosofia, justificando que “o pensamento tecnológico não precisa desse tipo de aporte, até porque ele ele é, desde sempre mediado por esse impulso e muitos outros, que, conforme foi chamado à atenção, não são em si mesmos nem científicos, nem tecnológicos, mas processos de ordem histórica e metafísica”(Rudiger, 2002:21), defendemos que a abordagem científico da tecnologia digital de comunicação é premente para se orientar a pesquisa que leve a conclusões teóricas aceitas por pares que compõem os grupos de cientistas. Não se discute também que sobre a ciência considerada como conjunto de procedimentos analíticos gerou e continuará a gerar o conhecimento humano pela tradição de se formularem idéias capazes de explicar os fenômenos observados no mundo natural, nas relações sociais e no desenvolvimento da técnica. Não estamos tomando como ciência as explicações obtidas por métodos lineares, numéricos, de caráter positivista, pois não são as únicas técnicas de observação do mundo capazes de ordenar as idéias para constituírem teorias. A formulação de teorias nas ciências sociais e humanas ocorre a partir da observação de fenômenos com uma abordagem que pode agregar qualidade ao objeto de análise e interação com o sujeito pesquisador. Esse conhecimento, se bem construído, poderá ser confrontado, comparado, sedimentado, refutado, validado, em face de suas próprias argumentações e diante de outros conhecimentos

desenvolvidos por outras ciências congêneres, próximas ou distantes, cada uma com sua visão da realidade observada. A tradição da ciência é o resultado da acumulação do conhecimento humano, construído sobre conceitos desnaturalizados, revistos e recolocados diante do senso comum, para superá-los.

Defendemos, mais uma vez, que a posição dos estudos da área de comunicação deveria ser, portanto, a de olhar para a internet, pelo ângulo da história dos meios, sem dúvida, retomando as suas origens e características de evolução como objeto técnico do saber comunicacional, mas relevando as considerações de natureza sociológica e filosófica. Consideramos que, como conhecimento específico, na sociedade em que as relações estão mediatizadas pela tecnologia digital e pela conexão em rede, a internet deve ser analisada em seus aspectos fundamentais de meio de comunicação, situado, historicamente, com seus modos próprios de funcionar, mantendo relação com a realidade presente e com o passado e alterando práticas sociais e individuais, mas, sempre com foco na sua característica de mediar a comunicação.

Essa abordagem evitaria que os focos recaíssem prioritariamente na explicação, como é comum, dos efeitos da tecnologia sobre a sociedade ou o indivíduo. Ao compará-la com outros tipos de meios, precisariam, sim, reconhecer suas peculiaridades, distinguir suas diferenças e suas semelhanças e demonstrar que há nela aspectos que a tornam típico meio de comunicação presente na sociedade atual, considerada como conjunção de fatores, logo, como complexa.

Nessa problemática, outras perguntas que nos fazemos são: se os estudos da área de comunicação brasileira buscam explicar as alterações que a existência de novos meios de comunicação, pelo fato de ser uma existência material, traz para a comunicação na sociedade contemporânea, evoluindo a perspectiva de McLuhan, há mais de 30 anos? Estão procurando explicar como essa existência material se transforma em uso e como esse uso afeta a própria sociedade e a própria tecnologia?

Em nossas cogitações, consideramos que a preocupação em formular o conceito de meio de comunicação e de relacioná-lo com os meios de comunicação em funcionamento na sociedade atual, incluindo a internet, deve interessar, diretamente, aos estudos da comunicação. Sabemos que a pergunta “O meio de comunicação é o

objeto de estudo da comunicação?” tem sido feita pela área a si mesma, sem resposta. Ora, se o estudo dos meios de comunicação não pertence a qualquer outra ciência humana e social, parece-nos que cabe à área de comunicação superar as dificuldades que tem para buscar situar-se entre a posição do determinismo tecnológico e o determinismo social. Consideramos que problematizar o conceito de meio de comunicação parece essencial para a compreensão de qualquer estudo sobre a comunicação, porém a opção por transformar o meio de comunicação em algo invisível, algo dado, que tem de poder de explicar-se sozinho tem sido o modo encontrado pelos estudos para tratar do problema. Não há, aparentemente, preocupação em encontrar um olhar próprio e um objeto de análise exclusivo da comunicação. Ora, se meio de comunicação é um dado da realidade objetiva, reconstruí-lo, teoricamente, para compreensão dos fenômenos comunicacionais nas sociedades que se seguem à sociedade pós-industrial, após problematizá-lo e procurar compreendê-lo, deveria ser uma meta dos estudos da comunicação. Existe essa preocupação nos estudos da área?

No Brasil, Martino (2001, 2003, 2005) é destaque nessa direção. Outros estudos sobre as teorias que sustentam a comunicação e as preocupações epistemológicas, presentes em Lopes (2001c; 2006), Wolf (1987), Braga (2006), Santaella (2001), costumam também alertar para a dificuldade da delimitação do objeto de estudo da comunicação, porém, sem consenso sobre a necessidade de adoção do meio de comunicação como eixo de análise. Martino (2009) propõe um olhar técnico-comunicacional para observar os meios de comunicação como objetos técnicos de interesse da área. Na sociedade complexa em que estamos, conforme explica, os indivíduos assumem papéis e participam voluntariamente de comunidades efêmeras, em que os meios de comunicação assumem papel decisivo na atualização das informações e na alteração da sociedade, sendo também alteradas pelo uso que os indivíduos dela fazem, em um movimento a que o autor denomina de atualidade mediática (2009). Iremos explorar esses conceitos no Capítulo 1, porque consideramos que nos apóiam para situar a internet nos estudos que vamos investigar.

A respeito do modo como compreendemos o lugar da comunicação como saber específico das ciências sociais e humanas e sobre como supomos que os estudos da comunicação discutem a internet, consideramos que, se a produção acadêmico-

científica que examinaremos estiver de acordo com a abordagem primordial do meio de comunicação, concordará sobre a insustentabilidade da falta de objeto de estudo da área de comunicação e mostrará necessidade de identificar e explicar a internet além da explicação exclusiva dos efeitos. Entretanto, se, de acordo com a tradição de pesquisa da área e a situação da pesquisa em comunicação, os estudos estiverem longe de resolver as explicações dos objetos com uma visão específica da comunicação, deverão ser localizados estudos em bases especulativas sobre as tecnologias. É o mesmo Martino (2000) que explica essa possibilidade:

Desembaraçadas da história [dos meios de comunicação], as análises se voltam para a especulação das novas possibilidades, se apressando em nos garantir que estas tecnologias serão a realidade de amanhã. Esta dogmática triunfante nos projeta na vertigem de uma espiral de inumeráveis possibilidades de mediações técnicas: o videofone, o cybersexo, a Internet, a “Super-Internet”, a “mais que-super-Internet”... Mas o efeito mais curioso de uma tal “Gênese” do mundo na Era da Pós-Modernidade é sem dúvida a consolidação da especulação sobre as futuras possibilidades das novas tecnologias de comunicação, em detrimento do estudo dos meios reais e efetivamente presentes na vida social. (Martino, 2000:103)

Se os estudos da comunicação observam os fenômenos sociais e humanos em função da materialidade da existência dos meios de comunicação, porém com fundamentos que costumam estar centrados em seus efeitos, como mostrou Katz, a análise das cinco tradições de pesquisa sistematizadas por Jensen & Rosengren (apud Martino, 2000) mostra que os efeitos são, de fato, o eixo das pesquisas em comunicação. As pesquisas, segundo essa análise, são voltadas para: 1) os efeitos em si, perguntando o que os meios de comunicação fazem ao indivíduo?; 2) os usos e as gratificações, que querem entender o que o indivíduo faz dos meios de comunicação?; 3) a análise literária, que visa compreender as estruturas das mensagens das obras veiculadas; 4) as condições de recepção, que fazem a análise do que o público faz com o conteúdo das mensagens e, por fim, 5) as abordagens culturalistas, que se afastam do meio de comunicação para levantar questões de outra natureza. (Martino, 2000:104)

Encontramos, nessas reflexões, apoio para nossa concepção de que os meios de comunicação, para aprofundar o entendimento sobre a internet na área de comunicação, deveriam constituir objeto de interesse específico da comunicação. Se os estudiosos da comunicação estão procurando explicar a realidade do mundo da comunicação por meio da explicação de problemas que se apresentam na esfera da

cultura, da psicologia do uso que apresentam componentes de herança behaviorista e antropológica, ou pela ótica do materialismo dialético, que enxerga os comportamentos sociais e políticos, estão estudando Comunicação? Caso estejam preocupados com a influência da internet na cognição e na aprendizagem de comportamentos sociais; ou se querem investigar a influência desse meio na formação psíquica e na estabilidade emocional dos jovens ou querem entender como se comporta o indivíduo adulto na presença ou na ausência desse meio, como pertencente a determinado grupo social, estão estudando Comunicação? O que a Comunicação deve problematizar sobre os meios de comunicação? Seus aspectos técnicos? Seus efeitos cognitivos, psicológicos e sociais, em relação aos aspectos técnicos e históricos? Sua função política, ideológica e social como mediação da técnica, em função da história? Deve estudar a engenharia do objeto ou as práticas de produção das mensagens, em si mesmas? Isso é suficiente para gerar o conhecimento da área? Deve analisar sob a ótica da constituição de um objeto técnico que é deliberadamente construído para a comunicação? Em suma, qual é a ótica da Comunicação para a construção de seus objetos de estudo? As mesmas perguntas valem para qualquer objeto de estudo da comunicação, incluindo, é claro, a internet.

Para buscar outro apoio teórico, consideramos interessante recorrer à tradição canadense, em que Harold Innis (1951) é considerado o pioneiro da teoria da comunicação e McLuhan (1964) como aquele que desdobrou o conceito de meio de comunicação e viu além do conteúdo, conseguindo destacá-lo da forma. Ambos são apontados, conforme Martino (2008), que estudou minuciosamente a contribuição do programa de pesquisa desses dois estudiosos, como os nomes mais significativos do pensamento comunicacional canadense. De fato, os conhecimentos gerados pela Escola de Toronto, que vem seguindo os pressupostos de valorização do meio de comunicação, colocando-o como objeto de destaque na sociedade contemporânea, porque os estudos que estão sendo realizados são fundamentais. Os pesquisadores que estão relacionados a esse conjunto de estudos, apesar de originários da antropologia, sociologia ou psicologia social, têm trazido contribuições importantes para os estudos da comunicação, pela reflexão que levam a fazer sobre os artefatos técnicos e as implicações na sociedade da comunicação, como momento histórico atual. Por isso, consideramos necessário fazer referência a essa corrente de estudos teóricos em nossa pesquisa, ainda que seja considerada como uma corrente e não

como uma teoria. O importante é que, no plano epistemológico, o foco nos meios de comunicação permite, como diz Martino:

ressignificar a abordagem interdisciplinar presente nesses autores, de modo a diferenciá-los de uma abordagem holística. As desmesuras da interdisciplinaridade são contornadas à medida que os meios de comunicação passam a ser tomados como eixo de análise. É isso que evita a dispersão temática e que, em última instância, caracteriza os estudos de comunicação como saber autônomo. (Martino, 2008:126).

Esperamos ter deixado claro que estamos buscando compreender como se realiza a problematização sobre a internet nos estudos da área de comunicação. Esses estudos se debruçam sobre o objeto “internet” com que olhar? O intuito maior que temos, além de compreender o que compreendem os estudos sobre a internet é o desvendar, penetrar na produção acadêmico-científica da área de comunicação, para conhecê-la melhor, uma vez que é, ao mesmo tempo, vasta, complexa e diversificada e o objeto de estudo dos estudos que a compõe é sempre atual e parece estar em constante mudança, portanto, sempre necessitando ser problematizado e compreendido.

Com a nossa análise, pretendemos contribuir com a explicitação dos problemas e abordagens teóricas apresentadas pelos estudos, de modo a também avançar para o conhecimento próprio da Comunicação.

São esses os pressupostos e os limites epistemológicos que cercam esta pesquisa no que diz respeito à delimitação da internet como objeto de estudo da produção científica que analisamos. São essas as considerações teóricas e as dúvidas epistemológicas que nos embasam, fundamentalmente. O processo que nos tem construído como pesquisadora da área de comunicação teve seu início na questão sobre que pressupostos teóricos são interessantes para os estudos da área? Como têm sido feitas as tentativas de se explicar a internet pelos estudos da comunicação?

Procuramos estruturar o primeiro capítulo com uma discussão sobre a abordagem que tem sido feita sobre a internet, a partir de estudo panorâmico no âmbito de estudos internacionais da década de 1990 a 2000. Ao fazermos esse estudo, verificamos como era o pensamento inicial sobre o fenômeno do ponto de vista da comunicação. Ao mesmo tempo, propomos uma categorização para os estudos internacionais sobre a internet.

No segundo capítulo, tendo em vista a passagem de mais duas décadas desde aquelas primeiras publicações e da inserção definitiva da internet como tecnologia de comunicação na sociedade complexa, discutimos se há necessidade de novas abordagens para explicar a internet, tentando avançar na discussão da falta de conceitos da área bem delimitados, a começar pelo conceito de meio de comunicação. Outro conceito que trazemos é o de *atualidade mediática*, como fundamento teórico que pode colaborar para o pensamento da área, levando ao aprofundamento do conhecimento da área de comunicação sobre a internet, além de fazermos uma leitura das perspectivas de análise possíveis para interpretar a internet do ponto de vista da comunicação com modelos que já estão propostos.

No terceiro capítulo, tratamos de discutir sobre a trajetória de formação do campo da comunicação e sobre a pertinência do estudo da internet como meio de comunicação da atualidade, buscando explicar que consideramos a *Comunicação* como conhecimento em construção, constitutivo de um núcleo de conhecimento das ciências sociais aplicadas. Estamos de acordo, portanto, com o não-estabelecimento do estatuto de disciplina autônoma afirmado por Martino (2003). Os problemas da área de comunicação ainda não estão claros, concluímos juntamente. Nossa tese parte da pressuposição de que a Comunicação encontra maior dificuldade exatamente no momento em que necessita descolar-se das questões gerais, pertencentes a todas as ciências sociais e humanas, para focar em suas questões específicas.

O Capítulo 4 apresenta o panorama das problemáticas e dos problemas encontrados sobre a internet, localizadas por meio do levantamento e da análise quantitativa e qualitativa da produção brasileira da área de comunicação nos últimos dez anos (2000-2010). Propõe a reflexão sobre os problemas e as abordagens teórico-metodológicas localizados nos estudos nacionais a respeito da internet e analisa criticamente o campo da produção bibliográfica nacional que apresenta estudos publicados sobre o tema da internet no contexto da cibercultura, especificamente sobre a internet e a comunicação. Verificamos focos, abordagens teóricas e conceitos problematizados e tratados pelos estudos e procuramos criticá-los, qualitativamente, à luz das referências sobre os problemas desenvolvidos do ponto de vista da comunicação das obras referenciadas por reconhecimento dos pares e pela disponibilidade, compartilhamento e frequência de acesso às idéias, umas das outras.

O quinto capítulo apresenta a síntese das contribuições teóricas dos estudos brasileiros da área de comunicação sobre os problemas encontrados a respeito da internet e da comunicação. Procuramos localizá-los e classificá-los de acordo com as tendências de problemas e correntes teóricas internacionais mais referenciadas que caracterizam cada grupo de estudos analisado. Também, mesmo não sistematicamente, procuramos refletir sobre a fase da pesquisa se encontra do ponto de vista de sua problematização sobre a internet, em face de estudo internacional que propõe uma cronologia dos estudos sobre a internet (Kim & Weaver, 2000). Para refinar um pouco mais, buscamos também relacionar as contribuições teóricas sintetizadas às dimensões da Atualidade Mediática e às fases da pesquisa sobre a internet propostas pelos estudos internacionais da primeira década para verificar se está havendo avanço na compreensão da internet do ponto de vista da comunicação.

Nas considerações finais, a partir dos resultados de nossa pesquisa, retomamos a relevância do estudo teórico-epistemológico para a teoria da comunicação emergente no país. Por outro lado, especificamente, tentaremos reconhecer até onde existe inserção da área de comunicação brasileira no conjunto dos fundamentos teóricos que sustentam o conhecimento das ciências sociais e humanas pela abordagem a um suposto objeto técnico que nos parece deveria ser de típico interesse para as pesquisas acadêmico-científicas da comunicação – a internet.

Metodologia

A metodologia da pesquisa desafiou-nos porque exigiu que trabalhássemos com um objeto de estudo volátil e fugaz, de difícil apreensão e sistematização, por estar situado em uma área de conhecimento cujo conjunto teórico encontra-se em ebulição, em cujo caldo fervem ingredientes muito diferentes, e ainda com tensões sobre o objeto de interesse. O primeiro fato constatado é o de que os estudos da área de comunicação brasileira são diversos, de contornos pouco definidos e resistem a qualquer tipo de classificação. Para reduzir essa diversidade, debruçamo-nos sobre o objeto da pesquisa – a produção científica nacional da área de comunicação que trata da internet, em sua relação com a comunicação, no período de 2000 a 2010 – propondo uma abordagem, estritamente epistemológica. Isso nos levou a conhecer, portanto, um universo bastante problemático que necessitou ser tratado com todo o cuidado, mas que sempre dificultou a apreensão.

Ao apresentarmos a proposta desta investigação sobre como a área de comunicação está abordando, tratando e compreendendo as questões sobre a internet e a comunicação, explicamos, inicialmente, que tivemos de fazer várias e diversas rupturas epistemológicas. Precisávamos compreender o olhar que os estudos da área de comunicação têm lançado sobre este fenômeno da comunicação com o máximo de isenção e procurando um modelo de investigação que se caracterizasse pela cientificidade. No Apêndice 3, narramos nosso percurso para chegar até aqui. Mais que nossa perspectiva pessoal, a própria trajetória das formulações teóricas propostas internacionalmente e a situação da área foram obstáculos a serem superados. Ficou evidente que alcançar a produção acadêmico-científica da área de comunicação, de modo a localizar e apreender os problemas teórico-conceituais que têm sido apresentados sobre essa tecnologia, no âmbito da comunicação, seria uma tarefa árdua que exige cuidado, método, organização e persistência no jogo de esconde-esconde do objeto da comunicação.

A análise de conteúdo passou a ser uma abordagem metodológica satisfatória, porque ofereceria os fundamentos e os instrumentos para realizar uma leitura direcionada, a partir de categorias e subcategorias (que a teoria prometia que nos saltariam aos olhos, o que não se concretizou) e permitissem analisar os estudos que

se dedicaram à problematização da e sobre a internet, com algum olhar específico e com determinado fundamento teórico da comunicação.

Segundo Bardin (2002), tudo o que é dito pode ser objeto da análise de conteúdo. Assim, analisar o conteúdo de uma mensagem permite que o estudo observe a incidência de termos, de frases, de signos, de silêncios, de imagens, etc e o faça com base na pergunta da pesquisa, para procurar relacionar, devidamente, os achados, reunindo-os, desprezando-os, organizando-os, sempre que for necessário para a elucidação do que acontece naquela situação específica. Para explicar o que é a análise de conteúdo, a autora diz que se trata de

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas — desde o cálculo de freqüências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de «desocultação», responde a esta atitude de voyeur de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. (Bardin, 2002, prefácio).

Os fundamentos da análise de conteúdo encontram-se na descrição ou preparação do material, na inferência ou dedução e na interpretação. Na pré-análise, a leitura flutuante (primeiras leituras de contato os textos), a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e objetivos, a referenciação e a seleção e ordenação dos estudos são fases importantes. Bardin (1977) recomenda que dessa pré-análise, os textos sejam reunidos em unidades de contexto e de registro, com menor significação (categorias e subcategorias). Os temas que se repetem passam a ser índices e determinam as categorias de análise que "se recortam do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados" (Bardin, 1977:110)

As categorias são formas gerais de conceito, uma forma de pensamento sintetizador. Na análise de conteúdo, as categorias correspondem a rubricas ou classes que reúnem unidades de registro, como grupo de elementos, em razão de

características comuns. Segundo os pressupostos da análise de conteúdo, pode haver vários critérios para escolher as categorias: semântico (temas), sintático (verbos, adjetivos, pronomes), léxico (juntar pelo sentido das palavras, agrupar os sinônimos, os antônimos), expressivo (agrupar as perturbações da linguagem, da escrita).

Escolhemos o critério semântico para relacionar os termos a problemas recolhidos em mapeamento inicial dos assuntos tratados sobre internet e comunicação para reconhecer, e não definir, as categorias. As categorias deveriam permitir reunir informações de modo esquemático em classes de registros. A categorização representaria a passagem dos dados brutos observados na leitura flutuante aos dados organizados pelo agrupamento de elementos comuns, depois das etapas do mapeamento em que foram identificados os elementos que se repetiam. A classificação, em que se repartem os registros desses elementos, para fazer uma leitura organizada e tópica, deveria revelar boas categorias. Para isso, as seguintes qualidades, tiveram de ser observadas: exclusão mútua – em que cada elemento só existe em uma categoria; homogeneidade – é preciso haver só uma dimensão na análise; pertinência – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa às questões norteadoras, às características da mensagem, etc.; objetividade e fidelidade – se as categorias forem bem definidas e os índices e indicadores que determinam a entrada de um elemento numa categoria estiverem claros, haverá redução da subjetividade da análise; produtividade – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados.

O tempo foi uma variável importante, em função dos limites de datas que dispúnhamos para realizar a pesquisa. Teríamos levado cinco, dez anos, se não houvesse um tempo determinado para terminar. O objeto de estudo a que nos dedicamos é extremamente dinâmico e a produção científica sobre o tema da internet e comunicação parece brotar espontaneamente... Por isso, refletimos sobre a delimitação temporal e resolvemos, inicialmente, estudar as publicações nacionais desde o início oficial da instalação da tecnologia de comunicação no Brasil, o que ocorreu, exatamente, no dia primeiro de maio de 1996 (Fragoso, 1996). Esse seria o recorte mais interessante para uma pesquisa acadêmica, no grau de doutorado. Entretanto, verificamos que os programas de pós-graduação nacionais da área de comunicação

(INTERCOM) e os encontros brasileiros de pós-graduação (COMPÓS) começaram a produzir material acadêmico-científico sobre a internet e a disponibilizá-lo de forma organizada e digital cerca de quatro anos mais tarde, por volta de 2000. Não apenas o número de publicações passa a ter maior relevância após o ano 2000, mas também começaram a diferenciar-se as temáticas, problemáticas e proposições.

Assim, decidimos fixar o período dos últimos dez anos que antecedem nossa pesquisa – de 2000 a 2010 – como época de concentração da maior parte dos estudos analisados. Entretanto, como dissemos, eventualmente, outros estudos publicados em anos anteriores também contribuíram para a delimitação dos estudos. Queremos aproveitar para deixar claro que o foco da escolha dos estudos para análise não esteve nem na Antigüidade, nem no reconhecimento de pares, nem na atualidade da publicação, mas sim em sua representatividade como estudo da área de comunicação brasileira sobre comunicação e internet e em sua problemática sobre as questões a serem estudadas nesta pesquisa, porque nos mantivemos vigilantes sobre o objeto da investigação.

Tendo em vista a dificuldade de recorte da pesquisa, com objetivo de reconhecer o panorama geral dos problemas tratados pela área de comunicação brasileira na abordagem ao tema da internet e da comunicação, necessitamos realizar, primeiramente, uma fase exploratória sobre o estado da arte da produção científica nacional sobre o assunto. Esse passo buscou uma primeira aproximação com as pesquisas que vinham sendo desenvolvidas no país, pela identificação dos períodos em que o número de pesquisas cresceu ou reduziu nos últimos dez anos. Para isso foram investigadas as revistas eletrônicas de divulgação científica indexadas pela Intercom e pela COMPÓS e depois as revistas do portal Univerciência que trazem um grande número de periódicos da área de comunicação brasileira indexados.

Optamos por buscar localizar as publicações sobre a internet nas revistas brasileiras de alcance nacional, desde que o foco da revista fosse “comunicação”, e desde que pudéssemos ter acesso a texto eletrônico completo, via Portal de Revistas da Intercom ou via Portal da CAPES, ou mesmo a textos impressos, quando necessário, em língua portuguesa, publicados nos anos de nosso interesse ou em datas anteriores. Como nosso interesse eram os estudos nacionais, não foram incluídas, nesse momento exploratório, as revistas com acesso limitado ou inexistente

aos textos das edições anteriores nem as publicadas fora do país. Das revistas acadêmicas disponíveis, escolhemos trabalhar com a lista de revistas eletrônicas indicadas no portal das Revistas de Comunicação (www.revcom.portcom.org.br). Essa fase foi desenvolvida, portanto, nos seguintes periódicos:

- Revista INTERCOM ou Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC): “publicação semestral editada pela Intercom que prioriza a publicação de artigos científicos do campo da Comunicação Social. O periódico tem formato digital e também traz resenhas e entrevistas”. Publicada desde 2000, regularmente é uma revista reconhecida internacionalmente como produção do conhecimento nacional na área de comunicação (Orosco, 2005).
- Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social (Iniciacom) – “publicação de trabalhos inéditos produzidos durante o curso de graduação em Comunicação Social. A publicação é inteiramente digital e a Intercom retomou em 2010 o lançamento e deve haver uma nova edição a cada seis meses. Até agora, apenas três edições foram publicadas, sendo duas em 2006 e uma em 2010.
- Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação (Inovcom): “criada para divulgar as pesquisas que contenham resultados inovadores ou apresentem alternativas comunicacionais. Essa publicação, editada pela INTERCOM exclusivamente em formato digital, visa atender à demanda dos estudantes dos cursos de especialização em Comunicação, bem como aos jovens profissionais atuantes no mercado de trabalho. A idéia é incentivar os que se dedicam a sistematizar o conhecimento midiático e a explorar novos gêneros e formatos, bem como a refletir criticamente sobre as profissões midiáticas, contribuindo para a melhoria da qualidade da comunicação brasileira”.
- Contemporânea – Journal of Communication and Culture – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia(UFBA).

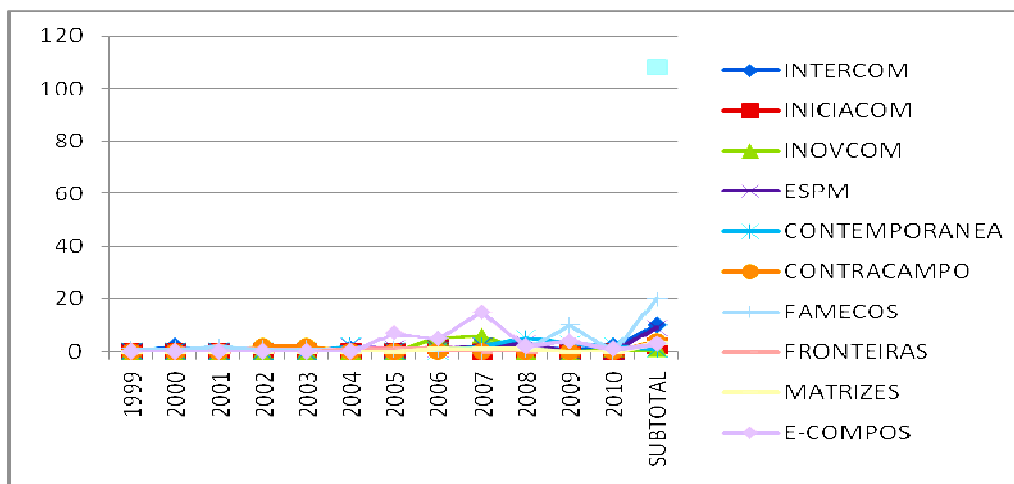
- Contracampo- Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense(UFF).
- Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).
- Fronteiras, Estudos Midiáticos - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).
- Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero (Facasper).
- MATRIZES - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP).

Também foi pesquisada a coletânea da E-COMPÓS (www.COMPÓS.org.br), para acesso aos textos completos da Revista da Associação Nacional do Programas de Pós-graduação em Comunicação. No total, existem cerca de 70 revistas sobre comunicação no país, distribuídas pelos estados brasileiros, conforme Gráfico 1 (<http://revcom.portcom.intercom.org.br>). Não trabalhamos, como dissemos, com publicações internacionais, mesmo que contivessem artigos de autores nacionais, nem analisamos artigos publicados em língua estrangeira, pois isso exigiria uma pesquisa mais demorada e com investimento de tempo maior e de maior custo.

Assim, na pesquisa exploratória, foram estudados os dez periódicos que permitem acesso digital e cujas mantenedoras são programas de pós-graduação ou associações de pesquisa por considerarmos esses elementos indicativos da legitimidade da produção acadêmico-científica. Procuramos também por publicações que representassem as diversas Universidades brasileiras da área de comunicação, para chegarmos o mais próximo possível da realidade do pensamento existente na área. Para localizarmos as produções foram utilizadas as palavras-chave internet e comunicação, combinadas com as palavras cibercultura e ciberespaço. Em seguida, foi feita a leitura do resumo ou do texto completo para identificar o tema, o tipo de estudo, a abordagem teórica e o foco do estudo.

É interessante notar, pelo Gráfico 1, o aumento das publicações a partir de 2004, mas, ainda assim, bem pouco significativo, com um volume bastante reduzido de artigos/ano. Do total de 108 artigos encontrados na base de dados da INTERCOM, o maior número está localizado em 2007, sendo o subtotal em 2010, da Revista FAMECOS, o mais relevante.

Gráfico 1 – Expansão das publicações/revista/ano 1999-2010¹



Uma das suposições que levantamos, mas não aprofundamos a investigação, é que o aumento no número de publicações sobre o tema da internet e comunicação pode estar relacionado ao surgimento de linhas de pesquisa nos programas de pós-graduação da área e o número de publicações em uma ou outra revista específica pode também ser resultado de fatores externos e parece estar relacionada à classificação adotada pela CAPES, em que alguns desses periódicos estão classificados como nacionais B1, enquanto outros como B2. Essas variáveis externas ao tema, sabemos, afetam e direcionam a pesquisa acadêmica e influenciam a produção de conhecimento a respeito de problemas contemporâneos. Não aprofundamos a pesquisa nessa direção, como dissemos, mas encontramos alguns desses periódicos na classificação C, razão porque supomos não terem atraído muitas publicações. Esse fator de avaliação (Quadro 1 - Classificação das revistas pesquisadas no QUALIS-CAPES, Base 2008, Ciências Sociais Aplicadas) é bastante relevante para a escolha dos periódicos pelos autores de estudos acadêmico-

¹ Os detalhes sobre essa distribuição encontram-se na Tabela 1 que mostra quantitativamente as publicações por ano, sobre o tema nas revistas mencionadas.

científicos, uma vez que influencia na avaliação do programa de pós-graduação a que os docentes e pesquisadores estão vinculados.

Quadro 1 - Classificação das revistas pesquisadas no QUALIS – CAPES –

TÍTULO DO PERIÓDICO	QUALIS 2008
Contracampo (UFF)	B1
E-Compós (Brasília)	B1
Intercom (São Paulo. Online)	B1
Matrizes (USP. Impresso)	B1
Revista FAMECOS (Online)	B1
Revista da ESPM	B4
Contemporanea (Salvador. Impresso)	B2

Fonte: <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/ConsultaPeriodicos.faces>

Em vista do número que consideramos reduzido para a dimensão dos problemas sobre a internet e a comunicação, para ampliar esse número de estudos, buscamos recuperar, fora da base de dados da INTERCOM, que se mostrou limitada, as publicações de outras revistas nacionais. Verificamos² que o número elevou-se para 500 publicações no mesmo período pelo Portal da Univerciência (<http://www.revistas.univerciencia.org>). Isso se justifica, a nosso ver, pela quantidade de periódicos indexados a esse portal que incluem outras revistas da área, não localizadas na INTERCOM, como *Rumores*, *Rastros*, *Logos*, *Em Questão*, *Comunicação e Sociedade*, *Comunicação e Educação*, *Anagrama*. Entretanto, vimos que algumas das revistas deste portal são publicações exclusivas para alunos de graduação, enquanto outras são voltadas para outras áreas de conhecimento, o que consideramos que poderia trazer vieses, tanto quanto as exigências formais de pesquisa, quanto aos focos, tendências de pesquisa e abordagens. Verificamos assim

² <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia> acessível também em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/issue/view/434>

que a pesquisa ampliada poderia, de fato, ser mais representativa, quanto ao número de publicações/ano/revista no período de 1990/2010, mas poderia desviar nosso olhar do objeto. Ao analisarmos 50 dessas 504 publicações, aleatoriamente, ficou claro que seguiam a mesma curva de temas, problemas e focos que havíamos encontrado nas 108 publicações da INTERCOM. Por essa razão, mantivemos o estudo das 108 publicações da INTERCOM, na fase exploratória, e das 50 publicações das demais revistas, totalizando 158 publicações que foram analisadas nessa primeira fase da pesquisa e que serviram para definir as próximas etapas, quando formularíamos as categorias.

Com essa seqüência de passos, procuramos abordar o campo em seu acesso mais direto em dois movimentos iniciais: a) levantamento do quantitativo de artigos por ano, por revista da área e b) análise qualitativa de resumos e de textos completos. Assim, pudemos começar a reconhecer o campo das idéias tratadas sobre a internet, o foco temático, a abordagem teórica, a problemática e o problema. É importante frisar que não realizamos revisão sistemática, revisão bibliométrica ou metanálise, nem usamos técnicas específicas de pesquisa bibliográfica. O que fizemos foi realizar a leitura tópica ou completa e reunir o que chamamos de “termos geradores de problemas”, normalmente substantivos, verbos e adjetivos, para levá-los à análise de conteúdo, para um mapeamento panorâmico da literatura nacional. Nossa intenção era obter dados quantitativos e qualitativos, mas sem a obrigatoriedade de localizar e cobrir e tratar de todos os textos pela análise crítica. Quantificamos os artigos, ordenamos sua classificação pela revista e ano em que foi publicado, repetindo a análise até que consideramos satisfatório o levantamento dos aspectos que nos interessavam: foco, abordagem teórica, problemática e problema.

Conforme explicamos antes, havíamos considerado, inicialmente, estudar os últimos quinze anos (1995-2010), em razão das publicações internacionais, supondo que o Brasil estivesse acompanhando o ritmo de países americanos e europeus que tem um número significativo de publicações nesses primeiros cinco anos, como veremos no Capítulo 1. Porém, como o ano oficial da instalação da internet no Brasil foi 1996 e verificamos que o número de publicações anteriores a 2000 no país era praticamente reduzida, ou inexistente nas revistas publicadas, a pesquisa exploratória serviu, mais que para o reconhecimento das categorias, também para a redução do

período da pesquisa da literatura nacional para a última década anterior ao ano atual – 2000-2010.

Após essa delimitação, procuramos rastrear também a produção de grupos de pesquisa específicos, escolhendo aleatoriamente entre todos os que se dedicam a esse assunto. Para uma pesquisa isenta, lemos, panoramicamente, nas bases de pesquisa nacional (CAPES e CNPq) sobre os 85 grupos de pesquisa existentes da área de comunicação, verificando os títulos das publicações no período investigado e procurando localizar os programas de pesquisa com foco em tecnologias da comunicação, especificamente, a internet.

Todo esse movimento foi feito juntamente com a investigação e fichamento da literatura internacional que ordenou a base do pensamento sobre o qual discutimos no Capítulo 1. Os estudos internacionais localizados nas bases de dados de bibliotecas universitárias, lidos e analisados, integralmente, para formulamos a fundamentação e a reflexão sobre o que se pensava internacionalmente sobre a internet e a comunicação. Usamos as mesmas palavras-chave para as buscas.

Precisávamos, nessa fase, ainda ter uma noção das publicações mais relevantes nacionais sobre a internet para relacioná-las ao período estudado e definir o corpus da pesquisa, bem como apreender o que se falava sobre a teoria a respeito da comunicação no país, para fundamentar nossa análise crítica sobre a trajetória do campo comunicacional no país, até chegar às questões sobre a internet.

Consideramos que esse método foi satisfatório para mostrar o comportamento das publicações sobre a internet no país, ao longo da década. Os resultados e a discussão da análise exploratória estão apresentados pelas categorias definidas no Capítulo 4.

Tabela 1 – Quantitativo de artigos/ano sobre Internet nas Revistas da Comunicação Brasileira disponíveis na base de dados da INTERCOM – 2000-2010

Revista/Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	SUBTOTAL
INTERCOM	0	2	0	0	0	1	0	1	1	2	1	2	10
INICIACOM	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
INOVCOM	0	0	0	0	0	0	0	5	6	0	0	1	1
ESPM	0	0	0	0	0	2	1	1	2	3	0	0	9
CONTEMPORANEA	0	0	0	0	0	2	0	0	2	5	3	2	1
CONTRACAMPO	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	4
FAMECOS	1	1	2	1	1	1	1	1	0	1	10	0	20
FRONTEIRAS	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	3
MATRIZES	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	3
E-COMPÓS	0	0	0	0	0	0	7	5	15	2	4	1	3
Total													108

Notamos, nessa fase exploratória da pesquisa, que artigos publicados em periódicos ou originados em teses de doutorado sobre a internet e a comunicação tem apelo editorial, provavelmente pela inovação das idéias ou por constituírem material inexistente e significativo para o conhecimento da área de comunicação no país, e, por isso, foram, quase sempre, publicados em livros, tanto como produções de autoria (único autor), como co-autoria (dois ou três autores) ou coletâneas, organizadas por esses autores mais reconhecidos, muito presentes na área. Esses livros, juntamente com artigos e capítulos relevantes e outros trabalhos acadêmicos tais como teses e dissertações significativas para a nossa problemática, compõem o núcleo do corpus final da pesquisa, que será apresentado no Capítulo 5. Neles foram feitas as análises das problemáticas, dos problemas e verificadas as abordagens teóricas e demais instâncias de análise a que nos propusemos.

Para a escolha dos trabalhos a serem analisados, procedemos à escolha direcionada de, no mínimo, um título por autor considerado notável, entre os diversos reconhecidos como representantes da área de comunicação no Brasil. Os critérios para inclusão desses estudos condicionaram-se ao autor/estudo, e foram excludentes, bastando que o autor/estudo atendessem a um destes aspectos: a) ser membro do GT de Cibercultura ou de Epistemologia da Comunicação da COMPÓS; b) pertencer à Associação de Cibercultura Brasileira – ABCiber; c) participar de grupo de pesquisa sobre cibercultura no país ou d) participar de linha de pesquisa sobre tecnologias ou teorias em programas de pós-graduação.

O corpus dos estudos foi reduzido, como dissemos, de acordo com nossa intenção de passar em revista os problemas apresentados em nossa área sobre internet e comunicação e também consideramos:

1) a freqüência com que apareceram indicações bibliográficas dos estudos nos programas de disciplinas e linhas de pesquisa de pós-graduação no país associadas à COMPÓS (Anexo 3).

2) o reconhecimento que obtêm da área pela localização dos textos nas revistas nacionais ou nos congressos e outros eventos nacionais;

3) o reconhecimento dos pares, ao serem citados, em suas próprias produções sobre o tema.

O segundo e o terceiro critérios funcionaram como controle do primeiro porque exigiram o exame sistemático das bibliografias contidas nas próprias obras estudadas, a citação pelos pares. O produto final desses sucessivos filtros foi um conjunto de obras

que designamos como o corpus final e nossa base de teorias de base sobre a internet no Brasil, dentro do conjunto total de obras produzidas sobre o assunto. Esse corpus pode ser considerado como o conjunto de teorias mais imediatamente disponíveis sobre a internet (critério de acessibilidade, ou de disponibilidade dessas obras), bastante reconhecidas (critério de reconhecimento) e que indubitavelmente têm peso na formação do pensamento da área de comunicação no país.

A unidade de análise em nosso estudo ficou definida como “artigo”, “capítulo”, “livro”, “tese” ou “dissertação”. Pesquisamos, para isso, os sites dos programas de pós-graduação filiados à COMPÓS e para verificar a oferta de disciplinas em que estivessem presentes indicações de bibliografia com referências a autores nacionais com estudos sobre a internet e a comunicação. Identificamos que, dos 37 programas filiados, tivemos acesso a 35 portais dos programas de pós-graduação em comunicação. Dois apresentavam problemas de acesso. Três não oferecem linha de pesquisa que se aproxime do nosso objeto de pesquisa. Dos 30 que oferecem algum tipo de conteúdo que se relacionem à internet, dez disponibilizam algum tipo de indicação bibliográfica pela internet para os cursos de pós-graduação ou para as seleções de mestrado e doutorado. Dessas dez, apenas sete indicam algum estudo nacional relacionado ao tema. Esses estudos indicados estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Estudos Indicados nas Bibliografias de Pós-Graduação Brasileiras com linhas de pesquisa relacionado ao estudo da internet (cibercultura, ciberespaço, novas tecnologias)

Nome do Autor	Estudos	Instituição que indica
Sérgio Bairon.	Texturas sonoras. São Paulo, ed. Hacker,2005.	USP
Sérgio Bairon	Interdisciplinaridade. Educação, história da cultura e hipermídia. São Paulo, Futura ,2002.	USP
Sérgio Bairon, & José da Silva. Ribeiro	Antropologia visual e hipermedia. Porto, Afrontamento, 2007	USP
Muniz Sodré	Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2001.	USP
Luiz Antônio Marcuschi	Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. Línguas e Instrumentos Lingüísticos, Editora Pontes, 1999, nº 3	UFAM
Denis de Moraes	O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.	UFAM
Marcos Palácios	Educação na Internet. In: Comunicação & Educação. São Paulo: ECA-USP : Ed. Moderna. N. 6, maio/ago. 1996. P. 35-40.	UFAM
André Parente	Tramas da Rede. (org.), Porto Alegre, Sulinas, 2005.	UFAM
Katia Maciel e André Parente (org.),	Redes sensoriais: Arte, Ciência e tecnologia, Rio: Contra Capa, 2003.	UFAM
Fábio Duarte	Democracia no território digital. Comunicação & Educação. São Paulo: Ed. Moderna: ECA-USP, 1999. n. 14. jan./abr. p. 27-32.	UFAM
Vera Lúcia Menezes Paiva. (org.).	Interação e Aprendizagem em Ambiente Virtual. Belo Horizonte,FALE- UFMG, 2001.	UFAM
Gaston Hilgert	A construção do texto "falado" por escrito na Internet. In: Dino PRETI (org.). Fala e escrita em Questão. (Projetos Paralelos – NURC/SP - Núcleo USP – Vol. 4). São Paulo,Humanitas 2000.	UFAM
Milton Santos	Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998	UFAM
André Lemos	As janelas do ciberespaço. Porto Alegre: Sulina, 2001.	USCS
Lucia Leão	O Labirinto da Hipermídia: arquitetura e navegação	USCS

	no ciberespaço. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 2001	
Francisco M Martins & Juremir M. Silva (Orgs).	A genealogia do virtual. Porto Alegre: Sulina, 2004.	USCS
Dorothee S Rudiger (SIC – ERRO NO NOME DO AUTOR)	Elementos para a crítica da cibercultura. São Paulo: Hacker, 2002.	USCS
Francisco Rudiger	Introdução às teorias da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003	USCS
Lucia Santaella	Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003	USCS
Marco Silva (Org).	Educação online. São Paulo: Edições Loyola, 2003	USCS
Nestor Garcia Canclini	Consumidores (sic) e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.	USCS
Denis de Moraes (org.)	Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.	USCS
Denis de Moraes	Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre. 1997. 262p.	USCS
Denis de Moraes	Planeta mídia: tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Letra Livre, 1998. 287p	USCS
Muniz Sodré	Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2001.	UFRN
José Luiz Braga	A sociedade enfrenta a sua mídia. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.	UFRN
Denize Correa Araújo (org.)	Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006.	UFRJ
André Parente (org)	Imagem máquina, a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.	UFRJ
Eugênio Trivinho	A Dromocracia Cibercultural: Lógica da Vida Humana na Civilização mediática Avançada. São Paulo: Paulus, 2007.	UERJ
Edilson Cazeloto	Inclusão digital: uma visão crítica. São Paulo: SENAC, no prelo	UNIP
Edilson Cazeloto	A velocidade necessária. In: FERRARI, Pollyana (Org.). Hipertexto, hiper mídia. As novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.	UNIP

André Lemos	Ciber-cultura-remix. In: ARAÚJO, Denize Correa. Imagem (ir)realidade: comunicação e cibernídia. Porto Alegre: Sulina, 2006.	UNIP
Edilson Cazeloto	A idéia de democracia nas políticas de disseminação da Internet: uma análise do "Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil". 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)-Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.	UNIP
Raquel Paiva	O espírito comum. Comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998	UNIP
Eugênio Trivinho	A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007	UNIP

Essa análise nos mostrou, mais uma vez, a diversidade das indicações tão mencionada pelos estudos da área, provavelmente, devido à diversidade das linhas de pesquisa de cada programa e das instituições. O quadro completo leva à constatação da ausência de coesão teórica pela demonstração de diversas abordagens (educacionais, antropológicas etc e dos objetos de interesse: arte, educação). Chamou-nos também a atenção as indicações das bibliografias com títulos exclusivamente de origem americana ou européia (Anexo 2), a depender da linha de pesquisa e do corpo docente, com abordagens totalmente difusas, a depender da linha de pesquisa, mesmo quando duas linhas de pesquisa estão inseridas na mesma instituição.

Isso reflete, como dizem alguns estudos (Peruzzo, 2008; Vassalo, 2005), a abertura e a fertilidade teórica dos estudos que servem de fundamento à área de comunicação e, ao mesmo tempo, preocupam pela falta de clareza dos aportes teóricos para a formação dos pós-graduandos que optam por pesquisas na área.

Como o objeto do estudo desta tese é o conjunto da produção acadêmico-científica brasileira sobre a internet, publicada nos últimos dez anos, vinculadas à área de comunicação brasileira, o recorte feito por autores serviu para destacar o reconhecimento de representantes dos problemas. Esses autores nacionais foram, portanto, considerados como *vectores* para nortear a direção da pesquisa bibliográfica. Buscamos estudá-los tão-somente como responsáveis pela produção acadêmico-científica que publicam, mas não relacionamos sua obra à sua vinculação institucional ou justificamos suas escolhas em razão de sua formação acadêmica, apesar de esse

ser um fator relevante que parece estar direcionando o olhar dos estudos brasileiros nas pesquisas sobre o campo.

O corpus da pesquisa ficou, assim, constituído por 125 estudos relevantes, mais citados. Verificamos que muitos estudos conhecidos e indicados na graduação estavam fora desta listagem e também interpretamos que poderia haver tendências nas indicações, por exemplo, fazerem referência apenas aos docentes do próprio programa. Também nos chamou a atenção erros de indicação tanto na grafia das obras como nos nomes dos autores. Isso é relativamente grave em se tratando de indicações para alunos de graduação e pós-graduação. O estudo das citações feito por Barbosa (2009) mostrou que André Lemos é o autor brasileiro mais citado na Compós. Interessante notar que Denis Moraes, o mais citado nas bibliografias dos programas de pós-graduação não aparece na lista de autores citados na Compós e Eugênio Trivinho está fora da lista da Compós dos mais citados, por ter alto índice de auto-citação. Por essa indefinição dos índices de citação, preferimos considerar ainda, como parte dos critérios, estudos de autores não-citados pelos programas de pós-graduação, mas que tem obras relevantes publicadas sobre a internet, desde antes de 2000 e mesmo recentes, após 2009. Por isso, alguns nomes pouco conhecidos também fazem parte da nossa lista de estudos, cuja produção foi considerada de nosso interesse pela abordagem ao tema, pela problemática e pelos problemas colocados. Por outro lado, há autores de outras áreas ou pouco presentes na área, citados pela área de comunicação, que não foram incluídos por serem autores que tratam, especificamente, da educação (Marco Silva), da linguagem (Julio César Araujo), por exemplo.

Assim, consideramos que os dados seriam menos enviesados se realizássemos o levantamento também, diretamente nos currículos lattes (www.cnpq.br/lplataformalattes) dos docentes que fazem parte da lista de indicados pelos critérios de inclusão e pelo perfil de citação pelos pares e pelas revistas, e de outros que estão produzindo conhecimento nas universidades brasileiras como uma fonte confiável, tendo em vista a sua anual atualização obrigatória para avaliação do setor público da educação superior e, supomos, apresentam informações fidedignas. Para localizar os estudos que seriam relevantes por autor, listamos, de modo sistemático, por meio de pesquisa nos currículos desses autores reconhecidos, e nas bases de dados de pesquisa do país, o máximo de estudos por autor com as palavras-chave internet e comunicação (e seus correlatos cibercultura e ciberespaço). O número e o tipo de publicações por autor (artigo, capítulo, livro, tese ou dissertação) não fez

diferença como formato, mas foi excludente por autor, ou seja, por fim, estudamos pelo menos uma obra de cada autor, para tentar algum equilíbrio na distribuição desses estudos, uma vez que muitos autores publicam pouco e poucos autores publicam muito sobre o tema. O Quadro 3 (Anexo I) apresenta essa lista de possíveis estudos para cada um dos autores.

Observe-se que, nesse movimento de ida e vinda, por um lado, procuramos atualizar, panoramicamente, a produção científica sobre a internet na área de comunicação brasileira, por outro, buscamos afinar para apresentar a análise dos principais estudos representativos da área de comunicação brasileira sobre a internet.

Capítulo 1 – Os Primeiros Olhares sobre a Internet: o âmbito internacional

Como se sabe, o avanço da epistemologia depende do movimento feito para problematizar, analisar criticamente e buscar explicações. Por outro lado, a evolução da técnica exige esforço intelectual, e não apenas reflexões sobre a natureza metafísica do objeto, como querem alguns, para sua compreensão. Essa análise solicita o delineamento de problemas teóricos, com as conhecidas premissas e posturas teórico-metodológicas esperadas de acadêmicos. Somos adeptos da defesa da necessidade de pesquisa que decorre de qualquer novidade é que é feita de forma não-científica por qualquer um que se interesse pelo tema, mas consideramos que cabe à academia fazer o movimento de entender, por conceitos e problemáticas apropriadas, o que está havendo no mundo. Esse tipo de problematização da realidade é nos parece permitir tratar problemas observados como problemas de pesquisa. Se o mundo pode ser dividido em períodos de ascendência de uma idéia sobre a outra, com fases que intercalam *mitologia*, *teologia* e *ecologia*, hoje, podemos dizer que estamos, outra vez, na fase da *tecnologia*. Isso não é novidade, por si só. Já houve muitas revoluções tecnológicas, e, para que possamos nos entender como seres humanos que construímos cada uma dessas conjunturas históricas, precisamos não só refletir sobre elas, mas produzir conhecimento compartilhado, que registre e estabeleça parâmetros sobre o que entendemos a respeito dos os fatores que constituem os fenômenos de determinada época e que, logo, a caracterizam. Nesse exercício, inerente à construção intelectual, é que entendemos o conceito de ciência.

Por isso, a formulação de um conjunto organizado, coerente e consensual de idéias, a fim de gerar teorias que sustentem o conhecimento científico de um campo determinado de estudos (ao menos provisoriamente), costuma acompanhar o surgimento de uma nova tecnologia porque sempre traz desafios de natureza epistemológica aos interessados em descobrir por que, para quê, onde e como as coisas acontecem. Desvendar os aspectos que constituem a novidade, especificamente quando esta decorre do desenvolvimento tecnológico, implica compreendê-la em seus contornos e situá-la no contexto histórico do conhecimento humano em que está inserida.

Não poderia ser diferente com a internet, no contexto da comunicação. Exigem-se novas explicações, porque se trata de um fenômeno tecnológico que traz uma série de novas problemáticas para a área de comunicação. Como qualquer fato da realidade

objetiva, precisa ser reconstruído. Somente se houver a superação do conhecimento gerado pelo senso comum (que costuma se entusiasmar ou se assustar com a novidade), visando uma instância epistemológica, a internet será tratada como objeto de estudo.

Nessa direção, portanto, aos estudos acadêmico-científicos compete a difícil tarefa de formular as questões pertinentes sobre a internet e a comunicação, buscar suas características e estudar sua evolução no tempo, elucidando o fenômeno de modo a gerar um conjunto de conhecimentos imprescindíveis para o saber comunicacional, bem como oferecer informações a outros saberes. O atual conhecimento sobre a internet e todo o conjunto de problemas que foram trazidos à tona por sua existência como tecnologia podem ser compreendidos como uma primeira reação frente à novidade. A rápida aparição e desenvolvimento da tecnologia digital da internet, anunciada como revolucionária, com poderes diversos, inclusive o de expandir e modificar os meios de comunicação, exigiu, de imediato, explicações e proposições teóricas. O esforço foi o de, pelo menos, buscar explicações que permitissem lidar com esse objeto “estranho”, que parecia alterar toda a redondeza, e modificar, em segundos, toda a vida social. Veremos que essa característica de revelar o impacto da internet é marcante dos estudos das primeiras duas décadas de sua existência (1990-2010). Diversos curiosos, alguns cientistas, e muitos preocupados, numa ou noutra categoria, têm procurado descrever a internet, oferecendo elementos para uma discussão sobre seu papel como tecnologia na sociedade complexa.

Outra característica dessas análises é que elas situam a internet no contexto da cibercultura, partem da evolução das técnicas trazidas pela eletrônica e pela informatização e são unânimes ao reconhecerem que a tecnologia digital em rede é um desafio a ser enfrentado pela sociedade complexa. Mas, nem por isso as abordagens consideram a internet como um objeto fácil de ser apreendido. Os estudos são idênticos quanto à complexidade do fenômeno, mas divergem sobre pontos importantes e, principalmente para nós, poucos têm a preocupação epistemológica de se inserirem – ou mesmo dialogarem – com os estudos da comunicação. Se fossem abordagens comunicacionais estritas, provavelmente, partiriam da premissa de que o conjunto das idéias resultantes dos estudos empíricos e teóricos da área de comunicação deve focar a relação existente entre a internet e os outros meios de comunicação, e a própria internet, como meio de comunicação. Logo, devem focar o objeto técnico, sem perder de

vista a dimensão da cultura, da sociedade e dos sujeitos, uma vez que tudo, ao redor da internet (ou melhor da tecnologia digital de comunicação) se complexifica cada vez mais.

Nesse sentido, verificamos que as análises que vêm sendo feitas da chamada “sociedade da informação” dependem, essencialmente, da compreensão sobre o conceito de meio de comunicação. É interessante que se trata de um conceito subjacente, ainda pouco formulado, embora esteja presente nas mais diferentes reflexões sobre o tema da internet e da comunicação. A idéia da técnica como meio de comunicação passa a pertencer ao limbo teórico: fica relegada à condição do interdito, do não-dito, ou, em alguns casos, do maldito. Em todas essas abordagens, as idéias contra a supremacia da técnica no mundo pós-moderno, parecem vencer a necessidade de se reconhecer a supremacia da idéia de que a tecnologia digital é um ator social, na complexidade das relações entre sujeito e objeto que precisam ser investigadas pela academia, em especial, no nosso caso, pelas instituições de ensino e pesquisa. Se o objeto “meio de comunicação” atravessa todas as problematizações referentes às transformações sociais desde o fim do século XX, tendo sido tratado com desprezo e antipatia, por alguns, e endeusado por outros, isso não interessa à pesquisa com fins de elucidar as nuances do objeto. No momento em que é um objeto de pesquisa, o meio de comunicação exige, como qualquer outro objeto, que sobre ele sejam formulados conceitos, categorias, tipologias, análises e geradas teorias. Em nossa concepção, em que pese toda a complexidade de nossa época, e que todas as questões filosóficas e ontológicas tenham de ser revisitadas, no que diz respeito à tecnologia digital de comunicação em rede, a internet, trata-se de fato social, produto da cultura humana, historicamente situado e, portanto, precisa ser observado, analisado e tratado como tal.

Feitas essas considerações iniciais, apresentaremos, neste capítulo, alguns apontamentos sobre estudos internacionais representativos de tendências ou correntes de idéias sobre a internet, direta ou indiretamente, vinculados ao saber comunicacional. Procuramos reunir as publicações compreendidas entre os anos de 1990 e 2000, aproximadamente, isso é, cerca de uma década antes do período das produções nacionais que são objeto de nossa análise. Consideramos investigar esse período inicial da expansão mundial do acesso à rede nos primeiros anos da década de 1990 de modo a nos servir de parâmetro para avaliar os possíveis avanços da literatura científica brasileira da área de comunicação na década seguinte.

O interesse por esse período justifica-se pela grande expansão da rede. Segundo os dados fornecidos pelo sítio especializado em dados sobre uso da internet, *Internet*

*World Stat*³, durante a década de 1990, o crescimento do uso da internet foi de mais de 100% ao ano, com um breve período de crescimento explosivo entre 1996 e 1997. De acordo com os dados, em 1995, quando o uso da rede mundial de computadores começou a se popularizar, poucos tinham acesso a computadores e a internet só começou a ser passível de acesso da população somente no final de 1997. Depois dessa data, tem crescido quase exponencialmente no que se refere à disponibilidade de conteúdo, compressão do espaço e velocidade para a transmissão dos dados, Assim, naturalmente, mais pesquisadores começaram a tomá-la como objeto de estudo, visto sua evidente importância.

Também devemos salientar que não se trata de apresentar um exaustivo estado da arte, mas nos concentrando em estudos consagrados pela academia, realizamos um estudo panorâmico tentando resgatar o modo como a internet foi abordada e tratada do ponto de vista da comunicação. Procuramos identificar tendências e tradições de pesquisa. Nossa abordagem difere, por exemplo, da de Pierre Musso⁴ (2006:191-232) que faz análise dos principais “lugares-comuns do ciberespaço” procurando identificar o imaginário do ciberespaço que envolve a rede, sob a matriz da perspectiva religiosa de Saint Simon. Mesmo que o imaginário seja revelado na abordagem que fazemos, nosso recorte é para as tradições de pesquisa e para as tendências de explicação teórica para os problemas sobre a internet e a comunicação.

Para o período em questão, vários autores internacionais foram tomados como referência. Retivemos as principais idéias de alguns deles, selecionados por se destacarem no período analisado, seja pelo alto índice de citação, seja mesmo por sustentarem posições teóricas singulares sobre a internet ou ainda pela disponibilidade ou acesso ao conjunto ou a uma ou mais de suas obras relevantes. Nomeadamente: Armand Matellart (1994, 1999, 2001a, 2001b); Derrick de Kerckhove (1997); Dominique Wolton (1999, 2000, 2001); Howard Reinghold (1997); Jean Baudrillard (1991,1997⁵); Joel de Rosnay (1991, 2000); Lucien Sfez (1997); Paul Virilio (1997, 2000); Pierre Lèvy (1993a, 1993b, 1997, 1998a, 1998b, 1999); Philippe Breton (1997, 1999, 2000); Manuel Castells (1999, 2000); Nicholas Negroponte (1995).

3 <http://www.internetworldstats.com/stats/htm>

4 Pierre Musso analisa, de forma bastante interessante, cinco perspectivas do ciberespaço. Considerado como novo espaço religioso: 1) o ciberespaço, espaço reticular “espiritual”; 2) a “rede pensante”; 3) a santa trindade reticular; 4) a comunhão ciberespacial e a volta dos anjos; 5) a dissolução do corpo.

5 Apesar de a obra *Simulacros e Simulações* (do original *Simulacres et Simulations*, 1981), ter sido publicada, dez anos antes do período que estamos focando, consideramos necessário incluir a análise desta obra para justificar a forte presença do pensamento de Baudrillard na literatura brasileira sobre comunicação e internet.

Autores que consideramos secundários (tais como Gilles Deleuze, Felix Guattari⁶ e Michel Mafesoli), não foram destacados neste levantamento, apesar de serem bastante citados no Brasil como pensadores que também influenciam as idéias sobre a sociedade atual. Resolvemos não considerá-los, pois os classificamos como exemplos do tateamento, da busca por apoio teórico para explicar a internet, quando suas idéias tratam de outras questões. Mais do que autores diretos, devem ser tomados como índices, que mostram o estado incipiente dos problemas teóricos e dos tratamentos dados a eles, na época. Em nossa concepção, tais autores não trazem uma contribuição específica para compreender a internet como meio de comunicação, apresentando-se sem valor teórico-epistemológico intrínseco para a área de comunicação, apesar do valor que trazem para outros conhecimentos das ciências sociais. Por outro lado, inversamente, não destacamos autores (por exemplo, Steven Johnson, 1997; Sherry Turkley, 1995; Gianni Vattimo, 1990), que apesar de estarem no período considerado, não atendem ao critério de reconhecimento, ou seja, não são citados freqüentemente na literatura brasileira.

Estamos cientes de que os critérios de seleção dos autores não esgotam o problema, mas certamente fornecem um razoável panorama do pensamento mundial sobre a internet construído desde seu surgimento “teórico” até o fim dos anos 90⁷, suficiente para atender nossos objetivos.

1.1 Pierre Lévy: a pregação da utopia da sociedade democrática e da linguagem universal

Os trabalhos sobre a cibercultura de Lévy⁸ têm tido repercussão bastante significativa, especialmente no Brasil. Nascido em Tunis, na Tunísia, é professor da Universidade de Paris VIII, no Departamento de Hipermídia e se graduou em História e Geografia, na França. Foi aluno de Michel Serres, filósofo francês, tendo começado suas pesquisas acadêmicas pela investigação do conceito de liberdade na Antiguidade. Doutorou-se em sociologia e também em ciência da informação, pela Universidade de Sorbonne na França. Atualmente, é responsável por pesquisar sobre Inteligência Coletiva, na Universidade de Ottawa, no Canadá.

6 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia: Vol. 1. São Paulo: 34, 1995.

7 Citamos apenas as obras analisadas, baseadas em nosso interesse na internet e na comunicação. Contudo, em cada seção apresentamos um quadro com produção ampliada de cada autor, a fim de situar as obras escolhidas no contexto das publicações e dos interesses temáticos e dos problemas abordados por aquele estudioso do tema.

8 A biografia e a bibliografia original de Pierre Levy estão disponíveis em <http://www.caosmose.net/pierrelevy/bio.html>

Na abertura de *Cibercultura* (1999, livro encomendado pelo Conselho Europeu), - cujo objetivo é abordar as implicações culturais do desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação, em que apenas aos problemas econômicos e industriais e os relacionadas ao trabalho e as questões jurídicas deixaram de ser tratados, afirma que há necessidade de se reconhecer dois fatos para se problematizar o ciberespaço:

Que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens, ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (1999:11)

Começou a estudar a Comunicação Mediada por Computador (CMC), publicando, em 1987, *A Máquina Universo: Criação, Cognição e Cultura Informática*. Suas obras mais citadas tratam do início da internet. Em 1993, publicou *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* e *A Árvore do Conhecimento*, este em parceria com Authier. Em 1994, *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*; em 1996, *O que é o Virtual*. Em 1998, relatou ao Conselho Europeu, no projeto “Novas Tecnologias: cooperação cultural e comunicação” sobre a emergência do ciberespaço, como lugar de virtualização da comunicação. Esse relatório foi transformado em seu livro *Cibercultura* (Lévy, 1999) em que o autor apresenta a cibercultura como movimento social e cultural, tendo por base o fenômeno técnico e essa sua obra mais citada.

Além disso, tem escrito diversos artigos e proferido conferências sobre a internet e a comunicação, sempre voltado a destacar as características da cibercultura como forma democrática, de liberdade de expressão e compartilhamento de idéias, tomando-a como espaço de saber colaborativo e de construção coletiva, considerado em suas dimensões antropológicas e humanistas. Esses são os traços distintivos da rede mundial de computadores para Lévy.

Trata-se do autor que pensa a internet mais indicado pelos programas de pós-graduação em comunicação filiados à Associação de Programas de Pós-graduação – COMPÓS, e citado nos estudos da área de comunicação brasileira, mesmo que suas análises sobre a rede mundial de computadores tendam a problemas de natureza político-ideológica e que seus referenciais históricos e epistemológicos sejam

questionáveis, pois é sabido que sua abordagem dos problemas decorrentes da internet contém uma boa dose de utopia.

Lévy é mencionado como pioneiro na análise da internet. Porém, é notório que sua abordagem é a da pregação de um mundo em que a comunicação será irrestrita, ligada por infografias com conteúdos e oportunidades igualmente acessíveis para todos, sem diferença de etnia, localização geográfica, cultura etc. A popularização de Lévy no Brasil não pode nos fazer esquecer que se trata de um autor que deve ser estudado com parcimônia, para não ser adotado como “guru”, como já tem sido chamado (Virilio, 2000), uma espécie de pregador em matéria de comunicação na internet. Sua contribuição para a epistemologia da comunicação necessita, entretanto, ser avaliada com critério, uma vez que não faz a devida crítica aos usos dos meios, nem trabalha com modelos teóricos. Isso é substituído por um entusiasmado tom de defesa de uma nova configuração do mundo, da qual a Internet seria a causa e assume um caráter de conclamação a uma causa que deve ser tomada como bandeira pela juventude. Ou seja, trata-se de uma apologia e não de uma ordenação de idéias teoricamente organizadas. O trecho a seguir é um exemplo dessa abordagem muito comum em Lévy:

Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxertados no hipercorpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hipercorpo, vocês que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquartejados, nesse imerso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção à nascente do fluxo do ser, sim, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero humano (*O que é virtual*, 1996, p.150)

Embora analise os meios, ou os “multimeios” como recursos presentes no ciberespaço, sua abordagem não é a de um comunicólogo, mas a de sociólogo, historiador da ciência, filósofo e curioso sobre o desenvolvimento da informática e dos sistemas para a comunicação. A tradição de pesquisa em que se fundamenta é a de sua formação, marcado pela forte influência de Michel Serres, Chardin, e mesmo de McLuhan, se analisarmos suas opções extremamente otimistas com relação à comunicação. Alguns autores nacionais e outros tem analisado sua obra (Rudiger, 2007; Virilio, 1999; Breton, 2000) com uma visão mais crítica e costumam destacar a superficialidade de suas análises e ressaltar as afirmações “levyanas” que faz, com a licença do trocadilho, acusando-o também de assumir uma postura determinista e de adesão ao modelo capitalista do pensamento ocidental. Outros estudos sequer fazem

uso de suas afirmações como referência de pesquisa o que outro indicador. Dos autores internacionais, Breton (2000) e Virilio (1998) são seus críticos mais ferozes.

Lévy costuma rebater essas críticas atribuindo-as a quem não conhece e nem sabe usar e, por isso, teme a tecnologia. Diz também que é criticado por quem detinha o poder do conhecimento, que agora está sendo perdido em razão da inteligência coletiva oriunda da internet. Esse é, aliás, o conceito que o autor mais explora ao tratar do potencial da internet para a comunicação de todos-todos e para a idéia de um mundo construído para e pela humanidade. Para se defender das críticas, diz também que não se preocupa em ser científico, mas em ser um pensador otimista, que faz previsões acertadas sobre o futuro e admite conclamar as pessoas a se engajarem em movimentos de revolução social, em busca de mudanças culturais e sociais, dizendo que essa é a oportunidade da mudança das mãos e vozes que detêm o poder.

De qualquer modo, é preciso reconhecer sua contribuição para a discussão dos elementos constitutivos da rede, favorecendo a compreensão da dimensão comunicacional dos meios de comunicação que nela estão presentes uma vez que afirma, em diversas passagens, sua importância na mudança das práticas da sociedade complexa. Porém, as problematizações que faz sobre meios de comunicação, bem como seus conceitos de cibercultura, ciberespaço, tecnologias da inteligência e inteligência coletiva ainda são incorporados de forma dogmática aos trabalhos dos estudos da área de comunicação, muitas vezes sem a consciência dessa influência. A abrangência de suas análises favorece esta dogmática. Bastante elástica, ela trata desde a tecnologia digital até a pregação da liberdade transnacional; o modelo de democracia no século XXI, graças ao poder da comunicação da rede mundial de computadores, passando pela cibercultura, história, sociedade, educação, filosofia, arte, ciência...

Apesar de todas as críticas que são feitas à sua abordagem, é fato que Lévy define ciberespaço como um meio de comunicação. Para ele, *ciberespaço* corresponde à rede e, literalmente, explica:

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (1999:17)

Em outro ponto, Lévy explica que mais que informações, a presença de softwares também define o ciberespaço:

O ciberespaço não compreende apenas informações materiais e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos meio textos, meio máquinas meio atores meio cenários: os programas. Um programa ou software é uma lista bastante organizada de instruções codificadas destinadas a fazer com que um ou mais processadores executem uma tarefa. (1999:41)

Desse ângulo, Lévy pode ser considerado um pensador contemporâneo. Mas, a leitura mais atenta de seus trabalhos, exige que se indague, seriamente, o que constitui a contribuição desse pensamento para a formação do conhecimento específico sobre a internet na área de comunicação? Em todo caso, as linhas de desenvolvimento de seu pensamento estão relacionadas ao ideário de um pensador europeu que mantém acesa a chama dos ideais da Revolução Francesa, pregando liberdade, igualdade e fraternidade, viés que não favorece o ponto de vista da epistemologia da comunicação. Se Lévy esteve ou está preocupado em gerar teoria sobre a internet e a comunicação, muitas vezes, sua construção intelectual, com argumentos que pregam da linguagem universal ao pensamento, parece perder força no que diz respeito à cientificidade. Por pensar a internet na contemporaneidade com adesão entusiasmada ao desenvolvimento da tecnologia e com uma reflexão epistemológica quase nula, podemos dizer que seu pensamento é um julgamento de valor, mais que uma análise do desenvolvimento da tecnologia de comunicação.

Não obstante estar “muito cedo convencido do papel capital das tecnologias de comunicação e dos sistemas de signo na evolução cultural em geral” e ter como primeiro desafio o pensamento “sobre a revolução digital contemporânea nas dimensões filosóficas, estética, educacional e antropológica”, os recortes que faz sobre (os meios de) comunicação, apresentam a Internet como um espaço surrealista, do qual “nada é excluído, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir.” Para Lévy, a internet “encarna a presença da humanidade, ela mesma, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam” e “ela manifesta a conexão do homem com a sua própria essência, que é a aspiração à liberdade”.^{9 10} Sua análise dos meios que estão presentes na internet é, portanto, enviesada por essa concepção e por esse olhar filosófico que vê a liberdade acenando, mas não explica como se chegou a ela. Sua proposição para

9 Tradução livre da autora com adaptação do original: Très tôt convaincu du rôle capital des techniques de communication et des systèmes de signes dans l'évolution culturelle en général. Se donne pour première tâche de penser la "révolution numérique" contemporaine sur les plans philosophique, esthétique, éducatif et anthropologique.

10 <http://www.caosmose.net/pierrelevy/bio.html>.

explicar o conjunto de meios da internet (a que denomina multimodal, multimídia, hipermídia, multimeios), não vai à direção de explicar, de fato, “o papel capital das tecnologias de comunicação”, mas sim suas conseqüências libertadoras, em seu modo de olhar. Segundo ele, a necessidade de não está em explicar a comunicação, mas em se reconhecer dois fatos:

Que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens, ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (1999:11)

Esse tom é que tem feito Lévy ser considerado como um futurólogo. Sobre a “comunicação multimodal”, expressão, aliás, quase não problematizada por Lévy (1999), como várias outras, uma vez que os neologismos são constantes em sua escrita, Lévy afirma que lhe “é impossível prever as mutações que afetarão o universo digital após o ano 2000”. Porém, mesmo ao afirmar essa impossibilidade, ainda assim, insiste em fazer suposições como a seguinte:

A interconexão mundial de computadores (a extensão do ciberespaço) continua em ritmo acelerado. Discute-se a respeito dos próximos padrões de comunicação multimodal. Tácteis, auditivas, permitindo uma visualização interativa, as novas interfaces com o universo dos dados digitais são cada vez mais comuns. Para ajudar a navegar em meio à informação, os laboratórios travam uma disputa de criatividade ao conceber mapas dinâmicos do fluxo de dados e ao desenvolver agentes de software inteligentes ou knowbots. Todos esses são fenômenos que transformam as significações culturais e sociais das cibertecnologias no fim dos anos 90. (...) Quando as capacidades de memória e de transmissão aumentam, quando são inventadas novas interfaces com o corpo e o sistema cognitivo humano (“a realidade virtual”, por exemplo), quando se traduz o conteúdo das antigas mídias para o ciberespaço (o telefone, a televisão, os jornais, os livros etc.), quando o digital comunica e coloca em um ciclo de retroalimentação processos físicos, econômicos ou industriais anteriormente estanques suas implicações culturais e sociais devem ser reavaliadas sempre. (1999:25)

Essa é a concepção de Lévy para o papel dos meios de comunicação: uma comunicação que usa meios de diferentes modalidades (comunicação multimodal, com recursos de áudio, vídeo, texto e até táteis).

Define ainda ciberespaço¹¹, como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (p.92). Segundo explica, essa definição “inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas) na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização”. Essa definição está, segundo ele, mais próxima do conceito trazido por outros como, por exemplo, Alvin Toffler¹². Sem terminar sua digressão futurística, como havia prometido ser impossível, prevê que “a perspectiva da digitalização geral das informações, provavelmente, tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte da memória da humanidade a partir do início do próximo século.” (1999, p.93)

Lévy (1999) trata do que chama dos “principais modos de comunicação e interação possibilitados pelo ciberespaço” e faz uma divisão, no mínimo questionável, sobre essas possibilidades. Segundo ele, desde o acesso a um computador remoto para cálculo a distância, ou do acesso a banco de dados (download), até a transferência de dados por transferência de arquivos (upload), tudo isso pode estar classificado como modos de comunicação ou interação. Relaciona e apresenta, em separado, o correio eletrônico (e-mail); as conferências eletrônicas (newsgroup, grupos de discussão, hiperdocumentos); os sistemas para aprendizagem e de trabalho cooperativo (dispositivos de aprendizagem); os groupwares (memórias de grupo). Apesar de nos parecer que esse conjunto de dispositivos está precariamente classificado, pois não se justifica pertencerem a um só grupo, é o próprio autor que, ao final do texto, resume, acrescentando ainda um novo elemento que não havia discutido anteriormente:

O ciberespaço permite a combinação de vários modos de comunicação. Encontramos em graus de complexidade crescente: o correio eletrônico, as conferências eletrônicas; o hiperdocumento compartilhado, os sistemas avançados de aprendizagem ou de trabalho cooperativo, e enfim, os mundos virtuais multiusuários. (1999:104)

Em face da extensa obra de Lévy sobre o tema, sabemos que poderíamos citar mais trechos e tratar desse autor ainda de modo mais abrangente, porém consideramos que os recortes que fizemos da sua obra mais completa são suficientes para apresentar as características principais de sua abordagem sobre a comunicação no ciberespaço. Essa mesma abordagem está presente em todas as demais obras estudadas e é

11 Termo criado em 1994, por William Gibson, em seu romance de ficção científica *Neuromante* (sic), conforme mencionado pelo autor.

12 Alvin Toffler é citado em nota de rodapé por Levy, como autor da *Magna Carta for the Knowledge Age in New Perspective Quarterly*. Porém, não explica que essa referência é obra de ficção (1994) e que a idéia da eliminação das fronteiras da privacidade é a idéia extrema explorada nesse romance.

evidente o papel de interessado defensor das qualidades da rede, como espaço para a comunicação e para as consequências benéficas da tecnologia da rede mundial de computadores.

Na Lista 1, destacamos, em negrito, as obras que constituíram a base de nossa análise sobre Lévy.

Lista 1 - Pierre Lévy

- **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. 1. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. 263 p.**
- **As árvores de conhecimentos. São Paulo: Escuta, 1995. 188 p. (em co-autoria com Michel Authier)**
- **O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996. 160 p.**
- A ideografia dinâmica: para uma imaginação artificial? Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 226 p.
- **A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial? São Paulo: Loyola, 1998. 228 p.**
- **A máquina universo: criação, cognição e cultura informática. São Paulo: ARTMED, 1998. 173 p.**
- **Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.**
- **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 212 p.**
- O Fogo Liberador. São Paulo: / Iluminuras, 2000.
- Filosofia world: o mercado, o ciberespaço, a consciência. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. 212 p.
- A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001. 189 p.
- Ciberdemocracia. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. 249 p.
- **La machine univers, Paris: La Découverte, 1987**
- **Les technologies de l'intelligence. Paris: La Découverte, 1990.**
- **L'idéographie dynamique. Vers une imagination artificielle ?. Paris: La Découverte, 1992.**
- De la programmation considérée comme un des beaux-arts. Paris: La Découverte, 1992.
- Les arbres de connaissances, Paris: La Découverte. 1993
- **L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace. Paris: La Découverte, 1994.**
- L'universel sans totalité. In: Magazine Littéraire. 1966-1996. La passion des idées, 1996.
- Cyberculture. Paris: Odile Jacob, 1997.
- Qu'est-ce que le virtuel ?. Paris: La Découverte, 1998.
- World Philosophie (le marché, le cyberspace, la conscience) . Paris: Odile Jacob, 2000.
- Cyberdémocratie (Essai de philosophie politique). Paris: Odile Jacob, 2002.

1.2 Manuel Castells e o Olhar Socioeconômico sobre a Sociedade em Rede

Manuel Castells é um acadêmico espanhol. Atua como professor de sociologia e diretor do Instituto de estudos interdisciplinares sobre a Internet na Universidade Aberta da Catalunha, em Barcelona. Tem cadeira também como professor de tecnologias da comunicação e sociedade na Annenberg School of Communication da University of Southern California em Los Angeles e professor emérito de sociologia também da Universidade da Califórnia – UCLA, em Berkeley, em Los Angeles, nos Estados Unidos, onde trabalha há 24 anos. Foi também professor de sociologia na Universidade de Paris e professor e Diretor do Instituto de Sociologia e de Novas Tecnologias da Universidade

Autônoma de Madri, na Espanha. De acordo com o *Social Sciences Citation Index*, Castells foi o quarto cientista social mais citado no mundo no período 2000-2006 e o mais citado acadêmico da área de comunicação, no mesmo período. Sua tradição de pesquisa está, portanto apoiada nos fundamentos sociológicos, mas é importante para a área de comunicação, pois aborda os meios de comunicação como o principal fator de mudança social da época.

Costumeiramente citado como um estudioso da sociedade contemporânea, com abordagem sobre a emergência de um novo modelo econômico, a que chama “capitalismo informacional”, é, de fato, o especialista da década sobre a sociedade em rede, considerado como um dos mais importantes porque faz, pela primeira vez, um estudo em diversas dimensões sobre a rede mundial de computadores.

Castells (1999; 2003) aborda a internet, no âmbito da sociedade, principalmente, do ponto de vista socioeconômico, político-cultural e histórico. Busca reconhecer as características do que chama *Sociedade da Informação*, termo que foi traduzido para a língua portuguesa para nomear o primeiro livro da trilogia *Sociedade em Rede – A Era da informação: Economia, sociedade e cultura* (do original, *The Information Age: Economy, Society, and Culture*), publicada no período entre 1996 e 1999, e traduzida em 23 línguas..

Sua análise revela as nuances da história da internet, com destaque para o marco inicial: a criação da primeira denominação, para informações e comunicação em rede, com fins militares, a ARPANET e a explicação do movimento de jovens que expandiram o uso da tecnologia em busca de maior liberdade de comunicação. Procura explicar a rede como um conglomerado de computadores que, ao serem conectados mundialmente por protocolos de identificação (TCP-IP) das máquinas, promovem “a alteração das dimensões espaciais e temporais, reduzindo as fronteiras entre países, culturas e economia, considerando que a aproximação dos diferentes, fisicamente distantes, modifica a sociedade ao redor do globo terrestre”. Lembra que as culturas consistem de processos de comunicação e que, uma vez sendo a comunicação baseada em sinais, não há separação entre “realidade” e representação simbólica. As conseqüências dessa indistinção é que, diante da Internet, as relações humanas, cada vez mais, se darão em um ambiente multimídia, cujos impactos ainda estão por serem estudados.

Suas pesquisas levaram à publicação de 23 livros, incluindo a trilogia. O primeiro volume dessas três obras, denominada na tradução brasileira como *A Sociedade em Rede*¹³, é a que mais nos interessa por tratar do tema da internet diretamente e mostrar que sua abordagem é diversificada nos aspectos sociais, políticos, econômicos, técnicos e humanos da rede, mas sem se limitar a qualquer um deles. Sua análise sobre a sociedade atual é ampla, mas também profunda e fundamentada em dados, nas muitas dimensões que aborda. Entre elas, o Capítulo I trata da *Revolução da Tecnologia da Informação*, em que questiona sobre a tecnologia como paradigma e sobre que revolução é essa, apresenta a internet desde seu nascimento até o seu desenvolvimento como repositório de informações em rede. Observe-se que Castells tem uma postura relativamente neutra diante da tecnologia. Sua análise mostra a tecnologia digital nos efeitos que produz na cultura, economia e sociedade, com a crítica necessária a compreensão do momento histórico alterado e atento ao papel de sistema (meio) de comunicação exercido pela internet causando alterações:

um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanta está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos (...) As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas de canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldado por ela.(1999:22)

Nesse volume, entre outras diversas questões, Castells abre também um espaço exclusivo para problematizar e discutir o que intitula “*A Cultura da Virtualidade Real: A Integração da Comunicação Eletrônica, o Fim da Audiência de Massa e o Surgimento de Redes Interativas...*” onde aborda diversas facetas da internet para a comunicação em rede, tais como as redes sociais, as comunidades virtuais, entre outras. Sua abordagem não se atém, portanto, à discussão sobre os meios de comunicação presentes na rede, mas às dimensões históricas, tecnológicas, culturais e sociais onde se desenvolveram e como repercutiam na sociedade daquele momento. Sua concepção da rede é a de conexão voluntária, porém, com conseqüências para quem optar por não fazer parte dela.

Castells (2003) considera que “a internet é o tecido de nossas vidas” (2003:07) mas explica que

Apesar da sua difusão, a lógica, a linguagem e os limites da internet não são bem compreendidos além da esfera de disciplinas estritamente tecnológicas. A velocidade da transformação tornou difícil para a pesquisa acadêmica acompanhar o ritmo da mudança com um

13 A obra encontra-se disponível eletronicamente no site do autor em diversas línguas. Para a tradução brasileira, ver http://uoc.cbuc.cat/record=b1012688~S1*spi

suprimento adequado de estudos empíricos sobre os motivos e os objetivos da economia e da sociedade baseadas na internet. Tirando proveito desse vácuo relativo de investigação confiável, a ideologia e a boataria permearam a compreensão dessa dimensão fundamental de nossas vidas, como frequentemente ocorre em períodos de rápida mudança social. (2003:09)

Castells argumenta a partir do forte desenvolvimento das tecnologias eletônicas e digitais desde a década de 70, e aponta seus impactos nos diversos campos das relações humanas. Demonstra como tecnologias, inicialmente originadas pelas pesquisas militares, foram usadas pelo setor financeiro, justamente em um momento de necessidade de reestruturação do capitalismo. Castells chama a esse modelo de “capitalismo informacional” e ressalta que a introdução das novas tecnologias somente começou a ter efeito a partir do final da década de 1990. Como os demais autores dessa época, também busca fazer algum exercício de futurologia sobre a comunicação mediada por computador e seus efeitos sobre os modos de expansão do seu alcance. Afirma que

Com certeza, em um futuro próximo, o uso da CMC se expandirá, principalmente via sistema educacional, e alcançará proporções substanciais da população do mundo industrializado (...) expandirá através de ondas sucessivas, começando com uma elite cultural, a utilização dos praticantes de sua primeira onda é que formará os hábitos comunicativos da CMC (p.383) (...) A inclusão da maioria das expressões culturais no sistema de comunicação integrado, baseado na produção, distribuição e intercâmbio de sinais eletrônicos digitalizados tem conseqüências importantes para as formas e processos sociais. (1999:397)

Ressalta, também, como essa reestruturação da nova sociedade organizada em rede impacta o trabalho e o capital. Interessa a ele, mais fortemente, a análise econômica, social e cultural. Fundamentalmente, Castells trata das características da globalização pela ação da rede mundial de computadores, mas abre espaço muito específico para os problemas da comunicação. Esses problemas são vistos em dois capítulos que tratam de assuntos como a comunicação mediada por computador (CMC), redes sociais, comunidades, mas o autor sempre se volta para focar outras questões relativas à cultura, à impossibilidade de controle sobre as redes. Ao apresentar suas idéias sobre a comunicação pela internet, Castells está preocupado em discutir também diversos outros aspectos relacionados à expansão e à interação possibilitada pela tecnologia digital em rede, fazendo a leitura da internet sob a ótica do acesso e da alteração social decorrente:

A rede Internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC) dos anos 90, uma vez que liga gradativamente a

maior parte das redes. Em meados da década de 90, a Internet conectava 44 mil redes de computadores e cerca de 3,2 milhões e computadores principais em todo o mundo, com mais ou menos 25 milhões de usuários, e estava se expandindo de forma acelerada. (p.369) (...) O único modo de controlar a rede é não fazer parte dela, e esse é um preço alto a ser pago por qualquer instituição ou organização, já que a rede se torna abrangente e leva todos os tipos de informação para o mundo inteiro.” (1999:375).

O mérito maior de Castells para a teoria da comunicação não é, entretanto, essa leitura que faz da internet do ponto de vista socioeconômico, mas a análise se enriquece com a abordagem da internet do ponto de vista específico do meio de comunicação. Castells consegue compreender a internet como um meio que se afasta do modelo tradicional, portanto, a ser entendido de maneira particular pelos papéis dos produtores e consumidores de conteúdos na internet, ou seja, na perspectiva da emissão e da recepção, discutindo como o conceito de interação passa a ser ainda mais relevante.

(...) se conhecer verdadeiramente um sistema diferente da mídia de massa personalizada. Assim, o mundo da multimídia será habitado por duas populações essencialmente distintas: a interagente e a receptora da interação, ou seja, aqueles capazes de selecionar seus circuitos multidirecionais de comunicação e os que recebem um número restrito de opções pré-empacotadas. (1999:393)

Suas afirmações sobre a comunicação via internet são marcadas por frases desse tipo que deixam evidentes suas convicções sobre a importância do papel dessa tecnologia digital em rede como meio ou sistema de comunicação. Segundo ressalta, integra diversos meios e afeta diretamente a própria comunicação e a cultura.

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível, muda de forma fundamental o caráter da comunicação. (...) Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (...) O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura (1999:354)

O seu outro estudo bastante conhecido no Brasil é o livro *A Galáxia da Internet*, que foi publicado, em 2001, na edição em inglês, e em 2003, no Brasil. Nele, Castells também trata de diversos aspectos da internet, e começa com a célebre frase que inicia

o livro e diversas vezes repetidas: “A internet é o tecido de nossas vidas” (p.7). Sobre ser um meio de comunicação, é explícito, ao afirmar que “a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global” (p.8). Em seguida, explica que escolheu o título para fazer uma comparação com a *Galáxia Gutemberg* de McLuhan e o título da abertura é paradigmático: *A Rede é a Mensagem*. Castells considera que

ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia da Internet. O uso da Internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. No final de 1995, o primeiro ano de uso disseminado da world wide web, havia cerca de 16 milhões de usuários de redes de comunicação por computador no mundo. No início de 2001, eles eram mais de 400 milhões; previsões confiáveis apontam que haverá cerca de um bilhão de usuários em 2005 e é possível que estejamos nos aproximando da marca dos dois bilhões por volta de 2010, mesmo levando em conta uma desaleração da difusão da Internet quando ela penetrar no mundo da pobreza e do atraso tecnológico.” (2003:08)

Sobre a pesquisa acadêmica, Castells afirmava já naquela ocasião que “a velocidade da transformação tornou difícil para a pesquisa acadêmica acompanhar o ritmo da mudança com um suprimento adequado de estudos empíricos sobre os motivos e os objetivos da economia e da sociedade baseadas na internet” e surgiram futurólogos e metodologias questionáveis para explicar a rede. Por isso, procura explicar o que estamos constatando nesta tese: ainda há oportunidade para tratar da questão de forma sistematizada. Castells disse que tirou proveito de um “vácuo relativo de investigação confiável, [porque] a ideologia e a boataria permearam a compreensão dessa dimensão fundamental das nossas vidas, como frequentemente ocorre em períodos de rápida mudança social” (2003:8)¹⁴. A Lista 2 mostra a produção de Castells.

Lista 2 – Manuel Castells

- Fim de milênio. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.3). São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- The social implications of information & communication technologies. Report prepared for UNESCO's World Social Science Report, 1999. Disponível em <http://www.chet.org.za/oldsite/castells/socialicts.html>

14 Neste ponto da obra, fica claro que Castells distingue-se dos demais estudos dessa década pela isenção. Referindo-se aos contemporâneos sobre a internet, sem citar nomes, afirma que “Algumas vezes isso assumiu a forma de profecias futurológicas baseadas na extrapolação simplista de consequências sociais das maravilhas tecnológicas que emergem da ciência e da engenharia; outras vezes aparece como distopias críticas, denunciando os efeitos suportavelmente alienantes da internet antes mesmo de praticá-la” E não poupa os meios de comunicação de seu papel: “A mídia avida por informar um público ansioso mas carecendo da capacidade autônoma de avaliar tendências sociais com rigor, oscila entre noticiar o espantoso futuro que se oferece ou seguir o princípio básico do jornalismo: só notícia ruim é notícia.” (p.9)

- A Galáxia da internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo, Paz e Terra, v1,1999.

1.3 Nicholas Negroponte: uma voz extrema a favor da tecnologia digital da comunicação

Negroponte (1995) é, ao mesmo tempo, analista da tecnologia da computação e desenvolvedor de projetos técnicos nessa direção. Graduado em arquitetura, professor e atualmente licenciado do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (do original Massachusetts Institute of Technology – MIT), onde foi co-fundador e diretor do Laboratório de Mídia (Media Laboratory – MLAB) e professor da cadeira de Media Technology, tem sido referenciado como pioneiro no campo do design da computação.

É autor de apenas dois livros, o segundo considerado como *best seller* sobre a tecnologia digital, conhecido em língua portuguesa como *A Vida Digital (do original Being Digital, 1995)*, que foi traduzido também para cerca de 40 outros idiomas. Trata-se de uma elocubração sobre a tecnologia digital, em tom quase romancado, em que Negroponte não teme se colocar como defensor da digitalização da sociedade, apoiado pelos contemporâneos, como simpatizante da internet. Interessante observar como Negroponte define a transformação do analógico para o digital no que diz respeito à qualidade da comunicação e da sua consequência imediatamente identificada com o capitalismo:

Ser digital significa a possibilidade de emitir um sinal contendo informação adicional para correção de erros como a estática do telefone, o chiado do rádio ou o chuveiro da televisão (...) A correção de erros e a compressão de dados são os dois argumentos óbvios em favor da televisão digital. É possível colocar quatro sinais de TV com qualidade de estúdio na mesma largura de banda que antes abrigava uma única transmissão, ruidosa e analógica. A imagem será melhor e, utilizando-se um mesmo canal, quadruplica-se, potencialmente, a audiência e a receita com publicidade (1995:22).

Envolvido com a tecnologia digital, não só no que diz respeito a pesquisas acadêmicas, mas também como consultor de empresas de tecnologia de comunicação, como a Motorola, tem se apresentado em eventos nos Estados Unidos e em outros países do mundo para tratar do desenvolvimento das idéias relativas à computação, de modo geral e, particularmente, sobre a rede mundial de computadores.

Sua abordagem sobre a internet é francamente voltada para os aspectos comerciais, positivos, mas aborda várias questões decorrentes da digitalização e da comunicação em rede que são fundamentais para o entendimento das mudanças que

estão ocorrendo com a passagem de um para outro formato dos meios de comunicação. A partir das vantagens da tecnologia em bits, no lugar de átomos, como não poderia deixar de ser, tendo em vista sua formação e tradição tecnológica a que está atrelado, Negroponte defende que a tecnologia digital alterará a configuração do mundo e trará benefícios aos produtores e aos consumidores, às sociedades e aos indivíduos. No capítulo “Quando todos os meios de comunicação forem bits” (p. 22) mostra que haverá benefícios econômicos, educacionais, na área do entretenimento, como parte da alteração dos meios informacionais que, pela facilidade da supressão de erros, favorecem e potencializam a especialização das informações, inclusive para a leitura, o ensino, as notícias, logo, concluímos, em termos gerais, favorecem e potencializam a comunicação.

Para ele, a possibilidade de disseminação de dados gráficos e de entretenimento e do armazenamento e transferência de dados em alta velocidade, sejam eles configurados como textos, imagens ou sons, é a maior vantagem da digitalização da vida e, por isso, tem sido indicado em cursos de graduação e pós-graduação da área de informática e comunicação, gestão do conhecimento, artes, educação, sociologia e outros, como base para a discussão sobre a sociedade atual.

É interessante notar que Negroponte, mesmo sem aparato e rigor científico sobre os conceitos que definem a rede, é responsável por discutir alguns aspectos dos meios de comunicação analógicos e digitais. Em contraponto, há autores da área de comunicação que não se atêm a esses aspectos, provavelmente, para fugirem de ser identificados como deterministas, capitalistas, ou identificados como defensores da tecnologia. Com certeza, a adesão às idéias de Negroponte deve ser cuidadosa e seletiva, uma vez que, ao mesmo tempo que trata de problemas que interferem na forma como se faz a comunicação, em função do meio, também leva o olhar para a análise que aponta os benefícios mercadológicos dessas alterações tecnológicas. Sua visão é claramente mercantilista a respeito das qualidades da digitalização e os argumentos técnicos que usa terminam por valorizar o consumo.

Também é reconhecido por tratar de temas atualmente incorporados à computação e, especificamente, à internet, tais como “janelas”, “simulação visual”, “realidade virtual”. Segundo sua análise, decorrente da cibernética de seu contemporâneo Wiener, o pai da cibernética (1964), “a informação sobre a informação é mais importante que a própria informação”. Segundo ele, o avanço da tecnologia digital levará ao favorecimento cada vez maior do que chama de “intercomunicação” entre o

homem e a máquina e à economia de custo, de energia e de tempo, além de mudanças na experiência cognitiva, incluindo a leitura e a recepção de informações. Sobre ser sigital e a relação entre essa economia e o meio de comunicação disponível na ocasião (modem, internet discada, banda larga), em seu estilo narrativo e cheio de exemplos, explica que:

(...) Se gravo uma mensagem numa fita, desejo transmiti-la a você e estou pagando a ligação por minuto, com certeza, vou querer o maior número possível de bits viajando por segundo. Esse é um sentimento comum nos usuários de modems que se conectam com a outra ponta do país para sugar dados para seus laptops ou esguichálos para fora deles. Poucos anos atrás, uma taxa de transmissão de 2400 baud esta considerada muito boa. Hoje, (em 1995) um modem de 38400 bps está se tornando coisa comum, resultando numa redução de 94% na conta telefônica. (...) Como bits são bits, duas conseqüências fundamentais e imediatas poderão ser observadas quando todos os meios de comunicação forem digitais. Em primeiro lugar, os bits misturam-se sem qualquer esforço. Começam a mesclar-se e podem ser utilizados e reutilizados em se conjunto ou separadamente. A mistura de áudio, vídeo e dados é chamada de multimídia: soa complicado, mas a palavra não quer dizer nada além de bits misturados...(1995:22-23)

Sobre a interação, no tópico, *Livros sem páginas*, Negroponte faz importante análises sobre questões que afetam diretamente a comunicação em função da redução dos espaços de suporte e também da facilidade de uso das ferramentas para lidar com diferentes linguagens (textual, auditiva) e diz que esse é um fator presente na mobilidade que caracteriza a multimídia e a internet. Previu, também em exercício constante de futurologia, uma das vantagens da rede que já temos exemplos hoje, em 2010:

A multimídia vai se tornar mais parecida com um livro, algo que você pode levar para a cama, com que você poderá conversar ou ouvir uma história. Um dia, ela será tão sutil quanto a textura do papel e o cheiro do couro. (1995:67)

Note-se que Negroponte usa linguagem simples ao fazer a análise dos meios digitais em contraposição aos analógicos. Procura entendê-los como evolução de formato da linguagem, da narrativa, e, para isso, considera que “hipermídia é um desenvolvimento do hipertexto, designando a narrativa com alto grau de interconexão a informação vinculada” ou “uma coletânea de mensagens elásticas que podem ser esticadas ou encolhidas de acordo com as ações do leitor. As idéias podem ser abertas e analisadas com múltiplos níveis de detalhamento” (1995:66). Explicando um pouco mais, diz que

Pensar em multimídia implica ter noção do movimento fluido de um meio para outro, dizendo a mesma coisa de maneiras diversas: invocando um ou outro dos sentidos humanos. A máquina lhe diz: se você não entendeu da primeira vez, deixe-me explicar de novo, em forma de uma história em quadrinhos ou de um diagrama em três dimensões. Esse tipo de passagem de um meio para outro pode incluir qualquer coisa, desde filmes que se auto-explicam mediante um texto até livros lidos por uma voz suave enquanto você cochila (1995:68)

Especificamente sobre o meio de comunicação, retomando McLuhan (1974), contradiz o que esse afirmou, e disse que o “o meio não é mais a mensagem: é uma das formas que ela assume” (1995:67). Segundo sua visão, a mensagem digitalizada pode apresentar vários formatos a partir dos mesmos dados e isso também já é um resultado da evolução que vemos hoje: um mesmo acontecimento pode ser transmitido pelo áudio, vídeo ou diagramas, imagens estáticas e dinâmicas, todas as informações reunidas dispostas por um dos suportes e técnicas de transmissão assume uma nova possibilidade de comunicação.

Mais que defender as vantagens do mundo em bits, Negroponte acredita também que a tecnologia digital deve ser levada ao acesso de todos, inclusive aos países considerados pobres, colocando, portanto, uma clara dimensão humanista em sua abordagem. Como desenvolvedor de tecnologia e especialista, colabora em movimentos a favor da inclusão digital para uso de laptops a custo baixo em escolas, e aponta alterações psicológicas como benefícios de caráter individual para os usuários, tais como autoestima e capacidade de escolha aumentada. Faz também previsões otimistas sobre a incorporação e a convergência dos meios de comunicação (televisão, rádio, internet, celular) pelo uso da tecnologia e da rede mundial, mas faz ressalvas quanto aos problemas sociais decorrentes da rede, sem, no entanto, deter sua análise neles.

Sua abordagem, portanto, trata de problemas relativos aos efeitos da digitalização na sociedade atual e na vida futura, mas com olhar amigável, cotidiano e humanista sobre os benefícios da tecnologia digital, sendo esse o seu principal objeto de interesse. Afirma que a internet é um movimento jovem e isso está sendo refletido na concepção de mundo que decorre dessa forma de comunicação:

Eu vejo essa mesma mentalidade de descentralização do trabalho em nossa sociedade, sob a liderança da juventude do mundo digital. A visão centralista tradicional vai se tornar uma coisa do passado. A noção de estado vai sofrer uma mudança radical. (...) Enquanto os políticos lutam com o legado da história, uma nova geração, livre de preconceitos de idade, o cenário digital emergente. (...) A tecnologia digital pode ser uma força natural de atrair as pessoas para a harmonia maior do mundo (1995:2).

A tradição de pesquisa de Negroponte está centrada em sua própria experiência e docência e no conhecimento sobre o desenvolvimento da computação. Isso fica claro pela ausência de referências teóricas em seu livro. Não uma referência bibliográfica sequer, mas apenas agradecimentos a seus contemporâneos e colaboradores no Laboratório de Mídia do MIT (Lab Mídia) e em outros espaços profissionais. Quanto ao foco principal do seu texto, pode-se dizer que oscila entre afirmações sobre os benefícios da digitalização e as previsões sobre os usos da tecnologia digital no futuro próximo. Segundo ele, a chamada Era da Informação já havia sido ultrapassada pela Era da Pós-Informação naquele início de década dos anos 90. Para ele, na era industrial, os átomos e o conceito de produção em massa foram os marcadores, mas o espaço e o tempo eram determinados. Na era da informação, os computadores mantinham o mesmo modelo de produção em escala, mas já se reduzia o valor do espaço e do tempo. Nessa ocasião, sobre os meios de comunicação, faz uma interessante observação que consideramos importante destacar na íntegra, porque a relação que faz entre espaço e tempo não é enfatizada, como se poderia esperar, mas o foco volta-se para as dimensões dos meios de comunicação:

Na era da informação, os meios de comunicação de massa tornaram-se simultaneamente maiores e menores. Novas formas de transmissão televisa (...) atingiram públicos maiores, ampliando ainda mais a difusão. Revistas especializadas, videocassetes e serviços por cabo deram-nos exemplos de *narrowcasting*, atendendo a grupos demográficos pequenos. Assim, os meios de comunicação se tornaram maiores e menores a um só tempo. (1995:143)

Continuando, volta-se para outro aspecto: o público. Afirma que na era da pós-informação “O público que se tem é, com freqüência, o de uma única pessoa. Tudo é feito por encomenda e a informação é extremamente personalizada” (p.143). Nessa análise, o que está interessando a Negroponte é o canal de comunicação para chegar ao indivíduo como consumidor. O que define sua análise, portanto, é o caráter de digressão que traz, falando de espaço, tempo, público, meios, etc., sem delimitar teoricamente nenhum desses problemas e com foco e abordagem da economia de mercado.

Recentemente, Negroponte afirmou que os livros em papel desaparecerão em poucos anos. Aliás, essa característica de futurólogo é bastante típica desse autor americano. Talvez por isso, seus textos publicados em papel não sejam mais que dois,

conforme mostra a Lista 3. Neste estudo panorâmico, focamos apenas o “Vida Digital”, que se encontra no período de nossa escolha.

Lista 3 – Nicholas Negroponte

- The Architecture Machine: Towards a More Human Environment. Cambridge, Mass: MIT Press. (1968).
- Being Digital. New York: Knopf. (1995).

1.4 Howard Rheingold¹⁵ e a criação do conceito de comunidade virtual

Howard Rheingold é professor na Faculdade de Berkeley sobre educação colaborativa, do Departamento de Informação, Jornalismo Digital e Comunidades Virtuais. Ensina também Midia Social na Universidade de Stanford e também é professor visitante da Escola Annenberg de Comunicação, além de professor convidado do Instituto de Tecnologias Criativas, da Universidade de Montfort, em Leicester, Reino Unido.

Um dos mais atuantes estudiosos da rede presentes na rede possui um videoblog, que abrange uma ampla gama de assuntos e um weblog associado a seu livro posterior ao período que estamos estudando (Reinghold, 2002, *Smart Mobs*). Esse livro foi aclamado pela crítica da área de tecnologia e é lido pela juventude.

Em seu relato sobre si mesmo que abre o blog, conta que, desde 1985, está envolvido em sistemas de computação e que começou a escrever sobre a vida de uma comunidade virtual a que pertencia. Esse relato acabou se transformando em um de seus livros mais conhecidos: *Sobre o impacto cultural e político de um novo meio de comunicação: a Comunidade Virtual (1993)*. Nesse livro, o autor trata de diversas questões relativas às comunidades, em tom narrativo, como contador de pequenas historias cotidianas, romanceado e bem humorado, mas abordando aspectos diversos e problemáticos sobre a rede e, especificamente, sobre as comunidades virtuais e a comunicação. Nova edição desse livro foi publicada pela MIT Press, em 2000. A ele creditam a invenção do termo "comunidade virtual". Reinghold trata, essencialmente, de duas questões fundamentais: a formação e a manutenção de comunidades virtuais como meios de comunicação. Uma frase que ele apresenta para introduzir o título que escolheu para o livro já levanta o problema:

¹⁵ Os livros de Reinghold estão disponíveis em versão eletrônica gratuita no endereço <http://www.rheingold.com/vc/book/1.html>

Quando você pensa em um título de um livro, você é forçado a pensar em algo curto e sugestivo, como "A Comunidade Virtual". Um título mais preciso, talvez, poderia ser: "As pessoas que usam computadores para se comunicar, fazer amizades e que, às vezes, formam a base das comunidades, mas você tem de ter cuidado para não confundir a ferramenta com a tarefa e pensar que só escrever palavras em uma tela é a mesma coisa que a comunidade real" (HLR, capa).

Pode-se dizer que Reinghold é um dos primeiros a se debruçar sobre uma experiência de comunicação a distância coletiva, ao participar de conferência por telefone, em 1985, quando mesmo havendo todos os tipos de dificuldade técnica, provavelmente, pôde considerar que ali havia algo em potencial para a comunicação mundial. Essa é a sua contribuição principal: fazer pensar sobre o surgimento de uma nova modalidade de "conversa" de troca, por um novo tipo de meio de comunicação, via rede.

Sobre comunicação mediada por computador (CMC) diz que a invisibilidade dos fios de telefone e dos bits de dados só nos faz sentir que estamos lidando com um objeto técnico quando o serviço é restrito. É interessante observar sua análise do que estava ocorrendo, em 1985, quando articula quase todos os conceitos essenciais da internet em um único parágrafo, praticamente:

O que é importante manter em mente é que todo o mundo, a rede de telecomunicações interligada que usamos para fazer chamadas telefônicas em Manhattan e Madagascar também pode ser usada para conectar computadores a distância, e você não tem que ser um engenheiro para fazer isso.(...) A internet (Net) é um termo informal para as redes de computadores interligadas que utilizam a tecnologia de CMC para ligar as pessoas ao redor do mundo em discussões públicas.(...) As comunidades virtuais são agregações sociais que emergem da rede quando suficientes pessoas desenvolvam essas discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano para formar teias de relações pessoais no ciberespaço.(...) Ciberespaço, originalmente um termo de ficção científica, de William Gibson, do romance Neuromancer, é o nome que algumas pessoas usam para o espaço conceitual, onde palavras, relações humanas, dados, riqueza e poder são manifestados pelas pessoas que utilizam a tecnologia da CMC.(Introdução)

Lista 4 – Publicações de Howard Rheingold

- The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier (free in HTML form) (1993)
- Virtual Reality (1991)
- Millennium Whole Earth Catalog: Access to Tools and Ideas for the Twenty-First Century (1995)
- The Heart of the WELL (1998)
- Smart Mobs: The Next Social Revolution. Basic Books. (2002).
- Talking Tech: A conversational Guide to Science and Technology, with Howard Levine (1982)
- Higher Creativity: Liberating the Unconscious for Breakthrough Insight (with Willis Harman, 1984)
- Tools for Thought: The History and Future of Mind-Expanding Technology (free in HTML form) (1985)
- Out of the Inner Circle, with Bill Landreth (1985)
- They Have a Word for It: A Lighthearted Lexicon of Untranslatable Words & Phrases (1988)
- The Cognitive Connection: Thought and Language in Man and Machine, with Howard Levine (1987)
- Excursions to the Far Side of the Mind (1988)

- Exploring the World of Lucid Dreaming, with Stephen LaBerge (1990)

1.5 Derrick de Kerckhove: a renovação de McLuhan e as extensões eletrônicas

Derrick de Kerckhove foi diretor do *Programa McLuhan em Cultura e Tecnologia* (1983-2008) e Professor do *Departamento de Francês na Universidade de Toronto, Faculdade de Estudos de Informação e do Conhecimento* (Media Design Institute). Possui doutorado em *Língua Francesa e Literatura, da Universidade de Toronto* (1975) e em *Sociologia da Arte, da Universidade de Tours* (1979). Entre 1972 e 1980, foi associado do *Centro de Cultura e Tecnologia* e trabalhou com Marshall McLuhan nos últimos dez anos de vida deste, como assistente. Também atuou como tradutor e co-autor em duas coleções de ensaios sobre McLuhan, tecnologia, cultura e biologia.

No período que nos interessa, publicou, especialmente, *A Pele da Cultura: investigando a nova realidade eletrônica* (do original *The Skin of Culture: investigating the new electronic reality*) publicada no Canadá em 1995. Em Portugal foi publicada em 1997 e no Brasil apenas em 2009. Trata-se de uma coleção de reflexões sobre a tecnologia eletrônica e suas repercussões na sociedade e nos indivíduos. Foi um dos livros mais procurados no Canadá na época, sem contudo ter alcançado a mesma penetração no Brasil.

Alguns resenhistas portugueses e brasileiros têm destacado seu aspecto “desconcertante”:

Desconcertante talvez seja uma boa palavra para caracterizar *A Pele da Cultura*. O livro da autoria de Derrick de Kerckhove explica como os media electrónicos são extensões, não só do sistema nervoso e do corpo, mas também da psicologia humana. Depois de ter trabalhado, nos anos 70, como assistente e co-autor de Marshall McLuhan, Kerckhove apresenta-se agora como o mais criativo dos seus seguidores. O autor aprofunda algumas das principais teorias defendidas pelo “mestre”, mas também apresenta novas ideias caracterizadas, sobretudo pela

originalidade. Em determinados casos destaca-se mesmo a sua capacidade de reinventar a herança deixada por McLuhan ¹⁶.

Da mesma forma, o adjetivo foi usado por Bolshaw Gomes ¹⁷

Desconcertante? Talvez isso seja o mínimo do que se pode dizer das idéias do professor canadense [*sic*¹⁸] Derrick de Kerckhove, diretor, há mais de vinte anos, do Programa de Cultura e Tecnologia da Universidade de Toronto; aluno-assistente, colaborador e sucessor do pensamento de Marshall McLuhan. Sucessor porque Kerckhove, em vários sentidos, superou o seu mestre tanto em suas qualidades (principalmente na análise da televisão) como em seu estilo fragmentário e aparentemente superficial, cheio de frases de efeito e profecias bombásticas.).

Para Artur Coelho¹⁹, *A Pele da Cultura* funcionaria como um mapa, ou um dispositivo GPS; em que o autor trabalha idéias sobre realidade virtual, cultura televisiva, redes, internet, cultura digital, tecnoluxúria, design, cultura de massas e cibercultura, para apontar possíveis caminhos da evolução cognitiva da espécie humana.

Escolhemos este texto para nos servir de base para a análise deste capítulo. Na apresentação da edição brasileira, aliás, bastante tardia, 14 anos depois da edição original, Di Felice resume a obra como um “importante acréscimo teórico para compreender a transformação histórica que marca a passagem da mídia analógica de massa para a mídia digital, fornecendo, a cada página, explicações e conceitos importantes para essa reflexão” (2009:15). Nossa hipótese é que esse lapso de mais de uma década entre a data da publicação original e a tradução brasileira sinaliza que os brasileiros pareciam não estar interessados ou focados em sua abordagem. Prova disso é que, para outros autores (por exemplo, Lévy e Castells), as publicações originais e as traduções brasileiras eram quase simultâneas, com intervalo não superior a dois anos. Pode-se inferir que a área de comunicação no Brasil demonstra um direcionamento a determinados autores e isso pode ter determinado a pouca influência de De Kerckhove, que aparece com menor freqüência na literatura brasileira especializada.

Usando o critério de pertinência, pois não é difícil concordar que o texto de *A Pele da Cultura* é impactante para a comunicação, incluímos este autor em nossa lista, por sua opção de abordar as tecnologias eletrônicas como meio de transformação das

16 Catarina Rodrigues, disponível em http://www.urbi.ubi.pt/040713/edicao/_slivro.html.

17 Marcelo Bolshaw Gomes publicou “McLuhan Pós-moderno ou Revolução Tecnopsicológica” como resenha de *A Pele da Cultura*, em sua edição portuguesa. Disponível em <http://jornalista.tripod.com/teoriapolitica/5.htm>

18 O autor é belga, mas naturalizado canadense (http://fr.wikipedia.org/wiki/Derrick_de_Kerckhove).

19 As indicações estão disponíveis em <http://intergalacticrobot.blogspot.com/2007/11/pele-da-cultura.html>

faculdades humanas. O autor discorre sobre as questões contemporâneas das mudanças nos comportamentos individuais e na cultura humana em função das tecnologias de comunicação como suas extensões, na esteira do que pensava McLuhan. O subtítulo do livro: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica não traduz, a nosso ver, satisfatoriamente, as idéias que De Kerckhove desenvolve ao longo do texto.

Dois de seus principais conceitos são “tecnopsicologia” e “psicotecnologia”. O primeiro pode ser definido como “o estudo da condição psicológica das pessoas que vivem sob a influência da inovação tecnológica. A tecnopsicologia pode ainda ser mais relevante agora que existem extensões tecnológicas para as nossas faculdades psicológicas” Para ele, “a nossa realidade psicológica não é ‘natural’, depende parcialmente da forma como nosso ambiente, incluindo as próprias extensões tecnológicas, nos afetam” Sobre a idéia de “psicotecnologia”, explica que inventou o termo “baseado no modelo da biotecnologia, para definir qualquer tecnologia que emula, estende ou amplifica o poder das nossas mentes” (2009: 22-23).

Na ótica de De Kerckhove, a análise dos meios de comunicação é enriquecedora para entendermos como estamos sendo transformados, em nossa maneira de ver o mundo e percebê-lo pela ação da tecnologia:

(...) enquanto a televisão é geralmente vista apenas como um difusor unilateral de materiais audiovisuais poderia *ser útil para os psicólogos* (grifo nosso) verem-na como uma extensão de nossos olhos e ouvidos até os locais de produção das imagens. Quando se compreende a televisão dessa forma, pouco importa se o programa é ao vivo ou gravado. De fato, telefone, rádio, televisão, computadores e outros *media* combinam-se para criar ambientes que, juntos, estabelecem um domínio de processamento de informação. É o domínio das psicotecnologias. (...) As tecnologias do vídeo dizem respeito não só ao nosso cérebro, mas a todo o sistema nervoso e aos sentidos, criando condições para uma nova psicologia (2009: 23-24).

A abordagem de De Kerckhove das principais questões sobre a internet (interação, globalização, tempo real, comunidade) tem como característica, portanto, as mudanças no comportamento humano, com foco na análise da interação de nossos sentidos com os meios de comunicação, decorrente das tecnologias oriundas da eletricidade e da digitalização. Pode-se dizer que sua abordagem é exclusivamente psicológica, mas não é exatamente assim. Ao estudar sobre os indivíduos que se comunicam na sociedade contemporânea, o foco de De Kerckhove é a ação dos meios sobre os modos de ser, agir, pensar, portanto, sobre a cultura. Em sua concepção de

meios de comunicação, a integração do homem com a máquina determina os usos e os costumes da sociedade e modifica-os pelas necessidades humanas, sempre insatisfeitas, que levam ao inevitável desenvolvimento de novas tecnologias.

O autor reconhece o papel fundamental que as diferenças de oportunidade social têm com relação ao acesso à informação. Porém, salienta que a comunicação eletrônica entre diferentes culturas é contraditória, De Kerckhove considera que essa contradição reside na aproximação das diferenças, tencionando forças globais e características locais.

As comunidades humanas que vivem em diferentes velocidades, com níveis muito diferentes de experiência social, são lançadas de encontro umas às outras, sem aviso nem mediação. Não há protocolo que nos prepare para esses confrontos desorganizados, não há treino para o comportamento social ou coletivo. Quanto mais noção temos da globalidade, mais ficamos conscientes das identidades locais, e mais as protegemos: esse é o paradoxo da aldeia global. O hiperlocal é o complemento inevitável do hiperglobal (2009:200).

Desde o capítulo inicial, o autor retoma o psicologismo de McLuhan para explicar o fetiche que desenvolvemos pela tecnologia. De Kerckhove também traz uma perspectiva peculiar sobre a questão da interação homem-máquina, que difere substancialmente de outros analistas da internet ou da tecnologia digital. Para ele, estamos nos tornando *cyborgs*, pois,

à medida que cada tecnologia estende uma de nossas faculdades e transcende nossas limitações físicas, desejamos adquirir as melhores extensões do nosso corpo. Quando compramos um sistema de vídeo caseiro, queremos que ele cumpra todas as funções possíveis, não porque alguma vez as vamos usar, mas porque nos sentiríamos limitados e inadequados sem elas (2009: 21).

O que caracteriza a visão de De Kerckhove são problematizações originais sobre o tema. Outro exemplo dessa originalidade é o desenvolvimento do conceito e a discussão que faz sobre cibercultura. Diferentemente de pensadores como Lévy, ele considera que “a cibercultura é o resultado da multiplicação da massa pela velocidade” (2009:154). Presumivelmente, esta idéia está explicada na passagem abaixo:

Enquanto a televisão e o rádio nos trazem notícias e a informação em massa de todo mundo, as tecnologias sondadoras, como o telefone ou as redes de computadores, permitem-nos ir instantaneamente a qualquer ponto e interagir com esse ponto. Esta é a qualidade da “profundidade”, a possibilidade de “tocar” aquele ponto, a ter um efeito demonstrável sobre ele através de nossas extensões eletrônicas (2009:154-155).

Percebe-se que essa originalidade compromete, muitas vezes, a clareza de suas idéias, assim como ocorre com as idéias de McLuhan (1964). Notamos que suas idéias estão reunidas para tratar da comunicação e dos sentidos humanos em face das tecnologias, mas parece-nos algo exagerado tomar tais afirmações como verdadeiras explicações. De qualquer maneira, não podemos deixar de estar sensíveis à necessidade de explicações sobre os fenômenos observados que o move. De Kerckhove busca mostrar que as transformações da tecnologia são resultados da história e devem ser tratadas como mudanças que também são decorrentes do entroncamento entre percepção, extensão dos sentidos humanos e eletricidade.²⁰ O fio de sua análise é o pressuposto de que a linguagem digital, bem como outros meios, altera a consciência que temos sobre o mundo e nos atualiza como pessoas capazes de pensar:

No computador, a linguagem encontra-se com a luz, numa relação direta: a energia absoluta encontra a complexidade absoluta. Os raios laser, a fibra ótica e os campos eletromagnéticos são os novos componentes da inteligência. Processadores ultrarrápidos juntar-se-ão à integração de grande velocidade em padrões que se tornarão uniformes. É disso que a realidade é feita. A grande reviravolta da civilização está acontecendo agora: entre o domínio do consciente e do inconsciente. Há pouco tempo o mundo era estúpido e nós éramos inteligentes. Mas o mundo assistido por computador está se tornando mais rápido e mais esperto que nós. Muito em breve a inteligência tecnológica coletiva vai superar a inteligência orgânica individual tanto na velocidade como na capacidade de integração. Vai ser interessante saber como é que essa organização unificada tomará conta do ambiente e da pobreza humanos, e com que critérios avançará para a engenharia genética. Por enquanto relaxe. Ainda não chegamos lá. (2009:21)

Dois anos após a publicação de *A Pele da Cultura*, De Kerckhove publicou *Inteligência Conectada* (1997) em que apresenta sua pesquisa sobre novos meios de comunicação e cognição. Ambos foram traduzidos em doze línguas, incluindo chinês, japonês, coreano, polonês e esloveno.

Outro livro, *A Arquitetura da Informação*, publicado pela primeira vez em holandês, em dezembro de 2000 e em inglês, em junho de 2001, em italiano e alemão em setembro de 2001, trata especificamente das redes. De Kerckhove levanta questões como a percepção do tempo relacionada a diferentes tecnologias, passadas e presentes ou do espaço transformado pelas redes e telas. Um dos trechos esclarece bastante sobre esse conjunto de idéias quando o autor trata de explicar o que é o ciberespaço:

20 À exceção desse texto, o restante da produção de De Kerckhove está disponível pela internet, com acesso a quase todos os seus textos, ou materiais audiovisuais, conforme apresentado no Quadro 4

Mais conhecido pelo nome de cyberspaço, chama à atenção de todos, educadores e estudantes, governantes e governados, é um espaço intermediário entre o mundo físico e o mundo mental, participando dos dois, mas sem confundi-los ou perder sua própria identidade. O ciberespaço é físico e material por seu dispositivo técnico e sua substância eletrônica, mas psicológico por sua virtualidade. É uma extensão física do espaço mental, mas que acrescenta a essa última uma característica primordial do espaço físico, a possibilidade de ser compartilhado. É uma extensão mental ou psicológica do espaço físico que retira do espaço mental a possibilidade de se transformar à vontade e do espaço físico a de ser materializado. É uma espécie de “imaginário objetivo”, ao mesmo tempo ficcional e “real” dentro de sua virtualidade. Esse imaginário aparece sobre a tela (...) Os suportes técnicos do ciberespaço são, bem entendido, as redes, a Internet e a web, mas também as telas ²¹.

Consideramos que os textos de De Kerckhove devem ser mais estudados pela área de comunicação brasileira, uma vez que os problemas da internet estão começando a ser mais bem compreendidos e explicados a partir da ótica do meio de comunicação. Nesta tese, supomos que a perspectiva da abordagem da Internet como meio de comunicação deverá prevalecer na primeira década dos anos 2000. A Lista 5 destaca as obras de De Kerchove que consideramos importantes relacionar neste estudo.

Lista 5 - Produção de Derrick de Kerckhove (em italiano²²)

- La coscienza planetaria, in «Mass Media. Rivista bimestrale di comunicazione», VI, n. 1, 1987.
- L'estetica dei media e la sensibilità spaziale, in «Mass Media. Rivista bimestrale di comunicazione», IX, n. 4, 1990.
- Brainframes, trad. it a cura di B. Bassi, Brainframes: mente, tecnologia, mercato, Bologna, Baskerville, 1993,
- Skin of culture, trad. it di M. Carbone, La pelle della cultura: un'indagine sulla nuova realtà elettronica, Genova, Costa & Nolan, 1996. Em português. **A Pele da Cultura, Lisboa: Relógio D'Água, 1997.**
- Civilisation video-chretienne, trad. it di C. Peltier, La civilizzazione video-cristiana, Milano, Feltrinelli, 1995, The architecture of intelligence, trad. it. di M. Palombo, L'architettura dell'intelligenza, Torino, Testo & immagine, 2001.
- **Connected Intelligence: the arrival of the web society, 1997.**
- Transpolitica: nuovi rapporti di potere e di sapere con Vincenzo Susca, Milano, Apogeo, 2008.

21 (Do original: “Mieux connu sous le nom de cyberspace, il attire l'attention de tous, enseignants et enseignés, gouvernants et gouvernés, c'est un espace intermédiaire entre le monde physique et le monde mental, participant des deux, mais sans les confondre ni perdre sa propre identité. Le cyberspace est physique et matériel par son dispositif technique et sa substance électronique, mais psychologique par sa virtualité. C'est une extension physique de l'espace mental, mais qui ajoute à ce dernier une caractéristique primordiale de l'espace physique, la possibilité d'être partagé. C'est une extension mentale ou psychologique de l'espace physique qui tire de l'espace mental la possibilité de se transformer à volonté et de l'espace physique c'elle d'être matérialisé. C'est une sorte d' « imaginaire objectif », à la fois fictionnel et “réel” dans sa virtualité. Cet imaginaire apparaît sur écran. (...) Les supports techniques du cyberspace sont, bien entendu, les réseaux, l'Internet et le Web, mais aussi les écrans”. Artigo editado pelo autor e Dominique Scheffel-Dunand - Les réseaux du savoir: un nouvel espace sémiotique à explorer. Université de Toronto. Disponível em <http://www.etudes-francaises.net/colloque/ddk-dsd.htm>.

22 A lista completa das obras de De Kerchove não está disponível em língua portuguesa. A wikipedia apresenta a bibliografia deste autor em http://it.wikipedia.org/wiki/Derrick_de_Kerckhove, em italiano. Estudamos principalmente o livro A Pele da Cultura, traduzido para a língua portuguesa, conforme explicamos.

1.6 Dominique Wolton: Preocupação com o Futuro após a Internet

Dominique Wolton é sociólogo, francês, Diretor do Laboratório de Informação, Comunicação e Implicações Científicas do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França. Sua perspectiva é a de alerta contra a idéia de que o progresso tecnológico está diretamente relacionado à comunicação humana e social. No Brasil, Wolton tem sido considerado como um expoente, entre os pensadores da atualidade e, por isso, bastantes vezes convidado, tanto para publicar quanto para proferir palestras em programas de pós-graduação da área de comunicação, em que contribui com reflexões sobre tecnologia, sociedade e comunicação, apesar de não ser muito citado nos estudos brasileiros.

É conhecido por obras como *Elogio do Grande Público* (1990) e *Pensar a Comunicação* (1997), além de outras 16 publicações, todas fundamentadas em mais de duas décadas de pesquisa sobre comunicação política, espaço público, cultura, jornalismo, televisão, informação e novas tecnologias.

Para Wolton, o receptor é o elemento mais complicado da comunicação. Mais do que a mensagem e a tecnologia. A sua preocupação, entretanto, com o futuro após a internet, destoa dessa afirmação, pela qual costuma ser lembrado. Parece-nos que ao dedicar-se a escrever sobre o tema da internet e ao perguntar *o que ocorrerá após a internet* (2001), está verdadeiramente preocupado com a internet, como meio de comunicação, mas não admite isso ao longo do texto. De fato, há dois outros interesses: o autor aproveita-se do momento da eclosão da internet para buscar retomar seu objeto de predileção, a televisão e para anunciar que a Europa está correndo o risco de perder seu lugar no mundo da cultura. A nosso ver, a escolha irônica do título e do subtítulo: *A internet e depois: uma teoria crítica dos novos meios de comunicação*, (do original *L'internet: et après: une theorie critique des nouveaux media?*) não explora a crítica aos novos meios, de fato. No livro, há afirmações exemplares disto: "(a televisão) é indispensável para a manutenção do elo social e do funcionamento democrático". Para ele, em resumo, a internet é uma tecnologia ameaçadora da democracia, que pode desestabilizar esse lugar especial ocupado pela televisão na sociedade.

Montardo (2002) ensaia uma análise crítica bastante extensa sobre o texto de Wolton, especialmente questionando sua proposta de teoria crítica da comunicação, com foco nos meios de comunicação. Remetemos a essa autora que pergunta a que público se destina o texto de Wolton, pois sua conceituação e explicitação está aquém da necessidade para vários desses possíveis receptores. Diz a ensaísta:

Mais uma vez, parece necessário perguntar-se para quem é endereçado este livro. Para os estudiosos na área, para os políticos, para os jornalistas, para os industriários, para quem utiliza os meios de comunicação, sejam eles de massa ou não? Trata-se de um documento pela defesa de um sistema de regulamentação dos meios de comunicação e das novas tecnologias de comunicação? Ou de um manual a ser destinado para o grande público, mostrando-lhe a postura correta frente às novas tecnologias da comunicação? (...) O mesmo acontece com a palavra comunicação. Ainda que este capítulo de introdução sugira que comunicação tem a ver com um conceito sociológico que combina a dimensão técnica, um projeto social e um modelo cultural, algumas vezes esse termo é reduzido apenas como uma dessas dimensões. (2002:119)

De fato, a abordagem de Wolton (1997) problematiza a comunicação como sendo parte da relação entre técnica, cultura e sociedade, assim como também consideram outros autores com os quais concordamos, Entretanto, seus argumentos são relacionados a outros fatores e não ao desenvolvimento dos meios. Segundo ele, os que aderem à ideologia da tecnologia não discutem a comunicação em suas dimensões cultural, política e social, que são as verdadeiramente importantes, e aqueles que a consideram como “revolução” estão alinhados com o determinismo tecnológico porque supõem que tecnologia “vai mudar diretamente a sociedade e os indivíduos”. Chama a essa atitude de a “ideologia tecnológica” da comunicação. Para ele, os autores que se interessam sobre a mídia, especialmente sobre a internet, estão agindo politicamente, tanto na Europa, como nos Estados Unidos da América, para buscar a legitimação da sociedade da informação. Afirma que essa ideologia é alimentada pela imprensa, pelos pareceres oficiais e pelas industriais, além de ser nutrida “pelo grande número de obras construídas sobre o mesmo modelo intelectual que insistem sobre o caráter vital desta revolução tecnológica, o surgimento e o atraso da Europa. (1997:28).

O mais contraditório do texto de Wolton é a afirmação de que a internet não é uma mídia. Seu conceito de mídia, porém, carece de uma crítica mais aprofundada. Considera que, para ser mídia, é necessária a existência de um emissor, de um meio e de um receptor. Esse conceito parece-nos baseado aliás extremamente simplista e fundado em teorias e modelos da Teoria da Informação e do Estruturalismo (Shannon & Wiener, 1964; Roman Jakobson, 1980) que podem ser compreendidos e aprofundados por outros aportes. Em uma construção sofismática, diz que, se na internet, os elementos *emissor, meio e receptor* não estão presentes, a internet nada mais é que “um formidável sistema de transmissão e de acesso a um número incalculável de informações”. Para concluir, diz que a internet não deve ser vista como *revolução*, e sim

como *outro modo de se negar o acesso democrático das informações, ao contrário do que ocorria com a televisão*. (1997: 17)

Em nossa análise, parece-nos que a abordagem de Wolton é, de certo modo, movida por algum tipo de *paranóia europeia e tecnológica*, como se a televisão e a Europa estivessem sendo perseguidas e desmontadas pela internet, ou pela cibercultura, de modo mais geral. Ora, sabemos que qualquer novidade tecnológica modifica as práticas sociais e culturais, mas atribuir tal poder, sem devidamente relativizar, parece-nos a fala de alguém que se encontra temeroso e que não busca a lógica científica. Em sua argumentação, a idéia de que a técnica permite a comunicação ou a aquisição rápida de conhecimentos é combatida. Por isso, para ele, é importante realizar a análise da internet não para saber se “todo mundo irá utilizá-la, nem para se surpreender com o que ela permite fazer”, mas, principalmente, “para compreender se existe uma ligação entre esse sistema técnico e uma ruptura de modelo cultural e social da comunicação”. (1997:17). Concordamos plenamente com o autor neste ponto, mas notamos sua contradição mais uma vez. Atribui à internet o papel de meio de informação, transmissor comercial e distinto da mídia. Ao mesmo tempo, e isso nos parece contraditório, nega o papel de meio de comunicação à internet. Afirma que o interesse pela comunicação reflete ideais e valores do Ocidente. A análise de Wolton é centrada em sua nacionalidade europeia. Segundo ele, a internet não está impactando a sociedade como o fizeram outros meios, tais como a TV, mas está sendo orquestrada uma revolução pelos Estados Unidos para que essa revolução imaginada se instale.

Wolton denomina mídias generalistas às que atingem ao grande público. Quanto a isso faz uma comparação entre o momento em que surge a internet e os momentos em apareceram o telefone, o rádio e a televisão. Em sua visão, essas tecnologias impactaram a sociedade, em face da existência de revoluções radicais na ordem social e cultural vigentes, do século XIX ao XX, o que não acontece com a internet. Estranhamos essa lógica, porque não concordamos que se possa separar alguns meios de comunicação de outros pelos seus impactos na sociedade, tais como as revoluções... Para nós, para serem meios de comunicação basta-lhes o atributo de serem usados e de seu uso estabelecer novos padrões culturais e sociais. Não nos parece coerente relacionar meios de comunicação a revoluções como se fossem interdependentes.

O autor trata de reduzir a internet a aspectos estritamente técnicos, como se quisesse demonstrar o domínio intelectual que tem desses objetos. Ele a define como *um reagrupamento de um conjunto de serviços (web, Usenet, IRC, FTP, etc)*, aos quais

são ligados protocolos de comunicação. Divide-a em quatro categorias de informações: as do tipo serviço, as de lazer, as de informação-notícia e as de informação-conhecimento.

Para entender Wolton, precisamos verificar se esse é um critério que se impõe à área de comunicação. Para ele, internet é uma “rede constituída por diferentes redes interconectadas no mundo. É a precursora das superestradas de informação”. (1997:27). Assume defesa do que chama de “teoria da comunicação e teoria da sociedade”, partindo da distinção entre “comunicação normativa” e “comunicação funcional” e sugere que “a comunicação é um conceito do mesmo nível e da mesma importância do nosso sistema de valores ocidentais que os de liberdade e igualdade” que comporta sempre três características: um sistema técnico, um modelo cultural de relações individuais e sociais e um projeto de sociedade. No argumento, o autor considera que “levar a comunicação a sério é reconhecer o interesse das teorias da comunicação para a compreensão das sociedades contemporâneas e a necessidade de defender a diferença fundamental entre comunicação normativa e funcional”. (notas de fim e glossário, 1997:18).

Em sua opinião, se a internet não consistir em uma

ligação substancial entre a inovação técnica e uma mudança de modelo cultural e social, isso significa que as novas tecnologias, por mais sedutoras e performáticas que sejam, não bastam para a Internet simbolizar uma revolução na economia geral da comunicação. E ainda menos para tornar-se símbolo de uma nova sociedade”. (1997:17)

A conseqüência da Comunicação, segundo Wolton, está na vitória da democracia de massa alcançada no Ocidente que é refletida nas mídias de massa. Para ele, as críticas à televisão são feitas pela elite que desconfia da comunicação para grandes audiências. Seu raciocínio passa, então, apenas pelo critério político, em função dos regimes que ocorreram no século XX: o comunismo, o fascismo e a democracia e se afasta de qualquer lógica sobre a comunicação, como fenômeno de interesse.

Outra abordagem que é surpreendente no texto de Wolton é a de considerar que um de seus objetivos, ao propor reflexões teóricas sobre a comunicação e defender a reflexão sobre a televisão como mídia essencial para a democracia é o de “acionar o alarme para a Europa”, onde estariam todas as condições para “favorecer os debates teóricos sobre o estatuto da comunicação na sociedade moderna, mas também para refletir sobre o papel das novas tecnologias nas sociedades e culturas seculares”. Nesse

ponto particular, parece que o autor passa a sofrer de algum tipo de delírio europeu, com afirmações como “a Europa é uma terra pioneira em matéria de comunicação” e “poderia, assim, definir uma posição original em relação à desregulamentação, a fim de evitar ser assimilada pelos Estados Unidos”. Para ele, a Europa deveria ambicionar uma outra concepção de comunicação como cooperação intercultural e não se permitir um “adesismo covarde” para ser capaz de levar adiante um discurso contrário ao da América do Norte que defendem a comunicação e a informação como indústrias.(1997:20).

Nessa lógica argumentativa, que nos parece desprovida de fundamentação do ponto de vista da comunicação, uma vez que é atributo do homem, europeu ou não, comunicar-se e não há distinção entre a necessidade de autonomia e poder político entre os povos e nações, o autor propõe, por fim, a seguinte deslocada tese para um estudo que se diz voltado para a análise da realidade pós-Internet: ele diz que “quando as questões de comunicação se tornarem, realmente, objeto de debates teóricos e culturais contraditórios, isto constituirá o indicativo da apropriação, pelos europeus, do seu destino político” (1997:200) Nessa construção, uma das bases do texto é a junção de teoria da comunicação com teoria da sociedade, um desafio que se coloca o autor.

Segundo discute, a ligação entre política e comunicação é uma reflexão teórica necessária e, nesse fundamento, requer que a comunicação seja reconhecida como uma grande questão teórica da democracia. A lógica da problematização de Wolton quanto à teoria da comunicação vai nessa direção, ou seja, apontando para questões políticas, culturais e sociais. (1997:21)

No artigo *Pensar a Internet* (2001) Wolton convoca à revisão da atitude de se economizar signos e considerar que a economia da informação promove uma nova sociedade. Também convoca o internauta - e supomos que esse pensamento possa ser utilizado para todos os usuários de outras tecnologias de comunicação - a abandonar a mediatização, pois uma de suas argumentações é a de que informação é diferente de comunicação e não há comunicação na internet, per se, mas apenas informação:

Em primeiro lugar, que o mais difícil não é a informação, mas a comunicação. Ora, a Internet não passa de um sistema automatizado de informação; de uma forma ou de outra, são os homens e as coletividades que integram esses fluxos de informações em suas comunicações. A informação é sempre um segmento, e somente a comunicação, com suas prodigiosas ambigüidades, lhe faz emergir um sentido. Esta é então toda a ambigüidade do tema da economia da informação, aquela que é apresentada ao mesmo tempo como um avanço à economia da produção, um novo estágio dentro da história dos sistemas de produção

e da origem de uma nova sociedade mais democrática! Não há vínculo direto entre nova economia e nova sociedade. (...) é preciso também aconselhar o internauta a sair da comunicação mediatizada e se confrontar com a comunicação natural humana e social. Daí a importância dos contatos, da voz, dos olhares, além da troca de signos. Atenção às solidões interativas! (2001:25)

A Lista 6 mostra as obras de Wolton, entre as quais destacamos em negrito as que nos valem para analisar o período.

Lista 6 - Produção de Dominique Wolton (em francês)²³

- Informer n'est pas communiquer. Paris: CNRS Editions 2009. Em Portugues. Informar não é comunicar, Editora Sulina, 2010.
 - Sauver la communication. Paris: Flammarion 2007
 - Demain la francophonie. Paris: Flammarion 2006.
 - Il faut sauver la communication. Paris: Flammarion 2005 (avec Hugues Le Paige) Télévision et civilisations. Bruxelles: Editions Labor 2004
 - L'autre mondialisation. Paris: Flammarion 2003 (avec Olivier Jay) Internet: petit manuel de survie. Paris: Flammarion. Traduzido em espanhol (2000. Sobrevivir a Internet. Conversaciones con Olivier Jay. Gedisa Editorial) 2000.
 - **Internet et après? Une théorie critique des nouveaux médias. Paris: Flammarion. 1999. Traduzido em italiano (2001. Internet... e poi ? Teoria critica die nuovi mesia. Edizioni Dedalo); en espanhol (2000. Internet y después ? Gedisa Editorial) e em português Internet: e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. Editora Sulina, 2000.**
 - **Penser la communication. Paris: Flammarion. 1997, traduzido em espanhol (1999. Sobre la comunicacion. Acento Editorial) et em português (1999. Pensar a comunicação. Difel Editorial)**
 - **Pensar a internet. Revista FAMECOS - Porto Alegre - nº 15 - agosto 2001 - quadrimestral**
 - La dernière utopie. Naissance de l'Europe démocratique. Paris : Flammarion 1993.
 - War game. L'information à la guerre. Paris : Flammarion 1991
 - Éloge du grand public. Une théorie critique de la télévision. Paris : Flammarion. 1990. Traduit en portugais, 1996.
 - Elogio do grande público. Una teoria critica da televisão. Editora Atica, Brésil)
 - (avec Jean-Louis Missika) « Jean-Marie Lustiger Le Choix de Dieu 1987. »
 - (avec Michel Wieviorka) Terrorisme à la une. Média, terrorisme et démocratie. Paris : Gallimard 1987
 - (avec Jean-Louis Missika) La folle du logis. La télévision dans les sociétés démocratiques. Paris : Gallimard 1983.
 - (avec Jean-Louis Lepigeon) L'information demain. De la presse écrite aux nouveaux médias (Informatisation de la société 6). Paris : La documentation française 1983
 - (avec Raymond Aron et Jean-Louis Missika) Le spectateur engagé. Julliard, 1981
 - (avec Alain Giraud et Jean-Louis Missika) Les réseaux pensants. Télécommunications et société. Paris : Masson 1978.
- Artigos online
- « **Les fausses promesses de la « société Internet ». Sortir de la communication médiatisée ». Le Monde diplomatique. Juin 1999 | Page 29 1999**
 - **Las soledades interactivas Extrait de Sobre la comunicacion. Una reflexion sobre sus luces y sombras. Madrid: Acento Editorial. 1999.**
 - Conférence vidéo : Discours d'inauguration à la Conférence "Open Access to Scientific and Technical Information: State of the Art and Future Trends", 23 janvier 2003.
 - Transcription dans Information Services and Use, vol. 23 (2003), numéros 2-3, p. 55-61.
 - **"Pas de mondialisation sans respect des diversités culturelles". Colloque de Ouagadougou, 1-4 juin 2004.**

1.7 Jean Baudrillard e Lucien Sfez: o simulacro e o tautismo como fim da comunicação na era da virtualidade

Baudrillard nasceu em Reims, França, em 1929, e faleceu em 2007. Crítico e tradutor para o francês de obras de Karl Marx e Bertolt Brecht defendeu tese de doutorado intitulada "O sistema dos objetos", que foi publicada em 1968. Seu livro *A Sociedade de Consumo* foi publicado em 1970 e *Por Uma Crítica da Política Econômica do Signo*, em 1972, ambos sobre o valor dos signos, que segundo ele determina o consumo contemporâneo e é prejudicial às relações da sociedade.

²³ Alguns textos de Wolton estão disponíveis em francês nos endereços <http://www.monde-diplomatique.fr/1999/06/WOLTON/12095.html>; <http://www.francophonie.unilim.fr/public/publications/download/Wolton.pdf> e, em língua portuguesa, alguns tem sido publicados pela Editora Sulina.

Considerado como o filósofo do conceito de virtualidade, bastante diferente de outros pensadores, como relação do mundo aparente presente nas telas da televisão e crítico radical dos meios de comunicação, não poderia ficar de fora da nossa análise. Seu livro *Tela total* (1997), apesar de menos mencionado, também trata da crítica à comunicação em redes e em ambientes virtuais e tem sido objeto de resenha no Brasil.

Lucien Sfez também nasceu na França. É professor de Ciências Políticas na Universidade de Paris I, Panthéon-Sorbonne. Autor de várias obras de ciências políticas, para o nosso período de estudo interessa-nos especialmente *Crítica da Comunicação* (2000) (do original *Critique de la Communication*, 1992).

Esses dois autores marcam a discussão filosófica sobre as conseqüências da internet como perniciosas para a sociedade, para o humano e para a comunicação, em última análise, em face da perda da realidade, como a conhecíamos e pelos efeitos da comunicação em excesso que pode levar à falta de comunicação, ou ao “tautismo” como chama Sfez.

Baudrillard tem sido o filósofo preferido dos adeptos do mundo virtual que se identificam com as figuras do *cyberpunk* e do *hacker*, demonizadas por ele, bem como por todos os que consideram que os meios de comunicação são maléficos. Sua obra *Simulacros e Simulação* consta da crítica especializada e é mencionada nas citações dos estudos sobre o tema, como inspiradora da trilogia cinematográfica *Matrix*. O próprio filósofo, porém, não apreciava essa indicação de proximidade entre sua obra e o filme, mas é clara sua influência nas cenas de aparecer/desaparecer/trocar a realidade pela virtualidade e ser confrontado entre o bem e o mal, o simples e o complexo, o real e o virtual. Baudrillard, quando perguntado sobre os filmes que retratavam bem sua preferência, referia-se ao *Show de Truman*, como uma abordagem mais próxima a sua.

Podemos considerar o pensamento de Baudrillard marcado pelo traço da crítica ao consumo e à virtualidade. Para ele, a sociedade atual vive em busca de satisfação, seduzida pela mídia e enganada por simulacros da realidade em que a felicidade e a satisfação pela posse de objetos e signos que demonstrem conforto e bem-estar passam a ser medidas.

Baudrillard está nesta relação de autores do primeiro período sobre a internet, apesar de haver tratado do conceito de massificação de bens (1991:52) e criticado do modelo do americano médio que possuía, obrigatoriamente, alguns bens e serviço como consumo como resultado da comunicação, muito antes dos anos 90. Consideramos que

deveria ser tratado porque, para Baudrillard, a comunicação é o sistema que, continuamente, pela emissão, recepção, invenção, troca de códigos, de signos, ou seja, linguagem da invenção e da sedução, a metafísica e a abolição do real, atua no discurso artificial da sociedade e na simulação da felicidade. Trabalhamos especialmente com os conceitos de simulacro e simulação do autor.

Para ele, a simulação nega radicalmente o valor real e transporta para o hiperreal, para o imaginário. Por isso, trata dos meios (não especificamente da internet, mas da televisão, em especial), colocando-os, portanto, na classificação da maldição, de mal da atualidade, da catástrofe que destrói afetos, mata relações sociais e humanas e acaba com a possibilidade da comunicação humana face a face (1991:146). Para ele, toda a produção da imagem é simulação da realidade e trata de não-realidade, pois não retrata nem a história nem o imaginário. Para Baudrillard, a imagem editada da televisão é o “o virtual” que apaga, esconde a negatividade, logo, esconde a referência à história ou ao acontecimento real (...) para “escamotear o acontecimento real e substituí-lo por um duplo, uma prótese artificial” (1991:148-150). Portanto, o conceito de *desrealização* de Baudrillard não é o mesmo de Lévy²⁴. Para Baudrillard, a virtualidade está nos meios eletrônicos de comunicação que são responsáveis por fazer desaparecer as coisas reais, as cidades, as histórias e, por outro lado, paradoxalmente, são responsáveis pela

co-produção da realidade sensível na qual as percepções diretas e mediatizadas se confundem para construir uma representação instantânea do espaço, do meio ambiente. A observação direta dos fenômenos visíveis é substituída por uma teleobservação na qual o observador não tem mais contato imediato com a realidade observada. Se este súbito distanciamento oferece a possibilidade de abranger as mais vastas extensões jamais percebidas (geográficas ou planetárias), ao mesmo tempo revela-se arriscado, já que a ausência da percepção imediata da realidade concreta engendra um desequilíbrio perigoso entre o sensível e o inteligível, que só pode provocar erros de interpretação tanto mais fatais quanto mais os meios de teledetecção e telecomunicação forem performativos, ou melhor: videoperformativos” (1991: 23).

Sobre a comunicação da atualidade, pós-estruturalista, Baudrillard mostra-se inconformado com a sociedade em que vivemos e seus artefatos tecnológicos; e a

24 Para Lévy, a palavra virtual “vem do latim medieval *virtualis* derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (p.1) O que é o Virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. Análise comparativa entre Baudrillard e Lévy é aprofundada em artigo apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS, de autoria de Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho, intitulado A Comunicação Virtual Segundo Lévy e Baudrillard, disponível em http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/baudrillard01.pdf

unanimidade do consenso que pode ser decorrente dos efeitos da comunicação mediatizada, segundo ele, aliás, afirmação que se repete em sua fala, como sendo a causa e a consequência da “anulação” do social. Sobre a internet, especificamente, afirma que:

Mais do que qualquer outro meio de comunicação, a Internet nos torna escravos da comunicação forçada... Vivemos na era da chantagem da comunicação, da qual o telefone celular, ao lado da Internet, é uma das metamorfoses mais recentes. (...) A Internet é um meio de comunicação fatal que traz consigo as sementes de sua própria destruição (...) determina a desertificação sem precedentes do espaço real e de tudo o que nos cerca. Isso valerá para as auto-estradas da informação e também para as de circulação. Anulação da paisagem, desertificação do território, abolição das distinções reais. O que até agora se limita ao físico e ao geográfico, no caso de nossas auto-estradas, tomará toda a sua dimensão no campo eletrônico com a abolição das distâncias mentais e a compressão absoluta do tempo.(...) com a expansão populacional, das redes de controle, de socialização, de comunicação, de interatividade, com a extrapolação do social-total – provocando desde agora a implosão da esfera real do social e de seu conceito. Quando tudo é social, súbito nada mais o é (1997: 240-242)

Sfez (1992), de outro modo, afirma que a comunicação de hoje é tautológica e autista. Diz que a simulação da realidade pelos meios de comunicação cria uma sociedade “*Frankenstein*”. Para ele, que inventa essa expressão, bem como o termo “*Tautismo*”, criticar a comunicação da sociedade tecnológica da atualidade é criticar a tecnologia da comunicação, ela própria, por considerar que a prática dos meios de massa é que nos afasta a todos (1992:79). São importantes as notações que Sfez faz dos conceitos de rede, simulação e interação no contexto da comunicação, mas o destaque que o autor dá à confusão entre *exprimir* e *representar*, nos papéis de emissor e receptor, demonstra como enxerga as práticas mediáticas contemporâneas:

As práticas mediáticas, pelas quais todos nós nos informamos dos acontecimentos do mundo em que estamos mergulhados, não escapam a essa união do representar e do exprimir, que, sobrepondo-os nos expõe à confusão do emissor e do receptor, sem que possamos mais encontrar nenhuma fonte do real fora do circuito fechado das mensagens que se remetem umas às outras. Frankenstein intervém também nos *mass media*: o tautismo está presente no lugar onde pareceria haver menos mutismo. Isso porque, de tanto falar, nada mais se diz, e a prolixidade, como acontece com o psitacismo, leva à repetição vazia, ao tautologismo. Nesse contexto, toda palavra tem o mesmo peso de irrealidade. (1992:80)

Pode-se dizer que esses dois pensadores das tecnologias de comunicação eletrônica estão entre os representantes do olhar ácido e mortífero aos meios de comunicação da atualidade, sem, no entanto, proporem qualquer solução para as

dificuldades que apontam uma vez que são pensadores e não estudiosos de fenômenos. Enquanto Baudrillard aponta sua lente de aumento para os meios de comunicação como produtores de virtualidades vazias e morte da comunicação social, Sfez trata de vários aspectos da comunicação, em sua obra mencionada (2000), e não poupa nada de ser afetado malignamente pela tecnologia, propondo, sim, em seu caso, a morte da própria comunicação. Ambos são pensadores de uma corrente de pensamento que se inclina à negação das possibilidades de interação e da comunicação mediatizada.

Lista 7 – Produção de Jean Baudrillard (em inglês, francês e português)²⁵

- **Simulacros e Simulação. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1991 (Do original *Simulacres et simulation*, Paris: Gallimard, 1981)**
- **Tela Total – Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem. Porto Alegre, 1997 (Do original *Écran Totale*, 1997)**
- *Le Système des objets* (Paris: Gallimard, 1968); pp. 255-83 trans. as "The System of Objects" by Jacques Mourrain, in Mark Poster, ed., *Jean Baudrillard: Selected Writings* (Stanford: 1988) 10-29.
- *La Société de consommation: ses mythes, ses structures* (Paris: Gallimard, 1970); pp. 17-26 trans. as "Consumer Society," in Poster, 29-57 [CS]; pp. 174-85 trans. Paul Foss as "Pop--An Art of Consumption," Paul Taylor, ed., *Post-Pop Art* (Cambridge: MIT, 1989) 33-44 [PAC] Em Português: A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70 (1981)
- *For a Critique of the Political Economy of the Sign* (St. Louis: Telos, 1972, 1981) trans. Charles Levin. [CPES]
- *The Mirror of Production* (St Louis: Telos, 1973,1975) trans. Mark Poster.
- *L'Echange symbolique et la mort* (Paris: Gallimard, 1976); pp. 19-29 trans. as "Symbolic Exchange and Death," in Poster, 119-149.
- "When Bataille Attacked the Metaphysical Principle of Economy," trans. David James Miller, *Canadian Journal of Political and Social Theory* 11:3 (1976, 1987) 57-62.
- "The Beaubourg-Effect: Implosion and Deterrence," October 20 (Spring 1982) 3-13; trans. Rosalind Krauss and Annette Michelson; orig pub. 1977.
- *De la séduction* (Paris: Éditions Galilée, 1979); pp. 75-92, 107-15, 241-3 trans. as "On Seduction," Poster, 149-65.
- *Forget Foucault* (NY: Semiotext(e), 1977,1987). [FF]
- *In the Shadow of Silent Majorities or, The End of the Social and Other Essays* (NY: Semiotext(e), 1978, 1983) trans. Paul Foss, John Johnston, and Paul Patton.
- *Simulations* (NY: Semiotext(e), 1981, 1983) trans. Paul Foss, Paul Patton, and Philip Beitchman. [SIM]
- "Beyond the Unconscious: The Symbolic," *Discourse* 3 (1981) 60-87; trans. Lee Hildreth.
- *Fatal Strategies* (London: Pluto, 1983, 1990) trans. Philip Beitchman and W. G. J. Niesluchowski; ed. Jim Fleming. [FS]
- *Please Follow Me with Sophie Calle* (Seattle: Bay Press, 1983, 1988).
- "What Are You Doing After the Orgy?" *Artforum* (October 1983) 42-6.
- "The Ecstasy of Communication," trans. John Johnston in Hal Foster, ed., *The Anti-Aesthetic: Essays on Postmodern Culture* (Port Townsend, WA: Bay Press, 1983) 126-134.
- "Intellectuals Commitment and Political Power," *Interview with Maria Shevtsova*, *Thesis Eleven* 10/11 (1984/85) 166-73.
- "L'an 2000 ne passera pas" *Traverses* 33/34 (1985) 8-16; trans. Nai-Fei Ding and Kuan-Hsing Chen as "The Year 2000 Has Already Happened in Arthur and Marilouise Kroker, eds., *Body Invaders: Panic Sex In America* (NY: St. Martin's, 1987) 35-44.
- *America* (NY: Verso, 1986, 1988) trans. Chris Turner.
- *L'autre par lui-même* (Paris: Éditions Galilée, 1987); trans. Bernard and Caroline Schutze as *The Ecstasy of Communication* (NY: Semiotext(e), 1988).
- "Beyond the Vanishing Point of Art," trans. Paul Foss, in Paul Taylor, ed., *Post-Pop Art* (Cambridge: MIT, 1987, 1989)
- "Forget Baudrillard," *Interview with Sylvere Lotringer*, in FF (1987).
- *Cool Memories* (NY:Verso, 1987, 1990) trans. Chris Turner.

²⁵ Estudo das obras de Baudrillard está disponível em língua inglesa no endereço <http://www.csun.edu/~hfspc002/baud/> e artigos podem ser lidos em <http://www.egs.edu/faculty/jean-baudrillard/articles/>

- The Evil Demon of Images (Annandale, Australia: Power Institute Publications, 1987).
- "Modernity," trans. Miller, CJPST 11:3 (1987) 63-72.
- The Evil Demon of Images (Annandale, Australia: Power Institute Publications, 1987).
- "Modernity," trans. Miller, CJPST 11:3 (1987) 63-72.
- "Softly, Softly," trans. Malcolm Imrie, New Statesman 113:2919 (6 March 1987) 44.
- "A Perverse Logic and Drugs as Exorcism," Unesco Courier (July 1987) 7-9.
- "Hunting Nazis and Losing Reality," New Statesman 115:2969 (19 February 1988) 16-17.
- "The Anorexic Ruins," trans. David Antal, in Dietmar Kampar and Christof Wulf, eds., Looking Back on the End of the World (NY: Semiotext(e), 1989) 29-48.

Lista 8 – Produção de Lucien Sfez

- A Comunicação. Instituto Piaget, 1995
- Technique et Idéologie; Un Enjeu De Pouvoir, SEUIL, 2002
- Critique de la Communication. SEUIL, 1990
- Dictionnaire Critique de la Communication PUF, 1993
- Critique de la Decision. PRESSES FONDATION SCIENCES POLITIQUES 1992
- Crítica da Decisão. Dom Quixote, 1990

1.8 Joel de Rosnay, a abordagem sistêmica, o conceito do pronetariado e do homem simbiótico

Francês, Doutor em Ciências, Diretor e Presidente da *Cité des Sciences et de l'Industrie de la Villette*, em Paris, até julho de 2002. Antigo pesquisador do Massachusetts Institute of Technology (MIT) no domínio da biologia e da informática, Rosnay interessa-se, particularmente, pelas tecnologias avançadas e do cruzamento da tecnologia com a biologia, pelas aplicações da teoria dos sistemas. No período de 1990-2000 publicou *Les Rendez-vous du Futur* (1991). *L'homme symbiotique, regards sur le troisième millénaire*, (1995), traduzido para o português e publicado aqui em 1997 em que define a internet como “mega-rede internacional de comunicação interpessoal por meio do computador. A internet é a primeira superauto-estrada eletrônica internacional”. (1997:414)

Em 2006, portanto, após o período que estamos focando, lançou novo conceito, o de “pronetariado”. Destacamos esse fato, porque, Rosnay tem sido citado pela literatura da área de comunicação, mas seu interesse é clara e diretamente voltado a questões de outra natureza. Considera que a rede cria uma nova classe social, a dos que adquirem poder e espaço para exercer poder em função da internet. Nesse novo livro, denominado *La Revolte du Pronetariat: Des mass média aux média des masses* (2006), afirma que o alcance de liberdade e a ocupação dos espaços públicos e políticos pelas pessoas devem-se à existência material das tecnologias da rede mundial de computadores. Sob o título *Dez Anos de Internet*, em um documento no formato de entrevista, Rosnay assim explica a criação do termo:

Eu criei este termo por referência ao célebre proletariado. Eu construí esta palavra a partir da Net. Os pronetários são o que são para e sobre a Net. Eu queria também mostrar o que chamo de mídias das massas, que se opõem hoje ao conceito de mass media. Haverá certamente uma complementaridade entre as duas no futuro, mas hoje, dois modelos econômicos se afrontam²⁶.

O livro, disponível gratuitamente desde 2006. (www.pronetariat.com), discute a principal diferença entre a sociedade atual, chamada por ele de ecossociedade, e a industrial. Considera que essa diferença está no fato de que as estruturas clássicas, hierárquicas, de cima para baixo, da sociedade industrial, estão sendo substituídas por estruturas de baixo para cima, a partir da pessoa e de sua esfera de responsabilidades, pela participação de comunidades e pela possibilidade da gestão descentralizada dos principais setores da vida em sociedade. Quanto aos meios, diz que essa mudança de perspectiva deve-se e ao mesmo tempo altera os meios de transformação de energia; os sistemas de educação, os meios eletrônicos de comunicação, de participação e de tratamento de informação, e, em alguns setores industriais, os meios de produção. (<http://www.pronetariat.com>).

Para Rosnay, os riscos dessa sociedade não são os de perda, mas os de uma poluição da informação. (info-pollution)

Muitas mensagens para ler, muitos blogs, muitos sites interessantes a que se juntam SPAM, as mensagens telefônicas, os SMS... E a cultura disso tudo? Daí a importância do que chamei anteriormente de uma “dietética da informação”. Assim como a dieta alimentar, em todo caso em países ricos, onde devemos moderar e praticar a dietética para manter boa saúde. Parece-me ser o mesmo para a nossa saúde mental. Devemos praticar a dietética da informação. E para isso conhecer os métodos os filtros os meios de adquirir conhecimento que dão sentido à vida pessoal e profissional. É uma prática essencial para sobreviver na sociedade da informação e na civilização digital. (2006:8)

No subtítulo *A midiamorfose: da multimídia à unimídia*, do livro *O homem simbiótico: perspectivas para o terceiro milênio* (1997) afirma que

O rápido desenvolvimento da multimídia, das superauto-estradas eletrônicas, da televisão interativa, das redes interpessoais de comunicação informatizada à escala do planeta é o sinal de uma profunda revolução da imagem. Dou-lhe o nome de midiamorfose. (1997:95).

26 (Tradução livre da autora do original “J’ai créé ce terme par référence au célèbre prolétariat. J’ai construit ce mot à partir du Net, les pronétaires étant ceux qui sont pour et sur le Net. J’ai voulu ainsi montrer la montée de ce que j’appelle les médias des masses, qui s’opposent aujourd’hui aux mass media. Il y a aura certainement une complémentarité entre les deux dans l’avenir, mais aujourd’hui, deux modèles économiques s’affrontent”). Disponível em <http://www.cite-sciences.fr/derosnay/articles/Chat%20LeMonde%20270106.html>

Como se pode ver por essa leitura horizontal da obra de Rosnay, fica aparente sua necessidade de nominar, por neologismos, os fenômenos contemporâneos da comunicação por meio da tecnologia eletrônica, mas se pode dizer que se trata de autor que problematiza a internet como algo com poderes de influenciar o indivíduo e a sociedade, de maneira irreversível, porém não contribui para uma análise teórico-epistemológica de relevância. Afirma que “graças a sua capacidade de simulação, o computador tornou-se um “macroscópio” que permite ao homem “compreender melhor a complexidade e agir sobre ela com maior eficácia para construir e gerenciar as grandes empresas das quais somos as células” (1997:12). Sua abordagem sobre a internet é, no mínimo, insuficientemente problematizada para que seja usada como contribuição para a área de comunicação, porque parece assentada em afirmações vazias e parece considerar todas as afirmações do senso comum.

O trecho a seguir demonstra essas elocubrações vagas e imprecisas, que nos parecem, de certo modo, “colagem” das idéias de outros estudos sobre o tema, sem a devida problematização original e teórica²⁷:

A rede mundial Internet é o esboço dos novos ciberespaços coletivos nos quais circularão clones virtuais, agentes inteligentes e, sem dúvida, vírus e outros parasitas eletrônicos que infectarão as redes. Sem clonagem biológica – inaceitável no plano bioético – sem prótese invasora de interconexão de cérebros, sem um conjunto de robôs vivendo em nosso meio ambiente imediato, a realidade virtual constrói um mundo desmaterializado entre o imaginário e o real – um mundo suscetível de influenciar profundamente nossas ações individuais e coletivas. Estão reunidas, assim, as condições técnicas da simbiose entre o homem e o macroorganismo societal. Parece-me que uma das evoluções mais rápidas e mais ricas de significação para o futuro é a de cérebro planetário, das interfaces bióticas e do ciberespaço. (1997:176)

27 Os estudos de Rosnay estão disponíveis em <http://www.cite-sciences.fr/derosnay/articles/livres.html>

Lista 9 – Jöel de Rosnay

- La révolution biologique (1982),
- Branchez-vous (Grand Prix de la littérature Micro-informatique Grand Public 1985), l'Aventure du vivant (1988),
- L'avenir en direct" (1989).
- Les Rendez-vous du Futur (1991).
- **L'homme symbiotique, regards sur le troisième millénaire, Seuil, 1995.**
- La plus belle histoire du monde", avec Yves Coppens, Hubert Reeves, et Dominique Simonnet, Seuil, 1996.
- Une vie en plus, la longévité pourquoi faire ?" avec Jean-Louis, Servan-Schreiber, François de Closets et Dominique Simonnet, Seuil, 2005.
- **La révolte du Pronétariat, Fayard 2006.**
- 2020: Les Scénarios du Futur, Fayard 2008.

1.9 Armand Matellart, Philippe Breton e Paul Virilio: a internet como controle e a contra-utopia: um esquema operatório de remodelamento da ordem mundial?

Pela semelhança da origem e da abordagem dos problemas sobre a internet, consideramos interessante reunir nesse subtítulo alguns outros autores europeus.

Mattelart (1994, 2001a, 2001b) é “um sociólogo belga radicado na França, especializado no estudo da comunicação internacional. Como ensaísta, é autor de diversas obras dedicadas ao estudo da mídia, da cultura de massa e da indústria cultural, além das tecnologias de comunicação, especialmente em sua dimensão histórica e internacional”²⁸

Breton (1997, 1999, 2000) é um sociólogo de Strasbourg, que publica sobre tecnologia e sociedade desde a década de 80. No período que nos interessa particularmente, sua obra *Le Culte d'Internet: Une menace pour le lien social?*, lançada em outubro de 2000, e os livros *A Explosão da Comunicação* (1997) e *a Utopia da Comunicação*²⁹ (1999). Segundo sua análise, há pontos de conexão claros entre o culto atual da rede e os movimentos da contracultura que ocorreram como fenômenos de massa em 1960, nos Estados Unidos e sob outras formas em diferentes países ocidentais e a história da sociedade da informação deve ser preocupação dos estudos sobre esse período:

28 Texto biográfico extraído de http://pt.wikipedia.org/wiki/Armand_Mattelart

29 Philippe Breton, *A Utopia da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994, Excertos, disponível em <http://contadoresdestorias.files.wordpress.com/2008/09/a-segunda-guerra-dos-trinta-anos-philippe-breton.pdf>

Verifica-se, contudo, neste aspecto, uma coincidência estranha: da mesma forma que muito poucos autores se mostram interessados pelas origens históricas da «sociedade de comunicação», também a análise das consequências do que se passou em meados do século sobre o período actual não tem suscitado muitas vocações. A uma modernidade sem causa e sem passado, parece corresponder uma barbárie sem efeito e sem futuro. Não faltará um «elo» na cadeia da nossa memória? (2000:2)

Virilio (1993) foi professor por muitos anos na escola especial de arquitetura de Paris. A internet é extremamente perniciosa, segundo sua concepção e considerada por ele (1993) como principal causadora da segunda guerra, a guerra da informação. Veremos um pouco das idéias de cada um e como confrontam com as idéias de estudiosos entusiasmados, futurólogos e acríticos como Rosnay (1997) e Lévy (1996; 2000).

Mattelart publica no primeiro ano seguinte ao fim da primeira década de expansão da internet estudo sobre a *História da Sociedade da Informação* (2001), do original *Histoire de la société de l'information*) Antes, havia publicado o texto *Comunicação-Mundo* (1994), que o tornou conhecido no Brasil e, em 1996, *La mondialisation de la communication* e, em 2000, a *Histoire de l'utopie planétaire. De la cité prophétique à la société globale*.

A discussão de Mattelart sobre a tecnologia da sociedade pós-industrial é a de quem está temeroso como se toda a novidade estivesse acontecendo como uma forma de controle das redes, de hegemonia de um “esquema operatório de remodelamento da ordem econômica, política e militar em escala planetária” Para ele, “existe uma mística do progresso eletrônico que caminha junto com o que chama de “tese dos fins”: fim da ideologia, do engajamento, da política. Essa situação, segundo ele, configura a “dissolução do vínculo social”, perdido no “jogo soberano das novas forças naturais do mercado e das tecnologias” Não nega, entretanto, “o fabuloso potencial das tecnologias de informação e comunicação e afirma que “a ação civil coletiva procura escapar da lógica do desenvolvimento desigual (...) para investi-lo em uma sociedade na qual o conhecimento seja efetivamente compartilhado por todos. (2001^a: 8-9).

Como historiador da sociedade da informação, destaca-se na área de comunicação pelo seu interesse nos meios e na ação da tecnologia sobre a sociedade, problematização presente em suas obras desde a década de 80. Para ele, entretanto, apesar do interesse pelo tema é necessário negar o lugar do meio de comunicação entre os aspectos que devem ser estudados pela comunicação. Os meios para Matellart

estão sempre encobertos e manipulados pela ideologia, usados por poderosos, incluindo nessa categoria desde os que decidem sobre as notícias até os governos que detém o avanço tecnológico (Estados Unidos), logo, o controle sobre a informação.

Analisa diversos contornos da rede, mas considera que a “idéia de uma sociedade regida pela informação está por assim, dizer, inscrita no código genético do projeto de sociedade inspirado pela mística do digital.” (2001:11) Diz isso para tecer considerações sobre o pensamento de Leibniz (filósofo e matemático alemão de 1646-1716) que considera ter inspirado Wiener sobre a Teoria da Informação. Segundo sua análise, o termo *intelligensia* está ligado ao termo *informazione* e todos os dois visam à espionagem e o controle.

Considera que todos os movimentos a favor de uma sociedade que quer se comunicar a distância são gerados pela busca do controle de uns sobre os outros. Quanto à comunicação, Mattellart lembra que “antigamente os cidadãos se reuniam em uma praça e comunicavam sua vontade”. Isso era democrático, segundo pregava Rousseau, e só era possível em pequenas populações. Com os meios de comunicação tecnicamente desenvolvidos, “a cada nova geração técnica o discurso salvador sobre a promessa de concórdia universal, de democracia descentralizada, de justiça social e prosperidade geral renoverá o mito das descobertas com a ágora da Atica” (Mattellart 1994:25).

A Lista 10 mostra sua extensa produção, com ênfase em questões voltadas para a comunicação, a sociedade, e os meios de comunicação, especialmente no período em que estamos estudando, com destaque, em negrito, para os textos aos quais tivemos acesso.

Lista 10–Armand Mattelart³⁰

- La Problématique du peuplement latino-américain, avec Michèle Mattelart, Paris, Editions universitaires. 1965. "
- Géopolitique du contrôle des naissances", Paris, Editions universitaires. 1967
- Mass Media, idéologies et mouvement révolutionnaire (Chili 1970-1973). Paris, Anthropos. 1974.
- Multinationales et système de communication. Paris, Anthropos 1976..
- Donald l'imposteur", avec Ariel Dorfman, Paris, Alain Moreau. 1977
- De l'usage des médias en temps de crise", avec Michèle Mattelart, Paris, Alain Moreau. 1979
- Télévision: enjeux sans frontières", avec Jean-Marie Piemme, Grenoble, PUG. 1980.
- Technologie, culture et communication. Rapport au Ministre de la recherche et de l'industrie. avec Yves Stourdzé, Paris, La documentation française. 1982
- L'Ordinateur et le tiers-monde", avec Hector Schmucler, Paris, François Maspero 1983.
- La Culture contre la démocratie ? L'audiovisuel à l'heure transnationale, avec Michèle Mattelart et Xavier Delcourt. Paris, La Découverte. 1984

30 Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Armand_Mattelart#Bibliografia

- Penser les médias, avec Michèle Mattelart. Paris, La Découverte. 1986
- L'internationale publicitaire. Paris, La Découverte. 1989
- La publicité. Paris, La Découverte (coll. Repères). 1990
- **La Communication-monde, Paris, La Découverte. Poche, 1992. Traduzido para o Português (1994 – Comunicação Mundo,)**
- Les Amériques latines en France", avec Jacques Leenhardt, Pierre Kalfon et Michèle Mattelart, Paris, Gallimard. 1992.
- L'invention de la communication. Paris, La Découverte. Poche 1994. , 1996.
- Histoire des théories de la communication, avec Michèle Mattelart. Paris, La Découverte (coll. Repères). 1995.
- La mondialisation de la communication. Paris: PUF (coll. Que sais-je). 1996
- Histoire de l'utopie planétaire. De la cité prophétique à la société globale", Paris, La Découverte. Poche, 1999-2000.
- Histoire de la société de l'information. Paris, La Découverte (coll. Repères). 2001
- Introduction aux Cultural Studies, avec Érik Neveu. Paris, La Découverte (coll. Repères). 2003
- Diversité culturelle et mondialisation. Paris, La Découverte, (coll. Repères) (ISBN 2-7071-4488-6)* 2005.
- 2007. La globalisation de la surveillance, La Découverte. Poche, 2008.
- 2010. Pour un regard-monde. Entretiens avec Michel Sénécal, La Découverte.

Questiona também a utopia da comunidade universal e da sociedade descentralizada que pontua os avanços das redes como sendo produto de uma sociedade que se desenrola como indústria. Articulando a ideia de que a sociedade industrial tem como princípio estrutural a hierarquia de funções, para ele, “a rede, quer seja material ou imaterial, quer seja de transporte, bancária, ou vetor de símbolos, é o arquétipo da organização” Considera que as redes assim como a sociedade funcional, na verdade, caminharão para o determinismo técnico. Para Mattelart, quem apoia a internet (rede) está apoiando “o modelo americano de domesticação do espaço por meio de redes.” (2001:34)

Virilio (1993) é outro europeu que se preocupa com esse controle e diz que:

A possibilidade de um controle social que ultrapassa amplamente o da polícia e o dos serviços secretos. Sabemos muito bem que com a internet, com o telefone celular e com a eletrônica da vida, o controle aumenta. Já não podemos separar internet, televisão e telefone. Não é por acaso que as multinacionais se interessam por esses três mercados. A cibernética é o todo e a internet nada é fora da bolha cibernética em desenvolvimento. Essa bolha tem uma possibilidade de controle social terrível, quase cósmica.

Virilio é, juntamente com Philippe Breton, um dos críticos mais agudos de Lévy. Sobre ele, afirma:

Chama-nos atenção Breton em sua última obra – Le culte de L'internet (2000) - para a ameaça ao vínculo social que se desprende da forma política articulada pelos grupos hegemônicos da rede, determinando uma nova forma de vida que passaria por um verdadeiro fundamentalismo, pondo em jogo princípios da democracia até então vividos, e cultivados. A ágora lewiana é utópica, fundada pois na ideologia do approche da tecnologia, da cibernética, da informação matemática, ou das

tecnobiologias. Ela se inscreve no ideário utópico da perseguição à comunicação democrática. Ainda hoje as tecnologias aplicadas pela educação, e como tantas outras formas da tecnociência, que já tentaram a democratização do saber através da escrita, da imprensa, do rádio e da TV, mas que na verdade se mostraram utópicas, até porque as tecnologias são ideologias a serviço de um sistema econômico maior. Lévy é utópico, pois ainda estamos a esperar a mais perfeita forma de agora. (1993: 59)

Por sua vez, Breton considera utópica a defesa das tecnologias da comunicação como promessa de democracia para a humanidade e denomina “Uma Utopia da Comunicação”, ao pensamento de Lévy, derivado, segundo analisa, das idéias de Wiener sobre a entropia na instauração de um novo tipo de homem, aquele que comunica. Breton (1994) analisa as distorções trazidas para a comunicação por esse conjunto de idéias, dizendo que

o projeto utópico que se desenvolve em redor da comunicação, é ambicioso e se desenvolve em três níveis: uma sociedade ideal, uma outra definição antropológica do homem e a promoção da comunicação como valor. Esses três níveis concentram-se em torno do tema de um homem novo a que se chamará aqui de homo communicans. Esse homem novo corresponde nada mais nada menos, na perspectiva de Wiener, à tentativa de recolar, recorrendo aos materiais disponíveis, os fragmentos que uma civilização derrotada tinha feito estalar num grande turbilhão entrópico”(1994: 46).

Breton confronta Lévy em suas defesas de um mundo ingenuamente interativo e igualitário. Para ele, com a internet, os ricos têm diminuídas suas fronteiras, mas os pobres estão cada vez mais distantes do “global”.

Para ele, o movimento dos hackers na internet é manifestação de contracultura, semelhante ao movimento de contestação promovida pela juventude que desejava encontrar, como nos movimentos *beat* e *hippie*, outras expressões de liberdade, por um caminho alternativo, em outro tipo de mundo. Para Breton, concordando com Negroponte, o culto da Internet é “um culto da juventude e para a juventude”. Considera que a internet é cultuada como uma “revolução permanente”, onde os “jovens” determinam a direção do movimento.

Esta idéia de um novo mundo tem pontos comuns com o movimento contemporâneo em torno da internet que mobiliza, a seu turno, centenas de milhões de jovens, notadamente à procura de uma sociedade mais fraterna, mais «comunicante», mais pacífica. A continuidade dos temas é marcante: o mundo da internet é *underground* a sua maneira, é o *underground* atual, o lugar que permite deixar o mundo «ordinário». Aquele que consagra seu tempo à Internet realiza o «sair fora » de hoje e há várias descrições de jovens internautas inteiramente absorvidos por esse novo culto (...).

Pode-se afirmar que Breton pouco contribui para as reflexões sobre os problemas que necessitam ser estudados pela área de comunicação. Sua visão crítica sobre a internet não leva a reflexões sobre o que interessa à comunicação, mas acentua as dificuldades para simplificar o entendimento sobre as questões contemporâneas.

Lista 11 – Philippe Breton

- Une histoire de l'informatique. Paris : La Découverte (édition de poche : Seuil, coll. « Points sciences », Paris, 1990 ; prix 1988 du jury de l'Association française des informaticiens ; traduit en espagnol, grec, italien, portugais). 1987
- Les technosciences en question. Éléments pour une archéologie du XXe siècle (en collaboration avec Frank Tinland et Alain-Marc Rieu). Paris : Champ Vallon, Seyssel. 1989.
- **L'explosion de la communication. La naissance d'une nouvelle idéologie (en collaboration avec Serge Proulx). Paris & Montréal : La Découverte & Boréal (édition de poche : La Découverte/poche, Paris, 1996 ; traduit en arabe, espagnol, portugais, russe, vietnamien, publié en Algérie : Éditions Casbah). 1989**
- La Tribu informatique. Paris : Métaillié (Grand prix de la littérature informatique 1991). 1990.
- **L'utopie de la communication. Paris : La Découverte (édition de poche : La Découverte/poche, Paris, 1997, 2004 ; traduit en italien, portugais, publié en Algérie : Éditions Casbah). 1990.**
- À l'image de l'homme. Du Golem aux créatures virtuelles. Paris : Seuil, coll. « Science ouverte » (traduit en portugais). 1995.
- L'argumentation dans la communication. Paris : La Découverte, coll. « Repères », Paris, 2003 (traduit en portugais). 1996
- L'option informatique au lycée (en collaboration avec Éric Heilmann et Guislaine Dufour). Paris : Hachette classique. 1998.
- La parole manipulée. Paris : La Découverte (édition de poche : La Découverte/Poches, Paris, 1999, 2004 ; Prix de philosophie morale et politique 1998 de l'Académie des sciences morales et politiques ; traduit en portugais (Portugal et Brésil), en hongrois, en serbe). 1998
- Histoire des théories de l'argumentation (en collaboration avec Gilles Gauthier). Paris : La Découverte, coll. « Repères » (traduit en portugais). 2000.
- **Le culte de l'Internet. Une menace pour le lien social?. Paris : La Découverte (traductions en italien, en roumain). 2000**
- L'explosion de la communication à l'aube du XXIe siècle. Paris : La Découverte (nouvelle édition entièrement refondue) 2002.
- Éloge de la parole. Paris : La Découverte (traduction en italien, portugais, Brésil) 2003.
- Argumenter en situation difficile. Paris : La Découverte (traduction en portugais, Brésil) 2004.
- L'incompétence démocratique. La crise de la parole au cœur du malaise (dans la) politique. Paris : La Découverte. 2006.
- 2008. Convaincre sans manipuler - Apprendre à argumenter. Paris : La Découverte.
- Les refusants. Comment refuse-t-on de devenir exécuteur. Paris : La Découverte. 2009.
- Le silence et la parole contre les excès de la communication (en collaboration avec David Le Breton). Toulouse : Érès. 2009.

Enquanto Breton aponta a explosão da comunicação como o motor da instabilidade da sociedade, Virilio considera que a internet é a causa de uma "implosão do espaço-tempo". Para ele, uma crise da percepção sobre as dimensões ontológicas de espaço-tempo está instalada porque a velocidade de transmissão de dados modifica as relações entre as pessoas e afeta diretamente as vidas diárias (estudo, trabalho, lazer etc.) das pessoas. Como arquiteto e urbanista francês, em seu livro *O Espaço Crítico* (1993,), trata da atualidade urbana, da contemporaneidade das relações nas cidades e nos espaços públicos. Para ele, a tecnologia traz como resultado alterações e rearranjo das configurações das cidades, juntamente com alterações da percepção sobre o tempo como "ruptura de continuidade". Esse conceito que Virilio apresenta-se desdobrado em três dimensões: 1) utilização das tecnologias eletrônicas de comunicação; 2) reorganização industrial e 3) revolução dos transportes. Na primeira dimensão, reside a idéia de que a velocidade e a mediação eletrônica substituem e acabam com a relação interpessoal porque provocam a ausência do contato face-a-face

e promovem a distância forçada, com superposição da memória coletiva sobre a proximidade dos corpos e a memória privada; na segunda dimensão, desenvolve a idéia de que a reorganização do mundo do trabalho em decorrência das tecnologias da automação provoca desemprego, fecha empresas, gera o trabalho a distância e autônomo, trazendo insegurança aos indivíduos; na terceira dimensão, trata da extinção da divisão entre "intramuros" e "extramuros" que resulta no fenômeno das cidades e dos centros urbanos como os conhecíamos antes da internet (p. 8-9) Afirma que vivemos na contemporaneidade o paroxismo do "desaparecimento" da cidade, a partir do mesmo movimento que a circunscreve na nova "topologia eletrônica", processo que considera já durar ao menos quatro décadas. Para ele, desde o aparecimento da televisão como meio de comunicação de massa, a cidade foi modificada na percepção dos indivíduos. Desse modo, o que constitui a cidade (fortemente presente no imaginário coletivo), como as referências simbólicas, históricas, arquitetônicas e, sobretudo as geométricas deixam paulatinamente de existir. A abordagem de Virilio quer discutir que a cidade, em decorrência dos meios eletrônicos de comunicação, sofre um processo de desaparecimento e, por outro lado, os meios de comunicação são responsáveis pela "co-produção da realidade sensível na qual as percepções diretas e mediatizadas se confundem para construir uma representação instantânea do espaço, do meio ambiente. A observação direta dos fenômenos visíveis é substituída pela observação a distância em que os observadores não têm mais contato direto com a realidade. Esse distanciamento abrange diversas extensões antes não percebidas (geográficas ou planetárias), ao mesmo tempo em que se revela arriscado, já que "a ausência da percepção imediata da realidade concreta engendra um desequilíbrio perigoso entre o sensível e o inteligível, que só pode provocar erros de interpretação tanto mais fatais quanto mais os meios de teledetecção e telecomunicação forem performativos, ou melhor: videoperformativos" (1993: 23).

Essas reflexões sobre a presença dos meios provoca, segundo Virilio, a perda também da validação científica, com seus métodos, sendo esses substituídos pela aferição tecnológica contra o conhecimento científico acumulado, tendo essa "pós-ciência", como uma de suas principais conseqüências, a instauração de uma "guerra pura (intelectual e conceitual) menos afeita à destruição do que à desrealização do mundo, uma 'desrealização' em que a logística científico-industrial suplanta a estratégia político-militar como esta última, há muitos séculos, suplantou a tática de caça ao homem" (1993: 32). Segundo ele, (p. 59), a mediatização do mundo, ao abranger todas as dimensões do humano, afetará também, de maneira já bastante presente, as

relações interpessoais, particularmente aquelas tradicionalmente fundadas por laços de vizinhança e comunidade.

Virilio estudou, em 1975, os bunkers alemães que causaram grande impacto nas cidades. Ele se tornou um dos oponentes das novas tecnologias como aquelas que promovem também, além do desaparecimento da cidade, a morte coletiva da memória e criam o espectro de um “acidente integral”. Nascido em 1932, de pai comunista italiano e de mãe católica bretã, viu, quando criança, os bombardeios de Nantes. Desse evento, supõe-se que tenha vindo seu interesse persistente pela fragilidade do acontecimento urbano.

No livro, *El Cibermundo* (1999), entrevista entre Virilio e Philippe Petit sobre o tema do ciberespaço e sua implicação política, denuncia, num primeiro momento, a relação entre a velocidade e o poder político evocando a noção de tecnologia do tempo real da qual as consequências serão perigosas e tirânicas. Para Virilio, fica claro o pessimismo, pois, para ele uma cidade urbana pode sofrer do condicionamento provocado pelos meios, uma vez que a tecnologia tornou-se mediática e destruidora do espaço real a favor do tempo real provocando um sentimento de perda corporal (o corpo está deslocado) Em sequência, o autor conclama a uma atitude de resistência, comparando a tecnologia como acidente, assim como os acidentes de guerra. A supressão das fronteiras vem de uma supressão das memórias privadas em benefício das memórias coletivas de uma parte geral (1998), pois, para ele há uma nova guerra que vem do universo em que todas as informações antes presentes em estratégias militares. Para ele, sempre há risco de falta de gestão para dar espaço ao controle do poder da informação. Para se controlar isso, exigir-se-ia poder para dissuadir aqueles que querem causar danos. Virilio considera que a tecnologia atual valoriza o tempo global em detrimento do tempo local. Segundo sua análise, até agora tudo era construído sobre a hora local e a alteração muda a dimensão da política, porque a relação com a realidade é um fenômeno que afeta tudo: costumes, urbanização, modos de produção.³¹ e que modifica todos os demais referenciais que temos na humanidade porque a história foi feita no espaço de tempo local.

Do mesmo modo, Virilio lembra que a memória tem sido vinculada à territorialidade e cada espaço está sendo afetado pela tecnologia das comunicações em

13. La constitución de una ciudad de la información, de una omnipolis, de una “ciudad de ciudades”, hace todavía más confuso el futuro geopolítico...El modelo de nuestro mundo que se establece tras el delirio de la información es Babel, e Internet es un signo de ello. La megaciudad es Babel... ¡Babel es la guerra civil! In VIRILIO, Paul. *El Cibermundo, la política de lo peor*. Barcelona: Catedra, 1999, 78-9

rede que mudam a noção histórica, geográfica e cultural dos lugares. Para exemplificar diz que “a história de Paris não é a de Lyons” e quebrar isso seria quebrar a diversidade e memória global dos povos do mundo e reduziria terrivelmente a história do mundo (...)”o que pode levar a um pensamento único” (1999: 65).

Os conceitos de Virilio tratam de riscos, de caos. Por isso, é chamado de “o profeta do caos”. Temas como o de *acidente integral* que atribui a culpa pelos acidentes que a humanidade sofre à tecnologia existente em todas as épocas e não somente agora. Segundo ele, as antigas tecnologias provocavam acidentes em instalações específicas, por exemplo, descarrilando trens, causando electrocussão. Com as tecnologias atuais, a idéia de um acidente na íntegra é defendida por Virilio porque, para ele, a interação na internet pode criar uma ruptura equivalente a uma “bomba”, assim como a que Einstein chamou de “bomba informática”. Virilio lembra que Einstein previu a chegada de três novas bombas na década de cinqüenta: a bomba atômica, que explodiu; a bomba de informação, que estourou; e a bomba demográfica. Estamos, segundo ele, na segunda bomba: a Internet. A idéia do desastre está, portanto, bastante presente em sua obra e a desconstrução da sociedade pela internet é outra conseqüência que Virilio denomina como deslocamento social. Para Virilio, a internet ameaça o mundo com divisão, pois promove uma guerra de todos contra todos, também considera que a conexão entre biologia e tecnologia é extremamente perigosa para a sociedade, que parece não perceber os riscos que essa evolução envolve. O perigo, segundo o pensamento de Virilio, não está no progresso em si, mas na ocultação dos riscos desse progresso. Segundo ele, não há avanços tecnológicos sem perdas e, como têm agora a capacidade de globalizar seus efeitos a perda é multiplicada. O autor chama à resistência comparando o acidente da tecnologia com os acidentes de guerra (1998: 83).

Essa visão de Virilio reforça o olhar negativo que permeia as concepções da atualidade sobre as tecnologias da comunicação, incluindo a internet. Esse olhar é típico de quem se coloca na trincheira, defendendo-se contra o fantasma do determinismo tecnológico. Segundo analisamos, sua concepção é a de que qualquer artefato usado pela humanidade, tal como os recursos de comunicação presentes na internet, apenas representam perigo, mas, sua tese de que tudo está em risco com o progresso nos parece esconder o verdadeiro temor de não-pertencimento à evolução da técnica, sendo mais fácil fugir dela e suas conseqüências, ou seja, negá-la. A análise sobre Virilio pelos

estudos da área de comunicação mostra essas características e, ao mesmo tempo, a importância da sua obra para uma teoria social da comunicação:

Em que pese o excesso de importância que Virilio aparentemente dá à volta do diálogo, do debate e do conhecimento, como a forma de solucionar as divergências e os conflitos de interesses (desprezando os fatores históricos que fazem o mundo ser o que é em termos de relações internacionais), sua contribuição teórica do trajeto (a questão da velocidade, principalmente na área da informação) é de grande importância para a formulação de uma teoria social da comunicação. (Rangel³², 1999: 12)

Lista 12 - Paulo Virilio³³

- The Futurism of the Instant: Stop-Eject. Cambridge: Polity, 2010.
- The University of Disaster. Cambridge: Polity, 2010.
- Art as Far as the Eye Can See. Oxford: Berg, 2007.
- The Original Accident. Cambridge: Polity, 2007
- City of Panic. Oxford: Berg, 2005.
- The Accident of Art. (with Sylvère Lotringer) New York: Semiotext(e), 2005.
- Negative Horizon: An Essay in Dromoscopy. London: Continuum, 2005.
- Guerra e Cinema. Boitempo, 2005.
- Estratégia da decepção. Estação Liberdade, 2000.
- Art and Fear. London: Continuum, 2003. (originally published in 2000 by Editions Galilee under the title La Procedure Silence, meaning "The Silence Trial".)
- Unknown Quantity. New York: Thames & Hudson, 2003.
- Ground Zero. London: Verso, 2002.
- Desert Screen: War at the Speed of Light. London: Continuum, 2002.
- Crepuscular Dawn. New York: Semiotext(e), 2002.
- Virilio Live: Selected Interviews. Edited by John Armitage. London: Sage, 2001.
- A Landscape of Events. Cambridge: MIT Press, 2000.
- **The Information Bomb. London: Verso, 2000.**
- Strategy of Deception. London: Verso, 2000.
- Politics of the Very Worst. New York: Semiotext(e), 1999. em espanhol El Ciber mundo, la política de lo peor. Barcelona: Catedra, 1999, 78-9.
- Polar Inertia. London: Sage, 1999.
- Open Sky. London: Verso, 1997.
- Pure War. New York: Semiotext(e), 1997.
- Velocidade e política. Estação Liberdade, 1996
- The Art of the Motor. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.
- The Vision Machine. Bloomington: Indiana University Press, 1994.
- **Bunker Archaeology. New York: Princeton University Press, 1994**
- A Máquina de Visão. José Olympio, 1994.
- O Espaço Crítico. Editora 34, 1993.
- The Aesthetics of Disappearance. New York: Semiotext(e), 1991.
- Lost Dimension. New York: Semiotext(e), 1991.
- Popular Defense and Ecological Struggles. New York: Semiotext(e), 1990.
- War and Cinema: The Logistics of Perception. London: Verso, 1989.
- Speed and Politics: An Essay on Dromology. New York: Semiotext(e), 1977 [1986]

32 Rangel, Mônica. O desenvolvimento científico contemporâneo e algumas consequências para a humanidade (*)Ciberlegenda Número 2, 1999

33 Outros Artigos disponíveis em <http://www.egs.edu/faculty/paul-virilio/biography/>

Os pensamentos de Matellart, Virilio e Breton mostram, portanto, uma corrente que se recusa a explicar a rede mundial de comunicação que ocorre na internet, associada à tecnologia da informática, em rede, como parte da evolução técnica dos meios de comunicação para alcançar e acompanhar o dinamismo do mundo sem ser destrutiva. Essa tríade de pensadores parece ver ameaça e receio diante do objeto técnico que se apresenta sob uma forte carga de negação às potencialidades mediáticas a serem compreendidas e explicadas.

1.10 Uma Tentativa de Interpretação das Tendências Internacionais de Problemas sobre a Internet

Vimos, portanto, que a produção de conhecimento internacional sobre a internet já estava bem desenvolvida no início dos anos 2000, sendo claras as abordagens das questões e suas diferenças de perspectiva. Bernard Miège (2000:15) nos lembra o que nos parece óvio, mas que precisa ser dito para que fique explícito: o pensamento comunicacional não é estático, mas produto da história humana. Portanto, retomar as idéias de um grupo de autores sobre determinado período pode apresentar uma deturpada, ou enviesada compreensão desse pensamento, já que é uma análise recortada no tempo. Entretanto, a busca por compreender esse pensamento de um grupo de estudos serve de base teórica à comunicação e exige que o reconhecimento da teoria passe pelo critério da pertinência, conhecendo e reconhecendo os estudos e pelo critério da sistematização, comparando-os. Na primeira parte da análise, portanto, descrevemos cada uma das idéias ou o grupo de idéias que caracteriza os estudos internacionais no período 1990-2000 sobre a internet. Nessa conclusão, procuraremos rever as idéias e compará-las, fazendo apontamentos que podem contribuir para relacionar esses estudos à tese que estamos desenvolvendo.

Ao retomarmos a leitura panorâmica feita neste capítulo, a constatação é a de que existem vários pensadores que podem ser tomados, erroneamente, como teóricos da internet. Sobressaem duas tendências, bem separadas, distintas e polarizadas, uma contra e outra a favor, uma que denuncia e outra que denuncia, uma que se entusiasma e outra que teme e aponta para os riscos da adesão à comunicação apoiada em tecnologia digital. Por mais que esse fato seja conhecido na tradição de pesquisa das ciências sociais e humanas, consideramos necessário destacá-lo, pois supomos que os estudos brasileiros também seguem a mesma adesão a posições favoráveis e contrárias ao determinismo tecnológico e mantém vínculos com essa tradição teórico-

epistemológica para tratar da internet como problema da comunicação. Sobre a polarização tão repetida (Martins, 2008; Moraes, 1998; Lima, 2004) Marcondes Filho (2001) diz que “as posições dicotômicas são equivocadas por serem “ficções teóricas”. Elas antes encobrem os problemas do que os resolvem, reduzindo a discussão a um procedimento de certo ou errado”.

A discussão em torno das novas tecnologias se divide em duas posições antagônicas, ambas equivocadas: fechamento ou adesão, isolamento ou deslumbramento. Nenhuma delas colabora, de fato, para melhor compreender a nossa posição e sobre nossas efetivas possibilidades de interferência nesses processos. A postura de aceitação entusiástica, de recepção festiva de cada novo gadget tecnológico, é ingênua e irresponsável. Mas a contrapartida conservadora não deixa de ser menos inócua. Ela articula uma crítica popular e corrente das novas tecnologias que se apóia na debilitação humana, que fala de desaparecimento de espaços de diálogo e de comunicação, do fim da vida comunitária clássica, da extinção dos valores básicos e mesmo do conceito de realidade. É a posição nostálgico-restauradora, a mesma que inspirou diversos pensadores de cem anos atrás à recusa da industrialização, à destruição das má qui nas, à rebelião contra o progresso. (2001:02)

Quando se trata de compreender o imaginário da cibercultura, Lemos (2002) faz uma análise bastante pertinente. Ele lembra que, em 1998, um grupo de americanos se reuniu para propor o “tecnorealismo”, um suposto meio termo, um caminho do meio, para fugir dos extremos entre “o medo e a fascinação” ou “contra a euforia ou a favor da euforia tecnológica. Ao analisar o manifesto com cuidado, ponto a ponto, verifica que tanto os neoluddities (contrários à euforia) quanto os tecnoutópicos (entusiasmados) concordam com diversos dos pontos colocados pelo Manifesto dos Tecnorealistas³⁴. Conclui que uma posição neutra, uma tentativa de conciliação ou consenso seria mais do que forçada, falaciosa e inócua (2002:267).

Consideramos que uma análise ainda mais cuidadosa é necessária. Não se trata de buscar a neutralidade, mas um terceiro e um quarto olhares, não consensuais, mais tangentes e menos polarizados e radicais em suas posições. A multiplicação das explicações são olhares que podem focar em aspectos técnicos, sociais, culturais, porém, menos apoiados em ideologias e mais fundamentados em algum tipo de proposição coerente, que podem ser considerados mais apropriados ao conhecimento dos problemas da internet do ponto de vista da comunicação.

34 <http://www.technorealism.org/>

Em nossa análise, as quatro visões que consideramos poder definir e delimitar as abordagens teóricas internacionais no primeiro período sobre a internet e a comunicação são:

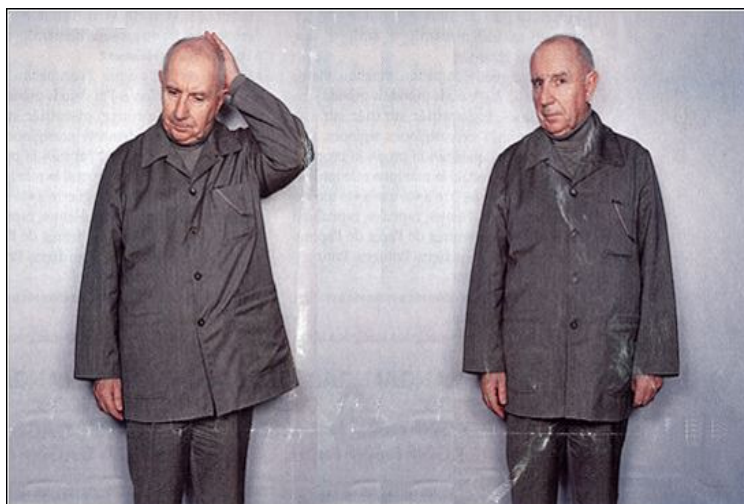
1) a abordagem *lévyana*, cujo olhar é forjado em pressupostos otimistas e esperançosos. Essa visão inclui os estudos dos americanos e destaca Lévy, entre os europeus, definidos pela valorização extrema da tecnologia digital e o escamoteamento dos aspectos perniciosos da internet, atribuindo-lhe o futuro da comunicação e da democracia.



“...a chegada da internet e dos novos métodos, dos novos meios de comunicação, que são também novas formas do pensamento coletivo, novas formas de acesso ao conhecimento, vão acelerar o processo geral de emancipação...”
Pierre Lévy³⁵

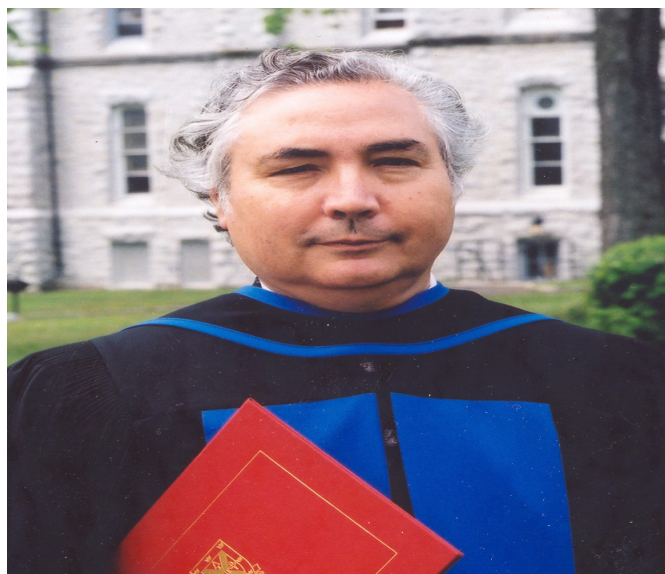
2) a abordagem *viriliana*, com o olhar aparentemente assustado de seus conterrâneos europeus, que consideram a internet como ameaça à liberdade e à comunicação humana bem como à livre cultura dos povos, especialmente os da Europa.

35 Imagem e texto disponíveis em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/47/entrevistados/pierre_levy_2001.htm



“Eu não tenho mais carro ou televisão. Eu contribuí para o lançamento da internet, durante seus tempos heróicos. Mas, hoje, eu não tenho um computador e eu não tenho um telefone celular. Eu tenho um telefone de casa perfeitamente normal, água, gás e eletricidade. Às vezes eu ouço o rádio.” Paul Virilio³⁶

3) a visão *castelliana*, com o olhar catalão e refinado de um estudioso que reconhece que o bem e o mal não caracterizam a internet, mas que a tecnologia está a serviço da comunicação, da economia e da sociedade, bem como dos poderes instituídos.



“A Internet é a extensão da sua vida. Se você é sociável, será mais sociável; se não é, a Internet lhe ajudará um pouquinho, mas não muito. Os meios são um certo modo de expressão do que pensa a sociedade: a questão é por que a sociedade pensa isso.”³⁷

4) a visão *kerchoviana*, que trata da internet como artefato técnico, meio de comunicação, justificando que afeta nossos sentidos humanos e altera nossa

36 Texto disponível em: <http://www.viceland.com/int/v17n9/htdocs/paul-virilio-506.php>; Imagem disponível em: http://4.bp.blogspot.com/_ZWdGBM7qvgs/TOQ6uTcgZ-I/AAAAAAAAABGs/YwTjzgUCo6U/s1600/paul.jpeg

37 Texto disponível em El País, Janeiro de 2008; Imagem disponível em: http://www.swotti.com/people/manuel-castells_16892.htm

consciência de mundo, como extensão eletrônica para nossos olhos, ouvidos, pensamentos e percepção tátil da realidade.



“ As tecnologias do vídeo dizem respeito não só ao nosso cérebro, mas a todo o sistema nervoso e aos sentidos... “
Derrick De Kerchove³⁸

Essa classificação é uma tentativa, um pouco bem humorada, de interpretar, de reconhecer os lugares de cada um na visão que tem sobre a internet. Sabemos que no andar das idéias, outras tantas estão começando a surgir e a fazer parte da “moda” sobre o pensamento a respeito da internet, mas consideramos que essas quatro visões são, inicialmente, suficientes para problematizar os olhares diversos.

Não se pode afirmar a partir dessas primeiras explicações - visto tratar-se de um objeto de estudo recente, que ainda necessita de suficiente distanciamento histórico para que as teorias possam ser construídas e consolidadas - que nenhum desses olhares constitua estudos teóricos sobre a internet, do ponto de vista de apresentarem modelos teóricos. São olhares, correntes de análise, umas, mais análises que outras, certamente, e todas, no conjunto, contribuem especificamente para os estudos da comunicação, pois tratam da interface entre o humano e o meio, da análise da sociedade e da cultura. Os estudos que apresentam os limites e as potencialidades sobre a novidade tecnológica no que diz respeito a seus efeitos sociais e culturais, sem que as abordagens estejam ancoradas em olhares específicos da comunicação para explicar a internet, também trazem contribuições, mas mais distantes do interesse das

38 A Pele da Cultura, 2009: 23-24

explicações sobre a ação da tecnologia como sujeito da sociedade complexa em que estão presentes outros atores, participantes da complexa relação entre sujeitos e objetos da cultura e da sociedade. As abordagens costumam tratar de algumas relações no contexto da sociedade atual: indivíduo e tecnologia; tecnologia e sociedade; cultura e tecnologia; política e tecnologia, suas características e influências nos espaços privados, públicos, (casa, escola, cidade, relacionamento etc). Logo, as visões desses estudos são, em sua maioria, as visões da sociologia, da antropologia, da psicologia, da educação, da arte, da arquitetura. Os analistas assumem posições contrárias ou a favor ao objeto técnico, tratam-no como meio de comunicação da atualidade, mas a maior parte não está sequer preocupada em delimitar, estabelecer e discutir seu conceito. Muito menos, alguns não querem tratar sobre como e por quê esse objeto técnico caracteriza-se como um meio de comunicação, nem relacionar as causas, consequências e outros fatores sociais, tecnológicos e culturais, sempre imbricados, que afetam, conjuntamente, o indivíduo e a sociedade.

Para uma aproximação do objeto internet, pode-se dizer que todos os estudos tratam da sociedade em rede, que circunscrevem o fenômeno, fazendo essa abordagem com óticas diferentes. O olhar de Lèvy e seu grupo (1996) é, primordialmente, socioeducacional e antropológico; o de Castells (1998) é socioeconômico; o de Virilio (1993) e seus conterrâneos europeus é essencialmente político-ideológico e o de Kerckhove é psicossociotecnológico e tecnopsicológico... Nenhum deles é, portanto, essencialmente técnico-comunicacional, sendo o técnico, o olhar que examina o objeto para saber o que é, como é, por que é, quando existe, onde está, quem usa e vê de que modo a tecnologia, ao funcionar insere-se em uma circunstância histórico-cultural. O comunicacional é a esfera que considera o conceito e todas as características do objeto e as relaciona ao contexto cultural e social, bem como procura compreender de que modo o meio de comunicação está atuando no conjunto das práticas de comunicação humanas, verificando até onde, de que modo, em que ocasiões, seu uso afeta não só a comunicação, como um ato de consolidação da interação humana, mas o próprio funcionamento do meio de comunicação. Ou seja, o olhar técnico-comunicacional que adotamos como premissa não se refere ao que era trabalhado pelo modelo informacional, usado pela teoria da informação (Wiener, 1964) para explicar os processos de comunicação máquina-humano-máquina, nem se explica do mesmo modo que o modelo funcionalista, na visão de Laswell e outros, onde importava a inserção e a função do meio de comunicação na sociedade, mas pela descrição dessa inserção e função em si mesmo, nem se satisfaz pelas explicações da hipótese do uso

e gratificação, conforme preconizada por Katz. O olhar técnico-comunicacional (Martino, 2006) é, para nós, aquele que trata o meio como parte da sociedade complexa e que integra essa sociedade em suas finalidades, funções e repercussões, no contexto do indivíduo, da comunidade, do grupo, dos setores, dos serviços, dos produtos, da interação, da atualização das informações e que explica o mundo pela necessidade dos meios. No momento em que a tecnologia digital oferece outro tipo de comunicação, em rede, e expande a relação e a interação entre os humanos, o olhar técnico-comunicacional também precisa mudar, forçosamente, para explicar o fenômeno em todas as suas dimensões.

Interessante notar que, independentemente da abordagem e do olhar sobre as questões da internet, os estudos buscam explicar, de modo geral, o fenômeno da rede. Podemos dizer que o resultado dessa análise leva ao Quadro 3 - Sumário do Pensamento Internacional sobre a Internet 1990-2000, que pode ser orientador para as primeiras explicações sobre a internet.

Quadro 3 – Sumário do Pensamento Internacional sobre a Internet 1990-2000

Tendências	Foco	Representantes em destaque
Questões lógicas que modificam a comunicação: e-mail, chat, forum, newsgroup, blog, twitter, redes sociais, modos de recepção, transmissão, digitalização, redução dos suportes, convergência de meios, hiperlinks, web.2.0	Sociotécnico	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Howard Reinghold Joel de Rosnay De Kerckhove
Questões sobre virtualização de papéis culturais e sociais, com mudança, multiplicidade e multimodalidade liberação dos papéis de emissão e recepção, consciência da complexidade da comunicação, da interação, e das alterações de relacionamentos em comunidades	Sócio-comunicacional	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Joel de Rosnay De Kerckhove Howard Reinghold
Questões de comportamento, linguagem, comunicação e educação com efeitos sensoriais ou atribuídos ao hipertexto e ao acesso global a informações por meio da tecnologia digital. inteligência conectada (coletiva).	Socioeducacional Antropológico Biopsicossocial	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Howard Reinghold Joel de Rosnay De Kerckhove
Questões sobre repercussões da rede na percepção humana, na psicologia social e nas relações da educação; mudanças na perspectiva dos indivíduos sobre autoria, autonomia, singularidade, subjetividade, coletividade, simplificação, complexidade.	Biopsicossocial	Nicholas Negroponte Armand Matellart De Kerckhove Dominique Wolton
Questões sociotécnicas; redução do espaço-tempo; mudanças na economia mundial, mudanças nas condições de armazenamento de informações e na distribuição, possibilidade de acesso a informações a mais pessoas.	Sociotécnico e socioeconômicas Informacional	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Joel de Rosnay Armand Matellart Philippe Breton Paul Virilio Jean Baudrillard Lucien Sfez
Questões culturais e sociais para a comunicação na rede: ubiquidade, socialidade, tribalismo, questões do tempo presente, compartilhamento, colaboração, liberdade, arte e criatividade (imaginário).	Sociocultural	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Howard Reinghold Joel de Rosnay Dominique Wolton Philippe Breton Paul Virilio De Kerckhove
Questões político-sociais e econômicas: hegemonia, inclusão, exclusão, dominação cultural e econômica e globalização, poder, opressão, e suas conseqüências.	Sociopolítico e socioeconômico	Pierre Lévy Manuel Castells Dominique Wolton Armand Matellart Philippe Breton Paul Virilio Jean Baudrillard Lucien Sfez

Não obstante a corrente em que se situam, vimos que mesmo aqueles que abordam as questões sob a pressão da ideologia, acabam por reconhecer e tratar a internet, fundamentalmente, como meio de comunicação, entretanto, sem problematizar especificamente esse conceito. Porém, é fato que a análise fica prejudicada pela ênfase política, antropológica, sociológica, cultural, educacional ou psicológica do objeto técnico. Por isso, em decorrência de a preocupação em discutir epistemologicamente o meio de comunicação (como principal elemento problematizador que constitui a rede mundial de computadores) ser reduzida, embaçada, a proposição de modelos teóricos para dar conta desse objeto de estudo não se desenvolve plenamente. Os estudos pensam sobre os meios, apresentam propostas para entender os meios na configuração da internet, mas não chegam a construir qualquer modelo que possa servir às análises da área de comunicação. Ainda assim, apontam para aspectos importantes e podem ser apropriados e reconstruídos pela área de comunicação para ampliar o conhecimento específico.

Com relação à evolução temporal, histórica, da abordagem aos temas, pode-se verificar que o entendimento dessas correntes de pensadores sobre a internet (como tecnologia de informação e comunicação (TIC) que conecta computadores em rede mundial), em seus primeiros esforço para compreendê-la, mostra o seguinte:

Quadro 4 – Periodização dos temas dos estudos internacionais sobre a internet

<p>Até 1993 – os estudos preocupavam-se, essencialmente, com a contextualização histórica da internet e com a sua descrição como recurso da informática, relacionando-a às idéias sobre CMC (comunicação mediada por computador) e a teorias e idéias que conheciam, relacionadas aos meios de comunicação de massa, à teoria da informação, às idéias de McLuhan sobre “aldeia global”, procurando analisar as mudanças da sociedade e a cultura das nações “globalizadas”, potencialmente ameaçadas (positiva ou negativamente) pela entrada de um novo recurso de comunicação e acesso a informação, pela primeira vez, digital, e em rede mundial.</p>	<p>De 1993 a 1995 - Ficam mais evidentes e mais freqüentes, com mais detalhes, as tentativas de se estabelecerem as características específicas da rede (web, http, www) e o lugar da internet, ampliando-se os estudos para a análise dos usos e para o entendimento da apropriação das ferramentas, bem como se disseminam estudos a respeito dos efeitos sobre as práticas culturais, individuais e coletivas. Interessa compreender a linguagem, os formatos, a interação e as primeiras análises sobre as comunidades de compartilhamento.</p>
<p>De 1995 a 1997 - Começam a se diferenciar textos de alerta sobre as conseqüências extremamente maléficas, da perda da liberdade, da hegemonia da sociedade capitalista pós-industrial sobre a cultura e textos premonitórios, tanto catastróficos, quanto utópicos, sobre um mundo extremamente cruel e desigual ou sobre um mundo absolutamente mais democrático, igualitário, com acesso a todos. Em conseqüência, surgem as primeiras abordagens sobre a exclusão social e econômica decorrente da falta de acesso à rede ou aqueles que consideravam possíveis apenas benesses trazidas pela rede de colaboração que, pela redução das distâncias sociais e pelo compartilhamento, seria o caminho da eliminação das desigualdades cognitivas, econômicas e sociais.</p>	<p>De 1997 a 2000 (e poucos anos depois) – os estudos ficam mais especializados, uma vez reconhecidas as características da internet, seu uso ampliado pela disseminação de softwares que propunham o compartilhamento de arquivos (Napster, MySpace, , etc) e aprimoramento dos buscadores com o surgimento do Google, e os potenciais efeitos de todas essas novidades. Passam a tratar de aspectos específicos tais como a convergência, arte, cultura, linguagem, arquitetura, e a experimentar explicar os meios, as relações sociais, as comunidades virtuais, etc.</p>

Entendemos que esse quadro apresenta o lugar onde os estudos se posicionaram desde as primeiras manifestações sobre a internet para buscar explicá-la. A “bagagem” teórica, filosófica ou ideológica existente foi levada para essa tarefa. Analogamente, é como se os estudiosos tomassem lugares em uma arquibancada da história, usando um binóculo, para olhar o “espetáculo” da tecnologia digital em rede nascendo, crescendo e ocupando mais e mais espaços públicos e privados. Alguns se sentaram à frente, outros, ao lado enquanto outros preferiram posicionar-se à distância, em um lugar frontal ou lateral. Alguns usaram lentes mais potentes e procuraram ver e explicar vários níveis do que estavam enxergando, sem deixar que o embaçamento da lente pudesse ser causado por sua concepção de mundo, ou seja, procuraram ser isentos nesse olhar. Outros, porém, procuraram apoiar-se, defensivamente, em explicações calcadas em suas posições ideológicas, mais sedimentadas, sem dúvida, e temerosos diante do novo. Essas análises tomaram os parâmetros conhecidos da história, especialmente, os da sociedade industrial, conhecida, para tratar das alterações sociais, políticas, culturais e espaço-temporais na perspectiva dessa “nova” tecnologia e, para alguns, passou de ameaçadora à configuração da própria sociedade, baseada na informação e no conhecimento, como começou a ser chamada a era pelos que conseguiam olhá-la com menos embaçamento. Tanto os estudos que a analisaram com isenção, quanto os que se deixaram contaminar por posições político-ideológicas, porém, tinha algo em comum: todos viram, mais fácil e imediatamente, que se tratava de uma mudança aparentemente irreversível e que se apresentava como proposta de reconfiguração do mundo como era conhecida até então. Assim, todos os olhares, de um modo ou de outro, apontaram para a ampliação das relações entre culturas e viram nisso tanto um potencial positivo quanto negativo.

Nesse contexto, os que buscaram compreender essa nova forma de constituição do mundo contemporâneo, complexo, baseado em rede, vendo a internet como um meio de comunicação de alcance mundial, com características de convergência, promovendo alterações na percepção humana da realidade pareciam conseguir ver mais claramente, ao passo que os olhares assustados obnubilaram as explicações. Pode-se considerar que ficaram muitos lugares vagos ainda, reservados para olhares que podem ver o meio de comunicação, em si, por exemplo, vinculado à evolução da técnica e sua ação sobre o mundo, sendo também ator dessa sociedade.

Até aquele momento, teorias da comunicação consolidadas, paradigmáticas ainda não haviam aparecido, portanto. Nesse primeiro período de estudos sobre a rede

mundial de computadores, justificável pelo tempo de existência da internet, as idéias sobre virtualidade, comunidades virtuais, interação em rede, hipertexto, simulação e imaginário tecnológico com os vieses sociológicos, antropológicos, psicológicos, etc, frutificaram e essas primeiras idéias, provavelmente, ainda iriam fomentar os estudos e suas derivações metodológicas e semânticas durante a próxima década, até os dias atuais.

Vimos que, nos últimos cinco anos da primeira década da internet, os estudos de Reinghold e De Kerckhove já começavam a procurar explicar a relação entre as comunidades e as necessidades de comunicação, bem como a interação dos sentidos humanos para a apropriação da internet como tecnologia, do ponto de vista técnico-comunicacional. Pela exploração do potencial de desenvolvimento comunicativo permitido pela tecnologia que modifica os comportamentos individuais e altera as percepções de mundo e a cultura, o olhar de De Derckhove parece ser o mais próximo da explicação da internet como meio de comunicação em sua relação com a sociedade complexa alterada pela ação de aparatos tecnológicos³⁹.

Passada outra década de ainda maior expansão e uso da internet, consideramos que esses estudos devem ser tomados agora como base para análises mais específicas e novas abordagens teóricas sobre a internet. Como estamos procurando avaliar as abordagens teóricas na direção de dar conta de explicar a internet como meio de comunicação, permanecemos em busca dessas explicações pela ótica das explicações geradas no Brasil. Aliás, mesmo que não haja consensos teóricos na área de comunicação sobre a internet, não se nega a necessidade de esses primeiros estudos serem superados por análises específicas, que avancem em conhecimentos de área e que sejam capazes de responder a questões localizadas em suas próprias problemáticas de conhecimento.

Nos Estados Unidos, essa especialização para a comunicação começou ainda no fim desta primeira década. Em 1996, por exemplo, foi realizado um simpósio especial sobre a internet que, ainda no fim dos anos 90, já mostrava que os pesquisadores tratavam de temas intitulados como "Estudo de Caso da Internet Por Pesquisadores de Comunicação"; "A Internet como mídia de massa" e "Unidades de Análise de Comunicação da Internet", entre outros.

39 I. J. Bom levantou a hipótese de que as máquinas ultrainteligentes poderiam nivelar as inteligências humanas e levar a uma explosão inteligência lógic, o que reverteria para a inteligência humana. Nos anos 80, Vernor Vinge chamou de Singularidade Tecnológica a essa idéia e popularizou-a em obras ficcionais sobre inteligência artificial. Disponível em http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Technological_singularity

A partir dos primeiros estudos sobre a internet até o momento atual, na medida em que as dúvidas se desdobraram em problemas pontuais, de natureza comunicacional, sociológica, educacional, psicológica etc, espera-se, logicamente, que estudos mais esclarecedores e mais direcionados sejam trazidos para serem tratados no interior de cada uma das ciências humanas e sociais. Isso depende, no entanto, da capacidade que cada ciência tem de formular sua própria problemática e de delimitar seu próprio objeto de estudo. Pode-se afirmar que essa especialização já vem ocorrendo, sem dúvida, em outras ciências sociais e humanas, cuja tradição de pesquisa é fortemente definida em pressupostos teóricos e cujo desenvolvimento epistemológico se destaca. Para ilustrar, lembramos que, na década de 90, os estudos sobre a internet na área de psicologia escolar começaram com indagações sobre as questões comportamentais, uma vez que a nova configuração dos espaços de comunicação e de ensino-aprendizagem poderia afetar o modo de os indivíduos alunos aprenderem e professores ensinarem. (Valente, 1995; Chaves, 1995) As análises de comportamento, para saber o que ocorreria nos espaços de aprendizagem modificados pela tecnologia levou a outras questões na área de educação sobre a influência do meio na relação professor-aluno e na comunicação aluno-aluno, além de se interessar pelos assuntos relativos à interação e à colaboração, começando a valorizar as diferenças entre o modo de a criança e o adulto aprenderem, em função da existência de um recurso material (comunicação em rede e acesso a informações) que estimulava atitudes de autonomia e permitia o desenvolvimento de interesses específicos e autodidatismo favorecido pelo meio. Teorias como a de Dewey, Paulo Freire e Ausubel⁴⁰ passaram a ser recuperadas para explicar as mudanças nas escolas para crianças, adolescentes e adultos. Os eventos e as publicações sobre tecnologia e educação mais que quadruplicaram desde 1995.

Esse primeiro momento na educação propôs também problematizar e buscar compreender a linguagem escrita, em face de novos recursos comunicativos que retomam questões relativas à oralidade. Entretanto, os estudos da Lingüística tomaram para si o estudo do hipertexto como linguagem, com o olhar de quem compreende os diálogos e as múltiplas vozes como forma de produção de conhecimento e de

40 Ver DEWEY, John. Como Pensamos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. ; DEWEY, John. Democracia e Educação. Introdução à Filosofia da Educação. 4ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1979; FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. _____. Educação como Prática da Liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

intertextualidade, retomando diversas bases teóricas⁴¹ e analisando os textos, sob aspectos voltados à comunicação pela análise semiológica e semótica. É grande o número de estudos da área de comunicação que tem sido apresentados em eventos científicos e publicados com esses vieses de análise, especialmente na leitura semiótica de Peirce⁴², entre outras.

Por outro lado, mas também sobre a dinâmica da linguagem, áreas como a da Ciência da Informação preocuparam-se em estudar a indexação de documentos também problematizando a linguagem hipertextual que permitia, mas, interessados na organização da informação, pela primeira vez com uma tecnologia que favorecia reunir, em uma só máquina de processamento de dados, o armazenamento, a busca e a recuperação de informações em escala global. Os estudos bibliométricos e as pesquisas sobre a indexação de informação desenvolveram exponencialmente nos últimos anos no Brasil e fora. (Dias, 1998)

Do mesmo modo, na economia e na abordagem das políticas públicas, discutiram-se problemas sobre como a internet promoveria mudanças no modo de as economias, dos serviços públicos, dos poderes lidarem com a democratização da informação e com o acesso a bens e serviços por mais pessoas em ambientes compartilhados. Todos esses são problemas de caráter sociocultural que estão sendo pesquisados pelos governos, pelas ciências sociais, pelas ciências políticas, com vasta literatura publicada a respeito.

Esses foram apenas alguns exemplos para mostrar que, desde o início da década de 90, com o surgimento e a disseminação da internet, as ciências sociais e humanas estavam formulando suas questões e tornando-as cada vez mais específicas para entender como a internet funciona, e como essa tecnologia afetaria o modo de as pessoas se relacionarem, como modificaria as opções de espaços para aprender e ensinar, como traria mudanças na dinâmica social e nos jogos econômicos e de poder.

O estudo sobre a oralidade, a linguagem escrita nas salas de bate-papo, ou em outros espaços virtuais de comunicação, com o uso da internet, passou a ter lugar mais especializado, a partir do surgimento das comunidades sociais e dos dispositivos de

⁴¹ Ver BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992; _____. Dialogismo e construção do sentido. São Paulo: Unicamp, 1997.; BARTHES, Roland. O grau zero da escritura. Lisboa: Ed. 70, 1997; BAKHTIN, Dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Unicamp, 1997; MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do Discurso. São Paulo: Pontes, 1997; VERÓN, Eliseo. A produção de sentido. São Paulo: Cultrix, 1981.

⁴² Ver Santaella, L. (1997). Estudos de Peirce no COS/PUCSP. In Laurentiz, S. (org.) Caderno da 1ª Jornada do Centro de Estudos Peirceanos. Editado pelo CENEP-COS/PUC-SP.

mensagem instantânea (msn, icq) e as questões que vinham interessando à lingüística e à educação cada vez mais se especializam para explicar esse fenômeno.

Também a psicologia já superou as primeiras curiosidades e agora busca compreender melhor, especializar-se, sobre as interações entre os indivíduos na internet e os comportamentos em ambientes de trabalho, relações familiares, ambientes escolares, etc. Isso tem levado à discussão sobre novos padrões de comportamento de crianças, jovens e adultos, em função da tecnologia. (Wandelli, 2003; Dias, 2006).

A nossa hipótese é a de que isso ocorreu também na área de comunicação brasileira e que os estudos devem estar focando seu interesse em explicar as potencialidades e as características da internet, em suas características de meio de comunicação. Caso isso não esteja ocorrendo, para nossa compreensão, significa que a área de comunicação não escolheu especializar-se, sob a justificativa de ser interdisciplinar ou por considerar que a internet (como um objeto próprio da comunicação) não pode ser explicada pela comunicação por ser extremamente complexa, sem delineamento e fugidia⁴³.

É interessante notar como o olhar dos estudos sobre a economia política da comunicação pareceu seguir esse caminho de especialização, assim como uma parte específica da comunicação: o jornalismo. Ambos parecem ter buscado captar problemas específicos que lhes interessavam ao focar a internet, buscando compreender os fenômenos e aplica-los tão rapidamente quanto possível. Hoje, esses estudos voltados à análise do jornalismo em face da internet e os que lidam com a economia da comunicação, parecem ter avançado e localizam, problematizam e apresentam perspectivas teórico-epistemológicas mais consistentes. Esse tipo de abordagem começou a definir corrente teórica que passou a retomar teorias sobre os meios de comunicação de massa, para avançar em estudos com reflexões teórico-metodológicas para o campo da comunicação:

O cenário que se desenha reflete um processo em curso desde as últimas décadas do século XX, e que tende a se aprofundar no século XXI. É nesse cenário que se vem procurando apreender, analisar e compreender as mudanças que, condicionadas pela reestruturação capitalista e pelas novas tecnologias de comunicação e informação, estão a provocar transformações substanciais nas indústrias da mídia. E por essa razão é que se acredita que a Economia Política da Comunicação, na sua extração crítica, constitui uma das perspectivas

43 Ver a crítica de Martino a esse respeito em Martino, 2006.

teóricas e metodológicas mais produtivas e pertinentes para se refletir sobre esse processo de mudanças. Por Economia Política Crítica da Comunicação entendem-se as relações sociais que constituem mutuamente a produção, a distribuição e o consumo de produtos culturais e de comunicação no modo capitalista de produção (Mosco, 1996).

Perguntamos: esses analistas das mudanças dos próprios recursos da comunicação, pelo surgimento de um meio de comunicação como a internet, têm perspectivas da comunicação? E as demais perspectivas teóricas levam a que possibilidades de investigação e explicação sobre a internet?

Silva (2003) apresenta um quadro sobre a comunicação em que mostra como os diversos momentos em que os novos imaginários tecnológicos foram sendo compreendidos e formando correntes que nem sempre dialogam e que exigem esforço dialético de compreensão. Trazemos esse quadro para nossa reflexão sobre o pensamento desses primeiros estudiosos da internet, em face do referencia do estudo brasileiro sobre tecnologias do imaginário de Silva (2003: 63). A nosso ver, esse quadro deixa a desejar tanto quanto o nosso, provavelmente, pois as questões paralelas à comunicação são trazidas em nome da complexidade de um conjunto de idéias da sociedade contemporânea, sem explicar, de fato, o que está se passando no imaginário tecnológico da área de comunicação.

Tecnologias do Imaginário e Comunicação		
Fenômeno extremo	Laço Social	Motor complexo
(Baudrillard)	(Maffesoli)	(Morin)
Hiperrealismo	Pós-Modernidade	Historicidade
Simulacro	Presenteísmo	Complexidade
Sociedade do Espetáculo	Interação	Simbiose
(Debord)	(Lévy)	(Rosnay)
Desconstrução	Adesão	Probabilidade
(Derrida)	(Lyotard)	(Virilio)
Distinção	Conjunção	Relação
(Bourdieu)	(Duvignaud)	(Debray)
Inação	Participação	Intervenção
Telespectador	Contemplador	Ator
Desterritorialização	Lugar	Reconstrução
Virtual	Convivial	Social
Não-lugar	Comunidade	Sociedade
Distopia	Heterotopia	Projeto

Certamente, os estudos que conseguirem avançar e estreitarem seu olhar, cada vez mais especificamente, para procurar seu lugar na direção de questionar problemas e esclarecer questões típicas, são os que vão oferecer base para um conjunto de idéias organizado, consensual e coerente, ou seja, para teorias a respeito da internet, de modo a contribuir para saberes específicos e complementar o conhecimento das diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas.

É importante que, na atualidade, após o surgimento, expansão, primeiro impacto e novos problemas, à luz de modelos teóricos que ofereçam apoio às investigações, os estudos passem a olhar para este objeto de pesquisa com a necessária isenção, na ótica do conhecimento em comunicação para explicar a internet. Caso esse esforço não seja feito pela área de comunicação, a internet permanecerá sendo tratada como se fosse um objeto tão difícil, complexo, múltiplo, multimodal, multimídia e, assim como a própria comunicação, acabará se tornando incompreensível para a área, no mesmo percurso que vem sendo feito para explicar a própria comunicação, seus objetos de estudos e suas delimitações teóricas. É necessário que se façam novas abordagens, para que, aos poucos, os problemas, as metodologias e as teorias passem a se distinguir e formem um conjunto de conhecimentos próprios. Esse é o caminho da ciência e não há como retroceder ou parar.

Capítulo 2 – A Internet: necessidade de novas abordagens

A proposta deste Capítulo é a de apresentar algumas novas opções de abordagens teóricas e de investigações que já existem na área de comunicação para estudos sobre a internet.

Vimos que as abordagens que apenas assumem posição de defesa ou que são contrárias aos meios de comunicação não são mais suficientes para discutir a internet como objeto de estudo da comunicação. Há estudos que tem proposto discutir o conceito de meio de comunicação e sua influência sobre o indivíduo, em função da sociedade complexa da atualidade em que a internet está inserida. Os estudos e grupos de pesquisa parecem começar a experimentar problematizar a internet como meio, sob outra perspectiva que não apenas assumindo posições favor ou contra, do lado do determinismo ou não (De Kerkchove, 1995; Negroponete; 1995; Castells, 1999), como tivemos oportunidade de ver no Capítulo anterior e estão avançando para estudar as comunidades e redes sociais, especialmente, pelo viés da comunicação.

Por isso, consideramos que lançar novos conceitos ou ampliar os existentes é fundamental para se propor qualquer teoria que ajude a entender a internet do ponto de vista da comunicação.

Por essa razão, discutiremos dois desses conceitos: o de meio de comunicação e o de atualidade mediática, recuperando o que tem sido dito sobre ambos pelos estudos da área. Consideramos que esses podem ser elementos para novas abordagens teóricas que podem colaborar para a compreensão do atual momento histórico e para a clareza sobre o que é, o que faz, para que serve, quem usa, como usa, por que usa internet, de modo a compreender o lugar em que essa tecnologia está situada na comunicação, como saber, em meio a tantos outros objetos técnicos da contemporaneidade em conjunto com tantos outros saberes.

Montardo⁴⁴ procura estabelecer uma relação entre a cibercultura e a comunicação e ressalta que a inserção das tecnologias de informação e de comunicação no mundo contemporâneo e a sua influência na indústria de comunicação e na sociedade é a tônica das análises. No entanto, identifica que “não consta que tenha sido elaborado um estudo específico que se destinasse a investigar a supracitada interface”. A opção que faz, frente a isso, é “articular idéias referentes aos aspectos da

44 Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/montardo-sandra-comunicacao-forma-social.pdf>

vida material e espiritual da contemporaneidade que possibilitem uma interpretação sobre essa relação”. Essa interpretação que o estudo de Montardo faz procura encontrar na cibercultura os fundamentos teóricos de Wolton sobre meio de comunicação, estatuto que o próprio autor nega à internet. Segundo Montardo, é possível propor que as relações empreendidas através da Internet também sejam interpretadas como o estabelecimento da comunicação enquanto uma forma social.(p.13). Para isso, a autora recorre ao seguinte raciocínio sobre a internet conter alguns elementos da não-comunicação, como consultas a informações e uso de serviços, mas conclui que:

(...) essa constatação não é suficiente para manter a proposição de Wolton quanto à Internet não ser considerada um meio de comunicação, segundo Internet, e depois? (2003). É preciso atentar para o fato de que o alerta do autor para que a lógica técnica não se imponha sobre a lógica social e cultural inerente aos meios de comunicação, através dos questionamentos desferidos aos discursos que legitimam a lógica técnica, não esgotam a possibilidade de a Internet ser considerada um meio de comunicação, conforme o conceito de comunicação do próprio Wolton. (p.14)

Concordamos com essa conclusão, mas nossa proposta de fundamentação para considerar que a internet constitui um meio de comunicação é outra: queremos articular idéias sobre o conceito de meio de comunicação e o conceito de atualidade mediática, que envolve as duas dimensões, do social e da cultura, para explicar a relação “internet-meio de comunicação” do ponto de vista técnico-comunicacional.

2.1 O Conceito de Meio de Comunicação

Discutir o conceito de meio de comunicação é, a nosso ver, essencial para qualquer pesquisa da área de comunicação. Sobre isso, concordamos com Martino (2000) que chama a atenção para o fato de que a área de comunicação deixa de abordar o meio de comunicação como um objeto próprio e isso contribui para a indefinição do campo comunicacional como detentor de conhecimento específico. Em especial, sobre a internet, tendo em vista ser um problema da atualidade ainda por ser explicado do ponto de vista da comunicação, consideramos imprescindível que essa conceituação seja feita pelos estudos da área de comunicação, especialmente pelos que se propõem abordagens teóricas.

Para verificar como isso está sendo feito, levantamos⁴⁵ o que vem sendo dito sobre o conceito de *meio de comunicação* na literatura da área e constatamos que, em sua maioria, a idéia não é introduzida nos estudos. O termo ou seus correlatos - consideramos correlatos as expressões “sistema de comunicação”, “suporte”, “veículo”, “mídia”, “hipermídia”, “multimídia”, “canal”, “sistema mediático” – são usadas indiscriminadamente pelos estudos o que já demonstra a falta de preocupação em sistematizar esse conhecimento.

Martino (2000, 2001, 2003a, 2003b, 2004, 2007) tem constatado que o saber comunicacional resente-se da falta de sistematização dos estudos da área, seja sobre que “teorias” fundamentam o campo e o porquê da escolha dessas teorias, seja sobre o desenvolvimento de idéias da área sem exploração dos conceitos de “comunicação” e “meio de comunicação”. De fato, estudos e pesquisas teóricas e empíricas da área de comunicação não costumam problematizar o conceito, nem delimitá-lo, para explicar sobre o que estão falando. Isso corresponde, a nosso ver, a uma situação que seria, à primeira vista considerada absurda, tendo em vista a tradição de pesquisa estabelecida nessas ciências. Seriam aceitáveis cientificamente estudos de psicologia que não problematizassem e tratassem de explicitar o conceito de “indivíduo”; estudos sociológicos e antropológicos que não delimitassem e explicitassem as idéias sobre “grupo, comunidade, sociedade”, ou investigações literárias que não conceituassem “literatura”, e assim por diante, nas diversas Ciências Sociais e Humanas? Podemos parodiar Martino, que pergunta “De qual comunicação estamos falando?” (2007) e é uma voz quase solitária que se levanta para questionar a inexistência da preocupação com a sistematização dos conceitos, de teorias⁴⁶, de comunicação e de meio de comunicação nos estudos da área de comunicação, para perguntar, com ele: de que meio de comunicação estão falando os estudos da área de comunicação?

No contexto desta tese, podemos ampliar ainda mais a questão para perguntar: as problematizações que os estudos fazem sobre meio de comunicação são suficientes para basear e permitir expandir o conhecimento sobre os objetos técnicos que funcionam como meios de comunicação na sociedade atual baseada na eletrônica, que

45 Artigo, ainda não publicado, sobre o levantamento do conceito de meio de comunicação foi escrito pela autora em co-autoria com Lauro Aires e Rafael Rodrigues, em 2009, com o título *De que meio de comunicação estamos falando?*

46 “É natural que nestas condições não somente a diversidade seja imensa, mas a própria teoria da comunicação apareça como não-sistematizável, já que a raiz comum é a ausência de discussão conceitual, no sentido de definir a classe de fenômeno ou do objeto de estudo que estrutura o campo teórico comunicacional”. (Martino, *Teorias da Comunicação: O Estado da Arte no Universo de Língua Espanhola* 1. 2007, p. 1 disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0292-1.pdf>

usa tecnologia digital em rede mundial e que é complexa em suas relações, especificamente, a internet?

Há muitos outros estudos que consideram as definições e nuances dos meios de comunicação mesmo que não as apresentem diretamente, afinal, todos os estudos e comunicação, em algum momento, acabam por tratar dos meios de comunicação. Seria impossível, entretanto, tratar de todos eles neste capítulo. Por isso, realizamos este levantamento geral que já permite localizar algumas significativas análises que existem sobre o conceito de meio de comunicação. Escolhemos apresentar descritivamente algumas idéias contidas nos estudos de diversos autores que se debruçam sobre a questão da comunicação humana. Alguns têm abordagens claramente focadas nos efeitos das tecnologias sobre a cultura e a forma como sociedade e os indivíduos se comportam. Outros fazem um esforço intelectual para classificar ou para propor categorias que colaborem para compreender os meios de comunicação. Consideramos que esses recortes de estudos podem nos fornecer um quadro sobre o assunto, com apontamentos sobre as idéias que contribuem para a reflexão conceitual necessária à área da comunicação.

Muniz Sodré (2003) considera que o meio de comunicação é um dos modos de mediação social “a que poderíamos chamar tecnointeração – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada médium. (...) Aplicado a medium, o termo prótese (do grego prosthenos, extensão), entretanto, não designa algo separado do sujeito, à maneira de um instrumento manipulável, e sim a forma resultante de uma extensão especular ou espectral que se habita como um novo mundo, com nova ambiência, código próprio e sugestões de conduta. (2006: 21).

Partindo de premissas teórico-metodológicas associadas ao “funcionalismo”, McQuail & Gurevitch (1974) não problematizam o conceito de meio de comunicação, mas os efeitos produzidos pelos meios de comunicação sobre os indivíduos na sociedade. A justificativa considerada vantajosa desse viés de análise, segundo os autores, é a de que entender os meios de comunicação dessa forma permite lidar melhor com as relações de causalidade e interdependência entre fenômenos com raiz no comportamento humano. A abordagem funcionalista relacionada à “teoria dos usos e gratificações” é considerada apropriada para tratar de problemas relacionados à motivação e à satisfação de desejos. Os meios de comunicação e o consumo de produtos da mídia seriam explicados, dessa forma, a partir da satisfação (ou não) de

uma necessidade social, que é intrínseca à sociedade e que, portanto, antecede à discussão sobre os meios de comunicação tomados como objetos e explicados por sua própria existência material e por sua inserção na sociedade.

Esse estudo americano vai diretamente à função do meio de comunicação, tratando de sua ação sobre a sociedade, sem contextualizar ou se preocupar, portanto, em problematizar ou explicitar antes o conceito. Essa é, aliás, a abordagem mais comum dos estudos das ciências sociais. É importante notar que deixar de lado o conceito e a problemática sobre o meio de comunicação, do ponto de vista da comunicação, não se trata de um viés de um grupo de estudos internacionais ou brasileiros, mas é uma constante que se encontra na literatura e faz parte da tradição da pesquisa da área de comunicação. Veremos outros exemplos.

Bordenave (2001), cujo trabalho sugere um estudo científico da comunicação, experimenta conceituar meios de comunicação, mas considera que os meios de comunicação são “ciência e tecnologia aplicadas à transmissão de sinais e, portanto, de signos – integram vastos sistemas institucionalizados de relevância não apenas artística, cultural e até comercial, mas também política.”. (Bordenave, 2001, p.60). Sua abordagem é surpreendente porque afasta-se da idéia de meio de comunicação como objeto técnico para mediatizar a relação entre pessoas ou grupos de pessoas e cuida de explicar a institucionalização dos meios, o “sistema”. Com essa opção, o foco torna-se político-ideológico, frustrando quem gostaria de compreender a questão pelo olhar da comunicação.

Lima (2004) realiza uma breve introdução ao campo da comunicação, citando as principais escolas à luz dos textos mais estudados sobre Teoria da Comunicação no Brasil (Wolf, 1987; DeFleur & Rokeach, 1972; Mattelart & Mattelart, 1995; Miège, 2000). Porém, antes de discorrer sobre os principais conceitos e premissas relacionados à natureza e à delimitação do objeto de estudo da Comunicação, a partir dos autores propostos, Lima (2001) considera que nova configuração teórica deverá surgir em função do estado de indefinição e das transformações porque vem passando o campo de estudo da comunicação, considerado “inequivocamente multidisciplinar” e esse momento exige uma “limpeza do terreno (p.22). Refere-se a Wolf (1987) sobre sua visão do campo da Comunicação, que mostra essa multidimensionalidade da comunicação, concentrando-se na função dos meios de comunicação que se expandem para outros conhecimentos:

Constituem simultaneamente um importantíssimo setor industrial, um universo simbólico objeto de consumo e massa, um investimento tecnológico em contínua expansão, uma experiência individual cotidiana, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social, uma maneira de passar o tempo (um entretenimento) etc. (1987:09)

O conceito de meios de comunicação, para esse autor, acaba ganhando o sentido ambíguo, difuso e oblíquo da definição de Wolf (1987), para quem o meio é um espaço múltiplo, ao mesmo tempo concreto e abstrato, que pode constituir o objeto da área de comunicação, mas que oscila entre o meio de comunicação de massa e a cultura de massa (1987:18).

Lima (2004) afirma que esse objeto está mesmo em constante transformação e que devido às transformações dos últimos 50 anos, especialmente, pela chamada “revolução digital”, ou seja, pela digitalização de textos, sons e imagens a bits, a convergência tecnológica permite a dissolução “de fronteiras entre as telecomunicações, a comunicação de massa e a informática, isto é, entre o telefone, a televisão e o computador ou entre a televisão, a internet e o computador” (2004:25). Afirma que

As diferentes tecnologias que eram necessárias para as várias transmissões analógicas – telégrafo para texto, telefonia para voz, radiodifusão para sons e imagens, etc. – estão sendo substituídas por redes digitais integradas de usos múltiplos – via cabo ótico, satélites ou radiodigitais, eles próprios avanços tecnológicos fundamentais. (...) As conseqüências da digitalização e da convergência são imensas e estão se desenvolvendo diante de nós sem que possamos ainda compreender toda a sua amplitude”. (2004:25)

Martino⁴⁷(2007) parte da distinção entre os meios de comunicação e outros dispositivos tecnológicos. Segundo ele, os meios se situam como objetos técnicos, mas no plano da consciência. Para ele, há necessidade de uma distinção entre os objetos técnicos que operam no nível da ordem material, ou da física – então, cujo funcionamento é da ordem do gesto e da mecânica dos corpos – e, de outra parte, os objetos técnicos que operam no plano estritamente simbólico, quer dizer, no plano da consciência. As técnicas mecânicas se distinguem das técnicas de representação do mesmo modo que a ação se distingue da representação, ou o “gesto” da “palavra”

Uma vez feita essa delimitação, o autor vai à busca da evolução dos meios. Não no sentido de progresso, mas no sentido de compreender as diferentes “formas tecnológicas que os usos sociais acabam por moldar, adaptando-as ao contexto e à

47 Referimo-nos à conceituação feita pelo autor, a que tivemos acesso em material apresentado em manuscrito, antes da publicação, em trabalho intitulado “Os meios de comunicação como simulações tecnológicas da consciência. Mimeo. UnB, 2007.

especificidade da organização social em que aparecem”⁴⁸. A partir dessa reflexão, delimita um pouco mais o conceito de meios de comunicação, e afirma tratar daqueles que têm certo caráter social – em outras palavras aqueles que transpassam os pequenos grupos.

Do ponto de vista da discussão conceitual, Martino (2003a, 2003b, 2006) parece ser, aliás, o autor brasileiro que trabalha mais diretamente em busca de consistência teórica para analisar a evolução das funções e formas dos meios de comunicação. Critica McQuail (1983, apud Martino, 2007), entre outros que, segundo analisa, fizeram uma “fraca” conceituação de meios de comunicação. Aponta Février (*apud* Martino, 2007)⁴⁹ como um autor que dividiu os meios em “permanentes” e “momentâneos”, mas sem distingui-los das mensagens. A partir dessa idéia, prefere classificá-los em “permanentes” e “ocasionais”. Conforme explica, os primeiros são os que permitem o registro e apresentam precisão de mensagens e podem ser chamados de meios de comunicação social, no sentido mais preciso do termo. Os segundos são os que têm apenas um dos dois critérios. Distingue os primeiros meios de comunicação, chamando-os de protomeios⁵⁰, como “as primeiras formas de comunicação mediática, típicos das comunidades primitivas”. Segundo analisa, somente a partir da escrita haverá simultaneamente os dois critérios que definem o meio de comunicação da sociedade atual: registro e precisão. Também avança na teoria sobre os meios de comunicação classificando-os em meios-máquina e meios-instrumento (Martino, 2000). Os primeiros, explica, produzem e veiculam acontecimentos e passam a ser, eles próprios, o acontecimento, ficando acima da mensagem e considerando a temporalidade e a simulação. Os segundos são os que existem em função das mensagens e exercem papel de ferramenta de transmissão. Essa proposição de Martino está relacionada aos estudos da literatura canadense sobre meios de comunicação⁵¹.

48 *Ibidem*, p. 66.

49 Février denomina os meios de expressão como “permanentes” ou “momentâneos”, referindo-se à duração da vida das mensagens. Esse autor não distingue os meios das mensagens.

50 Goody, Jack - *Apud* Martino, 2007.

51 Jorge Pedro de Souza, in *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*, Porto: 2006, faz uma leitura bastante abrangente dos estudos da área de comunicação e lembra que “A última grande tradição de estudos desenvolvida na primeira metade do século XX foi a da Escola Canadiana (ou Escola de Toronto). Esta linha de investigação, cujos expoentes foram Innis e, posteriormente, McLuhan (já na segunda metade do século XX), enfatiza o papel dos meios de comunicação na transformação das sociedades. Para os autores filiados nesta tradição, mais importante do que o conteúdo das mensagens é o veículo que as transporta (pelo menos, o meio de comunicação é tão importante como as mensagens)”. disponível em <http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf> (p.410)

Na corrente de estudiosos da chamada *Escola de Toronto*, também conhecida como Teoria do Meio, Meyrowitz (1995), juntamente com De Kerckhove (1997), e outros autores têm se esforçado por marcar o lugar central do meio de comunicação na sociedade complexa. É importante destacar que Innis (1950), precursor da escola de Toronto e a quem McLuhan (1964) deve também muitas de suas idéias, defendia a necessidade de se estudar os efeitos dos meios de comunicação como tecnologia – constitutivos e constituintes do desenvolvimento da técnica – e não apenas pelos efeitos produzidos por eles para a difusão de conteúdos. Os autores que também estão relacionados a essa escola, são Meyrowitz (1995) e Jack Goody (1986). Ambos têm produção atualizada, razão porque não poderíamos deixar de mencioná-los como indicação para os interessados em aprofundar o estudo sobre os efeitos sociais dos meios de comunicação como objeto central dos estudos da área.

Marshall McLuhan (1964) é, certamente, o autor dessa corrente mais lembrado desde meados do século XX, quando a televisão era o meio eletrônico com discurso mediático de maior penetração na sociedade, é dos poucos estudiosos que consideram o meio de comunicação como objeto técnico. McLuhan concebe o meio de comunicação por sua ação na sociedade como parte indissociável dessa sociedade, de modo a encontrar uma localização e uma explicação para os efeitos de sua existência material, e de suas características específicas, uma vez que essa existência promove novas formas de se conceber e conhecer o mundo. McLuhan considera que os meios eletrônicos de comunicação estão imbricados com a sociedade e podem ser definidos como extensões dos sentidos humanos e identificados em sua substância, devendo ser considerados e estudados em si mesmos, uma vez que, pela própria existência material no mundo em que estão presentes, são a mensagem a ser compreendida. Infelizmente, McLuhan manteve a análise dos meios como a intervenção de uma instância (meio material, técnico) sobre a outra (sociedade) com a conseqüência de ser considerado entre os deterministas. Se a vida social é determinada pelos meios de comunicação⁵², os anti-deterministas tecnológicos tomam partido contra ele e nem procuram compreender o que esteve propondo. Na verdade, McLuhan volta como um autor de referência devido ao papel preponderante dos meios eletrônicos, em especial, dos meios digitais em rede, a internet, por trazer maior clareza sobre sua concepção de “aldeia global” e de um mundo conectado pelos meios de comunicação.

52 Martino aborda esta questão com cuidado no artigo: Contribuições para o estudo dos meios de comunicação - Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 13 • dezembro 2000 •

Meyrowitz (2001) propõe a alfabetização mediática para compreender as diferentes gramáticas a respeito dos meios, isso é, “entender o significado das variáveis de produção dentro de cada meio. A concepção dos *media* como ambientes sugere a necessidade de se perceber a influência das características relativamente fixas de cada meio (alfabetização mediática), tanto nas comunicações individuais como nos processos sociais em geral”. Jack Goody manifesta sua concepção do problema, em entrevista concedida a Pallares-Burke (2004)⁵³, o que pensa quanto aos meios de comunicação serem substituídos ou de haver sistemas separados na sociedade:

Diferentemente dos meios de produção, um não substitui o outro; acrescenta-se um ao outro. Não é porque somos uma sociedade letrada que vamos nos desfazer de todas as outras formas de comunicação. Isso seria uma idiotice (...) A interação de forças socioeconômicas e letradas/tecnológicas representa um caso clássico de sistemas interatuantes dialéticos que se encontram sempre incipientemente num processo de mudança.

Há, na outra ponta, aqueles autores que, olham o fenômeno pela ótica do culturalismo e utilizam fundamento político ideológico para criticar os meios sem conceituá-los ou problematizá-los como atores da sociedade. Anti-deterministas, a priori, deixam de considerar os meios, como se eles não importassem para a compreensão do processo comunicacional na relação existente entre os meios eletrônicos e a sociedade. Assim faz Wolton (1997), como vimos, que, em seus pensamentos sobre a comunicação, distancia-se das análises teóricas que deveriam interessar ao campo da comunicação. Esse autor é um dos que considera os meios de comunicação como ferramentas e descarta seu entendimento, em prol de estudos da sociedade e da cultura, como se os meios de comunicação não interviessem nessas configurações. Afirma que “na comunicação, não são as ferramentas nem os mercados que interessam, mas os homens, a sociedade e as culturas.” (1997:15)

Para Eliseo Verón (1981), o meio de comunicação também vai depender do contexto de seus usos sociais, ou seja, o que vai fazer daquela tecnologia de comunicação um meio de comunicação são as suas modalidades específicas de utilização.

É o caso, por exemplo, da tecnologia que podemos descrever genericamente como vídeo e que pode incluir registro de imagens e sons sobre suporte magnético. Essa tecnologia intervém no meio de

53 PALLARES-BURKE, Maria Lúcia and BURKE, Peter. Entrevista com Jack Goody. Horiz. antropol. [online]. 2004, vol.10, n.22, pp. 329-345. ISSN 0104-7183. disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22706.pdf>

comunicação que chamamos de “televisão”; nas práticas de vídeo “amador” que se inscreve no marco das estratégias individuais de construção da memória familiar; nas obras de “vídeo-arte” praticadas hoje por muitos criadores de vanguarda; nos dispositivos de vigilância de edifícios. São quatro contextos de produção e recepção diferentes para um mesmo dispositivo tecnológico. O primeiro e o terceiro correspondem, no sentido que aqui me interessa, a noção de meio de comunicação, mas não o segundo e o quarto: a gravação mediante uma câmera de vídeo de cenas da vida privada familiar não dá lugar a um fenômeno mediático. Tampouco o registro do que se passa em um edifício. (1991:13)

Segundo Verón, a noção mais adequada de um meio de comunicação é a de que ele “satisfaz ao critério de acesso plural das mensagens das quais o meio é o suporte (1981:15)”, tendo uma forte “dimensão coletiva” no que diz respeito ao acesso às mensagens. No caso dos usos não-mediáticos dos sistemas de comunicação (telefone, correio eletrônico, vídeo-amador), constitui-se um mercado no qual a mensagem não é fundamental. No caso dos fenômenos mediáticos, “a oferta está constituída pelas mensagens” (1981:17). As mensagens circulam como produtos, formando o que ele chama de “mercado de discursos”. É importante observar que, apesar de discutir com relativa profundidade o conceito de meio de comunicação ao longo do seu estudo, o autor também deixa de apresentar a problematização sobre o termo ou a avançar na formulação do conceito.

Em entrevista à *Revista Alambre*, ao ser perguntado se os meios deixaram de “representar a realidade” para “construir a realidade” e como atuam os meios digitais, especificamente a Internet, sem esquecer das experiências videolúdicas, chats, recursos de transmissão de mensagens, etc. nesse processo de mediatização, Veron afirma que não falaria de meios digitais, porque, para ele

A digitalização é um procedimento técnico que não devemos colocar no mesmo plano do conceito de “meio”. O conceito “meio” se coloca na interface entre a oferta e a demanda no mercado dos discursos. O conceito de “digital” ou “digitalização” é, em minha terminología, um aspecto técnico das condições de produção dessa interface. No plano da produção, a digitalização, graças ao protocolo IP, abarca hoje todas as matérias significantes: as obras de Shakespeare são digitais, posto que estão na Internet. Isso não muda nada nas condições de percepção – recepção: para os sujeitos receptores que somos cada um de nós, um texto segue sendo radicalmente diferente de uma imagen fotográfica, que segue sendo radicalmente diferente da sequencia oral de uma voz humana, que segue sendo radicalmente diferente do fraseado da guitarra de Santana, Mark Knopfler ou Eric Clapton (que são ademais muito diferentes entre si). A semiótica se interessa pelas condições de produção na medida em que afetam as gramáticas de produção, que por sua vez definem as propriedades desses conjuntos de operações semióticas que serão percebidos-consumidos na recepção (de muitas distintas maneiras!!). O que hoje se interessa pela mediatização deve

interessar-se, por exemplo, em perguntar: como se explica a extraordinária emergência da textualidade oral, dissociada da textura musical harmônico-melódica (que se volta a uma espécie de fundo icônico-indicial de memória social), no hip-hop? Esses são los “pacotes” de semioses que temos de tratar de compreender e analisar.⁵⁴

Interessante notar como Veron questiona o nivelamento do plano dos conceitos e da técnica, mas não estranha colocar o plano do conceito de meio de comunicação nivelado ao plano do mercado e das condições de produção. Na verdade, Veron também não parece se interessar em conceituar meio de comunicação, mas sim de tratar semioticamente da relação “meio de comunicação-condições de produção-gramática de produção-condições de recepção”. A análise semiótica pode, sem dúvida, contribuir para entender essa relação, mas estabelecer o conceito, dizer de que meio de comunicação se está tratando, parece-nos ser necessário e essencial para sustentar qualquer análise.

Antecipando as preocupações classificatórias que estamos buscando encontrar, Moragas, em 1982, propõe a seguinte taxonomia para os meios: 1) Micromeios; Mesomeios; Macromeios e Megameios, mas sua abordagem é da ordem da dimensão quantitativa e em função da distância geográfica e número de pessoas alcançadas pelos meios, numa leitura da economia e da política, sem a preocupação com o conteúdo técnico dos meios ou sua dimensão relacional com a atualidade. Não encontramos essa classificação de Moragas sendo adotada teoricamente pela área de comunicação. Supomos que a inconsistência e a insuficiente fundamentação teórica do estudo não permitem que seja adotado como um modelo classificatório suficiente para classificar os meios e fundar o conhecimento sobre meio de comunicação. Apenas propor a divisão parece-nos ter um caráter mais didático que teórico-epistemológico.

54 Do original, traduzido livremente, pela autora: “La digitalización es un procedimiento técnico que no debemos ubicar en el mismo plano que el concepto de “medio”. El concepto de “medio” se ubica en la interface entre oferta y demanda en el mercado de los discursos. El concepto de “digital” o “digitalización” es, en mi terminología, un aspecto técnico de las condiciones de producción de esa interface. En el plano de la producción, la digitalización, gracias al protocolo IP, abarca hoy todas las materias significantes: las obras de Shakespeare son digitales, puesto que están en Internet. Eso no cambia nada en las condiciones de percepción-recepción: para los sujetos receptores que somos cada uno de nosotros, un texto sigue siendo radicalmente diferente de una imagen fotográfica, que sigue siendo radicalmente diferente de la secuencia oral de una voz humana, que sigue siendo radicalmente diferente del fraseado de la guitarra de Santana, Mark Knopfler o Eric Clapton (que son además muy diferentes entre sí). La semiótica se interesa en las condiciones de producción en la medida en que afectan las gramáticas de producción, que a su vez definen las propiedades de esos paquetes de operaciones semióticas que serán percibidos-consumidos en recepción (¡¡de muy distintas maneras!!). El que hoy se interesa en la mediatización debe interesarse por ejemplo en: ¿cómo se explica la extraordinaria emergencia de la textualidad oral, dissociada de la textura musical armónico-melódica (que se vuelve una especie de fondo icónico-indicial de memoria social), en el hip-hop? Estos son los “paquetes” de semiosis que tenemos que tratar de comprender y analizar” disponível em <http://www.revistaalambre.com/Articulos/ArticuloMuestra.asp?Id=13>

Por outro lado, Matellart (1991) não apresenta classificação nem definição do termo meio de comunicação, mas refere-se a “redes técnicas de comunicação”, “circuitos técnicos da sociedade de informação”, “circuitos de troca” e “conjunto de invenções técnicas”, demonstrando preocupação com o desenvolvimento das tecnologias, mas principalmente voltado para a análise da história das idéias e das estratégias que afetam a democracia, ou seja, com uma abordagem histórica e político-social sobre os meios de comunicação, afirmando que o seu progresso tecnológico na comunicação é a “bitola do crescimento e da democracia”. Essa afirmação não nos parece fazer qualquer sentido no contexto de se buscar explicações teóricas para os meios de comunicação. Aliás, essa discussão feita por Mattelart é típica da sua visão a respeito da sociedade informacional, conforme vimos no Capítulo 1. Para ele, os meios de comunicação são sempre meios de manipulação de uns sobre outros, na dimensão do poder e não da ação técnica do meio.

Gerbner (1967) trata dos meios de comunicação de massa em trabalho publicado sobre a Teoria da Comunicação Humana e parece situar-se mais no campo da comunicação. Denomina os como “meios de comunicação”, “veículos”; “meios técnicos de transmissão”, “meios de comunicação de massa” ou “mediações tecnológicas” e ressalta que o conceito tem sido tratado teoricamente com origem no pensamento político, na análise socioeconômica e na erudição histórico-artístico-literária. Entretanto, não apresenta uma conceituação mínima e prefere referir-se aos meios de comunicação por sua capacidade, como se isso os definisse. Para ele, os meios são capazes de assumir formas que tenham características de mensagens ou que transmitam mensagens. Argumenta que o interesse em discutir e teorizar sobre os meios é uma característica da resistência à mudança cultural:

a motivação para a teorização acerca dos meios de comunicação de massa provinha, na sua maior parte, de um desejo ou de uma resistência à mudança cultural. Provinha de filósofos e revolucionários, defensores da cultura “clássica” ou “folclórica”, críticos da “elite” e das tradições aristocráticas, propagandistas e analistas de propagandas”. (1967:34)

Esse posicionamento de Gerbner – que a rigor não expressa seu pensamento sobre o conceito de meio de comunicação – nos oferece, entretanto, um bom exemplo das condições das discussões teóricas, mais preocupadas com as consequências dos meios do que com o ponto de vista epistemológico. A afirmação que faz de “revolucionários defensores” de culturas clássica, folclórica, misturada a críticos de elite e etc. não está suficientemente clara para aqueles que se interessam pelo conceito de

meio propriamente dito. Ele se refere mais aos princípios e às consequências, mas não aos meios.

Santaella (2001), por outro lado, dedica capítulo aos alunos de mestrado e doutorado as possibilidades de pesquisa na área de comunicação. Interessante notar que a autora traça um mapa (territórios da comunicação), dividindo a “grande área da comunicação” em relações menores, em face dos elementos envolvidos no processo comunicativo. Segundo ela,

a mensagem, em si, é o dado mais palpável em todo o processo comunicativo, aquele a que sempre se tem acesso objetivo. Nesse campo, explica, cabem todas as pesquisas referentes às linguagens, discursos, sistemas e processos sógnicos das mais diversas ordens: biológicos, corporais, lingüísticos, gestuais, visuais, sonoros, audiovisuais, hipermediáticos com todas as suas misturas, além dos processos contracomunicativos, poéticos, artísticos, quer dizer, processos rebeldes em relação aos sentidos instituídos. (2001: 86)

No território dedicado aos meios e modos de produção das mensagens, a autora sugere aos pesquisadores saber com que meios as mensagens foram produzidas e explica que entram aqui “todos os suportes artesanais da escrita, pintura, gravura, instrumentos musicais, todos os meios técnicos eletro-eletrônicos de produção de imagem, som e escrita (jornal, foto, cinema, televisão, video, etc.), assim como as atuais mídias digitais”. Essa análise carece, a nosso ver, de maior discussão, tendo em vista que os suportes não exercem, por si sós, papel de meios de comunicação e é grave que a autora esteja afirmando para a área de comunicação que cabe a ela estudar a mensagem. Essa nos parece já ser a atribuição de outras ciências e artes, tais como a literatura, a pintura, a música etc. Não nos parece ter sido esclarecida a dimensão de tantos e diferentes suportes, como sendo o que carregam “a mensagem”, como se bastasse relacionar seus nomes para que o entendimento sobre o que são fosse imediato. Essa é, aliás, uma das autoras mais citadas no país quando se trata de informar sobre a pesquisa em comunicação, sobre a tecnologia, sobre a linguagem. Trata-se de estudiosa séria, renomada e atenta às questões da área, porém, comete, como tanto, o equívoco da escolha de uma opção interdisciplinar sem critério. Ao considerar que a mensagem é o mais palpável para a pesquisa da área, parece compreender que o estudo da comunicação, pela mensagem, pode e cabe ser feita por conhecedores de música, pintura, linguagem etc, logo é interdisciplinar.

Pesquisador formado na área de comunicação, mas com interesse direcionado para a educação, José Moran (1993) propõe programa educacional que prepare para a

leitura dos meios de comunicação e os define como “sistemas materiais” e “instrumentos de difusão”, chamando a atenção para o fato de não haver preocupação dos estudiosos da área específica (comunicação) em explicitar as características das suas linguagens, “mantendo os mesmos conteúdos veiculando uma nova forma”. Considera os meios como “tecnologia apta para apressar o processo de modernização, de “desenvolvimento”, pelo conjunto das redes de veículos, de relais, de instrumentos tecnológicos de sistemas que transportam as mensagens e colocam em circulação as mercadorias culturais”. Diz ainda que

Os meios são também um campo privilegiado da ideologia porque se apresentam “despretensiosamente”, sem querer ensinar, passar receitas, ser “chatos”. Apresentam-se numa relação direta, fácil, próxima, sem dificuldades de interpretação. Envolvem uma dimensão material – como tecnologia, relais, empresa, preenchimento do lazer do cidadão -, uma dimensão de representação – como troca de dados, informações, troca de ideologias e uma dimensão pragmática – como afeta as relações entre indivíduos, grupos, classes sociais e a sociedade como um todo; como interfere nas opiniões, crenças, hábitos, atitudes e valores. Exercem poderosa influência na nossa cultura. Refletem, recriam e difundem o que se torna importante socialmente tanto ao nível dos acontecimentos (processo de informação) como do imaginário (são os grandes contadores de estórias, atualmente, através de novelas e seriados. Expressam e significam o próprio dinamismo do homem contemporâneo, suas contradições, a sua sensibilidade para o emocional. Espelham e aceleram o ritmo do homem moderno, não o causam, simplesmente (...)” (1993:23).

Nessa perspectiva, também DeFleur (1972) observa que a relação entre mídia e sociedade é complexa, pois, segundo explica a influência dos meios sobre a sociedade é proporcional à influência da própria sociedade sobre os meios.

Nenhum veículo de comunicação existe no vazio. Ele faz parte de sistemas sociais e culturais extremamente complexos e mutáveis dentro dos quais existe e opera. Seu destino será dependente não apenas das características do veículo propriamente dito, como da existência dentro desses mesmos sistemas de um conjunto de normas e valores salientes que o modelam e influenciam. Seu destino será também influenciado em parte pela presença de outros veículos com os quais ele entra em contato, é dessa forma que a sociedade possui uma forte influência sobre seus veículos de comunicação. (1972:110)

Outros estudiosos também se propuseram a desenvolver estudos sobre o conceito de meios de comunicação (além de estudos sobre a divulgação do conteúdo e a difusão de mensagens e o impacto sobre a sociedade). Esses autores⁵⁵ analisaram a estrutura e a repercussão dos meios e, posteriormente, as conseqüências simbólicas,

55 Ver Fernandes, s/d, que cita Laswell (1949), Lazarsfeld (1949), Wright (1960), De Solla Pool (1973), Schulze (1982), Weiss (1969), Schramm (1954), DeFleur y Ball-Rockeach (1989) e McQuail (1983), entre outros,

psicológicas e culturais para as sociedades contemporâneas, porém não lograram êxito na proposta de aprofundar o próprio sentido do objeto de estudo, optando por tratarem das suas influências e efeitos. Vejamos alguns exemplos.

Katz e Lazarsfeld (1955) caracterizam os meios de comunicação de massa como “uma espécie de sistema nervoso simples que se estende para tocar cada olho e cada ouvido, numa sociedade caracterizada pela escassez de relações interpessoais e por uma organização social amorfa”. São os legítimos representantes da indústria cultural enquanto Rudiger (2003) considera que “os meios de comunicação constituem formas generalizadas de comunicação, na medida em que condensam materialmente e expandem coletivamente o conhecimento cultural, mas ambivalentes, na medida em que são formas colonizadas pelos meios de controle sistêmico representados pelo poder e dinheiro. (2003: 106)

Numa abordagem predominantemente econômica, Moraes (1997) entende os meios como “correias de transmissão para enlaçar consumidores e mentes”. Sobre as funções, afirma que os meios são os responsáveis pela “profusão de imagens” que, segundo ele, “turva os horizontes perceptivos e reconfigura os parâmetros sociais. Potencializados por redes eletrônicas e satélites, os aparatos de difusão tornam próximos e presentes acontecimentos separados por fusos horários, climas, injunções geopolíticas e iniquidades de toda ordem”.⁵⁶ É importante notar que, ao referir-se aos meios, o autor não problematiza o conceito, em si, mas contenta-se em denominar de diversas maneiras: ciclos tecnológicos; redes eletrônicas e satélites; aparatos de difusão; circuitos integrados; ferramentas tecnológicas. Vale ainda ressaltar que escreveu suas observações no início da década de 90, quando a internet ainda não havia alcançado as condições técnicas que possui hoje.

Para Marcondes Filho (1991), “os meios de comunicação são o exemplo mais claro deste processo: forma extrema de clonagem que dispensa o original e em que as coisas só existem para sua reprodutibilidade ilimitada. O real desaparece no hiperreal, o sexo no pornográfico, o movimento na aceleração e na velocidade, o corpo no obeso, a informação na obscenidade, as redes na proxenética” (1991:19).

Nosso objetivo, neste levantamento, como dissemos no início, foi o de mostrar como são algumas das abordagens mais conhecidas de teóricos sobre os meios de

56 <http://revistabrasil.org/revista/artigos/denis.htm>

comunicação. Trata-se de estudo panorâmico, mas permite confirmar a nossa preocupação: constatamos que os estudos que se dispõem a tratar de teoria da comunicação ou de empreender estudos sobre os fenômenos que se manifestam na área de comunicação costumam, sim, tomar a idéia de meio de comunicação como fundamental, porém, de forma geral – com raras exceções – tratam do conceito de meio de comunicação sistematizando-o. A problematização do meio de comunicação em sua dimensão técnico-comunicacional é muito pouco desenvolvida, para um conceito certamente essencial. O que fica evidente, mesmo para quem é neófito na área, é que há desvios propositais para que os argumentos sejam de outra natureza e de outra ordem, distanciando-o das análises sobre o objeto técnico, o meio de comunicação em si.

O conjunto de recursos integrados – áudio, fotografia, vídeo, infografia e texto – que estão presentes e são usados na internet, encontram-se no cruzamento do plano individual com o plano coletivo e apresentam novas características de mediação. Essas características vão desde as ações do sujeito individual até sua inserção nas redes de comunicação global, passando pela formação de redes sociais de interesses específicos. O grau de complexidade da internet como meio de comunicação parece-nos incontestável e são poucos os estudos que estão tentando ver essa complexidade para simplificá-la pelo entendimento. Em suma, a internet não é um fato simples, traz um novo tipo de mediação que repercute nas relações sociais, ao mesmo tempo que uma demanda da própria complexidade da sociedade de onde emerge.

2.2 O Conceito de Presenteísmo X Atualidade Mediática: diferentes perspectivas

A definição do adjetivo *atual* em dicionários diz tratar-se daquilo “que vigora, se obtém, ou se realiza na época presente, o que é presente, que existe, efetivo, real. A filosofia diz que é atual o que se encontra em ato, que adquiriu a sua forma final, plena acabada, que manifestou todas as suas potencialidades” Como substantivo, a atualidade é a “qualidade ou o estado do que é atual, o momento ou a época presente., o estado de coisas, a circunstância do momento presente...” (Houaiss, verbete *atual*, verbete *atualidade*, p.341)

Em estudos da área de comunicação, é comum encontrar outro termo, *Presenteísmo*, como sinônimo de atualidade. Entretanto, conforme o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP⁵⁷), o termo presenteísmo inexistente em língua portuguesa. Tem sido usado na área de administração como substantivo para designar o comparecimento ao trabalho...Na área de comunicação, inferimos que se trata de um galicismo, pois se trata de palavra francesa importada juntamente com outras idéias de tribalismo e socialidade, entre outros conceitos, de Michel Maffesoli (19), sociólogo francês que tem admiradores e seguidores na área de comunicação do Brasil como o pensador das relações sociais no cotidiano e por colocar-se refratário a qualquer tipo de reducionismo, a seu ver, inclusive, o do pensamento racional da ciência. É de Machado da Silva (2001, 2004), por exemplo, os seguintes trechos que explicam que o interesse de Maffesoli está na compreensão das relações sociais e não da comunicação mediatizada:

Michel Maffesoli, mesmo antes da explosão da internet, já vinha tratando do “estar-junto”, da efervescência coletiva, do tribalismo e do lúdico. Para ele, a imagem funciona como um totem em torno do qual comungam os espectadores. Maffesoli está mais interessado na “*réliance*” do meio que no conteúdo das mensagens. (Silva, 2001: 176).

Michel Maffesoli tem mostrado que, ao contrário do imaginado, o principal da comunicação é o contato, o simples “colocar em relação”, a chamada função “*fática*”. Já na informação o essencial é o conteúdo, o valor operativo, funcional, de um dado fornecido a um receptor. Responder à questão “o que é a comunicação?” significa apostar numa leitura global de uma época fragmentada e marcada por tudo quanto é tipo de contato e de relações. Este é um mundo no qual tudo se toca, cruza, mistura, liga, confunde e faz fronteira. Mesmo os antagonismos podem ser complementares. (Silva, 2004: 43-44)

57 O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa é uma publicação da Academia Brasileira de Letras, disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23> que reúne os vocábulos oficialmente existentes em língua portuguesa.

O francês Michel Maffesoli, autor de várias obras fundamentais para o entendimento deste final de século, dissecou o cadáver do mito futurista. Sociólogo do presente, do cotidiano, da empatia, da efervescência social, do vitalismo e da compreensão, Maffesoli sabe - com a licença de Fernando Pessoa - que demonstrar não é preciso. (Silva, 1997: 27)

Também Lemos (1997) é um dos estudiosos da comunicação brasileira que se apóia no pensamento maffesoliano e que estão presentes em publicação de homenagem⁵⁸ a Maffesoli para argumentar sobre o fenômeno da internet do ponto de vista da formação de tribos nas comunidades, bem como as tribos de jovens que fazem a contracultura: os geeks, os hackers, crackers, os cyberpunks, os cyber qualquer coisa... Segundo sua análise o pensamento de Maffesoli é indispensável para compreender o que se passa na sociedade contemporânea:

Para compreendermos melhor essa cibercultura planetária, vamos tentar mostrar como conceitos maffesolinianos (sic), tais como o “tribalismo”, o “presenteísmo”, o “vitalismo” e o “formismo”, podem ser aplicáveis para descrever a relação entre as novas tecnologias e a sociedade contemporânea. Esses “miniconceitos” vão pontuar todos os campos da cultura, não só a cibercultura (comunidades virtuais, jogos eletrônicos, imaginário cyberpunk, cibersexo, realidade virtual, ciberespaço), mas todos os acontecimentos cotidianos, todas as formas de agregação (banal, festiva, esportiva, midiática) que marcam atualmente as sociedades. (1997: 15)

Lemos continua, afirmando que para explicar a relação das tecnologias com a sociedade contemporânea as idéias de Maffesoli prestam-se ao entendimento do que se passa como fenômeno ciber-social:

Aqui, podemos compreender como, a partir da análise da socialidade contemporânea proposta por Michel Maffesoli, a cibercultura constitui-se como uma “ciber-socialidade”, uma estética social (aproximação comunitária, prazer corporal e sensorial) alimentada pelo que nós poderíamos chamar de tecnologias do ciberespaço (redes informáticas, realidade virtual, multimídia). A cibercultura forma-se pela convergência do social e do tecnológico, sendo que, com inclusão da “socialidade” na técnica, ela vai adquirir seus contornos mais nítidos. (Lemos, 2009,)

A obra de Maffesoli é decisiva para se fazer uma abordagem fenomenológica da sociedade Contemporânea ocidental. (...) o conjunto de conceitos que compõem a socialidade maffesoliniana nos ajudará a compreender os fenômenos recentes da cultura eletrônica global (Internet, multimídia de massa, wearables computers, tamagotchi, “objetos que pensam”, MIT, cyborgs2 etc.).(p.)

58 Todos esses estudos estão reunidos em uma publicação da Faculdade de Comunicação da Universidade do Rio de Janeiro que homenageou Maffesoli em 1997. Disponível em <http://www.logos.uerj.br/PDFS/anteriores/logos06.pdf#page=49>

O presenteísmo maffesoliano é marcado pela comunicação social dos olhares, dos gestos, do toque e das conversas informais. É neste tempo, vivido no mundo, marcado pelo encontro com o outro, que o cotidiano pode ser compreendido. Ressalta-se o caráter do presente, tempo do agora, como expressão do relacionamento entre acontecimentos; fenômenos e ações dos homens constituindo comunicação e culturas. É através do viver-comum, da vontade de tocar o outro e de pertencer aos grupos que o sentido do aqui-e agora demonstra toda a potência da comunicação social. (...) O presenteísmo marca a idéia de completude no eu-outro: reconhecimento social e participação no aqui-e-agora, no presente. Presenteísmo que se caracteriza pela dinâmica de representação temporal marcada na relação com o outro, que pode ter ou não finalidades preestabelecidas. Relação no presente, cujo ritmo seqüencial expressa as paixões e os afetos experimentados em comum nas situações minúsculas, ritualizadas, que se revestem de uma certa repetição da qual se compõe a vida. O tempo do presente anuncia vivências que se estabelecem pelas práticas e apontam para o futuro ao valorizar a intensidade do imediato, do agora, do “que ronda sempre a vida cotidiana” (Maffesoli, 1988, p.181).

Trouxemos essa introdução porque consideramos que há um equívoco na análise que esses estudiosos fazem para explicar a comunicação na sociedade contemporânea com o aporte teórico de um sociólogo que fundamenta suas idéias na noção da dimensão orgiástica, vitalista, hedonista e da superação da fragmentação da pós-modernidade, em oposição aos estruturalistas. De fato, Maffesoli traz idéias sobre a constituição da sociedade atual, entretanto, como dissemos no Capítulo 1, consideramos que seu conjunto de idéias é insuficiente para explicar a comunicação da atualidade. Nesse tipo de abordagem, parece haver uma tentativa de fazer caber uma roupa menor em alguém mais alto e mais robusto, porque compreender a comunicação da atualidade é mais do que compreender as relações do presente, é mais do que explicar o fenômeno social. Compreender a comunicação no presente trata de buscar explicar o fenômeno comunicacional e suas implicações. A idéia desses autores sobre o presente é no sentido de algo que é fruído cotidiana, coletiva e prazerosamente. Essas idéias estão voltadas para questões antropológicas, culturais e sociais, antes de poderem ser consideradas base para análises técnico-comunicacionais que respondam as questões sobre o meio de comunicação que afeta as relações entre as pessoas. Não vemos, portanto, no conceito de presenteísmo de Maffesoli justificativa para que seja tomado como intérprete do fenômeno da comunicação atual, uma vez que as relações sociais são intermediadas pela presença material do meio eletrônico que mantém a sociedade em constante ligação. Cabe à sociologia estudar o fenômeno das ligações em si, ou seja, compreender as tribos, a reliance etc. Porém, cabe à comunicação entender o que está no meio dessas ligações. Não se pode simplesmente fechar os olhos para o

meio técnico que existe e preferir explicar um pelo outro, como se fosse suficiente para entender ambos.

A questão do tempo presente na sociedade complexa, após a eclosão dos meios eletrônicos, é tratada pelos estudos da comunicação como problema a ser compreendido. Para Marcondes Filho (1991), na "Sociedade Frankenstein" em que vivemos, (...)

Configura, portanto, o "presente perpétuo" da era das novas tecnologias de comunicação. Em vez de passado/presente/futuro, coloca-se a diluição do passado num presente e a ausência de qualquer devir possível: só há um tempo, o da vivência do êxtase, da emoção, do entusiasmo, do impacto, do agora. É uma forma de trabalhar a cultura e os dados culturais, em que se investe tudo nessa fascinação do presente, na momentaneidade e no processo de cristalização do imediato. (1991:46)

A visão do tempo como opressão do indivíduo na sociedade atual, pode, entretanto, em vez de ser tratada em seus aspectos negativos, pela desesperança, ser abordada como uma das características da complexidade do presente, em face da existência de artefatos tecnológicos que alteram as dimensões culturais, sociais e da técnica, e também afetam as concepções de espaço e de tempo, uma vez que o conhecimento da comunicação que existe hoje depende de entender essas características e é necessário um olhar isento, que tente descreve-las, para que se possa lidar com elas e não apenas negá-las. A análise sobre a mudança nos eixos do espaço-tempo recai, invariavelmente, nos seus efeitos. Segundo Marcondes Filho (1991) as alterações do tempo, sobre o espaço, na presença da tecnologia de comunicação eletrônica impõe ao homem uma vivência com a máquina que extrapola a autonomia do sujeito, e estamos, inevitavelmente, imersos nesse universo.

Estamos diante de uma total superposição de outro universo, de novas coordenadas de espaço e tempo e de uma nova posição do homem dentro deste novo universo. Antes, ele dominava a máquina, ou então, via-se num conjunto em que ele e a máquina eram ao mesmo tempo produto e produtor. Hoje, a situação é distinta. Ele é parte, componente, peça de um sistema complexo, amplo, universal de alta sofisticação tecnológica, mas não só como terminal, que conecta com outros indivíduos ou com a própria máquina. Ele é esta rede, tela perfurada através do qual tudo passa e nada o transforma. (1991:47)

Para entendermos o conceito de atualidade por outra perspectiva, diirigindo nosso olhar para o meio, vimos construída a base da relação entre o meio de comunicação, cultura, sociedade, história, representação social e técnica. Para isso, tomamos como aporte teórico não a idéia de Presenteísmo, na concepção sociológica

de Maffesoli e seus adeptos, mas a de *Atualidade Mediática*. Martino (2009) é o autor que nos embasa porque compartilhamos do mesmo ideário que conforma seu pensamento sobre os caminhos que as pesquisas de comunicação precisam seguir para produzir conhecimento específico para a área. Além de propor claramente que o recorte do objeto de estudo da Comunicação está em estudar o meio de comunicação, também busca recolocar a questão da curiosidade e da busca de informação não como processos humanos estritamente relacionados à perspectiva cognitivista. Pelo contrário, discute que o homem é essencialmente curioso, mas a razão, na sociedade complexa, é de ordem social, porque o homem necessita manter-se integrado à vida social. Para isso, precisa mais do que de informação, como sujeito individual. Necessita situar-se na atualidade, com os papéis que lhe cabem, e isso só lhe é permitido pela ação dos meios de comunicação. A essa interação entre homem e meio social, através dos meios de comunicação, o autor denomina *Atualidade Mediática*. Diz o seguinte sobre o que funda o conceito nesse contexto

Se neste contexto [de sede de conhecimento] curiosidade significa a atitude de um ente que se orienta a partir de informações extraídas de seu ambiente, então o ser humano não é muito diferente de inúmeros outros entes que possuem consciência. Sem esquecer de máquinas auto-reguláveis, capazes de ajustarem às modificações do ambiente. Mas o conceito de atualidade não se aplica à Biologia, nem a sistemas naturais ou artificiais, como aqueles estudados pela Cibernética. Seja como for, todo ser consciente, por definição, é um ser “informado”, construído dinamicamente pelas informações que retira de seu ambiente e as representações que produz. Em nossa opinião, seria de mais proveito observar que a curiosidade invocada não é qualquer curiosidade, mas aquela que se aplica à vida social. (Martino, 2009, p. 3)

Por isso, ao lado do conceito de meio de comunicação, consideramos que o compreender o conceito de *Atualidade Mediática* também pode ser interessante para explicar a internet e ajudar a compreender o contexto em que a internet está inserida. Consideramos que uma nova abordagem sobre a internet poderia valer-se de explicações teóricas que levassem mais além do que a análise sociológica proposta, por exemplo, por Lemos (1997) e Silva (2001,2004), com base no pensamento de Maffesoli. As análises comunicacionais sobre a internet necessitam tratar, simultaneamente, da ação do meio na configuração atual tanto da sociedade quanto da cultura, sem perder de vista o sujeito histórico dessa complexidade. É importante que a área de comunicação veja o meio de comunicação em sua distinção como elemento constitutivo dessa sociedade em que exerce papel relevante. Explorando o conceito de atualidade e acontecimento, o estudo propõe modelo com cinco dimensões para a *Atualidade*

Mediática que, em nossa análise, poderia ordenar diversas idéias que atuam na constituição do campo da comunicação (social, cultura, da representação, da história, da técnica), de modo a ser possível explicar a existência dos atuais “meios-máquina”, como o autor denomina:

1) a dimensão social, pois o campo da existência é unificado por ela, que permite novos elos sociais, vista, portanto, como matriz social;

2) a dimensão cultural, porque se expressa como valor e gera valores que deslocam os tradicionais. Nessa dimensão, faz com que “o presente se torne o sistema de referência, o centro em torno do qual gira a vida social;

3) a dimensão da representação porque gera uma representação social dinâmica, de acesso universal e serve como base à vida social. Para ele, “é tanto fenômeno de representação social como representação social do fenômeno”;

4) a dimensão histórica, como inscrito na história, cuja historicidade lhe é própria, alterando nossa relação com ela;

5) a dimensão técnica, pois se encontra na conjunção de duas linhas de evolução da técnica: das tecnologias de ação e das tecnologias de representação. É uma dimensão única do fenômeno, uma vez que “a tecnologia de comunicação começa a compor a organização social e surge um novo tipo de meio de comunicação, os meios-máquina” (Martino, 2009, p.8).

A *Atualidade Mediática*, explica Martino, emerge da complexificação da sociedade e do desenvolvimento das tecnologias da comunicação, e apresenta-se como resultado da atividade dos meios, gerando a unificação do campo das existências dos indivíduos, como um campo abstrato. Afirma que a atualidade mediática

se apresenta como o produto da atividade mediática, gerando uma dimensão virtual, que unifica o campo das existências dos indivíduos, permitindo ultrapassar o espaço-tempo de seus canais sensoriais. Com isso também se torna possível ultrapassar o plano comunitário e ascender ao plano social propriamente dito. De outra parte, enquanto instância de visibilidade, a atualidade cumpre a função de reduzir a complexidade, permitindo a integração dos indivíduos à sociedade e à cultura. (2009: 8)

Esse conceito diz respeito, portanto, às dimensões do objeto técnico que configura o meio de comunicação, mas também à inserção desse meio no conjunto das atividades culturais e sociais, assim como sua participação na constituição da história da humanidade e sua ação na representação social que as pessoas têm da realidade, em função dos meios. Assim, para ele, analisar a *Atualidade Mediática* significa considerar os meios de comunicação como atores na configuração social da realidade. Conforme analisa, não se trata de ser uma interlocução nova ou revolucionária entre os saberes,

pois “a atualidade também expressa uma dimensão epistemológica: liberação de um fenômeno singular, que se torna o objeto de estudo do saber comunicacional (p.8)”.

Martino (2001a) propõe que estudar os meios de comunicação, à luz da nova organização coletiva é uma saída para a teoria da comunicação. Afirma que

(...) a temática dos meios de comunicação é a única suficientemente abrangente para servir de fio condutor, um verdadeiro fio de Ariadne, que permitiria ao pesquisador da comunicação atravessar os vários níveis de uma problemática complexa, utilizando-se de uma gama bastante variada de saberes, sem, no entanto, perder de vista a integralidade de um objeto próprio. (2009: 37)

É importante ressaltar que essas dimensões, lembra o autor, “não expressam nenhuma interdisciplinaridade, mas a reorganização necessária do espaço das ciências humanas com a emergência de uma nova disciplina” (2009:07). Essa interlocução entre as dimensões é necessária, mas nada nova ou revolucionária, segundo ele, para que os saberes possam se complementar.

Se tencionarmos essa análise para explicar o que ocorre com os estudos sobre a internet na comunicação, hoje, o mais provável é verificarmos que a internet é analisada quase sempre na dimensão de seus efeitos, tal qual ocorre com a análise dos demais meios de comunicação. Consideramos necessária a adoção de uma perspectiva mais ampla, observando as demais dimensões da atualidade mediática, conforme o modelo proposto por Martino (2009).

Localizamos preocupação com o conceito de tempo presente, constante atualização e presenteísmo em outros autores, mas, como vimos, seus argumentos afastam-se da verdadeira dimensão epistemológica da comunicação, como a entendemos, porque não partem da explicação sobre a ação dos meios de comunicação que são o verdadeiro fenômeno e que modificam a cultura, a sociedade, a representação, a história e a técnica porque existem em materialidade e uso.

2.3 Um Modelo Americano para Análise da Internet como Meio de Comunicação

Nos Estados Unidos, um levantamento abrangente sobre o que vinha sendo publicado sobre a internet, de autoria de Kim & Weaver (2002), desenvolveu revisão teórico-metodológica das pesquisas de comunicação sobre a internet, por meio de uma metanálise temática das publicações entre os anos de 1996 e 2000. É importante ressaltar que, desde o início da problemática apresentada por eles, esses autores tratam

a internet como meio de comunicação. Entretanto, em momento algum, a exemplo do que costumamos verificar nos estudos da área de comunicação, também para eles esse é um conceito consensual, ou seja, não fizeram explicitação teórica sobre o termo, nem o delimitaram. Pressupomos que, em sua análise, estivessem referindo-se à internet, como objeto técnico, em suas características de meio de comunicação, mas não sabemos que características seriam essas...

Apesar dessa inicial e problemática ausência do conceito de meio de comunicação, consideramos importante trazer esse estudo como discussão sobre modelos teóricos. Primeiro, porque identificou tópicos e tendências metodológicas e teóricas nos estudos do fim dos anos 90 e início da nova década, e, segundo, porque discutiu os padrões da agenda de pesquisa da ocasião sobre a internet em relação ao modelo de desenvolvimento da pesquisa em comunicação, como um campo de conhecimento no mundo. Ou seja, os autores planejaram, aplicaram uma metodologia, recortaram o universo a ser conhecido, definiram um escopo de análise, analisaram significativo número de pesquisas, por meio de estudo sistemático, o que lhes ofereceu não só uma visão geral sobre o que vinha sendo pesquisado a respeito da internet naquele período, mas também apontou novas perspectivas para futuras direções de pesquisa.

Segundo observaram os autores, os pesquisadores da comunicação estavam se dedicando ao estudo da comunicação mediada por computador (CMC) entre as décadas de 1970 e 1990, mas somente a partir do final da década de 90 começaram a tornar a internet o objeto de seus estudos. Explicam que

Durante os últimos anos, os cientistas sociais, incluindo muitos pesquisadores de comunicação, fizeram várias abordagens para conceituar e analisar este novo meio. O potencial da Internet para mudar tradicionais sistemas de comunicação e mídia se tornou um importante tema de pesquisa no campo da comunicação. Assim, a questão a respeito de que tipo de pesquisa tem sido feito até agora sobre a internet é oportuna e merece ser cuidadosamente examinada (Kim & Weaver, 2002:519).

Em estudo anterior, o mesmo Weaver (2000) afirmava que as teorias da comunicação necessitavam ser refinadas para compreender o presente e lembrava que “os pesquisadores da comunicação precisam desenvolver novos conceitos e abordagens teóricas para sustentar o que se apresenta no presente” (2000:20).

O que ele estava dizendo coincide com o nosso pressuposto: não bastam pesquisas que identifiquem e apresentem métodos de pesquisa e receitas para aplicá-los, nem bastam pesquisas que sejam ensaísticas, sem método. Para entender os objetos de estudo da comunicação, no presente, é necessário aprimorar as explicações teóricas, refinar as teorias e as técnicas de pesquisa sobre esses objetos de estudo para que possam ajudar a nos fazer compreender toda a complexidade da atualidade comunicacional.

Para esse autor, o conjunto de idéias que sustentam algumas das tradicionais teorias da comunicação, entre elas a agenda-setting e a espiral do silêncio, e a teoria dos “três estágios” ainda têm sido usadas como abordagens para explicar o novo contexto de comunicação pelos meios eletrônicos. Entretanto, afirma que é necessário, como considera o estudo, que essas idéias sejam refinadas e suplementadas por novos conceitos e teorias. (2000:14) Concordamos com o autor, pois fundamentos teóricos de outros momentos históricos de desenvolvimento do campo quando tomados para explicar um objeto, a internet, que precisa ser analisado sob outra perspectiva, pode não ser um referencial adequado e é mais provável que não expliquem, mas dificultem o entendimento.

Consideramos que para compreender a internet e sua inserção na sociedade e na cultura, é preciso analisá-la, primeiramente, em face de suas funções de meio de comunicação. Logo, é essencial reconhecê-la como atuante na sociedade complexa da atualidade, por sua materialidade, sua finalidade e sua função. A partir dessa delimitação, é possível verificar se, como, quanto, quando e por que a internet contribui para as atuais práticas individuais, sociais, para as culturas e para as representações dos sujeitos a respeito do mundo em que vivemos hoje. Essa seria a lógica natural, a nosso ver, das pesquisas de comunicação sobre a internet, portanto, com redução dos vieses que podem trazer os olhares, problemas e fundamentos de outras ciências.

Assim, os autores propuseram analisar os padrões e as tendências metodológicas e teóricas das pesquisas do campo para que o reconhecimento dos padrões de investigação de um meio para outro pudessem levar a pensar sobre as direções mais produtivas da pesquisa em comunicação no futuro (2000:521).

Assim como esse, Kim & Weaver reportam-se a outros estudos americanos, em particular que não buscamos diretamente e que procuram utilizar técnicas de pesquisa que permitam reconhecer padrões para compreender os meios de comunicação

(Wimmer e Dominick, 2000; Morris e Ogan, 1996; Morris & Dominick, 2000). Pesquisaram as referências de estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação e verificaram que são cinco as técnicas de pesquisa mais usadas nos estudos americanos: análise de conteúdo, experimentos laboratoriais, surveys, experimentos de campo, observações e painéis, além de meta-análises e concluíram que não há uma abordagem típica para estudar sempre que um novo meio de comunicação surge.

Sobre os efeitos sociais da internet, concluem que as pesquisas sobre os meios de comunicação seguem o padrão típico mencionado sobre as abordagens sempre que um novo meio surge. Os pesquisadores, segundo eles, até meados de 1990 descreviam a tecnologia envolvida e suas potenciais funções. Depois, nos anos mais anteriores a 2000, as pesquisas começaram a se dedicar mais à fase 3. Afirmam que a internet estava começando a dominar atenção dos pesquisadores sobre meios de comunicação de massa em 2008, o que é interessante para nós que estamos estudando esse mesmo período no Brasil. Na revisão do texto de 2000, publicado em 2009, os autores notam que na lista de *Communication Abstracts* havia 76 estudos cujo tema de interesse era a internet⁵⁹.

Ou seja, os estudos analisados por Kim & Weaver (2002) e seus resultados trazem contribuição para compreendermos melhor os meios de comunicação na atualidade, mesmo que o levantamento que fizeram sobre os padrões de estudo dos meios não tenha tido como foco o conhecimento exclusivamente produzido pela área de comunicação, porque os estudos pesquisados procuraram extrapolar as reflexões filosóficas e aplicar técnicas de pesquisa. Os autores quiseram reconhecer quais os padrões se apresentam em estudos que se debruçam na análise dos meios de comunicação, sejam esses estudos originados em qualquer ciência humana ou social, ou seja, queriam saber quais os padrões presentes nos estudos da antropologia, sociologia, psicologia, educação, cultura, etc. De certo modo, fizeram um levantamento semelhante ao que fazemos nesta tese, porém, com um olhar que busca reconhecer os estudos sobre os meios de comunicação, não delimitando a produção à área da comunicação.

59 Encontramos o fenômeno de elevação do número de publicações sobre o tema da internet no Brasil no ano anterior (75 – 2007)

Quanto à técnica da pesquisa, os autores optaram pela metanálise⁶⁰. Não obstante, cremos haver outra denominação – metassíntese⁶¹ – mais apropriada porque fizeram o levantamento tendo por base estudos qualitativos, propuseram um modelo de investigação agregadora de resultados qualitativos, baseada em dados organizados, sistematizados, com resultados científicos que podem ser reproduzidos, ampliados, questionados, reformulados por outras análises, gerando modelos. Pode-se dizer que essa síntese gera modelos de investigação como um tipo de “padrão-ouro” para os estudos que necessitam de ampla revisão bibliográfica, tais como as pesquisas da área de educação e saúde, comunicação e saúde, comunicação organizacional, etc, pois busca consolidar os resultados, sistemática e qualitativamente, sintetizando os resultados, após compará-los.

Enquanto investigação da investigação, mais que propriamente uma abordagem da produção da área, com preocupação epistemológica, o trabalho de Kim & Weaver é caracterizado por dados quantitativos e fornece elementos de análise aprofundada, que permite verificar a relevância dos aspectos estudados, ao contrário, das “impressões” que muitas vezes caracterizam as pesquisas na área das ciências humanas e sociais⁶². Em outras palavras, ele ordena a pesquisa sobre o pensamento da área, transformando o texto especulativo-filosófico em um instrumental científico, com estrutura pré-definida, visando objetivar a realização de pesquisas de caráter epistemológico. O viés positivista que certos termos, tais como *instrumental*, *ordenamento* e *recorte*, podem eventualmente sugerir costuma fazer com que seja visto como uma metodologia desvalorizada e desprezada pelas ciências humanas e sociais, particularmente aquelas de tendências ideológicas de esquerda, que reagem a tal aplicação, quando, na verdade, poderiam reunir material denso e bem organizado para qualificar a prática.

Claro que o pensamento filosófico, inclusive sobre a ciência, é essencial, mas produz outro tipo de saber que não o científico e por essa razão não define campo de conhecimento. Quando se trata de um campo em formação e em constante tensão,

60 Meta-analysis é definida por Wimmer & Dominick (2000), para o propósito do estudo que fazem, como a agregação dos resultados da investigação quantitativa muitos e suas interpretações que permite ao pesquisador extrair conclusões gerais a partir de uma análise de vários estudos que têm sido realizados sobre um tema de investigação definido. Seu objetivo é fornecer uma síntese do corpo de investigações existentes. Disponível em <http://www.rogerwimmer.com/mmr9e/Media%20Effects%20MMR%209e.pdf>

61 Sobre metassíntese ver a revisão feita por WALSH Denis ; DOWNE São. Meta-synthesis method for qualitative research : a literature review <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=16629725>

62 Exemplos de reflexões desse tipo no Brasil são comuns, como o texto de Martins (2008) que estuda as repercussões da cibercultura, propondo “um conjunto de reflexões durante uma década fragmentada”, conforme explica na apresentação do livro (p.7).e as elocubrações de Rudiger (2002, 2003, 2007)

como é o caso da Comunicação, optar pela não-ciência é ainda pior. As técnicas da metanálise (dados quantitativos qualificados) e da metassíntese (dados qualitativos quantificados) ajudam a construir o conhecimento levando a análises em profundidade sobre os problemas presentes nos estudos da área para reconhecer neles seus padrões e suas tendências e colaborar para explicações sobre o que se pensa, de fato, na área. Sem dúvida, esse tipo de estudo (análise da análise, síntese da síntese) pode contribuir, de forma válida e significativa, para a compreensão dos campos de pesquisa porque permitem localizar indícios e tendências metodológicas e teóricas dos estudos científicos de determinado conjunto de pesquisadores que, em tese, devem problematizar e tratar dos mesmos objetos de interesse. Kim e Weaver (2002), portanto, buscaram reconhecer os padrões existentes nas publicações sobre a internet entre 1996 a 2000, indexadas em língua inglesa e disponíveis em base de dados da *Communication Abstracts*. Os autores explicam que essa base cobre a maior parte dos relatos de pesquisa em língua inglesa, principalmente artigos de diversos editores e instituições de pesquisa em comunicação e em outras ciências sociais.

Metodologicamente, assim como em nossa pesquisa, o levantamento dos estudos sobre a internet desenvolvido considerou o escopo dos periódicos acadêmicos que se interessam pela pesquisa sobre internet e o foco da pesquisa. Para identificar o foco sobre o tópico principal, assunto da internet ou fenômeno relacionado à internet que os autores da pesquisa buscaram explicar, a análise classificou cada artigo em 52 possíveis assuntos, reunidos em grupos de 12 categorias de assuntos, quais sejam:

- Leis e questões políticas em geral;
- Usos e percepções da internet;
- Questões econômicas, de publicidade e problemas de marketing;
- Questões de política, democracia e desenvolvimento
- Questões culturais e sociais;
- Discussão histórica ou filosófica;
- Efeitos da Internet sobre as pessoas ou organizações;
- Questões técnicas em geral;
- Educação e instrução de aplicação;

- Avaliação de sites;
- Questões sobre pesquisa na internet;
- Outras questões.

É significativo que neste estudo a temática do “meio de comunicação”, *per se*, não tenha merecido anotação na lista das 12 categorias desse estudo. Porém, é a questão central, presente nos 52 assuntos levantados, porém, sem lhe ter sido feita a devida problematização. Os autores não fazem esse tipo de análise, mas, se a pesquisa em comunicação era o principal tema a ser estudado pela metanálise a respeito da internet pela área de comunicação, logo, a categoria “meio de comunicação” foi absorvida nas demais ou esse conceito foi tratado como parte do senso comum sem necessidade de ser problematizado como objeto de estudo sobre a internet? É certo que aqueles que, por questões distantes da epistemologia do conhecimento da área, compreendem a comunicação como objeto de conhecimento das ciências humanas e sociais e não tratam do meio de comunicação explicitamente, como uma forma de evitar a escolha tecnicista e determinista. Partimos do entendimento que o objeto técnico “meio de comunicação”, como é comum nos estudos da área, ficou diluído em todas ou em algumas categorias ou mesmo podem ter sido colocados na categoria “outros”, pois os autores informam que um total de 118 estudos entre os 561 examinam (21%) mais de um assunto, porém, não explicam quais são.

Uma vez que o interesse pela internet passou a ser cada vez maior desde seu surgimento, era esperado que se ampliasse ainda mais com o uso e que isso viesse a repercutir nos estudos. Essa foi uma das conclusões dos autores, entre outras, bem mais interessantes porque não tão óbvias.

Kim e Weaver (2002) usam o recorte de Wimmer & Dominick (2000) para comparar os estudos localizados em suas metanálises. Pelo estudo de Wimmer & Dominick, essas fases são bem distintas⁶³:

1) na primeira fase, geralmente, as pesquisas tem interesse no meio, ele próprio. São levantadas questões como: o que é esse meio? Como isso funciona? O que faz

63 Do original de Wimmer & Dominick (2009 – revisão). Disponível em <http://www.rogerwimmer.com/mmr9e/Media%20Effects%20MMR%209e.pdf>, com tradução livre da autora: “Mass media research follows a typical pattern when a new medium develops. Phase 1 concerns an interest in the medium itself: the technology used, functions, access, cost. Phase 2 deals with the users of the medium: who they are, why they use it, what other media it displaces. Phase 3 pertains to the social, psychological, and physical effects of the medium, particularly any harmful effects. Finally, Phase 4 involves research about how the medium can be improved” (p.28)

este meio para envolver as pessoas? Este meio é similar ou diferente dos que já existem? Quanto custa este meio?

2) na segunda fase, uma vez que o meio é desenvolvido para um determinado nível de usuário, surge o interesse pela pesquisa de recepção, sobre os usos e os usuários dos meios, como ilustrado por questões como: como as pessoas usam esse meio? Quem são seus usuários?

3) A terceira fase inclui pesquisas sobre vários efeitos do meio, para responder cada questão como: como esse meio afeta o modo como as pessoas, as organizações e a sociedade vivem? Ele pode mudar as opiniões ou as perspectivas das pessoas? Existem alguns efeitos nocivos para a utilização deste meio?

4) A quarta e última fase volta-se para a discussão sobre o melhoramento e desenvolvimento de novos conceitos ou teorias para o novo meio, para responder a questões como: é possível mudar a estrutura ou o conteúdo do novo meio para que seja mais eficaz?

Para nossa tese, encontrar um estudo sistemático e analítico dessa envergadura e natureza científica, pelo rigor metodológico que apresenta, pode, certamente, contribuir para consolidar o saber sobre a internet e a comunicação. Os resultados obtidos por essa metanálise mostram que o meio de comunicação – a despeito dos que resistem ao determinismo e que dizem que o meio de comunicação não se trata de um objeto de estudo que possa caracterizar a área – vem sendo estudado, sim, como objeto de interesse da área de comunicação, aliás, como não poderia deixar de ser. Entre os métodos não-quantitativos dos artigos pesquisados, quase metade dos estudos (49.2%) empregaram estudos como este que estamos fazendo, levantando as questões-problema dos estudos que o antecederam para verificar que conhecimento a área está produzindo e apontando para novas abordagens. Ou seja, há epistemologia sobre o conhecimento construído a respeito do meio de comunicação, mas ainda faltam modelos teóricos que possam ser considerados fundamentos para as pesquisas da área de comunicação.

De modo geral, assim como resultou claro da metanálise de Kim e Weaver (2002), constata-se que os estudos em comunicação não costumam fazer menção a teorias ou hipóteses específicas ou a questões-problema de pesquisa bem colocadas e explícitas, porque não são derivadas de uma teoria determinada. Essa é uma constatação, aliás, dos teóricos que estudam a produção da área que apontam para a

diversidade teórica do campo. (Lima, 2004; Martino, 2001, 2003a, 2003b, 2006; Marques de Melo; 2008; Gomes, 2000; Lopes, 2003; França, 2008)

Vale lembrar que o objetivo dos primeiros estudos teóricos internacionais sobre a internet, como vimos no Capítulo 1, de caráter filosófico, histórico, culturoológico, sociológico, antropológico, econômico entre outras abordagens, focalizaram a sociedade e a época e não a internet, em si, como meio de comunicação. Isso se justifica, em nossa interpretação, porque esses primeiros estudos tinham como objeto de estudo a “sociedade informática”, a “sociedade da informação”, a “sociedade em rede”, a “era da informação”, a “era do conhecimento”, “a sociedade da comunicação” e não a rede mundial de computadores, a internet, como meio de comunicação que passa a ser um objeto mais especificado a partir das ferramentas de comunicação online e do acesso a maior número de pessoas.

2.4 Novos Olhares sobre a Internet

Nesta tese, ao reconhecermos os primeiros olhares da área de comunicação internacional e os olhares atuais da área de comunicação brasileira. Para nós, na direção de se firmar um corpo de idéias sobre a internet, as explicações sociais, culturais, históricas, ou seja, os efeitos devem ser uma das dimensões das pesquisas, mas não apenas “a” explicação sobre a internet.

Consideramos que novas abordagens necessitam ser feitas pela área de comunicação, a partir do conceito de meio de comunicação. Para nossa leitura, para que internet seja compreendida do ponto de vista da comunicação necessita ser problematizada como meio de comunicação inserido na sociedade complexa como um fenômeno com dimensões sociais, culturais, representacionais, histórico e técnico, conforme prevê a proposição da análise pela *Atualidade Mediática*. Para tanto, consideramos meio de comunicação como objeto técnico constituído para ser usado nas condições da investigação do presente, correlato ao papel de ator social, muitas vezes, protagonista nas interações sociais e culturais e nas representações dos indivíduos sobre a realidade. Para entender o meio de comunicação, e a internet, desse ponto de vista, as abstrações sobre idéias da antropologia, da sociologia, da filosofia, etc., precisarão ser trabalhadas pelos estudos da área de comunicação no sentido de redirecionarem-se para formarem um conjunto consensual e coerente que possa

explicar o fenômeno da internet do ponto de vista técnico-comunicacional. Agora, é necessário avançar na proposição de modelos teóricos para compreendê-la.

Difícil, entretanto, será qualquer ação de pesquisa direcionada para as questões da comunicação, caso sejam privilegiadas as abordagens a problemas cuja diversidade de origem e fundamentação descaracterizam as análises técnico-comunicacionais.

Eugênio Trivinho (2009) é o primeiro a discutir a cibercultura e seus problemas como originados em outros lugares. O mais marcante de sua abordagem é sem dúvida a resistência deliberada a tratar as questões da comunicação sob a égide do anti-determinismo, carregando essa bandeira como uma defesa contra a abordagem de aspectos da análise da cibercultura do ponto de vista técnico-comunicacional. O estudo de sua autoria sob o sugestivo e duvidoso título *Cibercultura e Humanidades: acerca da articulação nacional de um novo campo científico interdisciplinar no Brasil* trata da direção que a pesquisa a respeito da cibercultura está tomando no país, logicamente, com a bússola da Associação Brasileira de Cibercultura (ABCiber). Não seria de se estranhar se a direção das problemáticas estivesse buscando reunir a produção intelectual de várias áreas de conhecimento das humanidades, incluindo a área da comunicação, sobre o fenômeno da cibercultura. Seria mais que legítimo, até mesmo indispensável e necessário, em face da complexidade das questões.

Entretanto, o que preocupa é que uma associação de pesquisadores que, teoricamente, representam a área de comunicação brasileira, estão assumindo a direção de pesquisa para vários lugares, com exceção, nos parece, dos problemas técnico-comunicacionais da comunicação na atualidade mediática. Apesar da última frase da longa lista de problemas listados a seguir, em que se parece querer preservar sua relação com a área de comunicação, as questões dos meios de comunicação parecem servir apenas de motivo para as pesquisas de outra natureza.

Nesse ínterim teórico-prático – cujo ponto luminar é, sem dúvida, a crítica do determinismo tecnológico –, põe-se um sem-número de objetos e problemas contemporâneos, relevantes para a definição da silhueta do campo de conhecimento em jogo, nomeadamente (em sequência e correlações internas sem fixidez ou coincidência com a programação do evento): os valores socioculturais epocais e as mediações emergentes; as políticas de comunicação e a convergência tecnológica; as mutações do espaço e do tempo; a vida cotidiana e os contextos do corpo (materiais e interativos); as novas conformações da subjetividade e da identidade, da sensorialidade e da afetividade, e os dispositivos infotécnicos de subjetivação e modernização da percepção; os novos modelos e práticas de comunicação e consumo, de telepresença e interação; as tecnologias móveis e os *micromedia online*; os aparatos de imersão, o imaginário e a realidade virtual; a violência simbólica e

invisível, a vigilância eletrônica e os regimes de controle e autoritarismo digitais; a questão democrática, a governabilidade possível, os ciberativismos e a luta pela liberdade; as dobras infotecnológicas da educação e da Universidade; a pesquisa científica e o papel do pensamento; a erosão da autoria e dos direitos de patente; os limites e possibilidades da arte e do *design*; a desmaterialização do real e o pós-humano, sem mencionar a relação (ainda mal resolvida) entre modernidade e pós-modernidade e as expressões conceituais mais gerais que presidem esse catálogo epistemológico inteiro, como as já aludidas sociedade da informação, sociedade do conhecimento e cibercultura, entre outros assuntos importantes. Trata-se, pois, de se repensar a configuração da dinâmica social em rede, os arranjos da política em tempo real e a condição histórica da cultura ciberespacializada, da economia imaterial e de todos os aspectos e dimensões associados – enfim, dramas, possibilidades e formas de existência, sobrevivência e resistência do humano onde a vida social se refaz em sua articulação com e através de *media* e redes virtuais. (Trivinho, 2009: 18)

A justificativa que esse autor apresenta para que a epistemologia da comunicação não se preocupe, ainda, em afunilar suas questões e abordá-las para encontrar explicações razoáveis sobre a cibercultura deve-se ao fato de que é mais importante e necessário deixar as questões em aberto do que propor soluções ou, mais ainda, evitar deixar-se levar pela moda de uma década específica, como refém. (Trivinho, 2009) Essa posição do estudo complementa-se pela afirmação de que

Não é difícil constatar, com efeito, que, do ponto de vista histórico, o debate sobre a cibercultura está apenas começando e se mostra longe de sua marcescência ou ocaso. Sua longevidade dependerá, obviamente, do que os (as) pesquisadores(as) farão dele e de quais horizontes teóricos, epistemológicos e metodológicos a ele serão entregues. (2009:18)

Para Martino (2006b), que reflete sobre o tema em um breve artigo pouco conhecido, os conceitos que se tratam no estudo dos objetos de interesse da cibercultura necessitam ser melhor definidos na literatura especializada e hesitam entre dois extremos: a identidade com a cultura contemporânea em sua globalidade ou a redução a apenas às tecnologias informáticas” (2006b:09). O autor propõe a intercessão entre as duas abordagens que, conforme argumenta, pode trazer luz ao que realmente interessa para o estudo da comunicação: a arquitetura comunicacional da sociedade complexa, tomada sob a dupla luz da evolução tecnológica e das características da sociedade complexa. Para isso, sugere dois eixos de reflexão para os estudos sobre a cibercultura:

Do lado tecnológico: a) Pensar a especificidade dos meios de comunicação no universo da técnica; b) Traçar de modo refletido a evolução tecnológica, de modo a trabalhar teses sobre seu princípio constitutivo c) Avançar uma definição de “meio de comunicação”, que

não seja apenas um reflexo daquela empregada pelo senso comum. (...)
2) Do lado da organização social: a) Levantar os traços mais significativos da sociedade complexa de modo a correlacioná-los com o sistema comunicacional e b) Traçar o perfil de sistemas comunicacionais de outros tipos de organização social a fim de, por contraste, melhor conhecer e definir o nosso.(2006b:09)

Essas perspectivas de análise comunicacionais para a internet seriam, de fato, um avanço para o saber da área, porque estariam superadas as dificuldades que vimos neste estudo em que as diversas problemáticas que existem em torno da comunicação acabam por infiltrar-se no estudo dos meios, mas não há um nítido recorte do que constitui, de fato, objeto de interesse da área. A internet e sua inserção na sociedade complexa é uma circunstância histórica interessante e singular para que se estude a evolução da técnica na perspectiva da comunicação, definindo desde o conceito de meio até seus efeitos culturais e sociais. No Capítulo 3 e 4, trataremos um pouco mais sobre as razões que afastam a área de comunicação de elaborações teóricas sobre a internet em sua dimensão de meio de comunicação.

Capítulo 3 – O Saber Comunicacional e a Pertinência do Estudo da Internet como Meio de Comunicação da Atualidade Mediática

Como discutimos até aqui, para se constituírem os problemas de qualquer área de pesquisa é necessário que se reconheçam seus objetos de estudo e que se debrucem sobre ele com as mesmas lentes. Os objetos problematizados teoricamente surgem como essência da problemática que todo campo de estudos científicos necessita apresentar, uma vez que a pesquisa faz parte de uma determinada realidade objetiva e necessita propor construtos para revisitar e reconstruir as idéias.

Queremos explicitar, nesse ponto, que estamos tratando da Comunicação como um conhecimento em construção, constitutivo de um núcleo de conhecimento das Ciências Sociais, cujo estatuto de disciplina autônoma (Martino, 2006) ainda não está claro. Sobre essa questão epistemológica, consideramos seminal o trabalho de análise da trajetória do campo comunicacional feito por Martino (2006) que aborda as diversas justificativas e as razões de o campo da comunicação ser tratado como é hoje. Para ele,

À medida que a comunicação tem se firmado como um domínio de investigação, o termo *campo* tem sido empregado para se referir ao conjunto de atividades aí desenvolvidas ou reagrupadas sob o nome genérico de *comunicação* (comunicação social, comunicação de massa, comunicação humana, media studies, entre outros). Nesse sentido ele é usado como uma designação genérica, algo vaga, sem um conteúdo muito preciso, que no entanto se justifica como uma alternativa às muitas designações possíveis.(p.34)

Assim a idéia de *campo comunicacional* passa a ser usada como conceito que se constitui como saída para a ausência da definição da *ciência da comunicação* e esconde-se nos meandros das denominadas *ciências da comunicação*. Não se trata, como se pode ver, nem de uma nem de outra.

Pode-se concluir que o campo da comunicação encontra-se em uma fase pré-científica, em que os teóricos ainda encontram dificuldades de descolar seus objetos de interesse das questões gerais e consensuais, pertencentes a todas as Ciências Sociais e Humanas, para focar em suas questões específicas. Talvez a explicação para isso esteja no paradoxo que é posto por Lopes (2005) que afirma:

A segunda questão nas relações entre Comunicação e Ciências Sociais diz respeito à multidimensionalidade do fenômeno comunicacional, o que configura um objeto de estudo interdisciplinar. Sabemos que a

determinação de um campo ou disciplina é feita a partir de seu objeto, e, no caso da Comunicação, tal determinação se dá a partir de um objeto multifacetado que faz referência a uma pluralidade de aspectos: problemas de conhecimento individual, problemas de ordem semântica e técnica, de organização social, de funções econômicas e culturais, de desenvolvimento etc” (2005, p. 107).

A fundamentação que a autora faz sobre ser esse o motivo da emergência da necessidade de se localizar um novo objeto de estudo para a “Comunicação”, embasada na análise de suas múltiplas facetas, parece-nos contraditória. Como é possível a argumentação a favor da necessidade de se definir a especificidade da Comunicação como um campo novo de problemas e defender, simultaneamente, o seu caráter multifacetado e interdisciplinar? Assim como faz Lopes (2005), em decorrência de um movimento interdisciplinar que se inicia nos anos 80 e que passa a dominar o pensamento epistemológico da área, a reação ao pensamento científico parece mesmo contaminar os estudos da Comunicação que suspendem o “saber comunicacional” e o estatuto de disciplina, proclamando a comunicação como um saber *sui generis*, como alerta Martino (2006), criticando esta perspectiva.

Por esse ângulo da questão, o autor realiza análise sobre o desenvolvimento da epistemologia da comunicação e as abordagens e representação do campo comunicacional e argumenta na perspectiva da faceta do meio de comunicação, entre os que definem um olhar apropriado para os estudos da área. Levantando os problemas da área, propõe pensar sobre duas questões fundamentais que têm conduzido as análises da Comunicação: a) Meios de Comunicação ou comunicação interpessoal? e b) Comunicação como ciência ou interdisciplinaridade. Sem pretender responder a elas, o estudo que faz afirma que:

As representações que hoje temos do campo comunicacional são derivadas diretamente desses dois problemas, que aguardam uma produção teórico-epistemológica à altura do desafio colocado e não apenas a repetição de certas “verdades” confortáveis ou certos consensos frágeis que muitas vezes dominam a visão do campo, sem contribuir para a produção de conhecimento. (Martino, 2006:53)

A discussão sobre a especificidade do objeto de estudo é presente e intensa na área de comunicação no Brasil. (Weber, Bentz & Holfeldt, 2002; França, 2008, Martino, 2003a). Falta à tradição do grupo de pesquisadores da área a clareza sobre o objeto de estudo que possa lhes interessar, a formulação das questões-problema, em decorrência, pode apresentar-se como parte de problemáticas que pertencem a outras ciências. Nesse aspecto, torna-se aparentemente válido o argumento de que a comunicação é um

conhecimento interdisciplinar ou multidisciplinar e há falta de unidade nas pesquisas. Por isso, é possível que os pesquisadores tenham concluído, equivocadamente, que não lhes cabe trabalhar conceitos ou colocar a centralidade de seus estudos em objetos técnicos e típicos dificulta a realização completa desse percurso e traz sérias objeções a uma análise estrita da Comunicação.

No Brasil, parece ser mesmo consenso da área, que existe essa dificuldade. Segundo Gomes e Moreira (2000), falta comunicação entre os pesquisadores, por mais paradoxal que isso possa parecer para investigações dessa natureza:

O campo da Comunicação é, tradicionalmente, considerado fragmentado devido não só ao seu caráter multidisciplinar, mas também pela forma dispersa e isolada com que a pesquisa ocorre na academia. Críticas são feitas pela ausência de “[...] uma autêntica cultura acadêmica de pesquisa, na forma de compreensões, hábitos e valores compartilhados.” (2000:130).

Martino (2000) reitera essa posição, mas aprofunda ainda mais o problema da área, ao afirmar que falta mais do que sistematizar e comunicar a pesquisa produzida como unidade do campo. Para ele, a ausência de conceitos é uma das maiores dificuldades a serem superadas pela área para que se possa começar a pensar em começar esses conceitos pelo conceito de meio de comunicação.

É através do conceito que nós limitamos e conseqüentemente definimos um objeto de estudo. Mas se a necessidade das definições conceituais está longe de ser questionada pela comunidade científica, é de se estranhar que os meios de comunicação, na interface de tantas disciplinas das ciências humanas e sociais, não tenham sido alvo de uma discussão conceitual a altura da importância que lhes é consensualmente atribuída. (2000:12)

Consideramos que, além disso, também há equívoco na argumentação de alguns estudos da comunicação sobre a não-necessidade de ordenar a pesquisa da área em unidades ou problematizar conceitos e, especificamente, o conceito de meio de comunicação, como eixo da análise da comunicação. Sabemos que o objeto analisado como “novidade” tecnológica ou fenômeno observável sempre necessita ser inicialmente explicado, compreendido e apresentado em seu contexto social e histórico de origem. Assim, devidamente problematizado, qualquer novo aspecto que envolva a tecnologia da comunicação poderá ser estudado e compreendido, interna e externamente, tanto pelos próprios pares quando pelos estudiosos de qualquer um dos conhecimentos das Ciências Sociais e Humanas, que podem entrecruzar-se, mesmo que possam ser tratados pelo interesse estrito de cada conhecimento. O que precisa ser uma premissa

para os estudos do campo da comunicação é lembrar que o fato de um conhecimento qualquer constituir uma disciplina específica não inviabiliza abordagens interdisciplinares, pelo contrário, é a definição específica de conhecimentos disciplinares que permite a interdisciplinaridade entre conhecimentos que se aproximam e que podem avançar juntos.

Nas ciências sociais e humanas, mesmo quando a interdisciplinaridade é posta como solução para análise dos problemas comuns, as diferentes abordagens, por meio de olhares específicos dos conhecimentos pela tradição de cada uma das áreas, desenvolvidas internamente em correntes e tendências teóricas bem definidas, próprias à Sociologia, à Antropologia, à Ciência Política, à Psicologia, entre outras, são capazes de afunilar seu interesse e encontrar seus problemas, estudando-os a partir de posições específicas que contribuem para a análise das demais disciplinas e podem contribuir umas com as outras porque são conhecimentos distintos.

No caso da Comunicação, entretanto, de acordo com a discussão sobre a constituição do campo e as abordagens teórico-epistemológicas que têm sido feitas parece que a dúvida está em admitir-se como espaço próprio de investigação no conjunto das demais áreas de saber.

3. 1 A Trajetória da Formação do Campo Comunicacional

Os estudos sobre a trajetória das teorias da comunicação atribuem a falta de consenso entre os estudos da Comunicação às dificuldades de formação do campo e à conseqüente ausência de condições de desenvolvimento de modelos teóricos próprios. Essa talvez seja uma explicação. Paradoxalmente, é uma explicação consensual, quase-paradigmática da área. O mais interessante é que esse mesmo consenso entre os estudiosos da área não se constrói para levantar teorias próprias para explicar seus fenômenos. Por exemplo: que consenso há sobre o conceito de comunicação, sobre o conceito de meio de comunicação, sobre os objetos de estudo da área, etc? Essa ausência de consenso é que, a nosso ver, não favorece o surgimento de modelos teóricos que sejam aceitos por todos, fazendo assim com que essa situação seja ultrapassada, na busca de modos de ver e explicar os objetos da comunicação e que os paradigmas sejam os vetores para a superação da desgastada posição que se colocam os estudos em colunas de fausticos e prometeicos (Rudiger, 2007), tecnófilos e tecnofóbos (Lemos, 1999), apocalípticos e integrados (Eco, 2004). A ciência busca

dissonância e transformação constantes, questões sobre questões, rupturas de paradigmas, contestação de certezas, mas tudo começa pelo elementar consenso sobre os princípios básicos que norteiam as idéias sobre algo, pois a partir desse consenso, é que se produz conhecimento.

No Brasil, a análise sobre a explicação da trajetória empreendida pelas teorias e modelos da comunicação tem sido retomada constantemente, como vimos. Lima (2004) faz uma análise bastante objetiva da situação da definição do objeto de estudo e das teorias da comunicação. Para ele,

Qualquer um, estudante, *practioner* ou interessado - que tenta, com seriedade, se aproximar do campo de estudo da Comunicação Social depara com um número tão grande de alternativas na definição do objeto de estudo e com um universo teórico de tal forma desarticulado e conflituoso que a reação é invariavelmente, de perplexidade e desalento. Dessa primeira constatação decorre a impressão de que os inúmeros modelos teóricos existentes na área pouco ou nada tem a ver com as práticas profissionais cujas habilitações são oferecidas nos cursos de Comunicação Social. (2004:19)

Não obstante fazerem ressalva à diversidade das proposições teóricas existentes na área, justificada como multidisciplinar, em confronto com as questões que têm problematizado a comunicação como campo de estudos ou disciplina, uns mais, outros menos, procuram justificar o campo da comunicação como interdisciplinar, devido à trajetória de sua constituição (Santaella, 2001; Lopes, 2005). Outros não se definem por enfrentar o problema da falta de delimitação do objeto, mas reconhecem existir essa indefinição (Lima, 2004; França, 2001). Reivindicando a comunicação como ciência, nenhum é tão propositivo e afirmativo como Martino (2006), com relação à dificuldade de se enfrentar a problemática da delimitação da Comunicação como área que coleciona e ordene seus próprios fundamentos e produza seu próprio conhecimento, a par das críticas de reducionismo disciplinar que podem vir e certamente vêm! Sobre o desafio que é posto à área e à dificuldade de se encontrar um núcleo de teorias que consigam estudar a comunicação, o autor diz:

Trata-se, então, de criar as condições que nos permitam apontar um conjunto de teorias, mínimo que seja, em torno do qual seja possível estabelecer um acordo sobre seu papel estruturante para a área e de poder justificá-lo a partir do trabalho de conceituação e do debate, como é natural para as atividades de cunho filosófico-científicas. Ou na pior das hipóteses, na impossibilidade de uma tal definição, aprofundar a reflexão sobre as razões que nos impedem de chegar a um acordo sobre esse núcleo duro. (Martino, 2001, p. 9)

B. Miège (2000), Marques de Melo (2008), Moragas (1982), Mattelart & Matellart (1995) na análise de Martino (2006), são cépticos na medida em que não atribuem à comunicação a legitimação de disciplina, e afirmam que a falta desse estatuto científico é reforçada pelo fato de os especialistas não colocarem em dúvida a condição interdisciplinar. (Miège, 2000, p.121). Conforme cita o próprio Martino (2006):

De um modo geral, as opiniões convergem para o diagnóstico indicado por Bernard Miège segundo o qual “as ciências da comunicação não podem pretender ter atingido uma maturidade suficiente e os pesquisadores que a reclamam estão longe de terem chegado a um acordo mínimo sobre seus objetos de pesquisa (...)” (2006:10).

Segundo algumas análises, entretanto, a imaturidade da ciência da comunicação não é negativa, pelo contrário, e está exatamente justificada por se tratar de um saber que transita entre outras ciências e deve ter como missão questionar os demais saberes e não se instituir como mais um saber. Essa explicação dos que consideram “mais fácil” explicar a ausência de sistematização como um resultado das diversas contribuições aos estudos do campo da comunicação tem sido fortificada a partir de 1980, em um enviesamento, a nosso ver que tem afastado a comunicação cada vez mais de seus próprios objetos de estudo.

Também Santaella (2001), no Brasil, considera que os estudos das ciências sociais⁶⁴ são adequados para explicar o atual desenvolvimento da teoria ou teorias da comunicação. Segundo ela, os modelos que buscaram explicar a comunicação, por incorporarem abstrações de outros campos do conhecimento, inevitavelmente, presentes no processo comunicativo, tornaram os estudos naturalmente interdisciplinares. A autora, apoiada em Matellart (1999) e Wolf (1987), divide sua análise na abordagem dos modelos já reunidos por esses e outros autores em conjuntos: dos lineares, circulares e interativos, de origem semiótica (Noth, 1990, in Santaella, 2001) e do modelo lingüístico-funcional; semiótico-informacional, semiótico-textual, dos blocos de Mauro Wolf (1987) a quem complementa com “os modelos cognitivos” e ao que chama de “tendências culturoológicas e midiáticas”, onde situa os estudos que buscam explicar os meios de comunicação por suas implicações culturais. Além disso, inclui os estudos canadenses sobre os meios de comunicação como uma

64 Não tivemos acesso aos textos mencionados pela autora para tratar dos conceitos referenciados: Costa, N. O conhecimento científico, SP: Fapesp, 1977; Deustche, K. On communication models in the social sciences. Public Opinion Quartely, 16, 356-380, 1952; Fiske, John. Introduction to communication studies. 2^o ed, Nova York: Routledge, 1990.

tendência midiática⁶⁵. Vale ressaltar que Santaella (2001) faz menção também à mediologia, de Régis Debray (1993), mas de forma equivocada, uma vez que esse autor não se preocupava com o estudo dos meios de comunicação, mas com as mediações, que usava para explicar qualquer processo, como se comunicação fosse. Sobre Debray, Kalume Maranhão & Garossini (2010) estudam os conceitos de mediologia e fica claro que há uma série de equívocos na concepção que os estudos da área fazem dessa teoria.

Santaella (2001) observa que faltou a Wolf, quinze anos antes, diagnosticar a importância que a cultura e os meios de comunicação desempenhariam nas sociedades pós-modernas. Ressalta, por exemplo, que, desde os anos 80, os modelos comunicacionais já estavam se voltando para a cognição, devido aos modelos informacionais e comunicacionais mais amplos e aptos a procurar “estudar as interfaces contemporâneas entre humanos e máquinas inteligentes” (p.56). Entretanto, vale-se de um autor que estuda esse desenvolvimento pelo ponto de vista da semiótica (Noth, 1989, in Santaella, 2001). Com essa fundamentação teórica, mostra o uso próprio que faz de modelos de outra ciência (lingüística) que apóiam o entendimento da ciência da informação. Coloca-se, portanto, separadamente dos estudos sobre o pensamento comunicacional e sugere que a linguagem ajusta-mais aos estudos da área da comunicação. Resta perguntar se a autora considera que os meios de comunicação são linguagem? A autora procura diferenciar os conceitos de teoria⁶⁶, metateoria e modelo, antes de desenvolver sua análise, porque os estudos de caráter metateórico, segundo ela, têm se multiplicado nos últimos anos. Essa discussão conceitual nos pareceu desnecessária, uma vez que os estudos epistemológicos todos buscam modelos e teorias e são, sem reservas, metateóricos (teoria da teoria). De fato, ao observarmos os estudos realizados por Denize Araujo (2008), Lucrecia Ferrara (2008), Francisco Rudiger (2003) e Marcos Palácios (2007), verificamos que os estudos epistemológicos seguem uma tradição da pesquisa em comunicação que, deliberada e sistematicamente, busca reconhecer o estado da arte da pesquisa na área de comunicação. Essa pesquisa é fértil, mas, ingrata, pois, os modelos teóricos para a área costumam ser diversos e sem consenso e isso torna quase impossível que se estabeleçam modelos ou teorias.

65 Sobre essa corrente teórica ver Lopes de Souza (2003).

66 Consideramos irrelevante essa problematização terminológica, visto que todos são estudos epistemológicos. Segundo Laville e Dione (1999, 93), teorias são generalizações de grande envergadura da ordem das conclusões ou interpretações. O valor de uma teoria, é sobretudo, explicativo; trata-se de uma generalização de explicações concordantes, tiradas dos fatos que foram estudados para sua construção. Do ponto de vista do pesquisador, o valor de uma teoria é analítico, pois ela lhe servirá para o estudo e análise de outros fatos do mesmo tipo.

Consideramos que toda essa indagação presente sobre o que vem sendo produzido pelos estudos da área deve ser considerada como indicio da necessidade que a própria área tem de encontrar seus objetos e amadurecer sua prática de pesquisa, para constituir base teórica que contribua para o conhecimento a ser aplicado.

Santaella (2001) ainda menciona a influência da proposta da teoria autopoietica de Maturana e Varela e o trabalho de Luhman (1970-1995) sobre as teorias da comunicação. De fato, é bastante comum encontrar as explicações da teoria dos sistemas como fundamento para as análises da comunicação. Como diz Santaella (2001), Luhman propõe “uma intrincada teoria social que inclui as questões de comunicação e ação e comunicação e percepção” e que afirma que a autorreferencialidade dos sistemas sociais “tem seu eixo na questão da complexidade de suas relações com seu meio e consigo mesmo” (p.62), mas, para ela, os modelos cognitivos são os que melhor explicam a comunicação. (sic) Esses estudos que se iniciaram com a cibernética, desde os anos 40 e se aperfeiçoaram, depois de 50, com o desenvolvimento dos computadores, fez dividirem-se em cognitivistas, “para os quais a mente é um sistema que recebe, arquiva, recupera, transforma, transmite e comunica informação”, e conexionistas, “que tentam reproduzir o comportamento humano, usando redes de elementos processadores simples, redes neurais, cujas propriedades se assemelham às das células cerebrais ou de conjuntos delas”. Essa explicação é descolada do campo da comunicação, mas é comum seu uso também por outros pesquisadores da área (Irene Machado, 2002, p. 209)

A coletânea “*Tensões e objetos: da pesquisa em comunicação*”, (org. Weber, Maria Helena, Bentz, Ione e Holfeldt, Antonio; 2002), é um exemplo da busca de um consenso para a área. Apresenta síntese do *II Seminário Interprogramas de Pós-Graduação*, promovido pela COMPÓS. As discussões são feitas em quatro partes: os campos; os meios; as teorias e as análises. Os autores se perguntam sobre a limitação e a especificidade do campo, do objeto e sobre a pertinência da pesquisa em comunicação. França (2002) é uma das que analisa a situação do ponto de vista teórico e propõe, ao mesmo tempo considerar o campo como interdisciplinar e repensar a perspectiva com que a comunicação tem olhado para seus problemas em busca de uma especificidade:

Os estudos teóricos são marcados pela pluralidade das contribuições, pelo enraizamento nas mais distintas matrizes disciplinares e conceituais. A teoria da comunicação nasce essencialmente interdisciplinar. Híbrida, variada. Portanto, a nossa origem está marcada pela fragmentação, pela expansão, pelo movimento. (...) Uma boa perspectiva para pensarmos a

nossa situação e reformular nossas indagações é se os estudos da comunicação “inauguraram” um “outro” lugar? Quer lugar é esse? Que deslocamento de perspectiva ele colocou, e o que marca sua possível especificidade? (2002: 289 - 290)

A autora admite que a área está em crise, mas não considera que seja apenas uma crise de identidade, ou uma “crise paradigmática”. Para ela, a crise é de crescimento, devido à expansão dos programas e das pesquisas. Propõe uma sistematização cuidadosa para saber quem são os pesquisadores brasileiros da área de comunicação. Afirma que esse esforço não é impossível, mas difícil, porque as “contribuições vem de diferentes lugares”. (2002). Por isso, deve ser aceito, segundo argumenta, que

Contribuições diferenciadas que se orientam, se entrecruzam e afirmam sua validade com relação a alguma coisa – que é o estudo da comunicação. Os pesquisadores da área representam e acionam contribuições distintas que se constroem e devem continuar se construindo com autonomia – mas em reciprocidade. A relevância (e maior ou menor pertinência) dos enfoques e perspectivas não pode ser medida numa diferença ou isolamento absolutizados, mas no espaço do diálogo e confronto com os demais – e na capacidade que, juntos, esses trabalhos atingem para explicar e situar a comunicação (2002:290).

Peruzzo (2002), neste mesmo estudo, apresenta um quadro das pesquisas de pós-graduação desenvolvidas na área de comunicação do Brasil e localiza, entre os anos de 1992 e 1996, 754 trabalhos de dissertação e tese, com 46 temáticas diferentes. Esses assuntos vão de questões do jornalismo que se destacam com 14,2 % dos estudos ao estudo dos meios de comunicação na educação (2,7%) e temas relacionados ao Romantismo/Modernidade, representando 0,3% dos estudos...A autora conclui que, mesmo que argumentem que esse quadro revele a amplitude e a riqueza da área, algo parece estar fora de lugar.

(...) “amplitude” e a riqueza do campo da comunicação e permite o estudo dos mais variados aspectos do que fazer em sociedade, justificada até pela transdisciplinaridade que tem com outras áreas de conhecimento, (...) uma análise mais aprofundada pode-se observar que apesar da evidência de que a maior parte dos estudos está centrada em objetos de pesquisa visivelmente orgânicos à área de comunicação, há uma acentuada tendência na realização de estudos que estariam mais adequadamente acomodados em outras áreas do conhecimento” (2002:60),

Martins (2008) faz uma observação que nos parece pertinente quando considera que, porque a comunicação parecia estar “sustentada por um modelo teórico já evaporado” e dessa fragilidade teórica surgiram as crises de orientação no campo das

pesquisas Ele diz que “foi somente a comunicação de massa transformar-se em redes comunicacionais informáticas para o modelo consolidado fracassar. Essa história já se repetiu em outras ciências como a física, a medicina e a química. Mais próxima a nós, a psicanálise e a sociologia...”(2008:69). Por fim, conclui como se a saída fosse a implosão de tudo e a saída para a interdisciplinaridade:

Ora, chegou a vez da teoria da comunicação tornar-se uma ruína, como diz Eugênio Trivinho. Se a comunicação no advento do cyberspace escapa às linhas de pesquisa, recorramos às redes de pesquisa, e, mais ainda, às redes de idéias. A virulência descrita por Jean Baudrillard deve ocorrer também no sentido de ampliarmos as órbitas de circulação do saber na efervescência de nossas discussões. As colocações feitas sobre a internet parecem ser infinitas. Por isso, parece ser oportuno abrir novas perspectivas de abrangência desse fenômeno comunicacional da aurora do século XXI, buscando na interdisciplinaridade a contribuição de cada parte para a compreensão do holograma. (2008: 69)

Entre proceder a uma sistematização necessária ou optar pela explicação mais fácil, a de que se trata um campo interdisciplinar, esta tem sido a decisão mais comum da área. Algumas ementas e bibliografias sugeridas de disciplinas oferecidas em vários programas de pós-graduação no país mostram essa diversidade e essa “aparente” saída para fundamentar-se em outros saberes (Anexo 2). A leitura dessas ementas e bibliografias, mesmo sem uma análise específica que sistematize a diversidade das contribuições, o que ficaremos devendo para outros trabalhos, demonstra essa realidade da área de comunicação. Observa-se que são disciplinas cuja conexão teórico-epistemológica que as relaciona ao campo da comunicação é bastante tênue ou inexistente. Umas tratam de ver o meio de comunicação e a tecnologia e a própria comunicação como cultura, outras abordam seus efeitos psicológicos, outras tratam dos aspectos da linguagem nas relações conjugais, e em outras situações relacionais, e outras abordam a arte em sua conexão com a comunicação!

Ao pesquisar as ementas dos programas de pós-graduação, cruzadas com os *currícula lattes* dos autores, a leitura de França (2002) fica mais clara. Entretanto; estamos mais próximas de Lopes (2005: 277) e de Martino (2003b, 2007), pois verificamos que o campo comunicacional no Brasil, no momento, é composto por estudiosos com formações diversas, ou seja, cujas idéias e abstrações vieram de outras ciências sociais e humanas e, portanto, consideraram o saber comunicacional a partir dessa formação e não a partir das necessidades do próprio campo da comunicação. Essa situação existente no conhecimento da área é que parece definir o campo da comunicação e não o inverso, como o quis França (2002).

O posicionamento assumido por Rudiger sobre os estudos da comunicação na era da cibercultura, quando levanta a tese da desintegração do objeto e da superação da dicotomia entre sujeito-objeto devido à fluidez do mundo, as comunicações cada vez mais rápidas, curtas e urgentes tornadas possíveis pelas novas tecnologias é o de que, se a tendência for mesmo essa:

(...) talvez seja chegada a hora de começar menos a repensar o problema do objeto dos estudos de comunicação do que pensar a comunicação como sinal ou indício da eclosão de um mundo em que o homem como figura e, portanto, objeto, já não está mais em questão e que como tal não será um mundo fácil de ser vivido por todos aqueles que desejarem continuar sustentando ingenuamente, isto é, sem pena, essa pretensão. (...) Supondo a admissão dessas premissas, podemos concluir que, concordando ou não, desperdiçam seu tempo os que pretendem, kantianamente, legislar sobre os objetos da comunicação. Válida por princípio, como o é ainda, essa idéia de legislação epistêmica foi também ideologia: as práticas de contrução do objeto do saber sempre estiveram em tensão, às vezes muito negativa, com seu ideal regulatório. Agora que vivemos em um mundo onde as idéias se tornaram bens de consumo e a ideologia dominante se apóia na imagem da vida sem ideais, isso contudo caducou quase de todo social e historicamente. (...) (2002:94)

Se conseguimos compreender o que o autor está dizendo, está havendo deslocamento indevido da questão epistemológica da comunicação para questões de natureza ontológica, sobre a relevância do sujeito. Sua argumentação nos pareceu surpreendentemente desprovida de clareza e, por se tratar de um estudioso da área de comunicação, não traz iluminação aos problemas de delimitação do campo e do objeto da comunicação. O que diz é que há a epistemologia da comunicação é opção de ingênuos ou desprovidos de juízo?

Ninguém de são juízo endossará teoricamente essa viragem do saber, na medida em que, como tal, pessoa desse tipo jamais aceitou a autonomia epistemológica dos estudos de mídia: isto é, a soberania epistêmica de uma ciência *da* comunicação. Epistemologia da comunicação, soube sempre, é uma contradição em termos, além de uma anacronismo, se pensarmos que, via as novas tecnologias, ocorre diante de nossos olhos, sem que tenhamos de ver necessariamente, o ultrapassamento histórico da epistemologia quanto quanto uma espécie de vitória da comunicação sobre o conhecimento. (...) Contudo conviria que esse sujeito não fechasse os olhos e que pudesse ver com clareza e atitude crítica esses acontecimentos de natureza epocal, se é para continuar pensando bem e sem dogmatismo, ou seja, com interesse na liberdade e independência intelectual, o chamado campo de estudos da comunicação.” (2002:95)

A hipótese que Fausto Neto (2006) levanta parece-nos mais plausível, pois, partindo da análise da alteração do papel da tecnologia na contemporaneidade, segundo

explica, a rigidez dos limites epistemológicos das ciências humanas é reduzida, considerando que

por meio da tecnologia, essa rigidez se dilui, torna-se líquida, móvel e fluída, nos orientando para uma reflexão em torno da comunicação muito mais como ambiência histórica, do que instrumento funcional. Aqui, então, a importância na reflexão que aponte para uma Epistemologia Comunicação pensada a partir deste caráter contextual, afinal de contas, trata-se dos efeitos dos avanços tecnológicos e de uma sociedade ambientada pelos meios de comunicação como elementos fundantes da construção de outros possíveis regimes de verdade hoje.(2006:

Para este autor (2006:14), o campo da comunicação necessita ser estudado não como “apenas o lugar de uma instrumentalização formal das diversas inovações tecnológicas”, mas também “o lugar em que são formulados novos regimes de verdade, como é o caso da sociedade de comunicação generalizada que se instaura em torno dos meios de comunicação.

Como dissemos, Martino (2000, 2001, 2003, 2004, 2006, 2008, 2009) destaca-se, não só pelo volume de publicações sobre o tema, mas pela maneira objetiva como realiza a abordagem e a problematização, com questionamento e aprofundamento sobre os estudos que tratam das teorias da comunicação, no cenário dos teóricos da comunicação brasileira. Seus estudos estão avançando para ultrapassar o caráter de metateóricos, para alcançar um estatuto de proposições de um conjunto de idéias que fundamentem os estudos da Comunicação, como disciplina.

No estudo intitulado *Ceticismo e Inteligibilidade do Pensamento Comunicacional*: com a ajuda de dois colaboradores do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq-UnB), compara as visões de alguns estudiosos das teorias e da história das teorias da comunicação, analisando as seguintes obras que tratam do tema e que são indicadas para os cursos de comunicação brasileiros, apresentados no Quadro 13:

Quadro 13 – Autores e obras sobre as teorias da comunicação, in Martino (2003)	
Autor (es)	Obras
Mauro Wolf	Teorias da Comunicação
Armand e Michèle Mattelart	História das Teorias da Comunicação
D. Bounoux	Ciências da Comunicação
M. Defleur e Sandra Ball-Rokeach	Teorias da Comunicação de Massa
F. Rüdiger	Introdução à Teoria da Comunicação

O autor conclui que:

É patente a discordância das opiniões entre os especialistas do tema. Mesmo restringindo nossas observações a análises preliminares, torna-se evidente o desacordo entre os autores no que concerne às teorias da área. Tanto para estudantes, como para estudiosos avançados, não é nada evidente um acordo mínimo sobre o conjunto de teorias que configurariam a área da Comunicação. (...) Autores como Bognoux e Rüdiger fornecem conjuntos de teorias completamente distintos, surpreendentemente sem um único ponto de concordância entre eles ou com as listas de teorias arroladas por autores como Defleur/Ball-Rokeach ou Wolf. Estes últimos basicamente se restringem às tendências estadunidenses, enquanto que autores como os Mattelart e Miège, com matizes fortemente variados, adotam uma descrição cronológica, respectivamente mais ou menos ampla, das teorias que portam algum interesse para a análise dos fenômenos comunicacionais (2003:8)

Em outro estudo sobre a Interdisciplinaridade e o objeto de estudo da comunicação (2001), Martino trata da dificuldade de se constituir a ciência da comunicação em razão de não haver autonomia do campo, que atinge tanto os “neófitos” quanto os mais experimentados. Sobre isso, diz:

Se o neófito abandonado á tarefa de conciliar suas leituras, se ressentido de um quadro mais nítido, ficando-lhe a viva impressão de uma permissividade excessiva, ou de uma “seleção” um tanto aleatória (qualquer coisa pode ser comunicação) o pesquisador mais experimentado, por sua vez, não pode contar com uma discussão mais aprofundada sobre os critérios empregados pelos especialistas para operarem a seleção das teorias ou escolas. O que leva muitos estudiosos a adotarem a tese de que se trata apenas de um “campo” de estudo: “existem as teorias, mas não existe a Comunicação, enquanto uma disciplina” (2001: 60)

Na abordagem sobre os cétricos diante da existência da necessidade de um objeto de estudo próprio à Comunicação, sua defesa pela busca de uma definição para a disciplina considera a premente necessidade de estabelecimento do objeto de estudo da Comunicação. Argumenta que

Se a comunicação pretende ser uma disciplina e postular um lugar ao lado de tantas outras, é preciso que ela seja mais que uma interseção passiva ou um simples efeito de diferentes orientações do saber. Trata-se então de pensar uma interdisciplinaridade que seja fruto de uma exigência do próprio objeto, o que pressupõe a explicitação e a definição desse objeto. (2001:29)

A dificuldade para delimitar com precisão o domínio do objeto de estudo da comunicação é o que constitui, segundo Martino (2003, 2004), o eixo central da discussão sobre a epistemologia da comunicação e enumera algumas razões para isso:

As razões para isso são de ordem diversa. Elas se encontram presentes na própria origem da problematização da comunicação no século XX, cuja variedade de abordagens abarca dimensões que vão desde a natureza do processo até a diversidade das correntes de pensamento, com suas diferentes escolas e modos de problematização. Passando pela sobreposição com outras problemáticas, mais bem definidas e que contam com tradições de pesquisa estabelecidas em disciplinas já consolidadas (transmissão da cultura, formação de subjetividade, dinâmicas dos processos sociais, processos intersubjetivos...) sem falar, é claro, dos problemas políticos e de interesses diversos relativos à divisão dos saberes e sua institucionalização. (2003: 57)

Pensando em colaborar com a definição do objeto, França (2001) já havia procurado tratar do assunto, no artigo *O objeto da comunicação/ a comunicação como objeto*, mas, como vimos, não houve avanço para a proposição de algo que pudesse unificar o pensamento da área. Nessa análise, discute-se a dificuldade de se formular o objeto e justifica-se que ele está em constante mudança e oferece nada além de mais um panorama sobre as dificuldades localizadas na trajetória das várias correntes de estudo da comunicação. Para explicar o que se passa na área, o estudo afirma que

a teoria da comunicação se caracteriza, sobretudo, pela heterogeneidade das correntes e concepções que abriga e a apresentação de um quadro geral esbarra na dificuldade de sistematização: não há como apresentar de forma orgânica um quadro que é fragmentado e descontínuo. (2001: 28)

O pensamento de França (2001) pode ser colocado ao lado das idéias de Lima (2001), que também prefere permanecer no lugar seguro dos que consideram que o campo necessita de avançar para estudar os fenômenos trazidos pelos meios eletrônicos, mas ainda não sabem dizer como isso será feito e apenas apontam a necessidade, sem tentar enfrentar o problema. Sobre esse desafio, diz o autor:

Até que novas categorias e conceitos sejam construídos e se consolidem como instrumentos eficazes da sociedade contemporânea, as teorias da comunicação sofrerão as conseqüências desse necessário ajuste teórico e conceitual. (...) Como incorporar todas essas mudanças e fatores determinantes à reflexão do campo de estudo das comunicações? (...) Até que a tarefa gigantesca de responder a essa questão possa ser completada, continuaremos a trabalhar com os modelos teóricos disponíveis, precários e provisoriamente adaptados à nova realidade que continua em processo de aceleração e transformação. (Lima, 2001:30)

Na diversidade das proposições, Irene Machado (2001) é um destaque como pesquisadora do campo da comunicação que defende uma teoria semiótica para explicar os fenômenos da área. Diz que

No contexto da tecnocultura, em que o processamento das mensagens não podem (sic) prescindir das tecnologias de comunicação e, por conseguinte das máquinas semióticas, as linguagens da comunicação confundem-se com as mídias que lhe servem de suporte. Nesse caso, caberia a semiótica a compreensão da semiose ou do processamento da informação em linguagem. (Machado, 2001:211)

Para nosso entendimento, o quadro está claro e os posicionamentos são três: 1) o campo é inexoravelmente interdisciplinar; 2) o campo necessita de uma abordagem centrada em seus próprios objetos; 3) o campo deve usar os recursos de análise da semiótica, para estudar os seus fenômenos pela perspectiva do estudo da linguagem. Diante disso, concluímos: a Comunicação, com raras exceções, clama para a si o lugar de disciplina. Sem o estatuto de disciplina, entretanto, a interdisciplinaridade reivindicada torna-se um conceito vazio. Não se alcança a interdisciplinaridade se não existe conhecimento disciplinar que forneça os elementos distintivos do saber. Além disso, a ausência de delimitação de um objeto de estudo, que seja claro, definido, recortado do universo consensual, faz com que as correntes de estudos da área de comunicação baseiem suas fundamentações originadas em outras disciplinas em defesas de posições, muitas vezes ou quase sempre ideológicas, a favor ou contra o determinismo tecnológico ou a favor ou contra o determinismo social. Em razão desse estado de coisas, as análises perdem consistência teórico-metodológica, desviando-se para diversos focos, quase sempre antagônicos ou paradoxais, com posturas teóricas heterogêneas que não contribuem para um conjunto de idéias da área e os argumentos dessa dificuldade podem levar à inexistência do saber comunicacional, de fato (Lopes, 2005, p. 105). Não é necessário que se estabeleça o objeto de estudo para promover o “isolamento” teórico, como entendem, equivocadamente, alguns, mas, pelo contrário, é necessário que se estabeleçam os limites do campo para que possam ser constantemente provocados e o conhecimento avance em saltos paradigmáticos.

Como nossa pesquisa trata, essencialmente, de buscar esclarecer sobre os problemas da área de comunicação a respeito da internet, consideramos imprescindível mencionar que consideramos, juntamente com Martino (2005, 2006), que a pesquisa desenvolvida em estudos acadêmico-científicos da área de comunicação apenas poderão ser modelares e gerarem teorias caso reflitam tentativas de se alcançar essa autonomia do campo, mesmo quando situadas no contexto econômico, social, político e

cultural que as envolvem. Para nós, assim como outros estudiosos da pesquisa em comunicação, apesar de uma argumentação algumas vezes contraditória por parte de alguns deles (Gomes, 2000; França, 2002; Santaella, 2001), é necessário e urgente refletir-se sobre a ciência que se está fazendo em Comunicação, como tradição de “um campo de estudos que progressivamente se autonomiza dentro da grande área de conhecimento que são as Ciências Sociais e Humanas.” (Lopes, 2005:13).

Apoiando-nos na argumentação desses alguns estudos teóricos brasileiros do campo da comunicação (Lopes, 2005; Martino, 2005), fica evidente que os aspectos relativos à definição do objeto, da devida abordagem teórico-metodológica na problemática da comunicação e a explicação de seus fenômenos é questão mais que urgente e a sistematização que estamos fazendo é necessária e oportuna. Se a especificidade do objeto de estudo lhe falta e os problemas não se apresentam como parte de um contexto do conhecimento teórico que valorize um determinado eixo de análise específico da comunicação, como os estudos sobre a internet e a comunicação poderão se distinguir dos demais estudos das Ciências Sociais e Humanas, sobre os mesmos objetos de análise?

Esse estado de coisas na área de comunicação quanto à indefinição do campo e dos objetos de pesquisas, logo, questões semelhantes sobre como e por quê os estudos de comunicação se dedicam a conhecer e a discutir determinados problemas são presentes da literatura mundial e brasileira, como vimos e já se pode considerar uma tendência da área as análises epistemológicas para investigar-se sobre as pesquisas realizadas e buscar compreender como se tem formado o pensamento comunicacional. A revisão de um pouco da história da pesquisa no país situa-nos nessa cronologia e demonstra essa trajetória.

No Brasil, a INTERCOM, reunião de estudiosos da comunicação de todos os níveis acadêmicos, surge como fórum para as discussões nacionais e internacionais. Lopes (1999) faz uma retomada desse percurso. Cita o primeiro esforço para discutir sobre a pesquisa em comunicação que vinha sendo feito no país nas décadas de 1960 e 1970, que ocorreu em 1982 no *V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da INTERCOM* sob o tema “Impasses e desafios da pesquisa em comunicação”.

O principal registro é o de que pesquisadores se uniram com suas óticas e teorias diversas sobre a comunicação (indústria cultural, cultura popular, semiologia, ciências sociais, organizações) “para reunir esforços e melhor delinear o espaço que cabe à

comunicação”. (Marques de Melo, 1983, p.12, *apud* Lopes, 1999, p.105). Nessa explicação da história, aponta para alguns marcos importantes: em 1981, a reunião denominada “A pesquisa de comunicação nos anos oitenta e a contribuição da INTERCOM”; em 1987, o Simpósio de Metodologia de Pesquisa em Comunicação, cuja proposta de “aprofundar as problemáticas internas à prática da pesquisa serviu para o avanço da reflexão sobre a pluralidade metodológica” (Lopes, 1999, p. 106); em 1986, o I Encontro Ibero-americano de Pesquisadores da Comunicação, primeira reunião internacional a debater os problemas da investigação das temáticas hegemônicas e emergentes no campo, entre outros assuntos; em 1989, o II Encontro Ibero-americano de Pesquisadores da Comunicação para um balanço da pesquisa latino-americana na década de 1980 que discutiu quanto às questões teóricas e metodológicas e apontou para a necessidade de se identificar as temáticas das pesquisas da área.

Seguiram-se outros encontros, como o de 1990, chamado “Colóquio Brasil-Dinamarca de Ciências da Comunicação, visando aproximar pesquisadores desses dois países, para discutir os temas mais comuns entre eles, como estudos de recepção, de comunicação e educação, e de novas tecnologias. (Lopes, 1999). Depois de mais alguns encontros entre países (Espanha, Portugal), os Grupos de Trabalho - GT’s começaram a ser o formato escolhido no Brasil, na INTERCOM e na COMPÓS, para discutir, entre os pares, os mesmos objetos de estudo do campo de comunicação. Considerou-se, nesse percurso, que os GT’s teriam como objetivos a) fortalecer as áreas de conhecimento específicas que integram o campo da comunicação; b) estimular o diálogo interdisciplinar com outros campos do conhecimento.

É interessante observar que há uma preocupação evidente nos estudos da epistemologia e metodologia do campo, conforme Lopes (2005), que trata sobre a necessidade de se investigar a pesquisa do país sobre comunicação para apreensão sobre o que se tem produzido na área.

No campo da Comunicação deve-se firmar com urgência um espaço de investigação sobre as investigações que se tem feito; é o estudo do uso das teorias, métodos e técnicas nas pesquisas empíricas de Comunicação; é a reflexão sobre o modo como as teorias na Comunicação tem sido construídas. A essa reflexão demos o nome genérico de “trabalho metodológico” em Comunicação, o mesmo que já foi identificado como de necessidade vital para as ciências imaturas ou em crise teórica. (2005:105-106)

Atualmente, as pesquisas sobre a pesquisa em comunicação, continuam sendo feitas, seguindo esta tradição do campo.

3.1 Algumas Abordagens da Internet pela Área de Comunicação

No Brasil, a respeito da internet, ou sobre o tema maior da cibercultura, a maior parte dos estudos de natureza epistemológica parece ainda não ultrapassar o limite do reconhecimento das temáticas e da constituição de grupos de pesquisa por levantamento da produção da área (Araújo, 2007; Dencker, 2006).

Pereira da Silva (2007) avança um pouco mais, procurando identificar os modelos metodológicos de pesquisa que se desenvolvem para explicar a cibercultura no campo da Comunicação. Em seu resumo, explica que a análise busca reconhecer

as atuais configurações metodológicas dos estudos empíricos em cibercultura, a partir e dentro da perspectiva do campo da Comunicação. Além de tentar pontuar brevemente as possíveis fases, os aspectos teóricos e pragmáticos que marcaram este segmento de pesquisa durante os últimos anos, o paper tenta identificar e classificar alguns dos principais modelos de abordagem empírica mais consolidados hoje, com suas respectivas características e preocupações. A partir deste panorama, chama-se a atenção para a centralidade de alguns elementos de fundo que podemos qualificar como “vetores-chaves” nas pesquisas empíricas desta área de expertise. Tais concepções se configuram como nós estruturantes, necessários a uma melhor compreensão do desenvolvimento metodológico e podem contribuir para uma maior clareza do horizonte de pesquisa e para uma melhor elaboração dos métodos de coletadas(sic) de dados. (Pereira da Silva, 2007:01)

Referindo-se ao primeiro estudo de Kim & Weaver (2000), como um tipo de estudo que realiza análise quantitativa, propõe classificação dos estudos em quatro tipos de abordagens, conforme reunimos no Quadro 5:

Quadro 5: Abordagens de Teor Metodológico da Cibercultura no Campo da Comunicação, segundo Pereira da Silva (2007: 5-9)

<p>Abordagens de teor cartográfico: direciona-se ao mapeamento de elementos existentes na rede (ou subjacentes a ela), como tipos e características de conteúdo, ferramentas de interação, identificando as potencialidades de apropriação comunicativa de determinados gêneros (como blogs, jornalismo on line, cibercidades, fóruns virtuais, etc) pelo usuário. Embora neste método de abordagem também haja análises sobre as funções e as significações dos objetos identificados, há uma preocupação mais catalográfica, com foco em sua morfologia e possíveis mutações do meio.</p>
--

Abordagens de teor opinativo (sondagens) – com o foco mais voltado para o usuário, esta linha de análise tem utilizado sondagens de opinião, as chamadas “surveys” para colher ou analisar dados. Trata-se da análise de informações coletadas através de banco de dados de institutos nacionais de pesquisas, incursões através ligações telefônicas, questionários aplicados em determinado conjunto de indivíduos ou entrevistas. Neste tipo de estudo, pressupõe-se certa relevância do recorte analisado, isto é, o corpus empírico adotado geralmente segue padrões estatísticos que asseguram alguma validade e expressividade da amostragem diante do universo pesquisado. A partir dos dados colhidos, são realizadas análises sobre a forma como os entrevistados se posicionam em relação ao uso e efeitos da Internet em seus cotidianos ou em eventos específicos como eleições, referendos etc.

Abordagens de teor focal - trata-se de um direcionamento de pesquisa que adota a metodologia de “grupos focais” para extrair dados sobre as características de comportamento, formação de opinião ou imaginário do usuário a partir dos processos de comunicação on line. Os grupos focais, anteriormente utilizados em outras pesquisas no campo da comunicação, consistem na seleção de um conjunto reduzido de usuários (ou até mesmo de não-usuários) que são legitimados como um corpus significativo não pela quantidade de atores abordados, e sim pela possibilidade do desenvolvimento de uma pesquisa mais qualitativa, observando os pormenores da apropriação das TICs por esses indivíduos e suas atitudes perante tal processo¹¹. Geralmente, os indivíduos são postos em contato entre si em situações de conversação, para que possa se observar mais detidamente os pormenores de suas visões, imaginário e repercussões de suas apropriações das TICs ou os efeitos sociais de determinados conteúdos consumidos através da Rede.

Abordagens de teor textual – o que podemos chamar aqui de “textualidade” deve ser compreendido no sentido mais amplo, não apenas como um conjunto ordenado de fala concretizado em palavras, mas também incluindo objetos sonoros, imagens e outras linguagens. Alguns estudos empíricos, principalmente no âmbito da world wide web, têm adotado a análise textual como fonte de dados para averiguar as características da comunicação mediada por computadores. Este tipo de front metodológico irá se concentrar nas significações, nos mecanismos de funcionamento e encadeamentos cognitivos do conteúdo e na sua textualidade. Enquanto a pesquisa cartográfica está preocupada em detectar, situar, tipificar e quantificar elementos as abordagens textuais irão se ater mais localizadamente na singularidade e nas narrativas inerentes a elementos cartografados.

Abordagens de teor comparativo - outro front de pesquisa, bastante difundido nos estudos sobre comunicação e ciberespaço, é a análise comparativa, tanto dos elementos internos a essas novas tecnologias quanto – e principalmente – da relação que se estabelece entre TICs e outras mídias (como TV, rádio, jornal etc). Das noções de analogia, bastante presentes nos primórdios da Internet, aos estudos atuais sobre adaptação, convergência e transformações que o *medium* sofre e causa em outros meios, há aqui uma longa trajetória. Esta forma de abordagem empírica tem suas inspirações nos estudos de comunicação comparada, também relativamente tradicionais no campo da comunicação.

O recorte de Pereira da Silva (2007) avança ainda sobre quatro aspectos encontrados, segundo explica, também em outros meios de comunicação: *design*; *conteúdo*, *apropriação e fluxo comunicativo* e demonstra que as abordagens estão mudando na linha do tempo. Destacamos o *fluxo comunicativo* sobre o qual explica como a:

confluência entre canais técnicos, conjuntos de conteúdos e apropriação pelos indivíduos gera processos que vão configurando uma determinada dinâmica ou sistema comunicativo. Embora a exposição das informações ou a publicização da mensagem possa ser tecnicamente a mesma para qualquer indivíduo ou agente que se aproprie das ferramentas do ciberespaço, principalmente na Internet, há diferenças expressivas no fluxo de recepção destes conteúdos pela audiência em potencial. Primeiramente, o fluxo da informação nem sempre está aberto e nem sempre está disponível a qualquer usuário: há, no âmbito da Rede, sistemas que limitam determinados acessos mediante senhas, IPs, ou outros protocolos, com ambientes fechados ou restritos a usuários específicos (como é caso de listas de discussão não-públicas; redes de relacionamento como o Orkut; acesso à conteúdo de determinados portais na web etc). Segundo, este fluxo comunicativo nem sempre é livre de mediações: em diversos casos há moderadores ou intermediários que controlam ou dispõem sobre este tráfego de dados ou mensagens (como ocorre em chats, fóruns on line ou comentários em blogs e outros sites que sustentam a existência de um filtro ou indivíduo que avalia o conteúdo da informação e decide sobre a sua publicação naquele ambiente). Terceiro, há concentrações expressivas da audiência na Internet (WEBSTER & LIN, 2002), onde mecanismos de legitimidade, necessidades do usuários ou situações conjunturais podem assegurar um alto grau de visibilidade de determinado site, portal ou conteúdo. (...) Estas peculiaridades do fluxo comunicativo na Rede estabelecem o que pode ser chamado de uma economia de trocas comunicativas ou, usando uma outra metáfora, um jogo de trocas simbólicas que contém suas regras, sua lógica, seus espaços de gratificações e suas relações de poder. Constitui-se aqui um dos pontos-chaves da pesquisa empírica na área por completar a amarração e as intersecções entre os outros vetores identificados.

Como qualquer modelo, as proposições de Pereira da Silva (2007) merecem ser estudadas, à parte, mas não nos deteremos sobre elas, neste momento. Consideramos, entretanto, que se destacam na produção intelectual brasileira sobre os modos de se estudar a internet na área de comunicação do ponto de vista metodológico.

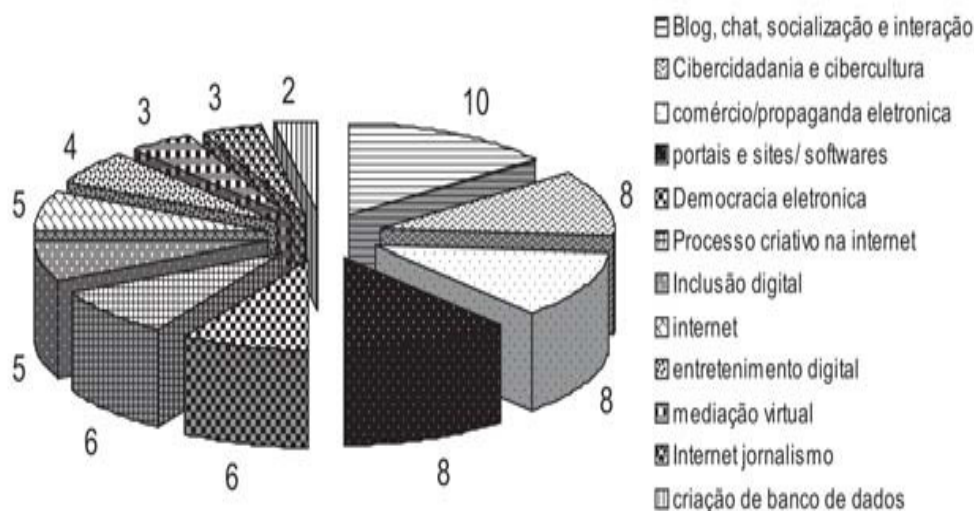
Há, entretanto, alguns estudos internacionais mais recentes que propõem que a internet seja estudada como meio de comunicação, analisada em suas diversas possibilidades de comunicação, pelos respectivos dispositivos. Um exemplo é o estudo de Morris e Ogan (1996, *apud* Kim and Weaver, 2008, p.4) que considera que o modelo dos formatos de comunicação – um-para-um, um-para-todos, todos-para-um, todos-para-todos – pode embasar as pesquisas sobre a internet. Argumentam que os modelos teóricos da área de comunicação de massa, especialmente os estudos sobre os efeitos

e os pressupostos básicos que os sustentam, têm constrangido a pesquisa o desenvolvimento de pesquisas na internet. Para eles, a internet é uma *mídia de massa* e as pesquisas da comunicação deveriam estudá-la no contexto de outros meios de comunicação tradicionais, mas em separado, ao invés de tratá-la como Comunicação Mediada por Computadores (CMC). Mesmo antes do surgimento das redes sociais e dos sistemas e dispositivos móveis de comunicação em rede que definem a forma como nos comunicamos em 2010, uma tentativa de fundamentar e classificar a pesquisa da comunicação na internet foi feita por esses estudiosos. A sua proposta previa a análise da internet em quatro categorias diferentes:

- a) comunicação assíncrona (por exemplo, e-mails);
- b) comunicação de muitos para muitos assíncrona (usenets por exemplo, on-line quadros de avisos e listas de discussão);
- c) comunicação síncrona que pode ser um-para-um, um-para-poucos, ou um-para-muitos (por exemplo, múltiplos usuários);
- d) comunicação assíncrona, caracterizada por necessidade do receptor (por exemplo web páginas e arquivos FTP)

Dencker (2006), no Brasil, apresenta o resultado de um estudo feito sobre um dos encontros da INTERCOM, na categoria Temas Livres do ano de 2005. Seu estudo mostra que 71% dos trabalhos analisados mencionaram a internet e suas relações e aqueles que trataram especificamente sobre o tema seguiram a multiplicidade das questões tradicionalmente presente na área de comunicação. O Gráfico 2 mostra quais os temas localizados pela autora sobre a internet naquele contexto investigado.

Gráfico 2 – Comunicação na internet – Temas Livres – Intercom 2005



Fonte: Classificação dos temas com base nos resumos publicados no Programa do Congresso Intercom 2005-Sessão de Temas Livres.(2) Citado por Denker (2006)

Como observou Dencker (2006), o estudo da internet já vem se mostrando uma das tendências de pesquisa da área de comunicação nos últimos anos. Essa é uma tendência mundial, mas a autora observou que a pesquisa tende a tratar da internet em relação à cidadania e à sociedade e não faz menção de resultados que a analisem como meio de comunicação.

Araújo (2007) faz um levantamento denominado *Estudos sobre Comunicação e Cibercultura no Brasil: Conceitos, Tendências e Clusters* que explica da seguinte forma:

Tenciona contextualizar estudos sobre comunicação e cibercultura no Brasil, oferecendo um mapeamento-“cibermapa”- com as principais tendências e questionamentos, para visualização de convergências e tensões, tanto no aspecto temático quanto no conceitual, mas especialmente no que se refere aos enfoques escolhidos pelos pesquisadores. Apesar do pouco tempo de existência do tema como está sendo considerado no momento atual, já há um grande número de pesquisadores desenvolvendo análises e estudos relevantes na área de cibercultura. Após a primeira década, acredito que esta tentativa de sistematização possa ser produtiva, visto que pode apontar para caminhos ainda inexplorados e demonstrar tendências no cenário da cibercultura.

Observa-se que a autora quis avançar na distinção e na classificação das pesquisas, mas não localizamos a continuidade do estudo. A compreensão da pesquisa sobre a cibercultura no Brasil está ainda restrita, portanto, aos temas e conceitos e não

permitiu que se avançasse muito, pelo menos até onde tivemos acesso. Com a publicação sobre o estudo completo que foi prometido como pesquisa de pós—doutorado da autora acreditamos que poderá haver nova contribuição epistemológica para o fortalecimento sobre o que vem sendo tratado no país sobre a internet e a comunicação.

De modo geral, é notada a contribuição de Martino (2001, 2003a, 2005) quando se trata das questões epistemológicas da área. Outros estudos sobre as teorias que sustentam a comunicação e as preocupações epistemológicas, presentes em Lopes (2001c), Wolf (1987), Braga (2006), Ferrara (2007), Santaella (2002), França (2001, 2001) costumam também alertar para a dificuldade da delimitação do objeto de estudo da comunicação. Há várias menções sobre a dificuldade de se sistematizar o conhecimento produzido pela área exatamente pela diversidade das contribuições, mas consideramos que qualquer análise em que se possam distinguir estudos mais específicos possa trazer contribuição relevante.

Quanto ao tratamento do meio de comunicação como eixo de análise da comunicação, ainda não parece haver qualquer consenso na área. Martino (2009) propõe um olhar técnico-comunicacional para observar e explicar meios de comunicação como objetos técnicos de interesse da área, na congruência com a sociedade e a cultura.

A respeito do modo como compreendemos o lugar da comunicação como saber específico das ciências sociais e humanas e sobre como supomos que os estudos da comunicação discutem a internet, consideramos, como pressuposto de nosso estudo que, se a produção acadêmico-científica atual estiver de acordo com a importância do meio de comunicação eletrônico na sociedade em que vivemos nos últimos anos, concordar sobre a insustentabilidade de um conhecimento sobre a comunicação que não explore seus objetos mais delimitados. Consideramos que a “crise de paradigmas” (Lopes) ou de “crescimento” (França) da área de comunicação brasileira exige que se estude e explique a internet como fenômeno típico da área. Ao se estudar a internet, costuma-se analisar as características da sociedade em rede e das comunidades ou redes sociais pela ótica de como são constituídas e como se dão as relações no âmbito dessas comunidades, mas, enquanto não se considerarem suas características como *meio de comunicação da sociedade complexa*, fugindo da explicação dos efeitos, os estudos serão complementares à comunicação, apropriados às demais ciências sociais e humanas, mas não serão nem interdisciplinares, nem mesmo disciplinares porque não

terão tratado da especificidade da comunicação... O que se verifica, de acordo com a tradição de pesquisa da área e a situação da pesquisa atual da comunicação, é que os estudos parecem ainda estar distantes de explicações da internet como objeto da comunicação.

Neste estudo, procuramos identificar os tipos de estudo brasileiros sobre a internet e a comunicação. Queremos saber se ainda estão em bases especulativas sobre as tecnologias, cujas questões têm foco em problemas teórico-filosóficos, com modelos de análise sem delimitação teórico-metodológica, ou se já avançam para análises metodológica e teoricamente embasadas em princípios da comunicação. A hipótese com a qual trabalhamos é a de que os estudos da comunicação brasileira devem ainda estar tratando dos efeitos, voltados à análise dos fenômenos sociais e culturais decorrentes da internet. Esperamos, entretanto, que a materialidade técnica da internet como meio de comunicação (conceito, características, finalidade e função) e seja estudada e compreendida sua repercussão, como meio de comunicação atuante na sociedade complexa. Estudos sobre a relação entre a internet e a cultura, a internet e as representações e a internet e a sociedade devem considerar, na área de comunicação, o eixo central do meio de comunicação que ali está configurado. Esse tipo de análise deve começar a ser melhor delimitada a partir desta década, quando os primeiros impactos das mudanças decorrentes da tecnologia já foram bastante considerados.

Martino (2000) analisando o trabalho de Katz e Jensen & Rosengren verifica que os efeitos são, de fato, o eixo das cinco tradições de pesquisas em comunicação: 1) os efeitos em si, perguntando o que os meios de comunicação fazem ao indivíduo?; 2) os usos e as gratificações que querem entender o que o indivíduo faz dos meios de comunicação?; 3) a análise literária, que visa compreender as estruturas das mensagens das obras veiculadas; 4) as condições de recepção, que fazem a análise do que o público faz com o conteúdo das mensagens e, por fim, 5) as abordagens culturalistas, que se afastam do meio de comunicação para levantar questões de outra natureza. (Martino, 2000:104)

Em estudo posterior (2006b), analisa o papel dos meios de comunicação na sociedade complexa à qual relaciona duas características essenciais:

Se na sociedade tradicional havia um único meio de comunicação, no sentido estrito do termo, cuja posse e uso eram exclusividade do Estado e da religião, na sociedade complexa se constata uma verdadeira explosão comunicacional: os meios não apenas se diversificam (rádio, TV, telefone...), mas também são abundantes, estando ao alcance de

largas parcelas da população e a serviço do indivíduo (...) A verdadeira significação dessa revolução mediática somente pode aparecer se for devidamente correlacionada a duas das características mais marcantes deste tipo de sociedade: 1) A complexidade da organização social, que ultrapassa as limitações espaciais (explosão demográfica, aparecimento de grandes concentrações urbanas, desenvolvimento de uma economia de mercado, de alcance internacional...), instituindo uma distância indispensável para a implementação da demanda comunicacional em diferentes âmbitos (social, econômico, cultural...); 2) Ao movimento geral de emergência do indivíduo. Largamente constatada no plano político (aparecimento do eleitor, do cidadão) e no plano econômico (aparecimento do trabalhador, do empresário, do investidor...), essa relativa liberação do indivíduo em relação ao coletivo também se verifica no plano social, ou seja, na própria inserção do indivíduo na sociedade, uma vez que ela passa por uma ação racional com respeito a fins (Max Weber). (2006b:09)

Por essa perspectiva, o estudo dos meios digitais deveria ser apenas uma das dimensões do problema da comunicação na atualidade, como a dimensão da técnica. A outra seria correlacionada ao aspecto sociocultural, para se entender como são as representações, em constante movimento, dinâmico, na sociedade que se modifica pela existência material e pelo uso dos meios de comunicação.

Wimmer and Dominick (2000:08) propõem um modelo de quatro fases de evolução para análise de cada novo meio de comunicação que demonstra que os estudos dos efeitos fazem parte, mas devem ser superados. Para eles, **na primeira fase**, é normal que as pesquisas recaiam sobre o próprio meio, com questões sobre o que é este meio? Como ele funciona? Que características de envolvimento tem este meio? O que faz e como este meio atua? Na **segunda fase**, uma vez que todo meio de comunicação, como tecnologia, visa um determinado nível social, os interesses de pesquisa voltam-se para os usos e os usuários, com questões como: como as pessoas usam este meio? Quem são as pessoas que usam este meio? Como as pessoas usam este meio? A próxima fase, **a terceira**, inclui pesquisas sobre os diversos efeitos do meio, para saber como este meio afeta a vida das pessoas, das organizações, da sociedade? Este meio contribui para que as pessoas mudem de perspectivas ou opinião? Há efeitos maléficos em razão do uso deste meio? Por último, interessa aos estudos da **fase quatro**, o aprimoramento do conhecimento sobre o meio e o desenvolvimento de novos conceitos ou teorias para o novo meio de comunicação para responder a questões como: há um modo de mudar a estrutura ou o conteúdo deste meio para melhorar o seu uso e sua eficácia? Por esse modelo, vemos que é necessário avançar nas propostas teóricas sobre a internet, uma vez que estacionar na fase três não trará contribuições teóricas para a área de comunicação.

Kim & Weaver (2008), baseados nesse modelo teórico, apresentaram os pressupostos da evolução de pesquisas sobre a internet, relacionando os momentos aos prováveis focos de investigação dos estudos que avaliaram. Propuseram arranjo dessas fases para pontuar as observações epistemológicas sobre as questões presentes nos estudos sobre a internet. Recortamos sua proposta e a apresentamos no Quadro 6.

Quadro 6 – Fases dos Estudos Sobre a Internet, de acordo com Kim & Weaver (2000).

FASES	QUESTÕES-PROBLEMAS SOBRE	FOCOS
Fase 1	A própria internet	Problemas técnicos e aplicações, questões sobre interatividade (com a máquina), funções e serviços; questões sobre as condições legais e políticas, questões históricas e filosóficas.
Fase 2	Usuários e usos da internet	Quem usa a internet? Como as pessoas usam a internet? O que a internet oferece? Difusão, adoção, levantamentos sobre percepção do usuário e usos políticos e educacionais.
Fase 3	Efeitos da internet	Influência sobre indivíduos, organizações, comunidades ou no desenvolvimento nacional; mudanças comportamentais, sociais, culturais das pessoas e grupos; o impacto da internet na mídia tradicional.
Fase 4	Como a internet pode ser melhorada	Novos desenvolvimentos, aplicações avançadas, web TV, normas técnicas internacionais, construção de conceitos relacionados à internet ou modelos teóricos.

Uma crítica que se pode fazer ao modelo proposto por Kim & Weaver é a de que o estudo que fizeram não se atém à análise da produção exclusiva da área de comunicação, mas trata da produção de pesquisa das ciências sociais, incluindo a comunicação, como ciência social aplicada. O quadro seria outro, como compreendemos, caso houvesse um foco no meio de comunicação, com olhar específico da área de comunicação. No Quadro 7, mostramos essa mudança que poderia trazer luz a questões mais específicas da comunicação, no lugar de expandir pesquisas que já estão em desenvolvimento pelas demais ciências sociais e humanas.

A fase três da área de comunicação deveria focar, exclusivamente, nos estudos sobre a mídia e os estudos deveriam estudar a percepção, mas também a interação dos indivíduos ao usar a internet.

Quadro 7 – Proposta de Fases dos Estudos Sobre a Internet, com base em Kim & Weaver, 2000.

FASES	QUESTÕES-PROBLEMAS SOBRE	FOCOS
Fase 1	A própria internet	Problemas técnicos e aplicações, questões sobre interatividade (com a máquina), funções e serviços; questões sobre as condições legais e políticas, questões históricas e filosóficas.
Fase 2	Usuários e usos da internet	Quem usa a internet? Como as pessoas usam a internet? O que a internet oferece? Difusão, adoção, levantamentos sobre percepção e interação do usuário
Fase 3	Efeitos da internet sobre a mídia e sobre a atualidade mediática	O impacto da internet na mídia tradicional, convergência, mobilidade e sobre a sociedade complexa, com eixo dos problemas nos meios de comunicação.
Fase 4	Como a internet pode ser melhorada	Novos desenvolvimentos, aplicações avançadas, web TV, normas técnicas internacionais, construção de conceitos relacionados à internet ou modelos teóricos que avancem na perspectiva de mídia interativa.

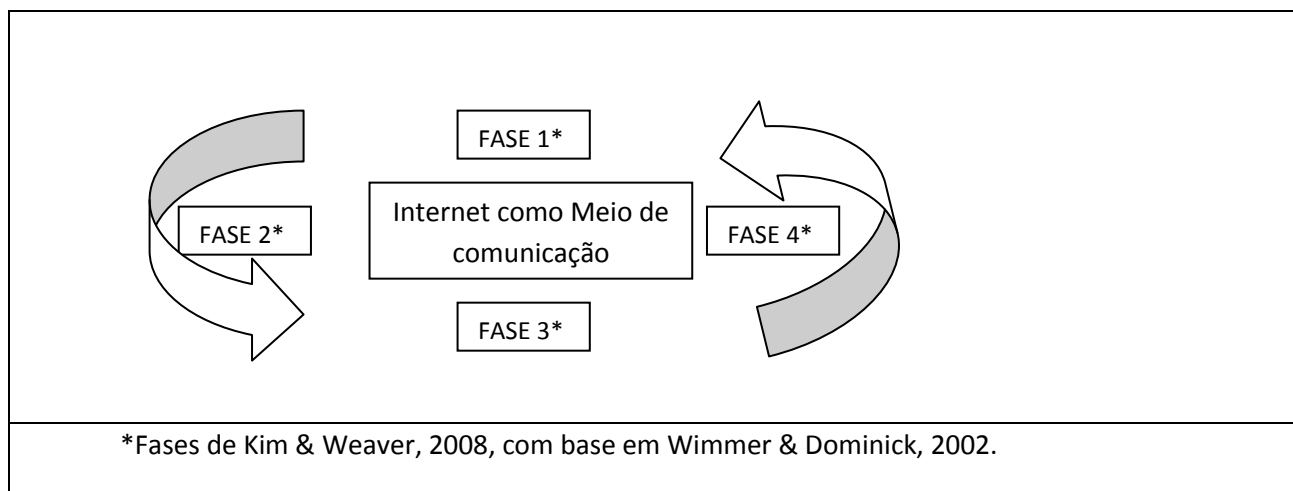
Assim, os estudos da comunicação tomariam os referenciais dos estudos das ciências congêneres (sociologia, antropologia, ciências políticas etc) para conhecer sobre os efeitos (estudos da fase 3), mas não, necessariamente, precisariam desenvolvê-los.

Para deixar mais claro, propomos o Diagrama 1 para mostrar que o meio de comunicação da sociedade complexa precisa ser considerado pela comunicação como eixo da análise da área. Antes que se levante a antiga problemática, (que já poderia ter sido superada), do determinismo tecnológico, etc. explicamos que o estudo da internet como meio de comunicação é oportunidade para tratar dos efeitos, sem cair no determinismo tecnológico, mas, ao contrário, valorizando as relações socioculturais com os meios, ou seja, invertendo a lógica e recortando a ótica. Ao olhar com visão

sociocultural e política, a área de comunicação tem perdido a chance de conhecer melhor sobre as questões relativas à própria mídia (convergência e outros efeitos sobre os meios) e tem deixado de aprofundar os estudos sobre a internet para fazer proposições teóricas que ajudem a aprimorar o próprio uso da tecnologia de comunicação.

A pesquisa sobre a internet e a comunicação tem se mostrado dinâmica e múltipla, e assim deve ser representada, como um movimento contínuo de buscar entender as novidades, reconhecer nelas o que tem de importante para os usuários, renovando assim a compreensão sobre as mídias em geral e propondo seu aprimoramento. Esse é o movimento que consideramos necessário ser conduzido pela área de comunicação enquanto área de conhecimento.

Diagrama 1 – Dinâmica das pesquisas sobre a internet como meio de comunicação



Encontramos, nessas reflexões, apoio para nossa concepção de que a internet deve ser problematizada como um dos meios de comunicação presentes na atualidade. Para aprofundar o entendimento sobre a internet na área de comunicação no Brasil, portanto, os estudos devem constituir e tratá-la como objeto de interesse específico, pelo viés da comunicação, realizando as necessárias problematizações e fundamentando suas questões em aspectos próprios aos problemas da área. Se, pelo contrário, os estudiosos da comunicação estão procurando explicar a realidade da internet por meio da explicação de problemas que se apresentam apenas em uma de suas esferas (cultural, comportamental, social, etc) ou centram-se apenas em seus usos e usuários ou, ainda, analisam apenas pelos efeitos nocivos ou inovadores, ou seja, se os estudos estão olhando para as perspectivas que reduzem as análises de natureza diferente da técnica-comunicacional, pelas mudanças nos comportamentos sociais e

políticos – nossa pergunta permanecerá: esses estudos estão tratando de Comunicação? Se, ao estudar a relação entre a internet e a criança, por exemplo, os estudos estão preocupados em entender a influência desse meio na cognição e na aprendizagem de comportamentos sociais; ou se querem investigar a influência desse meio na formação psíquica e na estabilidade emocional dos jovens ou querem entender como se comporta o indivíduo adulto na presença ou na ausência desse meio, como pertencente a determinado grupo social, estão estudando Comunicação? O que a Comunicação deve problematizar sobre a internet, e sobre os meios de comunicação? Seus aspectos técnicos? Seus efeitos cognitivos, psicológicos e sociais, em relação aos aspectos técnicos e históricos? Quem os usa? Sua função política, ideológica e social como mediação da técnica, em função da história? Deve estudar a engenharia do objeto, em si mesmo? Deve analisar sob a ótica da constituição de um objeto técnico que é deliberadamente construído para a comunicação? Qual é a ótica da Comunicação para a construção de seus objetos de estudo? As mesmas perguntas valem para qualquer objeto de estudo da comunicação, que se apresenta como meio, incluindo, é claro, a própria internet.

Consideramos que, ao analisar os problemas que são apresentados pela área de comunicação sobre a internet, com foco em aspectos relacionados ao meio de comunicação, poderemos conhecer melhor a situação epistemológica existente na área de comunicação brasileira e contribuir com a sistematização que se mostra necessária e ainda não foi realizada.

Queremos deixar claro que nossa hipótese de trabalho é a de que, em função do aparecimento da internet, a geração de conhecimento na área de comunicação deve enfrentar seriamente o dilema de rever seus fundamentos a fim de se constituir como um conhecimento mais específico, ou passivamente correr o risco de ser absorvida e descaracterizada por outras perspectivas disciplinares. Consideramos que, para tratar da internet do ponto de vista do campo comunicacional, os estudos devem estar se especializando para compreendê-la como meio de comunicação na relação que tem com a sociedade e com a cultura. Essa é a nossa pressuposição sobre a situação dos estudos da área de comunicação do Brasil.

Para sistematizar nossa análise, no Capítulo 5, avaliaremos os estudos da área de comunicação pelo foco do problema e pela abordagem teórica, e tentaremos verificar a que fase proposta por Kim and Weaver (2008) pertencem. Consideramos que com

essa análise poderemos também colaborar para reconhecer o estágio de desenvolvimento da pesquisa em comunicação sobre a internet no país.

Capítulo 4 – Panorama das problemáticas e problemas sobre a internet na literatura da área de comunicação brasileira

Neste capítulo, vamos apresentar e discutir as problemáticas e os problemas tratados pelos estudos brasileiros da área de comunicação sobre a internet.

Certamente, o que mostramos aqui é apenas indício do pensamento da área a respeito. Procuramos reconhecer focos, tendências teóricas e fases em que as pesquisas se encontram, para reduzir a dispersão do entendimento e conseguir, se não sistematizar, no mínimo, propor alguma organização para as especificidades dos estudos brasileiros que estão configurando o conhecimento sobre a internet e a comunicação.

No Brasil, na primeira década (1990-2000), surgiram os principais estudos teóricos de formação sociológica sobre as relações sociais e culturais na cibercultura e que, em sua maioria, apóiam-se em fundamentos da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia, cada um com sua ótica peculiar dos problemas trazidos pela rede mundial de computadores, especificamente internet (Lemos, 2002; Rudiger, 2002, Trivinho, 1998, 2009; Leão, 1999) Falava-se da novidade, como um todo, do ponto de vista filosófico, sociológico, econômico, educacional, apresentando-se desde a possibilidade da internet proporcionar uma espécie de inteligência renovada pelos *hackers* ou *cyberpunks* até afirmações sobre os riscos de se terminar o mundo do trabalho e de se perderem as identidades regionais. Pode-se dizer que, no início da internet, seja na Europa, na América do Norte ou na América Latina, especificamente no Brasil, nos anos 2000, o que houve foi uma espécie de *brainstorm*, uma tempestade de idéias em que todas as questões sobre a internet afloraram, simultaneamente, porque aguçavam a curiosidade de todos. Isso se explica diante da extrema novidade trazida pela comunicação mediada por computadores e pela informação acessível digitalmente, em nível mundial que despertou a necessidade de entendimento e aproveitamento do seu potencial para a comunicação.

Parece-nos que a comunicação, ao apresentar sua ótica do mundo contemporâneo, não nega lugar a suas próprias questões, como produtora de conhecimento, mas valoriza mais a multiplicidade de visões do que as questões epistemológicas de seu campo de saber, em si. Consideramos que as diversas facetas da internet e da comunicação podem ser reconhecidas como “desculpas” da área de comunicação para realizar estudos que, de fato, querem mesmo é entender os efeitos da cibercultura, compreender problemas sociais, políticos, culturais e econômicos.

Na verdade, a fuga de enfrentar a questão central: estamos tratando de comunicação? é apenas a opção clara de quem considera que os efeitos sociais da cibercultura são mais importantes que as questões da comunicação. A única justificativa que realmente importa – e assim essa visão simplifica o problema epistemológico e não se discute a questão – é a de que os efeitos sociais da cibercultura são o problema a ser investigado.

As repercussões sociais das tecnologias e redes digitais suplantam todos os domínios cognitivos e práticos particulares; extravasam, evidentemente, o campo fenomenológico e cognitivo da comunicação e da informação. A empiria da cibercultura se liga, por exemplo, ao desenvolvimento da engenharia genética, da astrofísica e das novas formas de guerra, o que depõe tanto mais em favor da assinalada magnitude do fenômeno, bem como dos esforços explicativos simultâneos de várias áreas, especialmente as compreendidas no que, em sociologia e epistemologia da ciência (livres das classificações burocráticas recentes), se designava como Humanidades e que ainda hoje preserva expressivo significado. (Trivinho & Cazaloto, 2009:15)

Trivinho (2009) trata de afirmar que as pesquisas sobre o tema encontram-se distribuídas em várias regiões do Brasil, repercutindo, nesse aspecto, tendências internacionais.⁶⁷ Nessas pesquisas, a cibercultura é considerada um campo liminar e fundador e com diversas tendências teóricas. Logo, a interdisciplinaridade é a escolha natural dos estudos já que há um vasto campo de investigação para analisar as “características estruturais e conjunturais da fase digital da civilização mediática”? Essa problemática não explica, entretanto, o que vem a ser “características estruturais” e “características conjunturais”? Também não fica claro o que significa “fase digital da civilização mediática?” A explicação para a interdisciplinaridade na abordagem ao fenômeno da cibercultura reside no fato de que se trata de um “sem-número de objetos e problemas contemporâneos, relevantes para a definição da silhueta do campo de conhecimento em jogo, nomeadamente (em sequência e correlações internas sem fixidez ou coincidência com a programação do evento).” Esses problemas são, segundo a abordagem de Trivinho todo um panorama de questões sociais, tecnológicas e humanas, como se fosse possível tratar de todos os problemas, pela via da comunicação na cibercultura... Trazemos esse longo trecho de um texto de Trivinho para explicitar essa multiplicidade de focos e de questões que a área se propõe a tratar:

Os valores socioculturais epocais e as mediações emergentes; as políticas de comunicação e a convergência tecnológica; as mutações do

67 Para apresentar a produção científica a que se refere, na sua INTRODUÇÃO / MEMÓRIA DE CONTEXTO: CIBERCULTURA E HUMANIDADES. Em outro texto de memória, - Contribuição à memória da fundação da ABCiber - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura] Eugênio Trivinho discute acerca da articulação nacional de um novo campo científico interdisciplinar no Brasil

espaço e do tempo; a vida cotidiana e os contextos do corpo (materiais e interativos); as novas conformações da subjetividade e da identidade, da sensorialidade e da afetividade, e os dispositivos infotécnicos de subjetivação e modernização da percepção; os novos modelos e práticas de comunicação e consumo, de telepresença e interação; as tecnologias móveis e os micromedia online; os aparatos de imersão, o imaginário e a realidade virtual; a violência simbólica e invisível, a vigilância eletrônica e os regimes de controle e autoritarismo digitais; a questão democrática, a governabilidade possível, os ciberativismos e a luta pela liberdade; as dobras infotecnológicas da educação e da Universidade; a pesquisa científica e o papel do pensamento; a erosão da autoria e dos direitos de patente; os limites e possibilidades da arte e do design; a desmaterialização do real e o pós-humano, sem mencionar a relação (ainda mal resolvida) entre modernidade e pós-modernidade e as expressões conceituais mais gerais que presidem esse catálogo epistemológico inteiro, como as já aludidas sociedade da informação, sociedade do conhecimento e cibercultura, entre outros assuntos importantes. Trata-se, pois, de se repensar a configuração da dinâmica social em rede, os arranjos da política em tempo real e a condição histórica da cultura ciberespacializada, da economia imaterial e de todos os aspectos e dimensões associados – enfim, dramas, possibilidades e formas de existência, sobrevivência e resistência do humano onde a vida social se refaz em sua articulação com e através de media e redes virtuais. (Trivinho & Cazeloto, 2009:18)

Esse panorama demasiadamente amplo e diverso reflete o que discutimos em capítulos anteriores: a comunicação é um campo de saber em construção e sua visão dos problemas que estão relacionados à tecnologia digital parece obnubilada pela quantidade de problemas que são derivados de outras áreas de conhecimento. Segundo a análise de Trivinho (2009)

A área de Comunicação vem contribuindo grandemente para a compreensão dos problemas sociais, políticos, culturais e econômicos aí envolvidos. Embora notoriamente majoritária na sala de estar e na cozinha dessa tendência de estudos, essa área de conhecimento não detém, com efeito, monopólio intelectual a respeito. Esse ponto não carece de maiores explicações ou justificativas. (O grifo é nosso) (Trivinho & Cazeloto, 2009: 15)

Ao usar a metáfora espacial da “sala de estar” e da “cozinha” para o lugar ocupado pela área de comunicação para tratar das questões da tecnologia digital, ao mesmo tempo em que se levanta essa problemática de natureza epistemológica, nega-se imediatamente o espaço à discussão, dizendo não carecer de “explicações ou justificativas” sobre a comunicação deter ou não monopólio sobre os saberes tratados. Do mesmo modo, essa preferência de problemática está refletida na escolha de nomes para reconhecer o que se faz na área de comunicação para estudar a internet no contexto atual. Há propostas de títulos como “Problemas, pressupostos e horizontes de possibilidade [da cibercultura]” ou, mais concretamente, “Hibridismo, liquidez, mobilidade e imersão no mundo virtual”. (Trivinho, 2009:19). Esse é o contexto geral dos problemas

que a área de comunicação brasileira apresenta ao tratar de questões sobre a internet e a comunicação.

Para que essas múltiplas dimensões possam ser mais bem compreendidas, usamos unidades de contexto e de registro com menor significação (categorias) que serão apresentadas e identificadas nos estudos que compõem o corpus da pesquisa. Se os estudos contêm o pensamento da área de comunicação sobre internet e a comunicação, esperamos que, ao tratá-los por categorias, os temas e problemas passem a ser considerados índícios “em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados” (Bardin, 1977, p. 110). As categorias, como vimos, são formas gerais de conceito, uma forma de pensamento sintetizador. Pelo critério semântico, procuramos agrupar e relacionar os temas aos problemas indiciais recolhidos no mapeamento inicial. Cada uma das categorias estão ordenadas de modo esquemático nas classes de problemas, foco, tendências teóricas e tipo de estudo. Para serem consideradas boas categorias, procuramos observar as qualidades recomendadas por Bardin (1977), como explicamos na metodologia: exclusão mútua – em que cada elemento só existe em uma categoria; homogeneidade – é preciso haver só uma dimensão na análise; pertinência – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa às questões norteadoras, às características da mensagem, etc; objetividade e fidelidade – se as categorias forem bem definidas e os índices e indicadores que determinam a entrada de um elemento numa categoria estiverem claros, haverá redução da subjetividade da análise; produtividade – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados.

Queremos deixar claro que, mesmo que tenhamos nos esforçado, durante a categorização e a análise, mais de uma vez, verificamos que as categorias mostravam-se permeáveis, com uma aparente superposição de problemas, mas buscamos corrigir esses desvios tão logo os identificamos ao longo de todo o estudo. Por isso, estamos esperando que venham observações críticas nesse sentido, pois, provavelmente, deixamos escapar alguns necessários ajustes, em face da multidimensionalidade das questões. De acordo com André Lemos, os estudos sobre a cibercultura no Brasil tratam de diversas temáticas e abordagens. Relaciona os seguintes:

Os novos formatos jornalísticos (jornalismo online, radio online, TV digital, revistas online e e-books), relações comunicacionais (chats, e-mail, listas e fóruns, weblogs, muds, games, troca de arquivos), práticas sociais e comunicacionais emergentes com a nova cultura informática

(cyberpunks, ciberativistas, hackers), reconfigurações corporais e comunicacionais (cyborgs), comércio (comércio eletrônico, publicidade e marketing online, gestão da informação), artes eletrônicas (webart, música eletrônica, body art), práticas discursivas interativas (hipertextos), questões ligadas à cidade e à esfera pública (cibercidades, cibercidadania), além dos estudos em realidade virtual como mídia de comunicação. (<http://ctjovem.mct.gov.br/index>).

Como era esperado, localizamos, inicialmente, um universo amplo de problemáticas que coincidem com essas temáticas, e com seus desdobramentos que se apresentaram como os primeiros indícios de problemas. São esses os problemas sobre os quais os estudos brasileiros da área de comunicação costumam debruçar-se para tratar da internet. Nesta primeira apresentação, as questões que localizamos estão em ordem alfabética, logo, sem nenhum critério hierárquico que atribua maior ou menor importância ou frequência nos estudos, mas que demonstram a existência de relações entre os temas e as principais questões sobre a internet e a comunicação.

ARTE ELETRONICA (questões de autoria e compartilhamento - comunicação e artes - tipos e características da arte digital)
AUTORIA E COMPARTILHAMENTO (questões sobre mudanças relativas à propriedade intelectual - direitos autorais - alterações de papéis - leitor para autor – pólos de emissão-recepção, p2p)
ARQUITETURA (questões sobre o formato e a estrutura do ciberespaço - conceitos e metáforas – labirinto – malha - teia - efeitos da arquitetura na percepção do espaço virtual)
CIBERESPAÇO, CIBERCIDADE, CBERMUNDO (questões sobre as relações entre o espaço social e cultural – espaço ampliado - reconfigurado – espaço real x virtual)
CIBERCULTURA – (questões sobre relações sociais: tribalismo, nomadismo, presenteísmo (Maffesoli), características da cibercultura como cultura do compartilhamento, liberdade, contrapoder, distribuição livre)
CORPOREIDADE (questões sobre o corpo - fim do corpo – exposição – expressão – isolamento - imagem de si/ imagem do outro - alterações no comportamento dos indivíduos)
DEMOCRACIA (questões sobre o poder compartilhado – grupos comuns no poder - inclusão social/ inclusão digital - perspectivas de mudanças políticas na sociedade pela ação do coletivo)
DROMOCRACIA CIBERCULTURAL (questões sobre a filosofia da técnica –poder - morte do social pela velocidade e pela guerra cultural - imagens - seus efeitos sobre a cultura - a sociedade e a política na cibercultura na velocidade da opressão)
IMAGINARIO TECNÓLOGICO (questões sobre socialidade – tecnorealismo – tecnofilia – tecnofobia – ideário de liberdade X opressão hegemônica – capitalismo)
INTELIGENCIA ARTIFICIAL (questões sobre interação do homem com a máquina – robótica -

máquinas automatizadas – jogos - efeitos sobre a percepção humana)
INTELIGENCIA COLETIVA (questões sobre redes de colaboração, web 2.0, construção coletiva, aprender juntos e compartilhar e seus efeitos na educação e na comunicação)
INTERATIVIDADE (questões sobre a relação homem-máquina e suas consequências)
INTERAÇÃO (questões sobre interação entre indivíduos e grupos na internet e sua relação com a comunicação)
JORNALISMO DIGITAL (questões sobre as novas práticas e os novos espaços de produção do jornalismo)
LINGUAGEM , HIPERTEXTO (questões sobre a estrutura mental, da linguagem, e suas repercussões sobre os modos de pensar dos indivíduos)
MEIO DE COMUNICAÇÃO (HIPERMÍDIA) (questões sobre os recursos – tipos de ferramentas - técnicas e possibilidades de comunicação – comparação com os meios “tradicionais” – convergência – práticas alteradas pela internet)
TECNOCULTURA (questões culturais em face dos aspectos técnicos dos meios técnicos disponíveis na internet)
TRIBOS (questões antropológicas e psicológicas sobre comportamentos típicos: hackers, crackers, geeks, cyborgs, cyberpunks)
REDES (questões sobre comunidades - redes de relacionamento social - comunidades virtuais)
REALIDADE VIRTUAL (questões sobre recursos de inteligência artificial - second life, avatares, games)

Esse panorama inicial é mais amplo que os achados de Dencker (2005) e da proposta de cinco clusters temáticos, de Araújo (2006). Consideramos que a justificativa é que esses estudos observaram a produção intelectual restrita a um conjunto menos significativo e representativo da produção intelectual brasileira da área de comunicação. A primeira, como vimos na introdução, analisa apenas os temas livres de uma edição anual da Intercom, conforme mostra o Gráfico 2, do Capítulo 3. Reconhecemos que foi feita em um ano que ainda não havia ampliado o interesse na pesquisa sobre o tema, que só ocorreu em 2007. A segunda propõe um aprofundamento da pesquisa, mas só localizamos a primeira parte, em que apresenta cinco grandes temáticas a que chama de clusters temáticos, nenhum deles relacionado com a comunicação, diretamente: 1. Cibercidades e Mobilidades; 2. Imaginários da Cibercultura; 3. Imersão e Interfaces, 4. Jornalismo Digital; 5. Web Sociabilidades/Subjetividades. Segundo sua pesquisa proposta para o pós-doutorado, a autora deverá apresentar outras etapas:

a contextualização e detalhamento dos “clusters conceituais”, em enfoque mais reflexivo; o levantamento (em enfoque mais informativo) dos periódicos e livros organizados por pesquisadores em relação ao tema da cibercultura, como o caso da Coleção Cibercultura da Editora Sulina, que já conta com 13 livros, da “Ciberlegenda” (Luiz Carlos Lopes), da “Contracampo” (Felipe Pena), ou da e-compós (Francisco Menezes e João Freire); e a inclusão de pesquisadores-doutores independentes ou de programas não filiados à Compós que contribuem para a área da Comunicação. (2006: s/n)⁶⁸

Esses levantamentos fazem uma primeira aproximação dos temas, mas mostra o que já sabemos (ou pensamos saber pelo senso comum): há diversidade de questões sendo tratadas no campo da comunicação sobre a internet. *Multirreferencialidade das questões sobre a internet* pode ser um bom nome para designar esse conjunto de problemas. Chamamos assim, com base nas múltiplas referências que são feitas ao tratarmos de todos os diferentes fenômenos que tem origens nas áreas do conhecimento que compõem as chamadas ciências das sociais e das humanidades. A quantidade de temas e seus desdobramentos em problemáticas e problemas nos imobilizaram, em um primeiro momento. Pareceu-nos de difícil solução sair do enigma do excesso de possibilidades, ou seja, havia muitas opções de arranjos semânticos para que pudéssemos formular as categorias a partir de tantas referências.

Para estudar essa diversidade em um trabalho acadêmico do tipo que estamos desenvolvendo, sabíamos da necessidade de reduzir a amplitude e definir os critérios, para, de fato, observar e tratar o problema principal: como os estudos da área de comunicação brasileira estão problematizando a internet e a comunicação? Como uma saída, conforme explicamos na metodologia, procuramos os autores específicos que constavam das referências bibliográficas dos estudos colhidos na fase exploratória da pesquisa e investigamos a produção dos mais frequentemente citados.

Alex Primo (2007) aparece com um dos autores representativos da área, entre outros. Ao tomarmos contato mais próximo com sua produção intelectual, vimos que poderia nos ajudar na reflexão sobre como resolver a amplitude de temáticas e de questões postas. Trata-se de atuante pesquisador na pós-graduação brasileira, com relevante obra no conjunto da área e tem escrito sobre diversos temas e problemas a respeito da internet. Nesse contexto, nossa hipótese era a de que seus pensamentos sobre os problemas a respeito da internet deveriam traduzir ou aproximar-se do pensamento de seus pares, o que poderia auxiliar para focar nossas categorias o mais próximo possível da representatividade do pensamento da área. Ao localizarmos seu

⁶⁸ Estudo disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n53/dcorrea.html>

blog⁶⁹, tomamos emprestados dois *mapas mentais* disponibilizados pelo autor, na internet para tentarmos *mapear* seu pensamento. Queríamos compreender as relações subjacentes ao que estava reunido, em face dos temas e questões que localizamos nos estudos da pesquisa exploratória, pensando em ampliar, aprimorar ou refinar as categorias. O ponto de vista de um estudioso do campo da comunicação deveria demonstrar, supúnhamos, onde está situado e como é dado o pensamento nacional da área de comunicação brasileira sobre as questões relativas à internet e a comunicação. Optamos, assim, por analisar os dois mapas: Mapa 1 - Cibercultura e Mapa 2 - Práticas sociais e tecnologias.

Antes de entrarmos na análise dos mapas, propriamente, consideramos necessário explicar o conceito de *mapas mentais*. São ferramentas de natureza cognitiva usados para apoiar o processo de reflexão sobre a aprendizagem individual, cuja base teórica foi desenvolvida no século XVIII. Do ponto de vista das teorias da educação, a origem dos mapas mentais deriva de estudos de Carl Rogers (1967) e Piaget (1870), além de Vigostky (1820), que tratam da aprendizagem como organização dos processos cognitivos. A origem específica da teoria dos mapas mentais encontra-se na década de 70. Mapas conceituais são semelhantes a mapas mentais. O pesquisador norte-americano Joseph Novak⁷⁰ definiu os mapas conceituais “como ferramenta para organizar e representar o conhecimento” (1995). Essa definição é a mesma de mapas mentais, portanto, podem ser considerados sinônimos. Ambos seguem a teoria cognitivista da aprendizagem significativa, de Ausubel⁷¹, segundo a qual existe “aprendizagem significativa” quando uma nova informação é agregada ao conhecimento que já existe e “ancorada” no conhecimento anterior, modificando a estrutura cognitiva do indivíduo, continuamente ressignificada por ele. O conhecimento seria, portanto, a construção continuada feita por esse exercício intelectual constante.

Para todos esses autores, visando promover a gestão do conhecimento individual e o desenvolvimento do intelecto, o indivíduo necessita explicitar, compartilhar e reorganizar conteúdos e experiências ao longo da vida, usando a escrita, a fala, a memória, ou seja, recursos de cognição. Sejam esses conteúdos adquiridos pela

69 <http://www.interney.net/blogs/alexprimo/>

70 Novak, J.D., "Concept Mapping: A Strategy for Organizing Knowledge", pp. 229-245 in Glynn, S.M. & Duit, R. (eds.), Learning Science in the Schools: Research Reforming Practice, Lawrence Erlbaum Associates, (Mahwah), 1995.

71 (Novak, J.D., "Concept Mapping: A Strategy for Organizing Knowledge", pp. 229-245 in Glynn, S.M. & Duit, R. (eds.), Learning Science in the Schools: Research Reforming Practice, Lawrence Erlbaum Associates, (Mahwah), 1995

organização das informações recebidas ou pela troca de experiências com outros indivíduos, de acordo com as teorias de base cognitiva, é sempre necessário haver reflexão e fixação da aprendizagem sobre as informações, as relações construídas entre os conteúdos e as experiências, esperando-se a ação do intelecto para organização desse processo.

Os mapas mentais e conceituais são usados, portanto, para a representação de processos cognitivos individuais e podem ser compreendidos como instrumentos especificamente úteis para essa finalidade organizadora do intelecto. Prestam-se, perfeitamente, à auto-organização, ao auto-aprendizado, e ao autodesenvolvimento intelectual. Não se pode afirmar, ainda, de acordo com as teorias da cognição que conhecemos, que sejam úteis para a transferência da organização do pensamento coletivo, da chamada “inteligência coletiva” ou aprendizagem colaborativa que demonstrem sua eficácia para o desenvolvimento intelectual de outrem. Essa pesquisa ainda necessita ser desenvolvida, após o advento da internet. Com as conexões do hipertexto, se as idéias não precisarão mais ser separadas (Ted Nelson, 1992:161), juntamente com a noção de que o sujeito deixa de ser singular para ser múltiplo em comunidades de compartilhamento, todas são novas concepções e levam ao entendimento de que a internet complexifica o mundo do sujeito, mas permite a simplificação da realidade, pela troca de informações e construção coletiva de conhecimento. Essas idéias necessitam ser melhor estudadas, compreendidas e podem vir a alterar a compreensão sobre a finalidade dos mapas mentais/conceituais. O que se sabe, por enquanto, é que, segundo Novak, a hierarquia individual de idéias e de conceitos fica evidenciada nos mapas mentais/conceituais. Há uma norma para essa representação do pensamento: os conceitos aparecem no diagrama, em espaços fechados, representados por caixas, e as relações entre os conceitos aparecem em linhas, que representam ligações nos arcos que unem os conceitos por frases com sentido de ligação, chamadas proposições. As linhas e as frases visam representar a relação entre dois ou mais conceitos conectados. As proposições são uma característica particular dos mapas conceituais que os diferenciam dos mapas mentais.

Atualmente, há diversos programas informatizados que favorecem a explicitação do pensamento⁷². Compartilhados em rede, esses mapas podem mesmo vir a ter a função de explicitar os processos individuais de cognição para a análise coletiva. É uma

72 MindMan Personal; FreeMind; EasyMapper; MindManager; NovaMind; MindGenius; MindMapper; MindMapper Jr; Visual Mind; ConceptDraw MindMap, in <http://www.mapasmentais.com.br/recursos/software.asp>

evolução de suportes técnico-pedagógicos (ainda melhor se chamarmos de técnico-*andragógicos*⁷³, se estamos falando de adultos), para expressão do pensamento por meio de recursos gráficos, antes limitados a meios físicos (como cartazes, quadros, canetas, lápis coloridos sobre papel branco, lápis preto sobre papel colorido). Esses softwares, além de auxiliar a criar a estrutura do pensamento, ainda favorecem a visualização. Os espaços virtuais comunitários (blogs, microblogas, redes sociais), conectados pela internet, por sua vez, favorecem a propagação desses recursos infográficos.

Feita essa introdução sobre o conceito de mapas mentais/conceituais, vamos ver como, a partir de pontos de vista recortados de olhares e lugares ocupados pela mente de alguém – no caso, Alex Primo – é possível verificar as relações entre os conteúdos aprendidos e as experiências vividas por ele e os conceitos que estamos buscando investigar. Nos dois mapas, procuramos verificar se a discussão interna (diálogo mental, na comunicação entre as suas próprias idéias) que ele faz da cibercultura, por caminhos provavelmente bastante diferentes dos que fariam outros pesquisadores, inclusive nós, pode ter pontos de contato com a área de comunicação, pelas categorias de análise que propusemos.

Em ambos os Mapas, Alex Primo trata de vários aspectos da realidade, buscando relacionar desde comportamentos individuais até complexas relações sociais. Na representação gráfica do seu pensamento, ao construir o primeiro mapa mental, conforme explica, em seu blog, sua intenção foi de refletir sobre os problemas da cibercultura. Ao elaborar o Mapa 1, *Mapa da Cibercultura*, parece-nos que considerou necessário analisar o avanço da tecnologia digital, dos recursos de comunicação decorrentes e das redes sociais criadas para aproximar indivíduos.

73 Andragogia é entendida como um sistema de idéias, conceitos e abordagens para a educação de adultos e foi apresentado aos educadores de adultos nos Estados Unidos por Malcom Knowles. Suas contribuições para este sistema têm sido muitas (1975, 1980, 1984; Knowles & Associates, 1984), e têm influenciado o pensamento de inúmeros educadores de adultos. Os diálogos, debates, e escritos posteriores relacionadas com a andragogia tem sido estimulantes e saudáveis para o crescimento da área de educação de adultos, durante os últimos trinta anos.

Mapa 1 – O Mapa da Cibercultura



A primeira constatação é a de que os problemas explicitados trazem a visualização de vários aspectos que encontramos na literatura da área de comunicação brasileira. Estão presentes as dimensões dos efeitos da internet; do ciberespaço; da cibercultura; da arte na internet; do jornalismo na rede; da democracia e do poder; das redes colaborativas de aprendizagem; da linguagem e o hipertexto, do imaginário tecnológico; da interação; da simulação e virtualidade e dos meios de comunicação.

Porém, ao relacionar no mesmo tópico as questões como dependência, dominação, exploração e vigilância, informações duvidosas, isolamento e sobrecarga cognitiva, parece fazer uma mistura incompreensível de temas e problemas. Relaciona elementos que são, aparentemente, inconciliáveis, a nosso ver, ou seja, de acordo com o nosso modelo mental. Por que faz essa análise? A trajetória do campo da comunicação pode ajudar a responder...

A seqüência de termos/conceitos que, mesmo que se entrecortem e se complementem, aparentemente, são incoerentes. Entretanto, alicerçados nas idéias centrais de ciberespaço, redes sociais, condições tecno-sociais, fundamentos e

problemas, levantam questões como produção biopolítica, tragédia do comunal, dilema do prisioneiro, relacionados a sua principal categoria de análise, a da interação mediada por computador. Por isso, concluímos que acompanhar o pensamento de Alex Primo (assim como o de qualquer outro) explicitado por meio gráfico é uma tarefa interessante, mas problemática. É possível apreender que as relações apresentadas têm origem histórica no início da internet, justificado pelo conhecimento da ARPANET, como primeira experiência de rede militar. Até aqui, tudo bem. Todos temos de começar de algum lugar e é recomendável que seja do início... Daí em diante, porém, vimos que tentar compreender o Mapa 1 de Alex Primo nas relações que propõe passaria a ser uma tarefa de interpretação, análise de obra de arte. Ou seja, apenas poderia ser feita com a participação de critérios subjetivos. As questões que levantamos sobre o Mapa 1 consideraram duvidar se, para Alex Primo, a origem da internet está ou não diretamente relacionada ao poder. Em nosso entendimento, se a ARPANET tinha fins militares e houve um grupo de universitários que se rebelou e expandiu o uso da rede, não se pode justificar que essa rebeldia também constitua um tipo de poder? O que vamos discutir com isso? O conceito e a tipologia de poder? Portanto, qualquer esforço de compreensão do Mapa 1 começou a ser feito por pressuposições, valores e julgamento que estavam nos distanciando do objetivo de relacionar as idéias de AP ao conjunto de questões que havíamos localizado nos estudos da área de comunicação brasileira.

Assim, em nossa vigilância epistemológica, deixamos de lado a necessidade de saber o porquê do pensamento de AP e passamos a tentar entender as relações que se estabelecem no Mapa 1. Verificamos que as relações que propõe entre *ciberarte*, *ciberpunk*, *ciborg*, *hipertexto* e *interação mediada* não estão muito distantes das principais temáticas e questões que encontramos nos estudos de outros autores brasileiros. O seu desdobramento em “autoria coletiva”, “obra aberta”, “ativismo e resistência”, “faça você mesmo”, é, porém, um conjunto de idéias que se pode interpretar, em face do nosso próprio conhecimento a respeito do assunto, mas, de fato, para os blogueiros ou para outros interessados em compreender as relações que existem no domínio da cibercultura, podem parecer extremamente desconexas ou não fazer sentido algum. Acreditamos que, se problematizadas devidamente, essas idéias poderiam vir a fazer sentido para outros estudos que se preocupam em encontrar um conjunto coerente, consensual de idéias em que se possam basear para discutir a internet no âmbito do conhecimento da comunicação.

Contrapondo o real ao potencial e o atual ao virtual e colocando na mesma linha de COMPÓSição, os *games*, a *interface*, a *realidade virtual*, a *comunicação ubíqua*, a *telepresença* e os *agentes de inteligência artificial*, Alex Primo parece considerar que esses elementos são parte do ciberespaço, apesar de não haver, nessa conjunção de fatores relacionados, aparentemente, qualquer ligação ordenada que justifique e explique causas e efeitos, razões e conseqüências apresentadas no Mapa 1. Seria interessante se o autor pudesse trabalhar na perspectiva de levantar as questões que apresenta, tratando-as cientificamente, como questões de investigação. Como problemas relacionados à cibercultura, na dimensão da comunicação, como ele problematizaria e explicitaria, cada uma delas? Certamente, seria uma contribuição para a compreensão desses fatores aparentemente desconexos representados como um conjunto de idéias que necessitam ser exploradas. Podemos dizer que os problemas apresentados no Mapa 1, da Cibercultura, por Alex Primo oferecem uma dimensão horizontal das abordagens que tem sido feitas sobre a internet no país, pela área da comunicação. É um exemplo de como as questões propostas podem extrapolar os construtos necessários ao entendimento da área de comunicação, com a justificativa de que a comunicação trata de um objeto multifacetado, superdimensionado, sem contornos. Essa argumentação corrobora os estudos epistemológicos sobre o campo da comunicação.

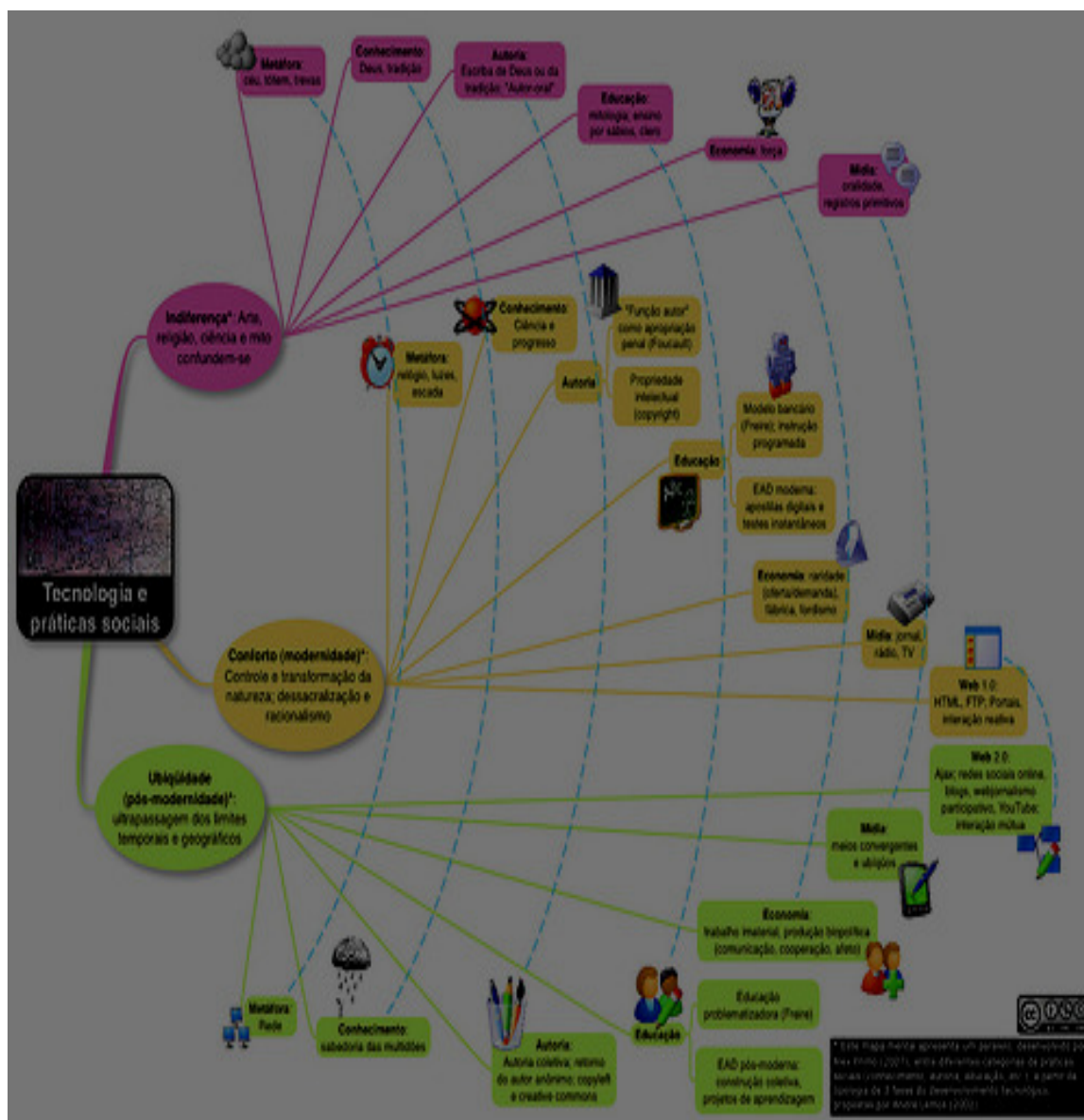
A reflexão mais relevante que queremos fazer sobre o Mapa 1 diz respeito, porém, à presença da expressão *comunicação ubíqua* e à ausência da expressão *meio de comunicação* nas relações apontadas pelo pensamento de Alex Primo na relação que faz com o *ciberespaço*. Do lado esquerdo do Mapa 1, notam-se alguns dos dispositivos da internet: *e-mail*, *portal*, *homepage*, *fórum*, entre outros, que estão relacionados a idéia de *Redes Sociais*, em destaque. Provavelmente, considera que os dispositivos de comunicação da internet são meios que necessitam ser estudados.

A questão principal que emerge do Mapa 1 é que o universo das representações mentais de problemas sobre a realidade observada parece estar mais diretamente relacionada aos efeitos provocados pela cibercultura na sociedade (redes sociais), e menos relacionada ao meio de comunicação. Contudo, o meio de comunicação não deveria ser um dos problemas relevantes tratados nessa representação?

O Mapa 2 de Alex Primo mostra outras dimensões de questões que ultrapassam ainda mais a análise da cibercultura. Parece que o autor se propôs a tratar da relação entre tecnologia e práticas sociais e as categorias localizadas na literatura pesquisada

sobre a internet acabam também sendo explicitadas. Segundo nossa análise – e frisemos, é apenas um olhar de interpretação subjetiva devido ao tipo de explicitação dada pelo mapa mental –, os substantivos utilizados (*Indiferença, Metáfora, Conhecimento (Deus, Tradição), Autoria, Educação, Economia, Ubiquidade, Conforto, Mídia (oralidade?)*) em meio a outros tantos descritores tais como *EAD, Mídia (TV, Jornal)*, *Conhecimento (Ciência e Progresso)*, entre outras palavras relacionadas, levam-nos a considerar que Alex Primo teria muito o que dizer sobre o papel da internet como meio de comunicação, caso se dispusesse a focar sobre essa questão específica. As relações entre a tecnologia e as práticas sociais são muitas e podem ser bastante bem exploradas pelas ciências sociais e humanas, cabendo à comunicação fazer a devida problematização para compreender, bem, um recorte bastante importante, pode-se dizer até que o mais relevante nessa problemática colocada graficamente: o meio de comunicação.

Mapa 2 – Tecnologias e Práticas Sociais



No Mapa 2, o pensamento de Alex Primo parece um pouco mais próximo da comunicação. Observa-se a palavra *mídia* relacionada à *oralidade* e a *registros primitivos*, em um dos retângulos e, novamente, mais abaixo, relacionada a *jornais*, *rádio* e *TV* e, mais abaixo, ainda, relacionada a *meios convergentes* e *ubíquos*. O que teria em mente o autor ao fazer os destaques dos conceitos e as relações?

Para nós, esse é um ponto de destaque na análise dos Mapas de Alex Primo. Servem para nós, como pensávamos, como uma forma de representação do pensamento comunicacional brasileiro. A hipótese é a de que as questões da comunicação estão diretamente relacionadas às práticas sociais, mas a análise dos fatores intrínsecos, próprios à área, não é problematizada, objetivada, trazida à tona. Talvez sob receio de ser considerada uma análise fria, voltada para a hegemonia do meio de comunicação como determinante das condições de desigualdade presentes no

universo, ou uma posição que possa parecer a favor do determinismo da técnica – esse conceito também necessitando ser retrabalhado – afasta os estudiosos da área de tratar dos seus objetos típicos. A questão maior é saber quem tomará essa análise para si?

Se Alex Primo pode ser considerado o especialista em interação mediada por computador no Brasil (2007), seu pensamento, refletido nesses mapas mostra que a diversidade do campo o faz buscar outras idéias que também parecem carecer de investigação. O que ocorre é que, através dessa diversidade de problemas que se apresentam, os estudos da área de comunicação tem se voltado para examinar questões pertinentes à psicologia, sociologia, educação, filosofia, como pode facilmente ser constatado pela análise dos títulos dos trabalhos dos estudos nacionais que compõem, entre outros, o corpus da nossa pesquisa extraído do Apêndice 1. De certo modo, também essa lista da produção intelectual brasileira da área de comunicação nos serve como um mapa de referência da área e reflete as escolhas dos estudos. Perguntamos: um estudioso da área de comunicação pode se interessar por aspectos gerais da interação humana em lugar da própria comunicação como problema principal? A sua tendência de investigação será, certamente, desviada para estudar elementos da interação e não da comunicação... Pertencem à esfera da interação, os relacionamentos, pertencem à esfera da comunicação mediatizada, o meio de comunicação... São problemas diferentes.

A partir dessa análise dos mapas “problematizadores” de Alex Primo, retornamos ao exercício da formulação das categorias, como explicamos, para tentar observar as proposições e conceitos que estão, de fato, sendo construídos como sistema de idéias da área de comunicação sobre a internet para verificar se dão conta de explicar os fenômenos do ponto de vista do saber comunicacional. Logicamente essa é uma tarefa difícil.

A primeira decisão, a partir dessas problemáticas, após analisar as cinco qualidades das categorias, pelo critério da pertinência, foi a de excluir os problemas relativos ao jornalismo digital (ou deixá-los para serem tratados em outro estudo), por considerarmos que não correspondem às indagações de pesquisa que fazemos neste momento. Expliquemos nossa decisão: o jornalismo tem tratado de seus problemas como uma área da comunicação bastante específica, cuja abordagem teórica costuma ser distinta das demais, como se fosse quase uma área de conhecimento distinta, separada. Enquanto outros estudos se preocupam em explicar o fenômeno da internet como um problema de natureza técnica que afeta a sociedade e a cultura, tomando por

base fundamentos culturais, sociais, políticos, os estudos sobre o jornalismo digital são, basicamente, problematizações que demonstram preocupação muito direta com a prática profissional, voltado para procurar respostas rápidas para entender a novidade da comunicação em rede, ou seja, a internet, para buscar as adaptações às mudanças na prática jornalística, em face desse ambiente que afeta o cotidiano. Isso não significa que os estudos sobre jornalismo digital não se interessem ou procurem apontar as questões mais gerais da sociedade em rede, da linguagem, da interação, pelo contrário, ao estudar esses assuntos como fundamentos do problema do jornalismo digital, analisam a internet como fato: o ambiente da produção jornalística foi modificado, os modelos de produção da notícia foram modificados, há novos recursos técnicos na internet e o jornalista precisa aprender a usar, precisar superar as dúvidas e interrogações e aplicar o conhecimento sobre a internet à sua prática. Quando os estudos do jornalismo digital estudam recursos técnicos de comunicação, como os blogs, microblogs, comunidades virtuais, importa mais compreender as características desses ambientes da internet (e seus problemas) em face das oportunidades de novos espaços de comunicação e das ameaças profissionais que podem ser decorrentes do desconhecimento desses recursos do que discutir questões paralelas, de natureza sociocultural, econômica etc. Diante das conseqüências rápidas que afetaram a área do jornalismo desde o surgimento da internet – e que tem exigido soluções para o cotidiano da prática profissional – os estudos sobre o jornalismo digital demonstraram necessidade de problematizar a novidade, não a internet, em si, como ocorre com as demais análises, mas a relação internet X prática profissional. Poderíamos mostrar vários exemplos de estudos que localizamos em nossa pesquisa que exemplificam essa escolha tanto nas produções de iniciantes, quanto nas pesquisas de pós-graduação ou na produção intelectual de pesquisadores mais experientes.

Nos últimos anos (2006-2010), os problemas sobre os blogs e da comunicação via Web 2.0, incluindo os dispositivos denominados microblogs que funcionam para a transmissão de informações em tempo real, especificamente o Twitter, que tem sido um dos preferidos pelo jornalismo nos estudos publicados sobre a internet. Após a apropriação dessas ferramentas por empresas de notícias e jornalistas free lancer, os blogs, antes, e agora os microblogs passaram a ocupar outro lugar na internet, para se transformarem em espaço de troca e atualização da informação jornalística da atualidade e vêm ocupando um lugar de destaque em significativo número de estudos da área de comunicação, especialmente problematizada por pesquisadores da linha de investigação sobre jornalismo e tecnologias. Levantamento feito por Recuero (2008)

indicava a existência de mais de trezentas indicações de pesquisa sobre blogs, no Brasil. Hoje já se sabe que há um declínio do interesse, estando 90% deles inativos segundo estudo sobre a atualização dos blogs. A dinâmica da inovação da internet é muito intensa, e parece que o interesse no microblog Twitter é bastante acentuado agora e já parece ter substituído o “antigo” interesse pelos blogs. Uma vez que se trata de um dos mais novos recursos da internet, surgido há cinco anos, nos Estados Unidos, o twitter tem sido incorporado às práticas de comunicação da internet brasileira⁷⁴ como a mais “nova moda” da internet.

A partir da exclusão dos problemas específicos trazidas pela internet ao jornalismo, portanto, voltamos, então, a analisar as primeiras temáticas e problemáticas delas decorrentes nos estudos pesquisados para definir as categorias. Ao reunir as questões semelhantes, que se repetiam, e separar as que se excluía, usando os demais critérios de Bardin (1977) (homogeneidade, exclusão mútua, objetividade e fidelidade e, por fim, produtividade), chegamos a oito categorias de problemas sobre a internet e a comunicação:

1. Conceito, características e efeitos do ciberespaço
2. Conceito, características e efeitos da cibercultura
3. Arte eletrônica e comunicação na internet
4. Redes colaborativas e inteligência coletiva na internet
5. Linguagem e hipertexto na internet
6. Imaginário tecnológico: o pensamento sobre a cibercultura
7. Conceito, características e efeitos da interação na internet
8. Conceito, características e efeitos dos meios de comunicação na internet

Essas categorias, analisadas no corpus final da pesquisa, demonstram as tendências das abordagens sobre a internet. Ordenar os estudos para localizar as aproximações e distanciamentos entre eles oferece um panorama sobre o pensamento da área de comunicação brasileira a respeito da internet, mas não é tarefa de fácil solução.

Vamos nos deter e discutir, neste Capítulo, a partir deste ponto, cada uma dessas categorias e realizar a análise de estudos que as representam.

4.1 Conceito, Características e Efeitos do Ciberespaço.

Nesta categoria, contemplam-se estudos com uma, duas ou três das seguintes perspectivas: 1) ou querem reconhecer as características e compreender o lugar onde

74 Sobre esse tema, ver <http://pt.scribd.com/doc/16759652/O-QUE-VOCE-ESTA-FAZENDO-Um-estudo-da-socialidade-no-Twitter>

estamos quando damos o primeiro clique e entramos na rede ou em ambiente simulado (realidade virtual); 2) querem entender o que é a rede de computadores, como funciona essa arquitetura, como se organizam os espaços materiais e imateriais interligados em todo o planeta, como funciona a internet se está em “um lugar sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível, um espaço mágico, caracterizado pela ubiqüidade, pelo tempo real e pela ausência de materialidade, um espaço imaginário, um enorme hipertexto planetário” (Lemos, 2002: 135), ou, por último, 3) querem explicar os efeitos da estrutura do ciberespaço, hipertextual, sobre o modo de existir das cidades virtuais, das comunidades, das pessoas, ou seja, querem entender como se constitui o espaço material e imaterial que constitui o modo de ver o mundo virtual e o modo desse mundo virtual afetar o mundo de fora da internet, e sobre as relações que se modificam em função da redução da distância ou da supressão do espaço (Lemos, 2002: 137).

A primeira constatação que se tem é a de que o ciberespaço é tratado nos estudos que o problematizam, como uma entidade real, um objeto de decifração, uma incógnita, parte da cibercultura global. De modo geral, o uso de adjetivos, metáforas ou elementos descritivos da arquitetura para explicar o ciberespaço são fartamente usados para clarear o conceito, as características e os efeitos. O ciberespaço é entendido de diversas formas, desde sua arquitetura até como ente sagrado, detentor de “magia e manipulação do mundo”. (Lemos, 2002, p.137).

4.1.1 Como a área de comunicação brasileira explica o ciberespaço?

Pela análise semântica que realizamos nessa categoria, consideramos termos tais como **internet**, *ambiente virtual*, *espaço virtual*, *cibercidade*, *cibermundo*, *cidade virtual*, *mundos virtuais*, *labirinto*, *rede*, *teia*, *malha*, *são correlatos e compõem o conteúdo analisado como parte desta categoria que estuda o conceito, as características e os efeitos do ciberespaço.*

Destacamos três representantes brasileiros que procuram estudar essas questões. Notadamente, André Lemos (AL); Lucia Leão (LL) e Suely Fragoso (SF) discutem essa categoria por visões diferentes dos problemas.

André Lemos foca, especialmente, nas questões técnico-sociais que estão presentes na internet e discute o imaginário da emergência de espaços virtuais de comunicação e interação. Seu olhar, como observador participante, viajando por cidades imaginárias, pelos cibermundos, dá vazão a uma argumentação quase-literária. O livro

Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea (2002), analisado na perspectiva do ciberespaço é prodigioso em idéias. Entretanto, uma leitura isenta aponta para alguns dos excessos que tornam o texto muitas vezes carregado de valores e julgamentos sobre a realidade observada. O autor deixa o objetivo do estudo claramente definido: “analisar os impactos das novas tecnologias na sociedade contemporânea, através da descrição da nova cultura planetária: a cibercultura” Explica que pretende tratar “do ciberespaço à engenharia genética, dos celulares aos tamagotchis, das festas raves aos zippies tecno-pagãos, do marketing digital aos jogos eletrônicos...” (2002:11) Seu interesse recai, portanto, na explicação sobre lugares e espaços virtuais que afetam os lugares e os espaços reais e vice-versa; “cidades virtuais”, “movimentos erráticos (flanêurs, nômades)” e comportamentos dos grupos de habitantes, das “tribos” existentes nessas cidades (“cyberpunks”, “zippies”, “hackers”, “crackers” etc)⁷⁵.

Sobre o conceito, as características e os efeitos do ciberespaço, AL (2002), afirma que se trata da criação de uma combinação de dimensão social com representações e metáforas para que os indivíduos, especialmente os jovens, e os grupos de interesse tenham o poder de se reunir e produzir conteúdos e compartilhá-los. (Apêndice 2)

Há diversas afirmações em que o mote é o mesmo, repetido quase à exaustão. A profusão de adjetivos também é uma característica de AL. Sem dúvida, AL realiza análise importante para definir e esclarecer aspectos do ciberespaço que são típicos da visão socioantropológica e técnico-social de mundo, com suas imagens, totens e tabus... Entretanto, toda a cultura que um estudante de comunicação, por exemplo, venha a adquirir com o texto de AL, riquíssimo em idéias e relações de natureza filosófica e técnico-social, será insuficiente, como interpretamos, para que a internet seja esclarecida como meio de comunicação. À medida que as dimensões da análise acabam sendo ofuscadas pela quantidade de imagens e analogias com ritos, mitos, valores, ideologias, posições claras a favor do movimento libertário, a comunicação e sua problematização ficam à deriva.

O foco dos estudos de AL é sociotécnico quando a problemática principal está centrada nos conceitos de cultura, socialidade, tribalismo, vitalismo, nomadismo (Michel Maffesoli) e outros do mesmo campo do conhecimento. A base teórica assenta-se, principalmente, sobre as idéias desse pensador francês e de Pierre Lévy (democracia,

75 Atualmente, André Lemos está se voltando ao estudo do efeito político da internet: a “ciberdemocracia”, juntamente com Pierre Lévy (2010).

tecnó-utopia, liberdade), e com algumas referências ao conceito de complexidade de Edgar Morin. O imaginário tecnológico, o pensamento de Virilio, Baudrillard e Sfez, como vimos, que compõem uma corrente que considera a rede como um movimento hegemônico capitalista que visa ao controle da Europa são fundamentos contestados por AL. Por outro lado, as idéias da teoria sistêmica de Maturana e Varela também sustentam os argumentos de AL. Sua premissa principal é a de que há sinergia entre a evolução da tecnologia e a vida social. Essa idéia central de AL leva-o a tratar da época atual como imposição de uma atitude complexa do fenômeno técnico. (2002:19). O conceito, as características e os efeitos do ciberespaço, de modo geral, são bastante explorados AL. Seus estudos são, certamente, os que mais se aprofundam na análise do ciberespaço como lugar que exige compreender conceitos como o de *cibermundos*, *cibercidades*, *idades digitais* (*cyber city*, *digital city*, *village virtual*, *telecity*...).

Para compreender o conceito de cidade, estuda as principais características e peculiaridades e, a partir desse referencial, estuda as práticas contemporâneas de construção de cibercidades para apontar problemas e perspectivas derivadas. (2001:7) Consideramos esse aspecto do ciberespaço bastante distante das principais questões relativas à comunicação, apesar da relação que o estudo tenta fazer entre as funções de comunicação e transporte presentes na rede. A pergunta “qual a imagem de uma cidade do ciberespaço?” (2001: 12), é colocada por AL de modo a deixar claro qual o interesse a desvendar, com problema claramente relacionado a outros aspectos da estrutura da rede e não com foco estrito na comunicação. Para respondê-la, AL trabalha com o conceito de simulacros e define que as cibercidades são formas de comunicação análogas às estruturas que existem nas cidades, como as conhecemos fisicamente, representadas, simbolicamente, por objetos, ícones, e circuitos eletrônicos que fazem a circulação de conhecimento e promovem as situações comunicativas.

Em sua análise, o ciberespaço é tomado como um “espaço eletrônico onde trafegam bits e bytes...” (2001:13) e sua finalidade não seria a de tomar o lugar da cidade real, mas de favorecer um espaço virtual em que os indivíduos possam “navegar” simbolicamente por ícones, em fluxo, como um nômade em busca de sentido para suas experiências.

Para AL, importa explicar que as cidades e as cibercidades não são apenas aglomerados de ruas, prédios e monumentos, mas uma interligação “ecossocial” complexa de sistemas e agrupamentos socioculturais onde o impacto de um sobre o outro não é determinado. Para ele, as “cibercidades podem e devem potencializar as

virtudes da cidade real e ampliar as formas de comunicação entre os cidadãos, já que são espaços de fluxo dentre da nova ordem tecnológica. (2001:16) Conclui que há questões que não foram respondidas sobre como trabalhar com *design* de cibercidades que estimulem a interação por representarem a multiplicação dos próprios indivíduos (literalmente, “as cibercidades devem insistir em formas de multiplicar você”, 2001:15) nesses agrupamentos socioculturais em redes de “sociabilidade”. AL analisa alguns exemplos de “cidades digitais enraizadas em espaços urbanos concretos” (Amsterdão, Bologna e Aveiro e Edimburgo), mas não explicita o método que usou para obtenção dos dados.

Os fundamentos teóricos de AL para tratar de *cibercidades* apresentam conceitos diversos como o de espaço público (Barbero); arquitetura do ciberespaço (Aurigi & Graham); democracia pela conexão planetária (Lévy); espaço de fluxos (Castells), entre outros. Por fim, considera que “a virtualização digital não constitui verdadeiramente a criação de uma esfera pública, pois (as cibercidades) são paródias assépticas de suas cidades base” (2001:32). Conclama que as cibercidades aproveitem “o potencial de formação comunitária do ciberespaço”, ajudando as pessoas a se deslocarem menos e a usarem os espaços simbólicos para “integrar o mundo analógico da tecnocultura moderna e ajudar a participação dos cidadãos”. Lembra, que “no entanto, até agora estas potencialidades não passam de promessas” (2001:34) O papel de AL no estudo das cibercidades é bastante distintivo de suas contribuições teóricas brasileiras para a compreensão técnica e sociocultural da internet. Ressaltamos, novamente, que a inversão proposital dos argumentos de AL não ajuda a entender os recursos da internet como meios de comunicação: se a comunicação e o transporte (de dados) são as principais características do ciberespaço, segundo afirma, a existência de agrupamentos técnicos e socioculturais no ambiente virtual deveria, a nosso ver, ser estudada como complexidade decorrente da existência material dos recursos técnico-comunicacionais da rede. A análise de AL, como vimos, percorre caminho inverso. Segundo a análise das fases de Kim & Weaver, AL, ao estudar o ciberespaço está na fase 1, mas avança para as fases 2 e 3.

Lúcia Leão (LL) considera que a rede é um *labirinto*. Essa é a metáfora adotada por essa autora para referir-se à internet. Para ela, “a rede formada pela internet adquire algumas características de rizoma, tal como esse conceito foi definido por Deleuze e Guattari em 1980”) Baseada nesse pensamento e também na chamada *Teoria da*

*Deriva*⁷⁶ (andar sem rumo para estranhar os objetos), a autora analisa a internet, ou melhor, a World Wide Web (www), que define como parte da internet construída a partir de princípios do hipertexto. (1999:23) O mais interessante neste estudo de Lúcia Leão é a contemporaneidade entre suas idéias e as idéias que identificamos na literatura internacional. Sua compreensão do espaço da internet e dos seus participantes conceitua o ciberespaço como uma teia, um labirinto, composta pelos hipertextos e sua interligação.

Na apresentação do livro *Derivas: cartografias do ciberespaço (2004)*, Lúcia Leão questiona: “Como pensar o ciberespaço, esse gigantesco e quase infinito labirinto de interações da era contemporânea?” Na adjetivação do que chama de “território em constante ebulição”, a autora relaciona uma nova série de adjetivos, assim como faz André Lemos, nas diversas qualidades que atribui a ele para mostrar que o ciberespaço acumula as redes, os documentos, as instituições e as relações entre os indivíduos com esses documentos e com a própria máquina (Apêndice 2)

Com essa conceituação e problematização – como, aliás, aparece na própria orelha do livro –, Lúcia Leão propõe que os leitores busquem, eles próprios, fazer seus mapas e à deriva, busquem construir “em interação com os textos e próprio ciberespaço”, realizar seus próprios conceitos sobre o ciberespaço.

Como fundamento teórico, usa conceitos estranhos à área de comunicação, importados de outros conhecimentos, como, por exemplo, o de Rosensthiel (1988:256, *apud* Lúcia Leão, 1999: 46), para quem “labirinto não é uma arquitetura, uma rede no sentido de quem o projeta e o concede, mas o espaço que se desdobra diante do viajante que progride, sem mapa na própria rede”. Lúcia Leão propõe analisar três dimensões do labirinto: 1) a arquitetura, ela própria, gravada no sistema ou na rede, ou seja, compreender o que está projetado; 2) o percurso de quem percorre esse espaço que se desdobra e 3) o resultado da experiência.

Suas observações sobre o ciberespaço estão, assim, de forma geral, voltadas então para a análise da arquitetura (incluindo os suportes), da linguagem e da arte. Trata da comunicação ao explicar sobre a hipermídia, mas sua análise sobre essa perspectiva técnica ficará para outro item quando tratarmos especificamente dos meios

76 Conforme explica Dias, Juliana M. esta Teoria tem origem em um movimento de críticos do Urbanismo Moderno, os situacionistas, que propuseram uma nova forma de apropriação e percepção da arte, arquitetura e urbanismo, segundo uma ótica que os aproximava da vida cotidiana, mas, ao mesmo tempo, buscava trazer à tona a paixão e a emoção relacionadas à cidade. “O grande jogo do porvir: a Internacional Situacionista e a idéia de jogo urbano”. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, ANO 7, N. 2, 2ª SEMESTRE DE 2007

de comunicação. De acordo com as fases de Kim & Weaver, Lúcia Leão encontra-se na fase 1.

Uma terceira visão, a de Suely Fragoso (SF), poderia ser bastante interessante caso analisasse a ação da câmera virtual na consciência humana, para efeito das alterações com relação ao modo de se ver a realidade para comunicá-la a outrem. Também no sentido da visão que o usuário da rede tem sobre o ciberespaço como local de comunicação. Na sua ótica, ela prefere abordar a problemática pelo olhar psicológico, educacional, da alteração do modelo cognitivo decorrente da existência material dos recursos técnicos. Se a câmera virtual traz nova percepção sobre o espaço “infinito, homogêneo e realista”, a ação é do meio técnico, mas o estudo não vai por essa argumentação. Segundo ela, as imagens digitalmente geradas querem reproduzir o espaço real, com o mesmo conceito que predomina no mundo desde a Renascença.

O foco do estudo de Suely Fragoso relaciona-se às imagens e à concepção arquitetônica de espaço e sua análise da representação do espaço pelos meios digitais, passa pelo entendimento da enunciação da imagem que precede a computação gráfica que será construída para ser observada na tela. O estudo apresenta fundamentação teórico-filosófica para embasar a análise do ciberespaço, mas traz nomes como Panofsky, Monovich e Kant⁷⁷, como referenciais distantes, a nosso ver, da comunicação. Explica duas visões do espaço: a do espaço como um absoluto e infinito receptáculo de coisas (espaço sistematizado) e o resultado de uma relação entre existentes (espaço agregado), e conclui que “processos midiáticos são fenômenos socioculturais e como tal, são construídos a partir de conjuntos de crenças paradigmáticos e representativos de sociedades e culturas” (2002: 105), considerando que as ideologias configuram as mídias que reforçam ou modificam ideologias, a análise do ciberespaço do ponto de vista da categorização dicotômica das visões agregada e sistematizada do espaço.

Seu estudo tem, assim, um foco diferente dos dois anteriores. Problematisa modelos cognitivos em confronto aos elementos estruturais do ciberespaço que afirma possuírem as mais diversas características e dimensionalidades. Toma, por exemplo, “uma ‘página’ da Word Wide Web, composta por uma pequena quantidade de texto e uma ‘janela’ na qual se vislumbra um ambiente tridimensional” (2001: 113), construído

77 As referências bibliográficas de Suely Fragoso neste estudo demonstram que suas escolhas teóricas derivam de suas pesquisas anteriores sobre o imaginário digital, conforme sua dissertação de mestrado tratou das premissas básicas defendida na PC-SP, sobre Comunicação e Semiótica.

em linguagem de modelagem virtual (VRML: *virtual reality modelling language*), linguagem de programação, especialmente desenvolvida para incorporação de modelos digitais tridimensionais à World Wide Web (www).

Para Suely Fragoso, a preocupação específica é com a nossa habilidade de navegar e adentrar o espaço virtual. É interessante observar que sua problematização, em momento algum, a aproxima da relação entre comunicação e ciberespaço. Problematiza, por outro lado, a nomenclatura “página” que é usada na www que “implica uma bidimensionalidade e não faz jus às possibilidades daquilo que denomina” (2001:115). Isso é interessante como idéia que contribui para as problematizações da área de comunicação ao observar os recursos presentes nos objetos técnicos da internet. Esse tipo de análise pode levar a compreender o uso e ajudar a propor aprimoramento para esses mesmos recursos, do ponto de vista comunicacional, mas não foi aprofundado nos estudos de SF e suas explicações sobre a transformação do modelo cognitivo que está ocorrendo em decorrências do ciberespaço parecem-nos insuficientes para relacionar a representação espacial com os meios de comunicação, como parece ter sido o objetivo do estudo. De acordo com as propostas de divisão em fases, a pesquisa de Suely Fragoso está localizada na fase 1 e 2.

Lúcia Santaella (LS, 2005) questiona onde está o ciberespaço e, ao admitir se difícil responder, usa definições dos estudos referencias de Stenger (1993) e Benedikt (1993), autores inexplorados por outros estudos. Ao colocar a questão, Santaella analisa as colocações desses dois autores, recortando uma passagem interessante para definir ao que chama de “realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso”. Nessa realidade, da qual cada computador é uma janela, os objetos vistos e ouvidos não são nem físicos nem, necessariamente, representações de objetos físicos, mas têm a forma, caráter e ação de dados, informação pura. (2005:5)

Define também o ciberespaço como lugar inacessível fisicamente que inclui a todos porque permuta as experiências de acesso a informação, e permanece entre a realidade virtual, as interfaces gráficas e os múltiplos meios de comunicação, “em um espaço rizomático sem começo nem fim.” (2005:4) Tomando por base, Lúcia Santaella explora os sete princípios para a arquitetura do ciberespaço deste último analista e que, se tomados como base de análise do ciberespaço pela comunicação, provavelmente, pouco aproveitaria, talvez apenas os aspectos relativos às comunidades, do último princípio.

- (a) O princípio da exclusão: duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo; (b) O princípio da máxima exclusão, junto com a identidade máxima do objeto. Dado qualquer estado n-dimensional de um fenômeno e todos os valores – reais e possíveis – de n dimensões, eleger como dimensões extrínsecas – como espaço e tempo – aquele conjunto de (dois ou três ou quatro) dimensões que minimizarão o número de violações do princípio de exclusão; (c) O princípio da indiferença. A realidade sentida de qualquer mundo depende do grau de sua indiferença quanto à presença de um usuário particular e de sua resistência ao desejo dele; (d) O princípio de escala. A velocidade máxima (de espaço) de movimento do usuário no ciberespaço é uma função inversa, monotônica da complexidade do mundo visível para ele; (e) O princípio do trânsito. A distância entre dois pontos do ciberespaço deverá ocorrer fenomenicamente através de todos os pontos que intervêm nele, sem importar a rapidez (salvo quando se tratar de uma velocidade infinita). O viajante deve arcar com os custos proporcionais da distância percorrida; (f) O princípio da visibilidade pessoal. Os usuários individuais no e do ciberespaço deveriam ser visíveis, de alguma forma não trivial, e em todo momento, a todos os demais usuários vizinhos, e os usuários individuais podem escolher por suas próprias razões se desejam ou não, e em que medida, ver qualquer usuário vizinho ou todos eles; (g). O princípio da comunidade recomenda que os espaços virtuais sejam objetivados de maneira circunscrita por uma comunidade de usuários definida. (Benedikt, 1993, apud Santaella, 2005: 5)

Para Lúcia Santaella importa, antes, estudar a estrutura da rede e suas relações de linguagem. Na concepção desta renomada pesquisadora, a semiótica é o modelo para se estudar a linguagem (signos/significado/semiose) e a comunicação na rede mundial de computadores.

Para Lucrecia Ferrara (LF), estudar o ciberespaço como espaço líquido leva a entender a fusão do tempo e do espaço e leva à dificuldade (se não à impossibilidade) de se apreender qualquer uma dessas duas dimensões e é necessário compreender ambos na velocidade do digital.

Com o exemplo desses cinco representantes, que escolhemos por questões de espaço neste trabalho acadêmico (entre vários outros que também tratam do ciberespaço), vimos, panoramicamente, como o ciberespaço tem sido definido diversamente, com olhares diferentes, caracterizado e problematizado pelos estudos da área de comunicação brasileira. O Apêndice 2 no item respectivo, listamos algumas dessas análises literais.

É importante ressaltar que as abordagens aqui exemplificadas encontram seguidores e estão, portanto, replicadas, tanto do ponto de vista escolhido para tratar dos problemas sobre a internet quanto da explicação sobre as questões e da fundamentação teórica. Os textos de autoria de alunos de pós-graduação e graduação dos programas brasileiros de pós-graduação trazem esses mesmos conceitos, características e problemas relacionados às conseqüências socioculturais e

sociotécnicas da internet. Logicamente, estão sendo consolidados pela área, demonstrando que já se constituem em linhas de investigação, conforme se pode verificar em pesquisas nos programas de graduação e pós-graduação da área.

4.2 Conceito, Características e Efeitos da Cibercultura

Essa categoria congrega os estudos que problematizam o conceito, as características da cultura contemporânea em face das tecnologias digitais que projetam seus efeitos sobre a sociedade.

A busca por compreender as novas práticas que têm ocorrido, devido à existência material e o uso intelectual que se tem feito da rede mundial de computadores, leva os estudos a tratar das características das diversas dimensões da cultura presente no ciberespaço, inclusive do ponto de vista da contracultura que explica a criação e o nascimento da rede. Não iremos nos ater a essa história por não considerarmos importante para os nossos objetivos, mas é relevante mencionar que os estudos procuram retomar a linha do tempo da internet para explicá-la desde os primeiros movimentos de pensadores da cibernética, da matemática, da teoria da informação e de universitários jovens, que queriam expandir suas possibilidades de comunicação, de liberdade e de expressão, na direção de um mundo mais igualitário, com oportunidades de comunicação democráticas para todos.

Os estudos da cibercultura preocupam-se em buscar quais hábitos e costumes são os mais freqüentes na internet, buscando compreender as características de comunicação, de relacionamento, de comportamento dos indivíduos, por gênero, por faixa etária e por tipos de grupos. Entre as publicações, o interesse dos autores volta-se para a existência de comportamentos culturais diversos que acontecem no ciberespaço, desde a ação de ciberpunks (hackers, crackers) até as manifestações espontâneas dos indivíduos comuns que atuando como usuários do ciberespaço (internautas), diante da liberdade de acesso e da oportunidade de serem ouvidos, procuram acesso a relacionamentos sociais, contato com o mundo, ganho dos próprios espaços de convivência e ambiência sociocultural. São essas questões que costumam interessar.

O neologismo *cibercultura*, segundo Pierre Levy, tem sido assunto tratado como o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (Cibercultura, 1999, p.17)

A abordagem teórica à cibercultura, como mudança da sociedade e da cultura, é, portanto, a definição, a caracterização e os efeitos das comunidades em rede, das redes sociais, e com todas as demais análises que estão verificando a mudança do relacionamento cultural, político, social, econômico, em face da tecnologia digital.

Termos como *redes sociais*, *comunidades virtuais*, *comunidades colaborativas* e outras semelhantes definem os problemas principais dessa abordagem. Os problemas colocados pelos estudos tratam também a respeito da *democratização do acesso (inclusão)*, das oportunidades de acesso, da *falta de acesso (exclusão)*, do papel da internet como espaço para ação de *poderes hegemônicos (capitalismo)*, e de todas as demais questões sobre a cibercultura, inclusive as consideradas futurísticas ou utópicas, como a ciberdemocracia (Lemos & Levy, 2010). Os estudos buscam tratar dessas questões e explicá-las e procuraremos ver se o meio de comunicação internet, na atualidade mediática, é visto também por essa perspectiva. O ponto de vista da ideologia dominação X contra-dominação ou da defesa da liberdade X opressão da tecnologia é mais claro e freqüente. Essa discussão periférica sobre as causas-consequências da existência material e dos efeitos políticos da internet na sociedade contemporânea é um dos problemas que aparecem com maior evidência na literatura brasileira da área de comunicação, por isso, colocamos as questões sobre controle, poder hegemônico do capital, e oportunidade de acesso democrático, nessa categoria.

O interesse pelas redes sociais e comunidades virtuais tem sido marcado pelos estudos que analisam a ocorrência de relacionamentos entre indivíduos com um mesmo assunto em comum (sexo, religião, família, esportes, etc) até aspectos constitutivos da comunicação entre os membros dessas comunidades e problemas que afetam a privacidade dos indivíduos e suas potencialidades para decidirem sobre problemas políticos e intervirem no mundo, mesmo se fechados em seus quartos, diante da tela de um computador conectado em rede mundial. Pode-se dizer que os estudos nacionais que problematizam a cibercultura baseiam-se nas características gerais da rede, assim como são propostas por Lévy (1999), Reinghold (1996) e Castells (1999). Termos como *ciberpunk*; *technocultura*; *cyborg*, *internauta* e *avatar* fazem parte dessa categoria de análise, entre outros.

A idéia de cultura globalizante também está, logicamente, nesta categoria, pois os estudos sobre a cibercultura costumam retomar o conceito de *aldeia global*, problematizado por McLuhan (1964), mesmo que seja para apenas mencioná-lo, sem aprofundar as análises sobre suas contribuições teóricas. Esses estudos trabalham com

os conceitos de *global*, *local*, e sua fusão, trazendo o neologismo “glocal”, e com a fusão de democracia e *dromos* para tratar da *dromocracia* (conceito de Virilio que significa o tempo presente oprimido pela velocidade) e da *sociossimbiose* (conceito de Trivinho, aglutinado de simbiose de Rosnay e socialidade de Maffesoli), globalização, mundialização, exclusão e inclusão social, espaço e esfera pública e participação e constituem um grupo peculiar que questiona politicamente a tecnologia pelo que ela pode trazer de conseqüências para a sociedade, pelo que pode retirar do social em termos de espaço de participação pública. Os problemas sobre a democracia e o poder constituem outra problemática presente nos estudos dessa categoria. Essa problematização costuma estar presa a conceitos da teoria da informação de Wiener e Shanon (1970) e que já foram superados por outras abordagens.

4.2.2 A Problemática sobre a Cibercultura e seus Efeitos do ponto de vista da comunicação brasileira

Os grupos de pesquisa disponíveis no Diretório de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)⁷⁸ sobre a cibercultura na área de comunicação confirmam que a problemática sobre a cibercultura é, a exemplo do que vimos sobre o ciberespaço, tratada como uma rede de questões de alcance sociocultural. A apresentação do grupo de pesquisa do Centro de Estudos e Pesquisa em Cibercultura – Ciberpesquisa, da Universidade Federal da Bahia, que se estabeleceu em 1996, mostra que a temática da cibercultura é escolhida como uma das principais pela área.

(...) referência nacional nos estudos sobre Cibercultura e suas principais repercussões se dão na visita de professores nacionais e estrangeiros ligados à temática, no desenvolvimento de teses e dissertações, na criação de listas de discussão, grupos de estudo e eventos, bem como na produção de vários artigos científicos, livros, conferências, ferramentas multimídia como Blogs e Podcast, palestras e comunicações de seus pesquisadores em revistas, livros e eventos nacionais e internacionais. Há diversos convênios de cooperação entre os grupos de pesquisa vinculados ao Centro com Universidades na Argentina, Portugal, França, Canadá, Espanha, além de centro de importância nacionais como a USP, UFRJ, PUC-SP, UFMG, entre outros. O Ciberpesquisa conta com três grupos de pesquisa: Jornalismo Online (GJOL), Cibercidades e Internet e Política). O Centro abriga pesquisadores que realizam mestrado e doutorado na Facom, além dos professores integrados a linha de pesquisa Cibercultura do Programa de Pós-Graduação da Facom/UFBa. O primeiro grupo, GJOL, é coordenado pelo Prof. Marcos Palacios, o segundo, Cibercidades, pelo Prof. André Lemos e o terceiro, Internet e Política, pelo Prof. Wilson Gomes. Os

⁷⁸ <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0291609CJEJXD> * Observamos que o grupo estava há mais de 12 meses sem atualização, em março de 2011, quando consultamos, de acordo com as informações do site.

grupos são formados por estudantes de mestrado e doutorado que desenvolvem pesquisas dentro das temáticas específicas dos grupos. Atualmente,* o Centro realiza uma especialização *latu sensu* em Cibercultura.

Os estudos que abordam a cibercultura mostram como esse fenômeno está sendo conceituado, caracterizado e como estão ocorrendo os efeitos dessa nova configuração sobre a sociedade. Pode-se dizer que a maior parte dos estudos brasileiros sobre a internet está preocupada em tratar, de fato, dos efeitos da cibercultura. (André Lemos (AL), 2002, 2010; Eugênio Trivinho (ET), 1998, 2009; Lúcia Leão (LL), 1999, 2004; Francisco Rudiger (FR); Francisco Martins (FM), 2008; Ciro Marcondes Filho (CMF), 2001)

Mostraremos, sintética e panoramicamente, uma vez que seria impossível abarcar todo esse universo de idéias, o pensamento de alguns desses analistas da cibercultura que consideramos representativos da opção pela abordagem de diferentes problemas: de natureza cultural, social, política, educacional, estética, etc, relacionados à comunicação, a partir de coletânea Cibercultura e seu espelho⁷⁹, organizada por Eugênio Trivinho (ET) e Edílson Cazaloto (EC) e de outros estudos. Consideramos que essa coletânea pode ser tomada como esqueleto do que pensa a área sobre a comunicação e a internet, do ponto de vista da abordagem à cibercultura como questão principal, uma vez que nela estão explicitados os problemas mais freqüentes da área para pensar a cibercultura nas suas mais diversas dimensões, pelo menos quando reúne os associados da ABCiber. No prefácio, assim se explicam finalidade e temática da obra. Pode-se dizer que essa variada problemática trazida pelos estudos da coletânea resume o que tem sido opção de estudo, no âmbito dos efeitos da internet sobre a cultura e a sociedade no Brasil, de modo geral.

Focada no cenário social histórico mais recente e vindouro da trajetória de fases da cibercultura, a coletânea encerra os elementos nucleares que, em sua preocupação multilateral de base, perpassam, direta ou indiretamente, como pressupostos fundamentais, alguns dos principais platôs temáticos/conceituais da atualidade: a cultura pós-massiva e a convergência digital, a questão democrática e a liberdade, os vetores espacial e temporal, a vida cotidiana e suas mediações, o imaginário, a subjetividade e a percepção, o corpo e a sociabilidade, a cognição e a autoria, a educação, a telepresença e a experiência de imersão, as redes sociais e a mobilidade, o jogo, a música e o consumo. (2009: 28)

79 A cibercultura e seu espelho [recurso eletrônico]: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa / [organizado por] Eugênio Trivinho, Edilson Cazaloto. – Dados eletrônicos. – São Paulo : ABCiber ; Instituto Itaú Cultural, 2009. 166 p. – (Coleção ABCiber, v.1) Modo de acesso: Disponível em: <http://www.abciber.org/publicacoes/livro1/>.

Vemos que a cibercultura é tomada como um pano de fundo da história humana e é contraditória, paradoxal, fragmentada (como a própria pós-modernidade) e “retém, em seu bojo, aspectos da tradição e da modernidade; reescreve e reescala a mundialização mercantil da cultura e da informação, ao lhes dar ambiência cibericônica, hipertextual e interativa” Desse modo, torna-se um problema genérico decorrente de um processo histórico de desenvolvimento do modelo capitalista de produção e de modelos de transmissão da informação que necessita ser investigado do ponto de vista dos seus efeitos sobre o social, uma vez que acirra “conflitos sociais e as lutas políticas” (Trivinho & Cazeloto, 2009:15-17)

De modo geral, podemos dizer que os estudos da cibercultura reunidos nessa coletânea buscam explicações que extrapolam, ignoram ou rejeitam, deliberadamente, a comunicação como questão principal a ser tratada. Como resultado do I Simpósio Nacional de Pesquisadores em Comunicação e Cibercultura, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em setembro de 2006, o estudo busca “cerzir” (para usar uma expressão do autor), ou de unir as epistemologias diversas das Ciências Sociais e Humanas, A proposta é clara sobre os “elementos epistemológicos estruturais”, conforme explica, para que articulem as áreas “de Comunicação, Ciência da Informação, Filosofia, Semiótica, Estética, Política, Antropologia, Sociologia e Artes”? (2009: 10). A reunião de “elementos nucleares” ou “platôs temáticos-conceituais”: “a cultura pós-massiva e a convergência digital, a questão democrática e a liberdade, os vetores espacial e temporal, a vida cotidiana e suas mediações, o imaginário, a subjetividade e a percepção, o corpo e a sociabilidade, a cognição e a autoria, a educação, a telepresença e a experiência de imersão, as redes sociais e a mobilidade, o jogo, a música e o consumo”. O que caracteriza os estudos do grupo, em última análise, é exatamente a conjunção desses elementos. Segundo Eugênio Trivinho, a reunião do pensamento dos mais renomados intelectuais que se debruçam sobre o tema está na desconstrução

Da lógica da modernidade massificada e do modelo de comunicação unívoca; e, nessa vertente, a reescritura de vários dos elementos antes mencionados, vale dizer, em arco: do real convencional à invenção democrática, do espaço e do tempo às demais mediações sociais, da materialidade do corpo às formas de subjetividade, do estilo à arte – enfim, do humano em seu estatuto histórico recente –, entre outros fatores. (2009: 19)

Para Trivinho & Cazeloto (2009), entretanto, a dimensão múltipla da realidade observada sobre a cibercultura mostra que o olhar desses estudos sobre a caracterização e problematização típica da comunicação está, provavelmente, no

contexto dos “dispositivos infotécnicos” e “nos novos modelos e práticas de comunicação”, que, segundo eles não se diferenciam das práticas de consumo, “de telepresença e interação, as tecnologias móveis e os micromedia online... Nossa dúvida é se todas essas questões estão olhando para o que faz diferença para o avanço do conhecimento da comunicação e se as questões que observam os meios de comunicação como atores na sociedade atual estão absorvidas por esse conjunto de problemas e se são tratadas com a devida clareza? Parece-nos que não.

Os autores presentes nessa coletânea são vários: Adriana Amaral; André Lemos; Edilson Cazaloto; Elizabeth Saad Corrêa; Eugênio Trivinho; Gilberto Prado; Juremir Machado da Silva; Lucia Santaella; Lucrécia D’Alessio Ferrara; Marco Silva; Maria Cristina Franco Ferraz; Othon Jambeiro; Yara Rondon Guasque Araújo. Escolhemos apenas os textos dos mais representativos, de acordo com os critérios de inclusão já discutidos.

A abordagem que Eugênio Trivinho (ET) faz ao conceito de cibercultura está registrada no Apêndice 2. Optamos por não apresentar maior detalhamento nesse subtítulo, uma vez que já consideramos ter explorado suficientemente sua visão a respeito da cibercultura e seus efeitos. Apenas gostaríamos de acrescentar algo sobre a fundamentação teórica escolhida por esse autor. Suas argumentações sobre a “obliteração do social” e “dromocracia cultural” e “bunkerização” são as mais exploradas e, evidentemente, apoiadas nas idéias de Virilio, Baudrillard e Sfez, além de remeter o pensamento de Theodor Adorno, Henri Bergson, Jacques Bataille, entre outros tão complexos quanto. A ótica de sua fundamentação é, portanto, a da negação da tecnologia como avanço do conhecimento humano, é a defesa da idéia da morte da comunicação pela velocidade, é a proposta de reflexão filosófica que prega o fim do social, pelo isolamento (conceitos militares, como o de “bunker”, esconderijo de guerra, conforme Virilio).

Lemos (2009, 2002:01) está presente nesta coletânea com o estudo: Cibercultura como território recombinante (, em que trata de três princípios básicos da cibercultura: “a cibercultura remix”, os princípios da sociedade da informação e a noção de território”, em outras palavras do próprio autor: “a liberação do pólo da emissão, o princípio de conexão em rede e a consequente reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinatórias”. Na verdade, o objetivo do estudo é trabalhar com a hipótese de que a criação de territórios informacionais, em expansão com as

tecnologias de comunicação sem fio, irão fomentar novas práticas recombinaórias nas cidades contemporâneas. (2009: 39)

Para tanto, observa que um dos efeitos da cibercultura é a própria estrutura da mídia, singular na história. Nessa configuração dos meios, qualquer um pode ser produtor, colaborador e emissor, tornando a rede uma recombinação contínua. Esses aspectos são da categoria de análise dos meios, por isso, faremos a devida transposição para esse item. Considera que Cibercultura é “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70”. Também afirma que “a cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, fomentando agregações sociais”. (Cibercultura, 2002, p.93)

Esse estudo define, portanto, a cibercultura como reconfiguração do comportamento social anterior e afirma que a cultura digital faz parte da atualidade. Segundo ele, três leis a regem: a) as pessoas mudam seu comportamento, mas o anterior continua a existir; b) há liberação dos pólos de emissão: todos podem elaborar e emitir informação, ao mesmo tempo; c) a existência da conexão generalizada é pressuposto essencial. Lemos compreende a análise da comunicação em rede pela alteração social que promove, invertendo, inclusive a relação causa-efeito. Para ele, não é a internet que promove uma nova ordem na comunicação mundial, mas sim a configuração técnico-social que existe nela que modifica as relações com os meios.

Seu foco de observação é voltado para a esfera técnico-social. As questões comunicacionais decorrentes aparecem e são estudadas, logicamente, mas vêm a reboque das questões técnicas e sociais. Lemos argumenta que a sociedade contemporânea “se autoorganiza a partir da introdução da socialidade na técnica. A cibercultura não é uma “cibernetização” da sociedade, mas a “tribalização” da cibernética.” Logo, encontra-se na fase três dos estudos, conforme proposto por Kim & Weaver.

Rudiger (2002, 2003) é convidado para discutir as questões da cibercultura como teórico da comunicação e apresenta-se entre os “críticos ao invés de opositores da

cibercultura; entre os usuários responsáveis, mais do que entre os negadores apocalípticos das novas tecnologias” (2002:22).

Entretanto, a pretexto de apresentar elementos de base teórica para a crítica da cibercultura, o autor apresenta uma mistura de estudos da filosofia da técnica, do pensamento filosófico da pós-modernidade e da cibercultura, com um viés claramente sociológico. Em sua apresentação da problemática sobre a cibercultura (2002:19), propõe três teoremas potenciais de crises: 1) a do mundo do trabalho e suas correspondentes formas de socialização; 2) a das estruturas de interação cotidiana e suas correspondentes formas de realização e 3) a das formas de identificação individual e dos princípios de estruturação da subjetividade que lhe são correspondentes historicamente. Seus objetivos são claros: quer “refletir criticamente sobre a condição do sujeito e do objeto no contexto das novas tecnologias de comunicação, confrontando-os com algumas de suas circunstâncias históricas, filosóficas e sociológicas.

Interessante entender que a motivação de Rudiger, como ele ressalta, “sem esperança política” é assumida como a de questionar as imagens que a cibercultura seja dominante. É uma tentativa de manter uma contra-identidade, uma contra hegemonia... (2002: 21) para a qual usa o apoio filosófico do pensamento de Nietzsche e a teoria do sujeito fractal, vendo o ciberespaço em sua dimensão metafísica, o que, por mais interessante que seja, não contribui, efetivamente, para a base científica.

Faz um apanhado sobre as bases do pensamento ocidental que podem, segundo ele, lançar luz sobre as pesquisas em comunicação, mas defende que é difícil, ou inviável, a constituição de um objeto de pesquisa próprio. Diz que por privilegiar o movimento, a velocidade, a colagem e o fluxo das sensações em detrimento do conteúdo e sentido das idéias, torna sempre mais difícil, se não inviabiliza qualquer reflexão de natureza objetiva sobre a existência, incluindo os supostos objetos da comunicação.

Rudiger (2002, 2003) problematiza a cibercultura por outra entrada tem uma visão filosófica da técnica e busca refletir sobre as relações entre a filosofia e os efeitos sociais e culturais da cibercultura. Seus dois estudos sobre a teoria da cibercultura – *Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias da comunicação* (2002) e *Introdução às teorias da cibercultura: tecnocracia, humanismo e crítica do pensamento contemporâneo* (2007) são, de fato, coleção de ensaios filosóficos. Nesse estudo, o autor explica seu objetivo de “colocar ao alcance do

leitor interessado um relato sucinto da trajetória da reflexão sobre o caráter e sentido da técnica moderna (tecnologia) feita ao longo do tempo pelo pensamento filosófico ocidental. (2007:9)

Esse relato não é, portanto, como se pode pensar, uma proposta para introduzir a teoria da cibercultura, mas sim a reunião do pensamento de filósofos da técnica. Esse pensamento é dividido por Rudiger pela perspectiva tecnicista, naturalista, culturalista e crítica. A fase da pesquisa (ensaio!) de Rudiger é a primeira das quatro propostas por Kim & Weaver.

André Lemos (2002), como vimos, tem seu olhar dirigido para onde as manifestações aparecem, pois explica que está tentando compreender o fenômeno em “sua integralidade”.

A problemática principal, a tese defendida, por André Lemos, portanto, é a da compreensão da cibercultura contemporânea buscada como “compreensão global do fenômeno técnico, já que esta faz parte de um processo mais amplo da relação entre técnica e sociedade” (2002:23) Segundo explica, se vista, exclusivamente, pela dimensão técnica trata-se de reducionismo. Para explicar a cibercultura, o autor considera, então, que a nova relação entre a técnica e a vida social resulta da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica.

Problematizando os recursos disponíveis na internet para a comunicação analisa que “o e-mail e os chats são as ferramentas mediáticas mais utilizadas pela internet, como experiências agregadoras da internet (email, listas, chats, Muds, BBs, webring, newsgroups, fóruns...)”. Sua perspectiva é a do comportamento social do indivíduo, para quem, afirma “há um desejo de agregação, comunitário ou não”. As ferramentas mediáticas permitem, de acordo com sua leitura, “superar distâncias geográficas, categorias sociais, de raça e de religião. O que agrega os internautas são afinidades intelectuais ou espirituais, formando coletivos de interesses comuns”. (2002: 150).

A análise sobre o ciberespaço está relacionada diretamente à análise sobre os hipertextos, que são, para ele

On line (web) ou off-line (CD-ROM) são informações textuais, combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a promover uma leitura (ou navegação) não-linear, baseada em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de links. Os links funcionam como portas virtuais que abrem caminhos para outras

informações. O hipertexto é uma obra com várias entradas, onde o leitor/navegador escolhe seu percurso pelos links. (p.151)

Afirma que a internet é um macrossistema tecnológico e o ciberespaço é um macrossistema social. (2002) Essa é a sua principal problematização e trata ainda da problemática das “redes informáticas como ambientes de partilha”. Afirma que

As interações são cada vez mais ligadas à comunicação como um jogo, próximo da interface teatral de B. Laurel e da socialidade de Mafesoli. Nesse sentido, os usuários são, na realidade, atores, agentes, personas e o desenvolvimento do jogo só pertence à evolução auto-organizante do próprio sistema (2002:147)

Para André Lemos, o que está em jogo é “o uso do ciberespaço como ferramenta de vínculos sociais, como um ambiente midiático de contato. Como fundamentação, é importante registrar que os estudos de Lemos estão apoiados, principalmente, em estudos europeus, especificamente, franceses, com destaque para Maffesoli e Lévy.

Ciro Marcondes Filho (CMF, 2001) não faz parte da coletânea organizada por Eugênio Trivinho, que estuda as alterações que a internet promove do ponto de vista do registro cultural. Seu foco é técnico-cultural sobre as perdas que a digitalização pode acarretar para a herança cultural da humanidade. Sugere pensar em três processos que existem na internet e que devem ser investigados: a digitalização como traço da efemeridade do registro cultural; a velocidade que impõe seu ritmo ao trabalho humano e, por último, o excesso de informações. Sobre a necessidade constante de atualização, afirma que a exigência de constante atualização e a pressão pelo tempo presente, o instantâneo acaba por fazer prevalecer o emocional sobre o racional e as formas totalitárias de poder.

A proposta de reconhecer a existência desses três processos como estruturantes e constitutivos da internet é a melhor proposição que o autor traz para a teoria sobre a cibercultura. Entretanto, o conceito de internet que propõe poderia ser mais bem explorado, pois sua argumentação claramente está influenciada pela perspectiva do olhar para a internet com o temor do excesso ou com a chama acesa do entusiasmo que ele mesmo critica. Para ele, a internet absorve o homem e funde os campos do imaginário e da realidade. Em sua problemática, não há foco específico para as questões da comunicação, logo, nem de longe o autor está preocupado em problematizar os recursos de comunicação, os meios que existem nesse novo modelo

de cultura, pelo contrário, está preocupado com a “infelicidade” humana e com a ausência de limite entre os espaços de trabalho e de lazer.

Por outro lado, o estudo que Ciro Marcondes Filho faz é interessante enquanto problematiza a cibercultura como um risco, uma ameaça para o registro da cultura da humanidade, mas nos parece que essa argumentação pouco ou nada contribui para as questões pertinentes à comunicação, do ponto de vista técnico-comunicacional e de análise da atualidade mediática, quando poderia ter desenvolvido essa perspectiva ao tratar do conceito de “instantaneidade, do presente mais que presente” transferindo o foco para as possibilidades de compreensão de que essa força da tecnologia interfere na cultura, na sociedade e na configuração do mundo pelo uso da internet como eixo central da problemática.

O apoio teórico buscado por Ciro Marcondes Filho é fundamentado nas idéias de Lucien Sfez, Paul Virilio, Jean Baudrillard, François Lyotard, ou seja, na preocupação de que com “os meios de comunicação ocorre uma ausência de comunicação exatamente pelo próprio excesso de informação. A comunicação torna-se uma entidade metafísica, auto-referente; é uma repetição imperturbável do mesmo no silêncio de um sujeito morto” (Sfez, 1988:12).

4.3 Arte eletrônica e comunicação na internet

Outra abordagem bastante presente diz respeito aos problemas da rede mundial encontrada nos estudos diz respeito à categoria sobre problemas da **arte** na internet, ou a **arte eletrônica**. Os estudos sobre a emergência de um novo tipo de arte ocupam espaço significativo no interesse de autores internacionais e nacionais. Ao enfatizarem a arte eletrônica, tratam de um tipo específico de arte, que se modifica na internet (fotografia, cinema, vídeo, poesia, música) porque utiliza as tecnologias digitais não só para a expressão estética da individualidade, mas para compartilhamento e produção coletiva. Muitos autores nacionais cuidam desses aspectos, normalmente, relacionando-os à comunicação e à interação.

Em 2000, Pellanda & e Pellanda, pesquisadores da educação, atentos ao movimento da internet, convidaram outros colegas das ciências sociais e humanas e organizaram uma coletânea nacional denominada *Ciberespaço: um Hipertexto com Pierre Levy*, em que são analisados diversos aspectos da tecnologia digital emergente. Em um desses estudos (Ricardo, 2000) são estudados os meios de comunicação desde a década de 50 até os anos 90, na perspectiva da produção e consumo musical, com

análise da evolução dos meios de comunicação, especialmente pela expansão da internet nos anos 90, que afeta a sociedade, em razão do próprio meio, segundo o autor que assim interpreta:

(...) temos hoje, potencialmente ao alcance ferramentas de uma qualidade técnica e de um alcance comunicacional impensáveis há dez anos. (...) Cyber concerto de rock, cyber namoro, cyber bate papo, cyber festa, cyber fanzie, cyber publicação, cyber vida. Nada demais. Para muitos, parte do cotidiano. Apenas mais uma extensão do homem. Os jovens (de todas as idades) hoje têm sua cyber comunicadae no pesco eletrônico da internet. Utilizam os fios da teia global para fazer ecoar suas impressões de viagem, seus grios de alegria e dor, seus protestos e suas festas, sua alegria juvenil. Os jovens não se preocupam em definir se estão no mundo virtual ou real. Da sua forma vão configuram esta tão falada e discutida cyber sociedade, de forma tranqüila, sem assombros, sem complexos de caramuru. Apenas ocupam um (cyber) espaço social e utilizam sem maiores perplexidades, de forma lúdica uma técnica que encontraram a seu dispor, É um processo ainda em estagio inicial, mas não menos interessante que o dos jovens dos anos 50, que usaram as extensões tecnológicas disponíveis então: discos de Elvis Presley e Chuck Berry, toca-discos, televisores, salões de baile, rádios, carros modelo rabo de peixe, estradas e guitarras elétricas. Esperemos que nossa (cyber) festa seja tão boa quanto a deles. (2000:196)

A problemática da arte eletrônica é apresentada, portanto, pelos estudos da área de comunicação como sendo um dos traços característicos da internet e como meio de comunicação. A explicação está na facilidade do uso dos recursos técnicos e nas possibilidades de interação e construção coletiva.

Esses estudos costumam apresentar a arte na era eletrônica em destaque, exatamente porque consideram que a produção cultural na internet está relacionada, diretamente, à comunicação. Não se atem, portanto, a discuti-la, exclusivamente, como resultado da produção cultural da humanidade que se adaptou aos meios para produzir arte, mas como um fenômeno próprio da comunicação.

Se arte da pedra lascada usava a rocha como suporte, a arte da idade média fabricava tintas a partir de plantas e a arte moderna possuía todo tipo de cores e pincéis, assim como recursos de imprensa como a serigrafia, os estudos sobre a arte eletrônica fazem afirmações que, entretanto, são vazias de problematizações relativas ao contexto da comunicação. O importante para esses estudos é marcar que a interação é o traço principal da arte na internet.

A arte na era eletrônica vai abusar da interatividade, das possibilidades hipertextuais, das colagens, de informações, dos processos factais e

complexos, da não linearidade do discurso... A arte eletrônica é uma arte de comunicação. (2002:192- 199)

4.3.1 A Arte na Internet: comunicação e produção cultural no Ciberespaço

Lúcia Leão (1999) é uma das primeiras estudiosas sobre a arquitetura da rede do ponto de vista da arte. Explorando as possibilidades dos suportes em CD-ROM e nas páginas da web, mesmo antes dos recursos que surgiriam depois (blog, redes sociais etc) já apresentava uma leitura bastante interessante sobre a perspectiva da arte. Analisar sua produção é verificar que o foco na estrutura da hiperdímia, conceito aliás bem delimitado pela autora, poderia ter trazido mais contribuições às discussões da área de comunicação se tivesse jogado luz sobre os diferentes meios de comunicação que estão presentes na rede. Ao organizar a coletânea *Derivas: Cartografias do Ciberespaço* (2004), Lúcia Leão reserva 50% do espaço do livro para artigos sobre *design* e *arte*, incluindo a literatura e a arquitetura. Sua visão da arte eletrônica deriva da percepção espacial e da linguagem que são duas de suas principais preocupações com o ciberespaço, como vimos.

André Lemos (1999) afirma que “a técnica (a arte) virtualiza o corpo e as ações, atualizando-se na utilização efetiva de seus dispositivos” Para ele, a arte torna-se comunicação na rede mundial de computadores, porque as possibilidades tecnológicas levam à simbiose entre o artista e o público e a interatividade e o potencial do hipertexto e das colagens passam a ser os traços principais da ciberarte.

A idéia de que a arte e as comunicações estão convergindo é defendida por Lúcia Santaella, em seus estudos, e especial no estudo com esse título, publicado em 2005. Sua problemática, naquele estudo, começa pela divisão histórica das eras: “a era da comunicação oral, a da comunicação escrita, a da comunicação impressa, a era da comunicação propiciada pelos meios de comunicação de massa, a era da comunicação midiática e, por fim, a era da comunicação digital” (2005: 09). Interessa a ela pensar sobre uma série de questões e colocar o meio de comunicação como vetor das mudanças. Trata da fotografia, do cinema experimental, do cinema como arte, da cultura industrializada e da arte nesse contexto, bem como discute as imagens e a mídia, até pensar sobre a pós-modernidade e a desterritorialização da cultura, para tratar, então, da comunicação digital e das artes interativas. Ao tratar das artes interativas, observe-se, a

autora se volta para a problemática da comunicação como sendo a razão de ser das artes da atualidade, apesar de ter considerado que, a partir da revolução industrial, os meios de comunicação passaram a ser usados por artistas. Essa construção do problema por LS nos chamou a atenção para o lugar central que a comunicação digital assume no contexto da análise da arte. Por quê? A resposta é que os artistas são vistos como produtores de uma modalidade de expressão nova: a arte interativa, em rede.

4.4 Comunidades, redes sociais, redes colaborativas e inteligência na internet

Nessa categoria encontram-se os estudos que estão se especializando na análise das comunidades, das redes sociais e das redes colaborativas de aprendizagem.

O conceito de educação a distância tem sido revisto desde a eclosão dos dispositivos da internet. Os problemas sobre redes sociais e colaborativas como uma categoria específica para essa análise. Esses estudos investigam a influência da internet para a colaboração em rede e reúnem publicações sobre as mudanças trazidas pelas tecnologias digitais para expansão da oferta de educação para crianças, adolescentes e adultos. Também estão incluídos nessa categoria os estudos que analisam a estrutura e os formatos de portais que favorecem acesso e aprendizagem e a colaboração sobre assuntos diversos, tais como portais para informações públicas, portais para incentivo à cidadania, tutoriais e fóruns para discussão de tecnologia, consulta aos pares e aos consumidores etc. Os termos que fazem parte do campo semântico dessa categoria são *aprendizagem colaborativa em rede*, *aprendizagem mediada por computador*, *comunidade de aprendizagem colaborativa*, *inteligência coletiva*, entre outros.

4.4.1 Comunidades em Redes Sociais Colaborativas: Respostas para a Comunicação da Atualidade Mediática?

Os estudos que tratam dos problemas das redes como configuração da internet, do modelo em rede, sem centro, sem pólos de emissão e recepção, sem centro, (no formato rizomático, ou seja, como raízes) em que as informações circulam livremente, são os de principal fundamento da internet (rede das redes; redes como obliteração do social; redes como espaços de aprendizagem e colaboração, redes como configuração das comunidades sociais, redes sociais, etc).

Os estudos de Alex Primo (AP); André Lemos (AL); Eugênio Trivinho (ET), Lúcia Leão (LL) e Raquel Recuero (RR) são os que destacamos nesses aspectos. As abordagens sobre redes estão relacionadas à idéia da análise da atualidade mediática enquanto tratam das questões da cultura, da sociedade, das representações sobre o fenômeno mediático e da própria dimensão da técnica. Não se analisam as redes, segundo os estudos, sem que se sejam consideradas as dimensões do indivíduo e da configuração do grupo onde ocorrem as trocas comunicacionais (diálogos, comentários, memes, links, entre outras formas de registro da interação e da comunicação mantida, on line (sincronicamente ou assincronicamente). Esses componentes são essenciais para o entendimento das redes sociais. Antes, o interesse comum em algum assunto é que as faz associarem-se a esses grupos.

Alex Primo começa a tratar da “emergência das comunidades virtuais” em 1997. (1997). Neste primeiro trabalho, procura definir o que se entende como comunidades virtuais, usando os conceitos de comunidade de alguns autores (FernBack e Thompson (1995:8); Rheingold (1993); Baudrillard (1997:71); Lemos (1996). É um dos primeiros autores que retoma a idéia de *aldeia global* de McLuhan para se referir à conexão interplanetária da internet. Na verdade, nos estudos posteriores, verifica-se que AP está interessado em estudar os tipos de relações, amistosas, íntimas e no senso comunitário, que surgem das comunidades que emergem da atual sociedade informatizada, mesmo “sem que as pessoas tenham coincidência geográfica ou contato físico” 2007: 15)

Tomando as idéias de Reinghold (1995), considera que as comunidades virtuais estariam baseadas em proximidade intelectual e emocional em vez de mera proximidade física.

Os participantes de chats reconhecem-se parte de um grupo e responsáveis pela manutenção de suas relações. Dessa forma, pode-se inferir que essa percepção é, muitas vezes, maior nesses grupos que em situações de comunidades baseadas geograficamente, como um bairro ou condomínio. Baseadas na proximidade física, muitas dessas comunidades freqüentemente carecem de qualquer aproximação emocional. (1997:17)

Pode-se observar que Alex Primo trata das redes pelo viés da interação, assim como o faz com as demais questões sobre a internet, quando examina as relações dos sujeitos que interagem nas comunidades (chats, blogs, wiki, microblogs). A problemática das redes, em si, não é estudada, problematizada como questão de interesse em sua produção intelectual. Preocupa-se em avançar e em fazer proposições para analisar “a especificidade do processo de conversação através da escrita em blogs e em e

compreender interações comunitárias que podem emergir entre blogueiros” ou quer entender como se efetivam os relacionamentos em blogs. (2007:13) Seus estudos, de modo geral, estão, portanto, preocupados em acompanhar as formas de interação e sua evolução nas mudanças técnicas, como na passagem da Web para Web 2.0, pelas quais tem passado a internet. Os aspectos relacionais e de ação-interação dos sujeitos que constituem os *eu, tu, nós* e o sujeito *coletividade* de suas análises conversacionais, entretanto, são motivo para que o autor atualize seus estudos constantemente, pois na dinâmica do surgimento de novos recursos “conversacionais”, à medida que aparecem novas tecnologias de interação na estrutura da rede.⁸⁰ Isso é bastante interessante do ponto de vista das pesquisas sobre os meios de comunicação. Entretanto, não costuma sair da fase 2 dos estudos de Kim & Weaver, com exceção do avanço que faz na proposição da teoria da *interação mútua e interação reativa e da tipologia dos hipertextos*, que serão examinadas em separado nos tópicos específicos dessas categorias.

Lúcia Leão (LL) é também uma das que primeiro publica no país sobre redes, pela metáfora do labirinto, e define a internet, como

Rede de informações globais une os dois pólos da terra, anulando as distâncias, uma vez que se está na rede, o fato da comunicação ocorrer com a Austrália ou com os EUA só representa uma diferença no potencial da comunicação à medida que um ou outro centro ofereça um melhor desempenho na transmissão dos dados, ou seja, independe da distância métrica” (1998:85)

Como rede, a internet, conforme explica Lúcia Leão, possui uma grande capacidade de autogênese, por ser capaz de se formar e se transformar continuamente, a cada momento. (1999:22) Usa as idéias de Deleuze e Guattari para fundamentar-se, mas é suficientemente lúcida para ressaltar sobre não ser possível a aplicação geral do conceito de rizoma ao estudo da WWW. Para ela, apenas algumas das características apontadas por esses autores podem “tornar mais claros alguns aspectos da rede mundial”, mas ressaltamos que servem para entender as redes, mas não se prestam às teorias da comunicação, como dissemos no Capítulo 1. Note-se que Lúcia Leão é cautelosa ao observar que esse *quase axioma* usado como apoio teórico pelos estudos da comunicação carece de uma análise ponderada pelos estudos da comunicação, de modo a evitar seu uso indiscriminado. Destaca o *princípio de ruptura a-significante*, para

80 Os estudos de Alex Primo sobre comunidades mostram essa escolha de problemática: *Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus*. E Compós, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006.; *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007; *Comunidades de blogs e espaços conversacionais*. Prisma.com, v. 3, p. 1-15, 2006; *Avaliação qualitativa de interações em redes sociais: Relacionamentos no blog Martelada*. Comunicação, Mídia e Consumo São Paulo), v. 4, p. 137-158, 2007.

explicar que as redes podem ser regeneradas a partir de um único ponto, mas, como dissemos, esse princípio pouco ou nada quer dizer para a comunicação mediatizada da atualidade. Nessa direção teórica, Lúcia Leão acaba por focar sua análise nas estruturas das redes e em sua capacidade de se recriar, de regenerar a partir de um único ponto e de modificar a noção que temos do espaço e de nós mesmos. Sua base teórica é a da informática, especialmente a da programação. Seu estudo problematiza a percepção quanto ao espaço, fundamentalmente, considerando que as redes nos fazem ter uma outra espécie de percepção, a ciberpercepção, termo que toma emprestado de Ascott, como uma “faculdade ao mesmo tempo humana e pós-biológica”. Analisa que as redes nos fazem viver experiências de estar em algum lugar e aqui ao mesmo tempo, e nos dão um novo sentido para o nosso próprio eu, porque muitos selfs estão disseminados na rede, espalhados... (1999:109).

Eugênio Trivinho (ET) estuda as redes como “obliteração do social”. Sua visão é a de que as redes sinalizam para a mudança cultural, com o fim das estruturas de sociedade que conhecemos. Afirma que existe o risco do desaparecimento das estruturas, sistemas, processos e ações ou para a reaptação deles ao novo cenário eletrônico. Na primeira parte, trata de questões relacionadas às redes formadas por meios de comunicação tradicionais, e na segunda aborda as redes informatizadas se propondo a avançar na teoria sobre o que chama de redes comunicacional-informáticas. A visão de Eugênio Trivinho sobre as redes é apoiada em fundamentos de natureza filosófica e a referência a autores como Baudrillard, Virilio e no pensamento de Lyotard e Bataille, entre outros que trazem a problemática da perda, da guerra, da morte e da “obliteração” para sua abordagem a respeito da internet.

André Parente (APa), em prefácio da coletânea (2004) em que reúne textos sobre redes na ótica da filosofia, das ciências humanas e exatas, da arte e da tecnologia afirma que as redes constituem a modelização do mundo atual e sua abordagem deve refletir a transdisciplinaridade.

André Lemos também se debruça sobre o conceito de redes e comunidades na literatura brasileira da área de comunicação. Pode-se dizer que, até a publicação do estudo de Raquel Recuero em 2009, que sistematiza o estudo das comunidades em uso, Alex Primo (2001, 2002, 2007) e André Lemos (1999, 2000, 2002) eram os mais citados e estabeleceram a base conceitual de *comunidade virtual*, *rede colaborativa*, que definem esta categoria. Muitos outros trataram do conceito e da problemática das comunidades e das redes, como Francisco Rudiger, Francisco Menezes Martins, entre

vários, mas optamos por fazer o recorte por aqueles que trazem alguma contribuição ao debate sobre meio de comunicação e internet, não para reduzirmos a complexidade do fenômeno das redes, mas para focarmos em problemas mais específicos da comunicação.

Portanto, do ponto de vista da construção conceitual que mais nos interessa, Raquel Recuero (RR) pode ser referenciada como autora do estudo que faz a revisão teórica mais extensa sobre o assunto das redes sociais. Juntamente com Alex Primo, continua produzindo estudos sobre esses mesmos problemas das redes sociais e seu estudo tem alcançado reconhecimento por suas idéias, apesar de bastante recentes. (2009), o que demonstra a carência que a área sente por novas abordagens. Suely Fragoso apresenta o livro e refere-se assim ao estudo: “uma extensa revisão crítica da literatura sobre o assunto em língua portuguesa fazia falta, mas é bem mais que isso que Raquel Recuero nos oferece (...) seu foco recai sobre o impacto das redes digitais de comunicação (numa palavra a internet) sobre as relações sociais contemporâneas. (Fragoso, 2009:19).

Com essa apresentação, esperávamos encontrar mais sobre comunicação, efetivamente. Entretanto, a análise das redes mediadas por computador, como as denomina, inicialmente, é a análise dos padrões de conexão expressos no ciberespaço. (2009:22). A definição de redes sociais que o estudo apresenta é bastante instigante para as pesquisas da internet como meio comunicação na atualidade mediática, pois traz os elementos que são necessários para a problematização da tecnologia de comunicação, sem deixar de tratar das dimensões culturais, sociais e das representações dos sujeitos envolvidos na ação técnica: “Redes sociais são agrupamentos humanos complexos, instituídos por interações sociais apoiadas nas tecnologias digitais de comunicação” (...) Permitem que as pessoas se comuniquem, construam e interajam com outros atores, deixando rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de conexão”. (2009: 24)

Podemos dizer que se trata de uma definição, no mínimo, problemática, porque o registro e a precisão das mensagens que se trocam nas redes sociais estão postos como estáveis, como se constituíssem a memória real da conversa. Seria esta uma característica das redes sociais? Para Raquel Recuero, é necessário que existam: identidade (rostos, informações); individualidade reconhecida e empatia nas redes para que haja a comunicação.

4.5 Linguagem Digital: “Navegação” Leitura e Escrita na Internet como Hipertexto

A categoria de estudos da linguagem, especialmente com problemas sobre o hipertexto, explora as possibilidades de análise da estrutura da linguagem existente por meio da imitação do pensamento humano, com base na Teoria bergsoniana do fluxo da consciência, nas teorias da linguagem, da leitura e da escrita e da compreensão e aquisição de informação por sistemas que realizam a busca ou permitem a pesquisa de assuntos para o indivíduo. O hipertexto permite a escolha de caminhos individuais para a aquisição de informações e isenta o usuário de um roteiro preestabelecido por outrem. Segundo esses estudos, o hipertexto é uma forma de linguagem que leva o internauta a escolher “navegar” por caminhos que reforçam a sua autonomia e que colaboram para que a construção de sentido do mundo. Essa problematização sobre o hipertexto e sua função na internet costuma ser feita na dimensão do indivíduo em uso dos recursos de comunicação na rede e de conceitos da arquitetura como o de *labirinto* ou de metáforas como *teia*, *malha*, os mesmos que estão presentes na conceituação de ciberespaço. Os estudos que tratam de problematizar essas questões costumam relacionar a comunicação aos modelos de análise da semiótica, entre outras. Incluímos nessa categoria também questões relativas ao estatuto de autoria dos sujeitos que produzem conhecimento usando a internet, uma vez que os problemas também tratados nessa direção.

4.5.1 A Linguagem da Internet: labirintos do hipertexto

Os estudos que buscam explicar a estrutura “labiríntica” da internet, pela linguagem são também bastante presentes na produção bibliográfica nacional sobre a internet e se distinguem como uma categoria.

Alex Primo (AP); Raquel Recuero (RR), Lúcia Leão (LL) e Lúcia Santaella (LS) são representantes dessa linha de estudos da internet como espaço de novas linguagens, porém, consideram que a compreensão dos espaços em si, dos hipertextos, como forma de construção em *labirinto*, *malha*, *rede*, *rizoma*, *teia*, constituem o interesse principal dos estudos.

Alex Primo (AP) e Raquel Recuero (RR) tratam de explicar o hipertexto em artigo cujo objetivo foi analisar e discutir as características da escrita coletiva, segundo o

conceito de hipertexto cooperativo. A partir disso, discutem “como os blogs e a wikipédia (uma enciclopédia digital construída online) viabilizam a concretização de uma “web viva”, ou seja, redigida e interligada pelos próprios internautas” (2003: 01). Em estudo anterior, Alex Primo (2002) havia proposto uma tipologia para estudo dos hipertextos tendo como base a interação entre os interagentes:

No **hipertexto potencial** os caminhos e movimentos possíveis do internauta encontram previstos. Assim, apenas o internauta se modifica, permanecendo o hipertexto com sua redação original. No **hipertexto cooperativo** todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento. Já o **hipertexto colagem** constitui uma atividade de escrita coletiva, mas demanda mais um trabalho de administração e reunião das partes criadas em separado do que um processo de debate e invenção cooperada (nesses casos, uma pessoa ou uma pequena equipe de editores pode decidir o que publicar e trabalhar na organização e gerenciamento das contribuições) (2003:02)

Apesar de apresentar a proposta de tipologia para análise dos hipertextos, que destacamos por ser um avanço raro na produção intelectual da área de comunicação, a escolha da problemática de Alex Primo não é, entretanto, o hipertexto, em si, como estrutura, (assim como o são para Lúcia Leão e Lúcia Santaella).

Lúcia Leão (LL), ao mesmo tempo em que trata das potencialidades da comunicação em rede, também propõe compreender os recursos mediáticos e é bastante cuidadosa na definição do que considera hipertexto (ver a definição na íntegra no Apêndice 2). Consideramos que sua explicação pela opção pelo uso de metáforas para explicar a rede é bastante esclarecedora sobre essa “febre” de termos importados de outros saberes. Diz que se trata de uma transposição das discussões poéticas para o campo das pesquisas sobre a inteligência artificial. Segundo ela

A metáfora, à medida que articula esquemas analógicos, não se interessa por similaridades ou comparações. Sua característica principal é conceber uma outra categoria de conhecimento que envolve os dois campos do saber (A e B). A interação entre esses campos se dá de tal forma que, após o vínculo metafórico, nossa compreensão se altera tanto em relação ao campo A quanto em relação ao B. Da relação metafórica entre os campos A e B é possível extrair C, um outro tipo de conhecimento que emerge a partir dessa inter-relação.” (1999:15)

No artigo “Cibernarrativas ou a arte de contar histórias no ciberespaço” (2004:163-180), Lúcia Leão discute algumas das premissas sobre a arte da narrativa em rede, marcadamente pelas idéias de compartilhamento, de “lugares” e de coletividade. Sem explicar qual a metodologia para a escolha das narrativas estudadas, mas

apresentando uma série de exemplos, a pesquisa de Lúcia Leão apresenta uma proposta de tipologia das cibernarrativas exploradas na web, explicando que não pretende esgotá-las, e sugerindo ao leitor que se “utilize dessa classificação para incitar questões e pensar convergências” (2004:168). Para ela, as cibernarrativas estudadas dividem-se em a) bifurcações e além das bifurcações; b) hipernarrativas e histórias rizomáticas; c) cine-escrituras; d) coleções de narrativas e a estética dos bancos de dados; e) escrita colaborativa on-line; f) convergência das mídias. Para cada uma, o estudo estabelece um critério e as características. Não iremos entrar nesse detalhamento, mas consideramos importante marcar que o estudo trata das questões da narrativa como arte, mas não a desconecta dos meios de comunicação, fazendo constantes idas à relação entre os modelos de narrativa no ciberespaço o uso dos recursos da rede, incluindo as idéias das cibercidades, confirmando assim sua atenção à questão do espaço em todas as suas problematizações. Ao fim, conclui que em suas “derivadas pelas cibernarrativas, muitas histórias surgem nas janelas do ciberespaço (Lemos e Palácio, 2001, *apud* Lúcia Leão, 2004)”. Reúne assim as características dessas histórias:

Em várias delas, o indivíduo e o coletivo se encontram e se constituem. Nesse sentido, as cibernarrativas se apresentam como ações cartográficas simultaneamente reveladoras do sentido do self e dos links entre os grupos. À medida que o compartilhamento de experiências estimula a generosidade e que todo processo narrativo implica numa organização dos conteúdos internos e da memória, as cibernarrativas são exemplos criativos de práticas coletivas. (2004:177) .

Lúcia Santaella (LS) e Suely Fragoso (SF) também aparecem nesta categoria, porém com recortes diferentes dos problemas. Enquanto a primeira tem olhar essencialmente focado no fenômeno da linguagem que se desenvolve na hipertextualidade e considera que se trata de um fenômeno que deve ser entendido pela análise semiótica, a segunda trata das potencialidades da exploração da linguagem hipermediática.

Para Lúcia Santaella, interessa menos explicar o hipertexto do que estudar surgimento de um novo leitor, o leitor imersivo. Com base na problemática que visa caracterizar as novas formas de percepção e cognição que os atuais suportes eletrônicos e estruturas híbridas e alineares da hipermídia estão fazendo emergir, pergunta: Qual o perfil cognitivo do leitor imersivo (Santaella, 2004), baseado em pesquisa empírica, busquei. Que novas disposições, habilidades e competências de leitura estão aparecendo? Enfim, que novo tipo de leitor está surgindo no seio das arquiteturas líquidas das redes e conexões eletrônicas? Sua abordagem é portanto, de

outra natureza, além da questão da comunicação, interessam-lhe modelos cognitivos, próprios da psicologia ou das neurociências, para ser mais específico.

É interessante que qualifique de “imersivo” o leitor especial, da “era digital”, da sociedade eletrônica, como se outros leitores, de outras eras, não imergissem na leitura de seus livros, papiros etc! Há um equívoco neste tipo de abordagem e existe uma forte tendência de se considerar qualquer fenômeno da internet como inusitado e inédito. Alguns estudos fazem ressalva a historicidade do processo, tomando cuidado nas afirmações que fazem (Alex Primo, André Lemos, Suely Fragoso, Lúcia Leão e Raquel Recuero são as que tem esse maior cuidado epistemológico). Não é o caso de Lúcia Santaella. Para ela, há uma clara distinção e novidade no tipo de leitor que navega no ciberespaço, através dos links dos hipertextos e os modelos cognitivos desse tipo de leitor necessitam ser compreendidos. No livro, *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*, propõe uma primeira classificação para os usuários da internet: *novato, leigo e experto*. Nessa proposição que nos parece extremamente frágil e simplória, relaciona habilidades motoras e operações intelectuais desses usuários em uma abordagem absolutamente distante da comunicação. Em seguida, avança para a classificação dos internautas: errante, detetive e previdente, qualificando esses como leitores que se comportam de uma outra maneira na rede. Essa análise de Lúcia Santaella nos parece bastante inócua para a contribuição teórica da área, em face de sua abordagem que não traz novos construtos da comunicação para o conjunto de idéias que existem, mas, pelo contrário, desvia a pesquisa para outros campos teóricos.

Com outro foco, Suely Fragoso cuida de explicitar os conceitos e contrapô-los ao entendimento do senso comum, para problematizar como se compreende hipermídia, no contexto da linguagem hipertextual,

Avaliamos esses quatro autores como problematizadores de questões comunicacionais, mas sua abordagem não se define pela entrada técnico-comunicacional. Para Alex Primo, a interação, como comportamento e com fundamento na psicologia da educação e em teorias cognitivas, é a chave da compreensão dos hipertextos como linguagem da rede. Para Lúcia Leão, a estrutura da rede e seus recursos técnicos são as principais problemáticas e o problema reside em entender como se equacionam os usos desses dispositivos. Para Lúcia Santaella, a leitura e a ação do leitor é que assumem importância no processo de uso da internet. Nenhum dos três trata do hipertexto como recurso que favorece, tecnicamente, a efetiva comunicação, configurando-se, portanto, como mediatização e para Suely Fragoso, os

estudos devem considerar as dimensões da hipermídia, como construto possível a partir da estrutura do hipertexto como linguagem.

Além disso, os fundamentos teóricos desses três estudos são bastante diversos: Alex Primo apóia-se no conceito de Landow (hipertexto) e de seus criadores (Vanevar Bush e Ted Nelson), nas idéias de Lemos sobre blogs e em suas próprias análises e nas de Raquel Recuero, mas busca também fundamentos da psicologia da educação (Piaget) da teoria sistêmica (Maturana e Varela) e da cognição, Lúcia Leão apóia-se em estudos de natureza diversa da comunicação, quando vai, assim como Sueli Fragoso buscar fundamentos na informática e na matemática, sendo a primeira a referencial da arquitetura. Lúcia Santaella procura seus fundamentos na semiótica.

Ao analisar os estudos que trazem os problemas e as explicações sobre a gramática da internet e a linguagem hipertextual, verifica-se que esses problemas e explicações usados pelos estudos da área de comunicação brasileira, como pressupostos para as análises da comunicação, de modo isolado, não costumam relacionar os eventos de linguagem da internet à problemática do meio de comunicação que a constitui e a localiza na atualidade mediática.

4.6 Imaginário tecnológico: o pensamento sobre a cibercultura

Os estudos que se interessam pela discussão dos problemas sobre o imaginário tecnológico tratam do ideário que permeia o pensamento sobre tecnologias. A idéia de imaginário deriva de conceitos como o de “pulsões subjetivas” e “intimações objetivas”, como duas forças complementares e antagônicas (Durand). Envolvem questões como liberdade, tecnociência, tecnorealismo, tecno-surrealismo, entre outros. Essa corrente de estudos congrega muitos adeptos e as discussões sobre as questões tratadas no âmbito do imaginário tecnológico estão em comunidades de discussão que se apóiam no manifesto do tecnorealismo, para se colocarem contra ou a favor da tecnologia. O imaginário tecnológico segue a discussão sobre o valor simbólico da internet como lugar de expressão livre e aberto para a superação dos limites impostos pela pós-modernidade. Trata de conceitos relativos à *transcendência*, às *crenças* no poder e nos perigos da máquina e das opções do indivíduo diante dela. No Brasil, há um grupo que se destaca entre os pesquisadores da área de comunicação com base teórica nessa direção e alguns são representantes dessa problemática com seus estudos sobre o imaginário tecnológico.

4.6.1 As Tecnologias do Imaginário: Um olhar transversal sobre as questões comunicacionais da internet

André Lemos (AL, 1998c), Juremir Machado da Silva (JMS, 2003, 2006), Erick Felinto (EF, 2005) e Francisco Menezes Martins (FMM, 2008), são quatro autores brasileiros que mostram tentativas de compreender a internet pela análise do imaginário tecnológico e dos riscos de perda e de controle sobre a rede, ou das maravilhas que as tecnologias digitais de comunicação podem trazer. Segundo esses estudos, menos ou mais otimistas, menos ou mais fundamentos na filosofia, em suas abordagens, a internet, como toda técnica, é uma fatalidade da civilização, decorrente da evolução dos artefatos e da apropriação pelo homem e que destrói o humano. Dessa compreensão vêm explicações sobre o imaginário e as repercussões do conjunto de imagens que assolam o indivíduo, o grupo e a sociedade em decorrência dos meios de comunicação eletrônico-informáticos.

Usando termos como “meios limpos”, “meios poluentes”, “articulação da linguagem com a cultura”, os estudos que se debruçam sobre o imaginário tecnológico fazem afirmações que traduzem desde o deslumbramento com as tecnologias até o temor sobre o desconhecido, chegando a propor a democracia planetária ou o fim da comunicação e do social. As problemáticas apresentadas são diversas, mas, basicamente, levantam problemas que alteram a percepção dos indivíduos, grupos e sociedade sobre si, sobre o lugar e o tempo em que vivem. O problema maior sobre os estudos a respeito do imaginário tecnológico é a quantidade de questões que deixam em aberto. Na verdade, os estudos sobre o imaginário são reflexões sobre reflexões, sem soluções, sem proposições, sem métodos (caminhos), sem mostrar como encontrar saídas (teorias) para as questões propostas. Uma leitura seguida de textos sobre o imaginário tecnológico provoca a mesma sensação de uma sessão de psicoterapia... Saímos dela com mais problemas do que entramos! Trazemos alguns trechos para ilustrar essa leitura (Apêndice 2).

Misturam-se às explicações sobre o imaginário tecnológico, as questões que traduzem todas as lutas entre racionalidade e emoção, subjetividade e objetividade, poder hegemônico e poder distribuído que permeiam as discussões sobre o imaginário tecnológico... Com um estilo provocador, JMS, talvez querendo mesmo provocar apenas reflexões (exercendo papel de livre-pensador!) deixa idéias soltas e faz jogo de palavras como se deixasse para o leitor entender, por ilações e inferências, o que pretende

explicar a respeito do imaginário. Procura fazer oposições (oxímoros) para que os confrontos se aproximem e se harmonizem, talvez pensando em traduzir o espírito do tempo do imaginário tecnológico sobre o qual está falando. Literariamente, é um texto interessante, mas sua contribuição teórica para os estudos da área de comunicação é praticamente inexistente.

Juremir Machado da Silva (2006) problematiza assim as tecnologias de comunicação (os meios) como limpas e poluentes (2006: 66) e analisa sua história a evolução. A internet, segundo ele, está retomando o lugar da comunicação que permitia o trânsito entre os pólos da emissão e da recepção. Essa explicação é insuficiente, a nosso ver, para contribuir para o entendimento da internet como meio de comunicação da atualidade mediática. As afirmações, como a que exemplificamos, abaixo, são indecifráveis, muitas vezes.

O definitivo retorno ao limpo, ao leve ao não poluente, ao jogo entre emissor e receptor que tinha sido falseado pela hegemonia do emissor. Nesse sentido, também a internet é pós-moderna: pós-industrial (tecnologia de ponta a serviço do imaterial) mais o arcaico (retorno à participação, à diversidade, ao contrato interpessoal, mesmo se com a mediação da máquina e ao interativo – a participação depois da transfiguração do político que relativizou a representação) (JMS: 2003:68).

Ao mesmo tempo, parece querer ironizar a escolha dos adeptos da não-adesão às normas e da preferência pelo lúdico para explicar o que quer que seja, ele próprio um deles: “O imaginário prefere o lúdico à catequese, mesmo se ambos produzem veneração. Assim, o lúdico consome o lúcido e a razão atmosférica sufoca a razão argumentativa. Mede-se a pressão do mundo com outros instrumentos (JMS, 2003: 71)

Martins (2008) preocupa-se com o imaginário tecnológico que é presente hoje, segundo transmite, quando afirma que o “o grande discurso de hoje é o da mídia mas ela já não tem centro, é uma rede” (2008: 89) e, claramente, faz crítica ao pensamento extremo de alguns dos estudiosos internacionais:

É necessário atualizar a filosofia e trazê-la para perto da vida. O mundo superconectado pelas utopias futuristas e otimistas como as filosofias neoliberais e tecno-rosas de Lévy e Negroponte, por exemplo, e pela circulação especulativa de quase tudo que possa ser formatado para a circulação midiática, requer sensibilidade humana, intenções honestas, consciência histórica e vivência filosófica.” (2008, p. 91)

Pelo que podemos compreender, Martins (2008) não parece estar satisfeito com a situação em que coloca a teoria e o pensamento contemporâneos diante da

comunicação. Ambos parecem desconfortáveis com relação à posição da internet como tecnologia que tem ocupado cada vez mais lugar como meio de comunicação e não se trata de aceitar ou não: *factum est e precisa ser estudado*. Silva (2003) demonstra um pouco mais de tolerância às mudanças que afetam o imaginário tecnológico e o pensamento que sustenta o campo da comunicação. Entretanto, ambos estão distantes demais da análise técnico-comunicacional que a internet exige para que se relacione como objeto técnico da atualidade mediática, sendo entendida em suas diversas dimensões.

Erick Felinto & Carvalho (2005) estudam os efeitos da internet na perspectiva do pós-humanismo e abordam as características de transcendência que se atribuem ao humano na rede, com proliferação de metáforas e imagens ritualísticas e religiosas. Apoiados em Breton (1997), entre outros, analisam oito sites e suas manifestações sobre o pós-humanismo, conceito que os autores problematizam como mais um tautológico pensar sobre as questões da atualidade.

Francisco Menezes Martins trata das questões relativas ao imaginário tecnológico pelas impressões do tempo presente, na perspectiva da filosofia baseada nas idéias de Nietzsche. Na verdade, o imaginário tem ocupado o imaginário dos estudiosos da internet no Brasil.

4.7 Conceito, Características e Efeitos da Interação na Internet

A preocupação em definir e delimitar o conceito de ***interatividade e compreender que interação*** é da natureza da comunicação existe uma categoria própria de problemas que decorre da internet (muitas vezes, no lugar da explícita problematização sobre o conceito de comunicação, os problemas tornam-se decorrentes da interação, per se). Esse tem sido um dos assuntos mais trabalhados teoricamente por autores da área de comunicação brasileira. Trata de discutir o fenômeno da internet pela compreensão dos problemas sobre interação entre o indivíduo e a máquina ou entre o indivíduo e outros indivíduos. Os termos que traduzem a problemática da interação são do mesmo campo semântico de *interface*, *interatividade* (informática, cibernética) e do próprio conceito de *comunicação*. As pesquisas que problematizam a cibercultura e o ciberespaço costumam tratar, em separado, o conceito da interação.

Estudos que se dedicam a pesquisar os problemas sobre simulação e virtualidade, com interesse na discussão desses conceitos, estão também focados na

criação e compartilhamento de experiências de interação advindas de realidades virtuais e buscam conformar e esclarecer as conseqüências também da interação com a inteligência artificial, a realidade virtual, a realidade aumentada, os jogos online etc. Essas pesquisas costumam analisar o processo de elaboração, produção, distribuição e consumo de jogos virtuais, comunicação alternativa e suas repercussões sobre a interação entre os indivíduos.

4.7.1 O Olhar Sobre a Interação: O Que é Mesmo que Se Compreende?

Alex Primo (2007) é hoje o autor do mais relevante estudo sobre o conceito de interação mediada por computador, da área de comunicação brasileira. A primeira pergunta que faz para problematizar é: “O que é interatividade?” conceito importado da teoria da informação que precisa ser mais bem compreendido. Interessante notar, porém, que seis anos antes (e esse tempo é bastante na velocidade da atualidade mediática), Suely Fragozo (SF) havia tratado da mesma questão e que não consta das referências do estudo de Primo. Segundo ela,

(...) é um despropósito afirmar que a interatividade das mídias digitais demonstra a inexistência de qualquer grau de interação entre os produtores e os receptores dos meios 'tradicionais'.

O fato de que alguns meios ou certos processos e produtos midiáticos são dotados de interatividade não implica que os demais sejam não-interativos. O poder persuasivo desse falso raciocínio reside sobretudo no fato de que não existe um adjetivo específico para a interatividade. Assim como é interativo qualquer processo em que dois ou mais agentes interagem, também é interativo aquilo que permite a específica modalidade de interação implicada na denominação interatividade. Apropriar-se da qualificação interativo em seu sentido restrito, relativo a interatividade, para negar a existência de qualquer tipo de interação é, no entanto, uma generalização im procedente, como demonstra a comparação abaixo:

PREMISSA Tudo que promove interação é interativo/Todas as bicicletas têm duas rodas.

PREMISSA Algumas interações são de um tipo especial (dotadas de interatividade)/Algumas bicicletas são brancas.

CONCLUSÃO Aquilo que não é dotado de interatividade não promove interação/As bicicletas que não são brancas não têm duas rodas. (2001:03)

Em outro estudo sobre “conectibilidade e geografia em sites de rede social” (2008:110), em que examina as relações entre território e identidade, bem como a permeabilidade on-line/off line a partir do Orkut, usa as categorias de Innis (1999 e 2007) para os meios: os que enfatizam o tempo (para as quais a mensagem dura mais),

favorecem a descentralização e a heterogeneidade, enquanto os que estendem no espaço são adequados para o exercício centralizado de poder sobre grandes áreas. Traz essa contribuição teórica de Innis para apresentar também as idéias de McLuhan sobre a análise do meio, abordagem que encontramos apenas em mais três autores (André Lemos, Janara de Souza e Rodrigo Barbosa), para tratar da internet como meio de comunicação. Segundo sua análise, McLuhan pensou em aldeia global porque as comunicações passaram a ser feitas em rede, mas só a internet permitiu que, de fato, a interação ocorra de muitos para muitos (2008: 111). Pela problemática colocada por Suely Fragoso e Alex Primo, inicialmente, a definição de “interatividade” estava focada na computação, na interação entre humanos e máquinas e é inadequado para explicar os fenômenos que envolvem humanos em interação com humanos. Por isso, avança para afirmar que tanto o conceito de interatividade como as teorias da comunicação existentes eram considerados insuficientes para explicar as conversações e os debates que ocorriam nos ambientes virtuais (salas de bate-papo na web e nos fóruns), pois os modelos teóricos partiam da linearidade entre os antagônicos pólos do emissor e do receptor. Para AP, a interação e a cooperação são os problemas a serem investigados prioritariamente. Interessante notar que Alex Primo usa o termo conversação para tratar da comunicação. Assim como em seu principal livro, *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição* (2007), a palavra comunicação aparece tratada como “ação compartilhada”, enquanto interação é definida como “ação entre”.

Para Alex Primo, o conceito de interatividade vinha sendo muito aplicado, sem caber nas necessidades de explicação da comunicação mediada por computador, mas para tratar da resposta da máquina ao usuário. Partindo do pressuposto de que o estudo da interação mediada é um problema de comunicação, justifica a abordagem relacional da comunicação humana, pela Teoria Sistêmico-Relacional, de Bertalanffy) usando também os conceitos de *complexidade* de Morin (1977, *apud* Primo, 2007: 55-58) e de *autoiese*, de Maturana e Varela. Também vai buscar o apoio teórico da teoria da informação para compreender como foram pensados os sistemas fechados (Wiener) de interação e ainda recorre à base teórica de Piaget (2007, *apud* Primo: 63), para se valer de conceitos como “assimilação, acomodação, equilíbrio”, como fundamentos para explicar o sistema cognitivo humano.

Para atender a essa visão fundamentada em teorias tão diversas, propõe dois tipos de interação pelo computador “mútua” e “reativa” que sintetiza da seguinte forma: “A interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos

de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo-resposta. (2007:57)

Consideramos que a perspectiva do problema sobre interação mediada pelo computador, conforme apresentada por Alex Primo, apesar de sua contribuição para a clareza sobre o conceito, foi bastante desviada do olhar técnico-comunicacional necessário para explicar a ação do meio de comunicação na atualidade mediática. O modo como foi problematizado o conceito em seu estudo mostra que Alex Primo optou, com uma problemática e problemas muito bem colocados, por compreender o relacionamento entre os interagentes, questão que nos parece afeita à psicologia, antes de ser de interesse da comunicação. Ora, para a comunicação, é importante analisar como esses interagentes se modificam pelo processo da interação mediada pelo computador ou compreender como o meio de comunicação atua nessa mudança?

Os problemas sobre a interação mediada por computador, aliás, abarcam também as problemáticas sobre jogos, simulação, realidade virtual e inteligência artificial. Sob o conceito de *simulação* e de *virtualidade*, também estão sendo tratados problemas sobre interação:

O século XIX é o palco de grandes invenções para a comunicação: animação, fotografia, cinema, máquinas de calcular, fonógrafo, telégrafo e telefone. Segundo Perriault, haveria uma linhagem que uniria as máquinas de comunicação aos seus respectivos usos, Esta linhagem é marcada, em toda a história dos media, por um desejo de simulação (desir de simulation). A cibercultura estaria, dessa forma, marcada pelas tecnologias da simulação, proporcionando o sentimento de descolamento do aqui e agora, do espaço e do tempo. As tecnologias do virtual seriam então um resultado desse desejo onde o uso das máquinas de comunicação favorece a criação de redes de socialidade (...). De consumidor passivo a agente. (Lemos, 2002:260)

Para Lemos (1999), “a virtualização é sempre uma problematização complexa do atual” (1999: 232). Virtualizar é questionar e desterritorializar e traz novos problemas porque traz novas atualizações dos problemas antigos. (...) o leitor ao tomar contato com esse texto, virtualiza-o na medida em que questiona o que está sendo dito, remete a referências próprias e individuais. Uma leitura é sempre uma virtualização, sendo essa diretamente ligada a uma “desterritorialização” (no caso, uma desterritorialização do texto). Avança ainda mais para dizer que a cibercultura inteira está imersa na desterritorialização/virtualização e a própria informação e o conhecimento são desterritorializados e a informação é virtualização.

No contexto dos estudos da comunicação, entretanto, os estudos sobre essas questões estão buscando entender, descrever e problematizar a tecnologia produzida para gerar artefatos que interagem com o homem e estudar como o homem interage com esses objetos. Isso nos parece ser problema de outra natureza, que não da comunicação. Interessa à sociologia da técnica, à filosofia da técnica ou à psicologia, em última análise. Esses estudos trabalham com os conceitos de jogos, simulação, realidade virtual, inteligência artificial ou pela ótica da explicação técnica (questões da informática) ou pela vinculação a questões que misturam filosofia e ideologia para analisar ética, moral, e outros aspectos dessa natureza. Não costuma haver meio termo. Ou compreendem que a técnica permite cada vez mais a interação humana com a máquina por respostas a estímulos (conforme explora o tipo de interação reativa, proposto por Alex Primo) ou entendem que a existência de artefatos que simulam a realidade, e até mesmo o corpo, leva o homem à condição de cyborg e altera sua dimensão de sujeito, na perspectiva ontológica. Neste último caso, entre os fenômenos observados como problemáticos não entram os aspectos que dizem respeito à comunicação. O interesse dos trabalhos recai sobre a discussão de temas como: pós-humanismo, subjetividade, corporeidade, identidade etc, distantes da análise sobre esses temas no campo da comunicação.

Entretanto, outros autores que mencionam os aspectos relativos à “simulação da consciência” em ambientes hipertextuais de interação, do ponto de vista da comunicação, tratam a interação como fator que favorece compreender os artefatos técnicos do computador como meio de comunicação. Os artefatos passam a ser considerados como extensões, capazes de colaborar para o registro da comunicação, fixar a apreensão do mundo pelos sujeitos e amplificar o pensamento e os sentidos humanos. Apesar de não fazerem referência explícita à teoria do meio, pode-se dizer que estão na linha teórica de Meyrowitz e De Kerchove. André Lemos, apesar de apoiar-se em teorias da sociologia e em estudos sobre comportamentos culturais humanos, na linha de Maffesoli, aborda desse ponto de vista, em diversas passagens de suas argumentações.

Lúcia Leão é uma das que também analisa muitos desses aspectos. Para ela a interação no ciberespaço está relacionada ao fato de o indivíduo que navega na rede passar a ter outra percepção de si, como múltiplos *selves* espalhados pela rede (Leão, 1999: 109).

Podemos dizer que a navegação e a imersão são formas de interação e comunicação em um mundo virtual, assim como o são em nosso mundo

físico, relação aberta ao mundo através do corpo, como mostra a fenomenologia de Merleau Ponty. (André Lemos, 2002: 168)

Juremir Machado da Silva também na tentativa de fazer comparações entre os tipos de interação, ao analisar as tecnologias do imaginário, define o livro como tecnologia de interação “imaginal (orgânica), no sentido quase puro, não mediado em tempo real por uma máquina, embora fruto de uma impressão maquínica.” Para ele, assim com a internet o livro promove a interação virtual. Mas, cabe insistir: a interação gerada pelo livro diferencia-se da interação virtual estimulada pela internet pelo fato de que esta última é o resultado de uma mediação tecnológica em tempo real. (2003: p. 97).

André Parente analisa que "o mundo não se divide mais em grupos de diferentes objetos estanques, mas em grupos de diferentes interações, que se tornam mais e mais complexas quando se passa ao estudo dos sistemas abertos, os organismos vivos." (2004:30-31)

Francisco Rudiger trata da interação de outro ponto de vista, tomando consciência da passagem do modelo de comunicação emissor-receptor para a transcendência do participante dessa oposição no ciberespaço em que os usuários passam a ser interagentes. Sua preocupação recai sobre os sujeitos: “Os usuários interagentes de redes abertas e sem centro, nas quais “os sujeitos se tornam cada vez mais instáveis, múltiplos e difusos”. De fato, Rudiger está antes interessado em analisar as alterações dos sujeitos da sociedade contemporânea, tratando de questões ontológicas e filosóficas.

No Apêndice 2, mostramos mais alguns trechos sobre interação que demonstram como são abordadas essas questões pela área de comunicação brasileira, mas não nos estendemos demais sobre os conceitos trazidos por Alex Primo em sua obra principal, tendo em vista que teríamos de compilar as inúmeras vezes em que o estudo apresenta esses problemas, estendendo demais a nossa exemplificação. Escolhemos apenas algumas das citações mais representativas.

4.8 Conceito, Características e Efeitos da Internet como Meio(s) de Comunicação

O tratamento das problemáticas que podem levar à conceituação, tipologia, e a teorias sobre os objetos técnicos com funções comunicacionais existentes na internet

não tem sido ainda suficiente para que os dispositivos que permitem a realização da comunicação entre os indivíduos sejam compreendidos, apesar de uma grande parte dos problemas colocados pelos estudos da área de comunicação brasileira estar voltado para explicá-los.

Entretanto, a relação entre o indivíduo, a internet e a sociedade atual é que define a categoria de problemas sobre o conceito, características e efeitos da internet como meio(s) de comunicação. Os estudos que tratam de estabelecer alguma discussão sobre o conceito e o objeto de interesse como sendo o próprio meio de comunicação estão tratando, especificamente, de um dos problemas fundamentais da área de comunicação. Estudos sobre as características de diversas ferramentas de comunicação como blogs, *twiter*, *msn*, *orkut*, *facebook*, *myspace* e toda a discussão sobre os problemas decorrentes de suas características, uso e representações estão contidos nessa categoria de problemas.

Os indícios de problemas mostram que nem todos os estudos pensam ou caracterizam suas problemáticas com clareza. Alguns propõem títulos e resumos sugestivos, mas a leitura do estudo demonstra que o foco costuma ser desviado. É bastante comum os estudos apontarem para uma questão da comunicação em sua introdução e encerrar a problematização com questões políticas a respeito dos efeitos da cibercultura como a exclusão digital, por exemplo. A necessidade de “desnaturalizar” a internet do conceito que faz parte do senso comum, ultrapassando o entendimento da internet como uma rede que conecta computadores no mundo inteiro, também não é evidenciada nos estudos. Do mesmo modo, não há conceituação de meio de comunicação.

4.8.1 A Internet como Meio de Comunicação: como são os olhares específicos e o que eles estão prometendo explicar?

Alguns trabalhos acadêmicos recentes e alguns poucos artigos tratam da internet como meio de comunicação. Também é possível reconhecer a abordagem que os estudos mais conhecidos fazem dos meios de comunicação ao longo de suas explanações sobre os problemas da internet. Mesmo que suas problemáticas não sejam diretamente focadas em questões técnico-comunicacionais, é importante identificar que conceitos, características e problemas sobre os meios de comunicação têm sido colocados pela literatura brasileira da área de comunicação. Martino (2006) problematiza os meios de comunicação ao relacioná-los à sociedade complexa. Sua análise é elaborada a partir da incoerência das abordagens da comunicação sobre a cibercultura.

Para ele, os meios da sociedade são complexificados na relação que tem com liberação do indivíduo e a sociedade atual é o resultado dessa liberação. Em resumo, quanto mais restrito o espaço do meio, menos poderoso é o indivíduo porque menos liberdade tem. Ele relaciona duas características marcantes dessa sociedade e atribui o papel de ator ao meio de comunicação.

Se na sociedade tradicional havia um único meio de comunicação, no sentido estrito do termo, cuja posse e uso eram exclusividade do Estado e da religião, na sociedade complexa se constata uma verdadeira explosão comunicacional: os meios não apenas se diversificam (rádio, TV, telefone...), mas também são abundantes, estando ao alcance de largas parcelas da população e a serviço do indivíduo. (...) A verdadeira significação dessa revolução mediática somente pode aparecer se for devidamente correlacionada a duas das características mais marcantes deste tipo de sociedade: 1) À complexidade da organização social, que ultrapassa as limitações espaciais (explosão demográfica, aparecimento de grandes concentrações urbanas, desenvolvimento de uma economia de mercado, de alcance internacional...), instituindo uma distância indispensável para a implementação da demanda comunicacional em diferentes âmbitos (social, econômico, cultural...); 2) Ao movimento geral de emergência do indivíduo. Largamente constatada no plano político (aparecimento do eleitor, do cidadão) e no plano econômico (aparecimento do trabalhador, do empresário, do investidor...), essa relativa liberação do indivíduo em relação ao coletivo também se verifica no plano social, ou seja, na própria inserção do indivíduo na sociedade, uma vez que ela passa por uma ação racional com respeito a fins (Max Weber). (2006b:05)

Em nosso levantamento, conseguimos localizar algumas abordagens à internet como meio de comunicação. Ao apresentá-las, pretendemos mostrar que podem compor um quadro razoável para que, se elaboradas à luz do conceito de sociedade complexa e atualidade mediática, podem evoluir o conceito, as características e os efeitos da internet como meio de comunicação. Esses estudos iniciais já existem na literatura brasileira da área de comunicação, mas ainda carecem de elaboração conceitual e teórico-metodológica.

Observamos que apesar de os conceitos de comunidades, redes, tribos, cyborg, cibercidades, ciberespaço serem, nos estudos de André Lemos, mais trabalhados que o conceito de meio de comunicação ou da internet como meio de comunicação, propriamente, sua abordagem merece destaque.

André Lemos define os meios de comunicação como objetos “que coletam, manipulam, estocam, simulam e transmitem os fluxos de informação e criam uma nova camada que vem a se sobrepor aos fluxos materiais que estamos acostumados a

receber” (2002:155-165). Aborda também a evolução histórica dos meios de comunicação, em uma retomada histórica bastante interessante, e considera que os objetos e as máquinas virtualizam funções motoras, cognitivas ou termostáticas, em uma clara abordagem dos recursos tecnológicos de comunicação ou apenas “meios de comunicação” como extensões dos sentidos humanos. Cita McLuhan e Leroi-Gourhan para lembrar que “Uma ferramenta, mais do que uma extensão do corpo é a virtualização de uma ação” (1999: 229). Para André Lemos, como dissemos no subtítulo sobre interação, entretanto, o potencial da realidade virtual como meio de comunicação existe, mas ainda está longe de ser um fato de impacto massivo. (Lemos, 2002:167)

Os estudos de André Lemos também trazem afirmações sobre o assunto que podem ser base para futura tipologia dos meios de comunicação. Apesar de considerá-los no mesmo conjunto de artefatos para interação, sua problematização recai sempre as diferenças entre os meios de acesso analógico e digital e as interações que cada um desses meios oferece. Verifica-se que André Lemos está problematizando os meios de comunicação que caracterizam a sociedade digital, mas, por opção teórica, sua análise trata dos aspectos descritivos dos meios, mas não avança para proposição teórica a respeito de suas aplicações, usos, dimensões técnicas e comunicacionais.

Trabalhos anteriores e posteriores à publicação sobre as Redes Sociais (2009), de Raquel Recuero mostram sua compreensão da internet como meio de comunicação. Para ela, a internet apresenta uma convergência de mídias.

No computador já é possível assistir televisão, ouvir rádio ou ler jornal... Enfim, todas as mídias tradicionais com o *plus* da interatividade. Logo, enquanto usuários da Rede, cada indivíduo é um emissor massivo em potencial. Pode difundir mensagens e idéias através de *e-mail*, *chats* ou mesmo em listas de discussão e *websites*. Pode difundir sua música através da gravação da mesma em um formato que seja manipulável através da Internet. Pode gravar um vídeo em uma câmera digital e divulgá-lo. Enfim, as possibilidades são inúmeras. Cada indivíduo é um emissor e um receptor simultaneamente na Rede (2006).

A autora também trata a internet pela denominação *tecnologias digitais de comunicação*, e às *redes sociais e outros lugares da internet* como “*plataformas de comunicação*” (Recuero, 2009: 36). Sua abordagem faz refletir sobre o usuário como indivíduo, historicamente situado, na ponta, conectado ao computador como meio de comunicação.

Por outro lado, a proposta de análise do estudo de Silva (2006) trata como *tecnologias do imaginário* é interessante para problematizar a internet como meio de

comunicação. Ao agrupar as diversas tecnologias por suas características em um quadro comparativo pelas eras históricas (primitiva, pré-industrial, industrial e pós-industrial) o estudo levanta “qualidades” dos artefatos técnicos em relação ao imaginário, ao uso e às ações sobre a sociedade e a cultura.

TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO			
Primitivas	Pré-Industriais	Industrial	Pós-Industrial
Não-provocativas,	Leves	Provocativas,	Interagentes
Leves	Pouco poluentes	Pesadas	Imateriais
Limpas	Locais ou regionais	Poluentes	Ecológicas
Locais	Com baixa interpelação da natureza	Planetárias	Globais
Teatro	Livro e rádio de pequeno alcance	Mídia	Internet
Poesia oral Mitos		Rádio/Televisão	Ciberespaço
Fábulas		Estrelas	Personas
		Propagandas	Publicidade

Fonte: Silva, 1996, p.68 (Quadro adaptado para inserir a quarta coluna conforme sugestão do próprio autor.)

Quando problematiza as tecnologias do imaginário, como propõe no quadro em que relaciona mitos, fábulas, estrelas, internet e ciberespaço, todos os tipos de problemas deles decorrentes, está tratando das idéias sobre os meios de comunicação de cada era ou dos próprios meios? Para completar essa tentativa de problematização, com outro quadro, mais específico, para tratar do lugar que as tecnologias do imaginário ocupam, divide-as em: informativas: jornais, livros didáticos, televisão e rádio; artísticas: cinema, literatura e teatro e mercadológicas: publicidade, marketing e relações públicas. Sua problematização é, porém, insuficiente para explicar essa complexidade. Não contempla todas as dimensões da atualidade mediática para tentar explicar as tecnologias do imaginário e considera que as categorias de tecnologias do imaginário constituem o fundamento da época. Estranho que não relacione a internet, em nenhuma dessas categorias, apesar de tê-la incluído e ao ciberespaço na lista das tecnologias do imaginário da era pós-industrial. Esse construto de Silva mostrou-se, assim, incompleto e enfraquecido teoricamente.

Esse tipo de abordagem, mesmo quando não apresenta coerência interna, e não tenha tido como objetivo problematizar os meios de comunicação da atualidade, certamente, colabora para ajudar a compreender a presença dos meios de comunicação

na atualidade mediática. A análise histórico-comparativa entre os chamados meios tradicionais (analógicos e eletrônicos) e os meios digitais é uma das formas de problematizações sobre os meios que mais aparece na literatura especializada da área de comunicação. Consideramos que essa fase, segundo Kim & Weaver, corresponde à fase 4 das pesquisas. Os estudos procuram problematizar o meio de comunicação na história, relacionando idéias sobre o que já se conhece e podem levar ao avanço nas proposições teóricas para aprimoramento dos meios de comunicação que estão sendo estudados.

Entretanto, quase nunca, no Brasil, os estudos têm feito isso. As análises das dimensões dos meios – culturais, sociais, técnicas e das representações – tem sido confundidas com seus efeitos sobre essas dimensões.

Alessandro Paveloski (2004) é um autor quase desconhecido, mas que procurou fazer diferente. Apesar da ousadia de querer, sozinho, propor subsídios para uma teoria para a internet como meio de comunicação, que ele entende como “um desafio e tanto”, além da qualidade questionável de seu trabalho, justifica que faz a reflexão para “ampliar a visão do comunicólogo e de qualquer cidadão que se preocupa com a comunicação com relação ao que a Internet já é enquanto mediador de diferentes modalidades comunicativas” Consideramos louvável a iniciativa e por isso resolvemos mencioná-lo entre os estudos que estamos classificando, pois, ao menos, procura encontrar uma abordagem teórica que explique a internet como meio de comunicação, o que não tem sido feito por outros estudiosos bem mais munidos de aparatos teóricos na área, com os cuidados necessários para produzir uma proposição séria. Lamentavelmente, Paveloski resolve recorrer a idéias que, a nosso ver, já não sustentam as explicações para o fenômeno comunicativo da internet. Na falta de outras teorias, ele explica ter buscado apoio “na teoria da informação, da cibernética e da comunicação”. Esta última, o autor delimita, equivocadamente ⁸¹. Essa explicação é um dos problemas do texto e, certamente, compromete todo seu trabalho, pois todos sabemos que não existe A teoria da comunicação, mas um emaranhado de teorias de diversas origens de idéias que sustentam o campo da comunicação. Logo, a fraqueza teórica do estudo está nessa escolha. Além disso, a sofisticação que quis atribuir ao seu estudo prejudicou sua louvável intenção de avançar epistemologicamente. Ao reunir três

81 O autor explica que a Teoria da Comunicação que se refere é a Teoria de Comunicação de Massa que buscou seus referenciais nos estudos sociais da Escola de Frankfurt, nas pesquisas administrativas e funcionalistas dos norte-americanos. Bebeu na sociologia dos meios de comunicação plantada pelos europeus e se fez viva nas análises da construção da notícia também nos EUA e nas pesquisas latino-americanas, que demonstrou uma profundidade de análise de conteúdo e contexto histórico sem igual.

teorias e, ainda, não tendo outras escolhas, propôs esquematizar pela Teoria dos Três mundos, de Karl Popper. Por esses problemas, a sua contribuição teórica ficou fragilizada. De qualquer modo, é um estudo que traz preocupação em conceituar, delimitar e informar as bases da teoria em que se apóia para tentar avançar em propor novas bases para se pensar a internet como meio de comunicação. Mesmo sendo um estudo que não ganha repercussão na área, por apresentar problemas, mostra uma proposição, diferente daqueles que estamos acostumados a ver nos ensaios da área de comunicação. Para valorizar sua iniciativa, citamos algumas das afirmações do estudo e conclusões que consideramos interessantes (Apêndice 2):

Por outro lado, Marcondes Filho (2001) preocupado com a interação entre três elementos presentes na internet: velocidade, excesso de informação e digitalização, apoiado em Wolton (1997), afirma que a internet *não é um meio de comunicação, mas comporta meios de comunicação*.

Além de comportar meios de comunicação (jornalismo, rádio, canais de tele vi são, etc.), a internet é um grande sistema de referência para buscas, pesquisas, localizações; um espaço para apresentação de pessoas, empresas, órgãos públicos e não-governamentais; espaço de diálogo em tempo real, de correio eletrônico, de constituição de comunidades; espaço de discussão, de lazer, encontros, passatempos; espaço de compras, de informações bancárias, em suma, todo um mundo paralelo que reconduz a ágora para dentro de casa, agora não mais como representação/preocupação, mas como projeção/reconstrução. Por isso, a internet não pode ser analisada como um meio, mas como um mundo próprio em que a constelação de atividades se acha deslocada e condensada no meio eletrônico.

Contrapondo essa visão, em dissertação de mestrado, Rodrigo Barbosa (2010) discute *A internet como meio de comunicação, com base na Teoria do Meio*, e propõe compreender a Internet a partir da tradição de pesquisa conhecida pela denominação de Teoria do Meio. Explica que essa tradição estuda os meios de comunicação como atores importantes na configuração da sociedade e das relações sociais. No estudo, apresenta o pensamento e as principais pesquisas de seus representantes: Marshall McLuhan, Harold Innis, Joshua Meyrowitz entre outros pesquisadores a fim de problematizar o potencial desta tradição em analisar a Internet enquanto meio de comunicação. (2010: resumo)

Cita a contribuição teórica de Martino (2000) sobre a abordagem aos meios de comunicação e afirma que, segundo esse autor, bem como de Meyrowitz (2001) e Katz (1988, apud Barbosa, 2010: 24) as pesquisas têm se concentrado nos estudos dos efeitos do conteúdo, seja na sua produção, seja no que o público faz com o conteúdo ou

o que o conteúdo faz ao público. Para Meyrowitz, seguindo as idéias do pesquisador Marshall McLuhan, o foco principal na mensagem em muitas pesquisas em comunicação é por ser esta a primeira coisa a que reagimos quando usamos um meio. A mensagem nos atrai ou nos repele (Meyrowitz, 1993:65).

Trata-se de um estudo inovador nessa perspectiva de análise teórico-epistemológica na área de comunicação brasileira que problematiza a trajetória da pesquisa que vem sendo feita sobre a internet no país, assim como fazemos nesta tese, também passando pelas discussões sobre os limites do campo comunicacional.

O estudo conclui que “as teorias que temos atualmente não estão funcionando como deveriam, estão apenas trabalhando como estudos de caso, e não se concentrando em aspectos gerais dos meios” e considera que a “tradição da Teoria do Meio pode contribuir para o entendimento da Internet ao estudar vários aspectos considerados importantes da Internet e suas relações com a sociedade”. (2010:125)

A tese de Doutorado de Gustavo Daudt Fisher, da Unisinos (2007) traz dois capítulos interessantes sobre a discussão da internet como meio de comunicação e um tópico específico para tratar do que chama de “faceta mídia”. Em sua análise, a primeira faceta é a “do banco de dados”, a segunda “a da mídia” e a terceira, a das redes sociais, que ele considera em outra faceta, a do “ambiente de relacionamentos”. Apesar de ter se debruçado brevemente sobre as questões teórico-epistemológicas, esse tipo de estudo contribui para que a complexidade e a quantidade de fatores que interferem para a compreensão da internet possam ser estudadas, separadamente, pois cada uma dessas “facetas” exige suas próprias técnicas de análise. (2007:30).

Há alguns outros estudos bem mais antigos que abordam o tema sob esse olhar, o da própria orientadora de Gustavo Daudt, Suely Fragoso, que assume o título *O computador como meio de comunicação: considerações sobre a Internet*. Como uma retomada da história breve da internet, uma vez que foi publicado em 1996, o estudo problematiza o momento em que se encontrava a internet, com todas as suas potencialidades e problemas que despontavam como pontas de icebergs a serem decifrados.

No feriado de 1º de maio de 1995 o Brasil ingressou oficialmente na Internet. Nesse dia os primeiros 1.500 brasileiros receberam autorização da Embratel para utilizar a senha de acesso à rede. Como sempre que a burocracia entrava o caminho, muito antes da solução oficial os brasileiros já haviam se lançado ao ciberespaço através de conexões piratas. De lei e de fato, portanto, o Brasil pertence à era da telemática.

Com direito a todas as maravilhas da comunicação digital: correio eletrônico; *World Wide Web*, conexão remota com computadores sediados nos mais diversos locais do mundo, etc, etc.

Suely Fragoso faz afirmações, neste estudo, que são embrionárias, mas devido ao pouco tempo de existência da rede, mas problematizadoras da entrada de novos recursos de acesso à informação e à comunicação, retomando princípios que norteavam a comunicação de massa. Segundo ela, desde a criação da internet como idéia para fins de comunicação militares e controle de armas à distancia, a internet, desde o princípio, era promessa de revolução na comunicação, mas com os riscos e as benesses que todos conhecemos hoje, mais de 10 anos depois:

A comunicação de massa desenvolveu-se apoiada no fato de que a centralização das fontes emissoras favorece o controle do conteúdo das mensagens. Os grandes esforços dedicados a reverter o rádio (primeiramente desenvolvido como um instrumento de comunicação bidirecional) para o padrão irradiativo são prova suficiente da importância estratégica da comunicação centralizada para a manutenção do poder idem. Tentativas de descentralização de meios de comunicação de massa têm sido vistas como iminentemente subversivas, e fortunas circulam ao redor dos sistemas de vigilância para os media necessariamente bidirecionais (como telefones, por exemplo). (1996: 03)

Essa autora é uma das que estão trabalhando, com seu grupo de pesquisa, para o aprimoramento do conceito, portanto, na fase 4 de Kim & Weaver (2008).

Em 2007, Pereira da Silva cita LIEVROUW & LIVINGSTONE (2002) que afirmam que a Internet não deveria ser tratada como “um meio de comunicação monolítico e dificilmente pode ser apreendida a partir de generalizações unívocas”, e defendem que “precisa ser vista como um conjunto de formas midiáticas com sua multiplicidade interna, que possuem características específicas, embora estejam sob a tutela de um mesmo suporte tecnológico” (2002:06). Essa é uma abordagem comum à área.

Alex Primo (2008) também tem procurado desenvolver alguma discussão teórica nessa direção sobre os meios de comunicação na rede, mesmo que também pareça tratar de temas que são de outra natureza. De fato, para ele, também existe um “composto informacional midiático” que é assim explicitado:

Blogs e redes de *microblogging* participam hoje do composto informacional midiático, mesmo daqueles que não publicam nos meios digitais, mas os lêem. Chamo de composto informacional midiático o conjunto de informações disseminadas tecnologicamente por meios de comunicação que servem para a atualização individual sobre notícias. É importante notar que meios de comunicação não são aqui limitados à mídia tradicional, como jornal, revista, rádio e televisão. Para a discussão do composto informacional são considerados desde fanzines, rádios-livres a portais na web, blogs e micro-blogs. Ou seja, interessa analisar todo o conteúdo

informativo mediado por algum suporte que ultrapasse a conversa presencial. Para o cidadão que consome as informações, importam aquelas que o atualizam sobre assuntos de seu interesse, tanto no contexto local quanto global, de *hard news* a notícias mais frívolas (celebridades, novelas, etc.). Nesse sentido, a formação do composto informacional midiático pode não levar em conta se quem publica o conteúdo noticioso é um jornalista ou uma instituição midiática; tampouco se a notícia é o relato de um fato ou um rumor, já que tanto um quanto o outro agendam as conversações e têm impacto sobre o estar no mundo. O julgamento sobre a relevância e credibilidade das informações não parte de um olhar discriminador externo, mas sim do próprio cidadão diante do composto informacional midiático a que se expõe. (2008:05)

Após o estudo da produção científica brasileira sobre a internet e a comunicação, verificamos que existe um pequeno e ainda pouco explorado conjunto de idéias sobre a internet como meio de comunicação, e o potencial grupo de pesquisadores que está propondo observar a internet nos problemas que ela apresenta e que a caracterizam como meio de comunicação digital pode vir a aprofundá-los e a atrair outros para esse olhar mais específico. A contribuição dessas análises reflete a preocupação da área em delimitar melhor esse objeto. É necessário que sejam relativizadas as características atuais da tecnologia digital em que

os meios de comunicação vão permitir uma imensa acumulação do patrimônio simbólico, em grande parte proporcionada pela exteriorização da memória (o suporte passa a ser material, não mais psicológico) e o aperfeiçoamento técnico de reprodução mecânica dos livros (Imprensa); de outro lado, ao processo de universalização dos valores, através do qual as culturas particulares (etnias) acabam perdendo seu elemento de singularidade exclusiva e passam a constituir um verdadeiro patrimônio da humanidade. No cruzamento destas linhas de desenvolvimento tecnológico e social vamos encontrar a constituição de uma cultura do presente, aberta a todos e reciclada a uma velocidade espantosa que somente o alcance e a potência de nossos poderosos meios de comunicação podem proporcionar. (Martino, 2006b: 06)

Capítulo 5 – Síntese das Contribuições Teóricas dos Estudos da Área de Comunicação Brasileira para Entender a Internet como Meio de Comunicação na Atualidade Mediática

Este Capítulo visa situar os autores da área de comunicação brasileira no quadro de referência teórica correspondente aos estudos internacionais sobre a internet para verificar como estamos localizados hoje. Antes, destacamos alguns pontos importantes relacionados à literatura brasileira da área de comunicação sobre a internet e a comunicação:

- A maior parte dos estudos que estão alertando para os riscos da internet, pensa a cibercultura, filosoficamente, mas não estuda o fenômeno da comunicação, em si, muito menos o conceito de meio de comunicação. Esses estudos se dedicam a tratar das questões relativas ao imaginário sobre a cibercultura e alguns se disfarçam em estudos teóricos da área de comunicação, mas informam, desde o início que estão realizando “ensaios”, para dar vazão a reflexões sobre o século XXI e suas manifestações pós-humanas.
- Algumas abordagens referem-se à linguagem, como se fosse a própria comunicação. Mesmo que a linguagem e a técnica nos diferenciem dos primatas (Martino, 2006a: 01), essas análises são, de fato, análises da linguagem e de sua função como estrutura. As relações dos indivíduos com a sociedade modificada pela velocidade de imagens, textos, sons, valorizando a arte, a cultura e a estrutura do espaço virtual, sem se debruçar, como consideramos que seria bastante possível, sobre a comunicação como vetor da sociedade (sendo a linguagem um dos veículos!) faz com que esses estudos se afastem das questões culturais e sociais derivadas dos meios de comunicação.
- Diversos estudos buscam idéias estritamente focadas na sociologia para explicar o fenômeno da internet e da comunicação. Maffesoli (tribalismo, socialidade e nomadismo) e as proposições de Pierre Lévy são os mais lembrados teoricamente, ao invés de relacionar a história à evolução da técnica para explicar os fenômenos.

- Os estudos “favoráveis” costumam citar Lévy, entre os idealistas da rede, como ambiente para construção do indivíduo que usa as ferramentas tecnológicas para atuar, ativamente, como cidadão, na perspectiva de encontrar as condições de superação de todos os limites culturais e sociais pela apropriação da tecnologia, inclusive para a democracia cibercultura, assunto para o qual está se voltando, atualmente. Esses estudos procuram todas as facetas do jogo cultural e social de explicar a internet e trabalham com temas que vão desde a perspectiva das comunidades religiosas ou GLS na rede até a discussão sobre as configurações das cibercidades e dos cyborgs. Apesar de considerarem a análise sobre os meios de comunicação no escopo de seus problemas, esses estudos costumam inverter a perspectiva, pois tratam antes das questões tecno-sociais, e suas idéias, logicamente, explicam a internet como uma questão da mesma natureza.
- É lamentável que alguns estudos, como os realizados, por exemplo, por Suely Fragoso e Lúcia Leão, sejam pouco ou nada referenciados por seus pares (com exceção de autocitações e citações dos orientandos, não localizamos referências bibliográficas dos estudos brasileiros da área de comunicação a seus estudos). Talvez o espírito de “cito você se você me citar” contribua para os problemas de fraqueza teórica do campo, uma vez que não é comum a referência a estudos de colegas. André Lemos é um dos que parece cuidar mais desses aspectos e faz citação cuidadosa dessa e de outros colegas, sistematicamente, para discutir suas idéias.
- Observamos, particularmente, em alguns estudos que as únicas referências nacionais são as do próprio autor, o que denota (para além das questões éticas) ou o desinteresse ou a desconfiança com relação ao conteúdo dos trabalhos dos seus pares e uma autoestima extrema e desmedida!
- Os estudos sobre a interação nas comunidades virtuais (redes sociais, blogs, microblogs, fóruns, chats, etc) confundem-se com estudos socioculturais e psico-educacionais. Costumam, por isso, ter seus fundamentos na psicologia da educação e nas teorias sistêmico-relacionais. Esses estudos têm bastante potencial para avançar em proposições teóricas que possam tratar da interação como fenômeno

estritamente comunicacional, e não enviesado pelos princípios das ciências do comportamento e da educação. Mais ainda, como fenômeno técnico-comunicacional derivado da atualidade mediática, os estudos das comunidades, das redes e da interação, no contexto da cultura, da sociedade, e da representação, constituem meio de comunicação.

- As redes sociais e sua abordagem são escolhas temáticas que problematizam a comunicação, certamente, mas de forma tangente. Os estudos que tratam das comunidades sociais também se aproximam mais da argumentação social do que da técnico-comunicacional, mas suas análises ainda tendem a problematizar as relações sociais e os comportamentos culturais em detrimento dos processos comunicativos, *per se*.
- As análises sobre as potencialidades da internet como meio de comunicação estão se especializando em análises de cada um dos recursos comunicacionais (redes sociais, blogs, microblogs).
- Há estudos teóricos sobre a internet como meio de comunicação sendo propostos desde 1996, portanto, antes do período de nosso estudo.
- Os estudos sobre a arte eletrônica, mesmo que possam ser estranhados por serem tratados, tão fortemente, pela área de comunicação, são os que se apresentam com problemas mais próximos de questões comunicacionais. Esse fenômeno corresponde ao que ocorre com estudos sobre interação em comunidades, de modo geral. Entretanto, os estudos que se apercebem desse potencial, não se aproveitam completamente do favorecimento do objeto que se apresenta desnudo, para ser observado e tratado com o olhar da comunicação. Alguns conseguem fazer a relação, mas outros tendem a desviar-se para a análise da arte em si, como expressão individual e coletiva, deixando de verificar como esse veículo de expressão torna-se meio de comunicação em decorrência da internet.
- Estudam-se ainda as questões relacionadas à estrutura da rede, da arquitetura e da informática, especialmente, vinculadas a problemas sobre os espaços virtuais de conversação e navegação, em análises que se aproximam da análise dos contextos técnicos e comunicacionais, mas que

também se desviam, quase sempre, para olhar os problemas pelo ângulo da estrutura da rede e das questões técnicas que envolvem essa rede e não exploram as relações entre os objetos comunicacionais, os potenciais comunicacionais das redes como meios da atualidade, apesar de todos tratarem da conceituação vinculada à comunicação, indiscutivelmente.

- Há estudos que se preocupam exclusivamente com questões de natureza política. Esses, nem de longe, tratam de questões relacionadas à comunicação e, muito menos, dos aspectos técnicos comunicacionais e sua relação com a atualidade mediática. Por isso, sequer trouxemos muitos exemplos de citações literais dessas análises. São questões que se afastam demais da perspectiva que quisemos dar a este estudo: internet e comunicação.
- O conjunto dos estudos que se apresentam como ensaios, para trazerem introduções e elementos à *teoria da cibercultura* ou discutir pressupostos epistemológicos para entender o momento histórico-social em que nos encontramos, de fato, apresentam-se na mesma situação que constatamos nos *Mapas Mentais* de Alex Primo. Tratam de muitas idéias importantes que deveriam tornar-se proposições teóricas para a área de comunicação, mas ainda são apenas reflexões avulsas.
- Para superar a negação da ciência como opção para se pensar os problemas da área, grande parte dos pesquisadores e pensadores da área de comunicação, teriam de fazer uma escolha de deixar para trás, ou de lado, a tolice da discussão sobre a dicotomia entre do sujeito-objeto. Mas, o que ocorre é exatamente isso, como afirma, talvez ironicamente, Rudiger: “O pensamento comunicacional e a cibercultura em processo de formação poderiam ser indícios eloqüentes do surgimento de uma nova época, passível de chamamento como pós-moderna, em que o saber, ao invés de construir, destrói seu objeto e, assim, faz caducar socialmente as pretensões normativas da epistemologia”. (2002: 23),
- A preocupação epistemológica de manter a neutralidade axiológica, sem passar a defender a tecnologia, ou acusá-la, deveria nortear, com todas as contradições e dialética que as questões contemporâneas trazem, reservando, portanto, à ideologia outros espaços que não o do saber

científico. Ora, não se trata de negar ideologias, mas de fazer ciência. Todos nós queremos uma ideologia para viver, mas não podemos conhecer o mundo com o olhar cheio de sangue, lágrimas e suor...

- Os estudos que se dedicam a refletir sobre o imaginário tecnológico, a constituição do sujeito pós-humano e a reconhecer a penetração da internet em todas as dimensões da cultura e da sociedade, podem contribuir teoricamente, se, no lugar de ensaiar sobre as conseqüências da sociedade tomada como “Franskenstein”, trouxerem questões da internet como meio de comunicação, estudadas pelos princípios teórico-metodológicos exigidos para se produzir textos científicos a serem compartilhados: conceituação, problematização, determinação do problema, delimitação do universo, definição de técnicas e métodos, ordenamento, hierarquia, lógica interna, coerência e clareza do texto...Essas opções levariam esses estudos a outro patamar: o cientificismo e trariam contribuição efetiva. As idéias em fluxo não se prestam à consistência e à validade científica. É lamentável que idéias importantes estejam perdidas, soltas, em ensaios, quando poderiam constituir conjuntos teóricos tão necessários às questões da comunicação na atualidade.

O Quadro 8 mostra a síntese do pensamento nacional sobre a internet e a comunicação, ao lado dos estudos internacionais que analisamos no Capítulo 1. Vemos que alguns estão se movimentando, estudando todos os aspectos da internet e procurando problematizar suas diversas, complexas e múltiplas facetas. Outros, entretanto, estão presos a certas reflexões sobre as condições e problemas postos pela pós-modernidade.

Quadro 8 – Sumário do Pensamento Nacional sobre a Internet e a comunicação 2000-2010

Problemáticas	Foco	Representantes Internacionais em destaque	Foco	Bases Teóricas ou Filosóficas do Pensamento	Representantes Brasileiros em destaque
Questões técnicas que modificam a comunicação: e-mail, chat, forum, newsgroup, blog, microblog (twitter), redes sociais, modos de recepção, transmissão, digitalização, redução dos suportes, convergência de meios, hiperlinks, web.2.0 e alterações de percepção.	Sociotécnico	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Howard Reinghold Joel de Rosnay De Kerckhove	Técnico-comunicacional	McLuhan Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Howard Reinghold Landow	Alex Primo André Lemos A. Paveloski Lúcia Leão Suely Fragoso Rodrigo Barbosa
Questões sobre virtualização de papéis culturais e sociais, com mudança, multiplicidade e multimodalidade liberação dos papéis de emissão e recepção, consciência da complexidade da comunicação, da interação, e das alterações de relacionamentos em comunidades.	Sócio-comunicacional	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Joel de Rosnay De Kerckhove Howard Reinghold	Sócio-cultural Socioantropológico e Sócio-comunicacional	Maffesoli Joel de Rosnay Pierre Lévy Manuel Castell Howard Reinghold	Alex Primo André Lemos André Parente Lúcia Leão Marcos Palácios Suely Fragoso*
Questões sobre comportamento, linguagem, comunicação e educação, efeitos sensoriais e de consciência atribuídos ao hipertexto e ao acesso global a informações por meio da tecnologia digital, inteligência conectada (coletiva).	Socioeducacional Antropológico Biopsicossocial	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Howard Reinghold Joel de Rosnay De Kerckhove	Socioeducacional Biopsicossocial	McLuhan Piaget Peirce Pierre Lévy Bettanfly Bakthin Barthes Derrida Foucault	Alex Primo André Lemos Lucia Leão Lucia Santaella Raquel Recuero
Questões sobre a repercussão da rede na percepção humana, na psicologia social e nas relações da educação; mudanças na perspectiva dos indivíduos sobre autoria, autonomia, singularidade, subjetividade X coletividade, simplificação X complexidade.	Biopsicossocial	Nicholas Negroponte Armand Matellart De Kerckhove Dominique Wolton	Biopsicossocial Sistêmica-Relacional	Morin Piaget Peirce Maturana & Varela	Alex Primo Lúcia Leão Lucia Santaella Suely Fragoso Raquel Recuero

Quadro 8 – Sumário do Pensamento Nacional sobre a Internet e a comunicação 2000-2010 (Continuação)

Problemáticas	Foco	Representantes Internacionais em destaque	Foco	Bases Teóricas ou Filosóficas do Pensamento	Representantes Brasileiros em destaque
Questões sociotécnicas; redução do espaço-tempo; mudanças na economia mundial, mudanças nas condições de armazenamento de informações e na distribuição, possibilidade de acesso a informações a mais pessoas.	Sociotécnico e socioeconômicas Informacional	Pierre Lévy Manuel Castells Negroponte Joel de Rosnay Armand Matellart Philippe Breton Paul Virilio Jean Baudrillard Lucien Sfez	Sociotécnico Informacional	Pierre Lévy Manuel Castells Pierre Breton Negroponte Joel de Rosnay Armand Matellart Philippe Breton Paul Virilio Jean Baudrillard Lucien Sfez	André Lemos Francisco Rudiger
Questões culturais e sociais para a comunicação na rede: ubiqüidade, socialidade, tribalismo, questões do tempo presente; compartilhamento, colaboração, liberdade, arte e criatividade (imaginário).	Sociocultural	Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Howard Reinghold Joel de Rosnay Dominique Wolton Philippe Breton Paul Virilio De Kerckhove	Sociocultural	Maffesoli Guattari Lyotard Foucault Wolton Bataille Heiddeger Nietzsche Paul Virilio	André Lemos Ciro Marcondes Filho* Erick Felinto Francisco Menezes Martins Francisco Rudiger Juremir Machado da Silva Raquel Recuero
Questões político-sociais e econômicas: hegemonia, inclusão, exclusão, dominação cultural e econômica e globalização, poder, opressão, e suas conseqüências.	Sociopolítico e socioeconômico	Pierre Lévy Manuel Castells Dominique Wolton Armand Matellart Philippe Breton Paul Virilio Jean Baudrillard Lucien Sfez	Sociopolítico e socioeconômico	Baudrillard Guattari Deleuze Sfez Bergson Heiddeger Nietzsche Paul Virilio	André Lemos Erick Felinto Francisco Menezes Martins Eugênio Trivinho*

Observações interessantes podem ser feitas a partir desse cruzamento entre as idéias nacionais e internacionais e as indicações bibliográficas nos programas de pós-graduação para linhas de pesquisa sobre a internet e a comunicação e levam a concluir que:

- De modo geral, no conjunto das dimensões da Sociedade Complexa e da *Atualidade Mediática*, conforme conceitos proposto por Martino (2006b, 2007), os estudos da área de comunicação brasileira tem buscado estudar a internet como parte da cultura e da sociedade atual, mas costumam privilegiar a análise da tecnologia no lugar de ver as relações entre técnica, cultura e sociedade.
- Mesmo quando há essa relação, existe um claro desvio, uma inversão que parece deliberada, com relação ao modo como se colocam os problemas, decorrentes da problemática levantada, e a relação entre os aportes teóricos que negam o meio de comunicação como objeto de análise, a priori, define o modo como são colocadas as questões. Isso leva a inferir que não há ingenuidade na escolha deliberada das fundamentações teóricas;
- A abordagem dos autores brasileiros a questões biopsicossociais apóia-se em autores da teoria sistêmico-relacional, mas há sempre referência aos preceitos de McLuhan, como mentor das ferramentas teóricas para entender os meios como extensões do homem. Poucos referem-se à corrente denominada Teoria do Meio que continua a analisar por meio dessa tradição;
- Muitos dos estudos brasileiros parecem querer mostrar erudição e referenciar filósofos sobre o pensamento a respeito da comunicação mediada, sem que isso seja contribuição teórica para a compreensão da área e de seus problemas;
- Os estudos brasileiros rastreiam a literatura européia, em uma corrente, e a americana, em outra, o que mostra uma diferença entre as abordagens, para ser mais ou menos técnica, mais ou menos filosófica;

- Os estudos que se apóiam na literatura européia costumam abrir duas linhas, de acordo com as nossas explicações das tendências internacionais, os que seguem a corrente lévyana e os que seguem a corrente viriliana;
- Há indicações bibliográficas de autores internacionais menos cotados “entre os mais populares”. Esse tipo de escolha, ao mesmo tempo em que pode parecer mais refinada, seletiva, (Ver Anexo 2) trabalha as questões sobre a internet e a comunicação em um “mundo paralelo” ao conhecido e reconhecido pelos demais pesquisadores;
- Alguns estudiosos brasileiros reproduzem, de forma bastante semelhante o percurso de seus mentores intelectuais na explicação sobre as questões da atualidade mediática.

Como discutimos, ao longo deste estudo, para uma área de conhecimento ser realmente uma especialidade, os pares precisam reconhecer-se, antes de mais nada. Para tanto, comunicar idéias, compartilhar preceitos, teorias, e formar um conjunto consensual mínimo de argumentos que os constitua como saber especializado é pressuposto elementar. Ora, se na área de comunicação, a comunicação entre os pares sobre suas idéias têm sido pouco ou nada efetiva, como vamos explicar isso aos novos pesquisadores, a estudantes que querem aprender com as idéias da comunicação? Essa era a preocupação de Martino (2001), ao mencionar os neófitos!

O objetivo dos estudos da área de comunicação brasileira, de modo geral, é tratar as questões que se originam em decorrência da sociedade pós-moderna. Essa é a opção, aliás, de todas as ciências sociais e humanas. Acrescentar às análises dos objetos os adjetivos que tem andado por vários estudos da área tais como “complexos”, transdisciplinares, multifacetados, múltiplos, e justificar as mudanças sociais que nos rodeiam não acrescenta mudanças “reflexivas” às práticas da pesquisa acadêmica. Sociedade complexa pode ser entendida como a sociedade em que todos estamos usando tecnologia digital para nos comunicar, e que essa comunicação mediada nos ajuda nos guiar e melhorar nossa percepção de mundo, ampliar nossa consciência sobre a atualidade, conectar-nos a outros, favorecer a extensão de nossos sentidos humanos e, enfim, simplificar nossa existência.

A distribuição dos autores por categoria/foco/tendências teóricas (Quadro 9) mostra que, quantitativamente, os estudos buscam explicar, primordialmente, as questões da cultura e da sociedade. Em seguida, o principal esforço demonstrado pelo número de autores envolvidos, trata das questões relativas à configuração do espaço. Em terceiro lugar,

Ao contrário da idéia de que estamos nos tornando menos humanos, menos comunicadores, menos sociais, mais complexos, defendemos que a comunicação mediada por aparatos tecnológicos digitais – especialmente os meios de comunicação digitais conectados em rede – nos reúne ao mundo e reduz nossa sensação de isolamento, uma vez que estamos todos inevitavelmente fracionados, desempenhando cada vez mais diferentes papéis, necessitando produzir em tempo real e vencer espaços físicos e virtuais para conceber a verdadeira face que o planeta Terra tem hoje.

Esse é o cenário e esses são os fatos da sociedade complexa que não se pode negar. Como pesquisadores, cabe à academia, ao tempo em que contesta e confronta os problemas da época, questioná-los, pensá-los. Porém, é necessário ultrapassar meras especulações generalizadas, pelo risco de se cair no vazio teórico. Precisamos, sim, que as análises que fazemos do momento histórico-social nos levem a compreender, cada vez mais, como e porque somos sujeitos de um tempo de conexão, com funções sociais e práticas culturais cada vez mais dinâmicas e de múltiplas arestas, principalmente, pela existência de aparatos tecnológicos que nos afetam e aos quais também afetamos pelo uso.

Por isso, os estudos da sociedade complexa em que estamos necessitam de modelos fortes de análise e devem ser mais elaborados, tanto por poderem ser globalmente reconhecidos quanto por reforçarem as identidades nacionais de nossa pesquisa. As implicações da discussão que se desenrola sobre as alterações do sujeito, efeitos sobre o comportamento da sociedade, mudanças nas práticas educacionais, culturais, políticas, em decorrência dessa inserção, são problemas que interessam à área de comunicação, sem dúvida, mas precisamos aprender a fazer o recorte desses problemas, para observá-los e tratá-los com abordagem e critérios de análise e tratamento de natureza apropriada as questões técnico-comunicacionais.

Tabela 2 – Sumário da Principal Distribuição dos Estudos Brasileiros sobre Questões e Abordagens da Internet e a comunicação

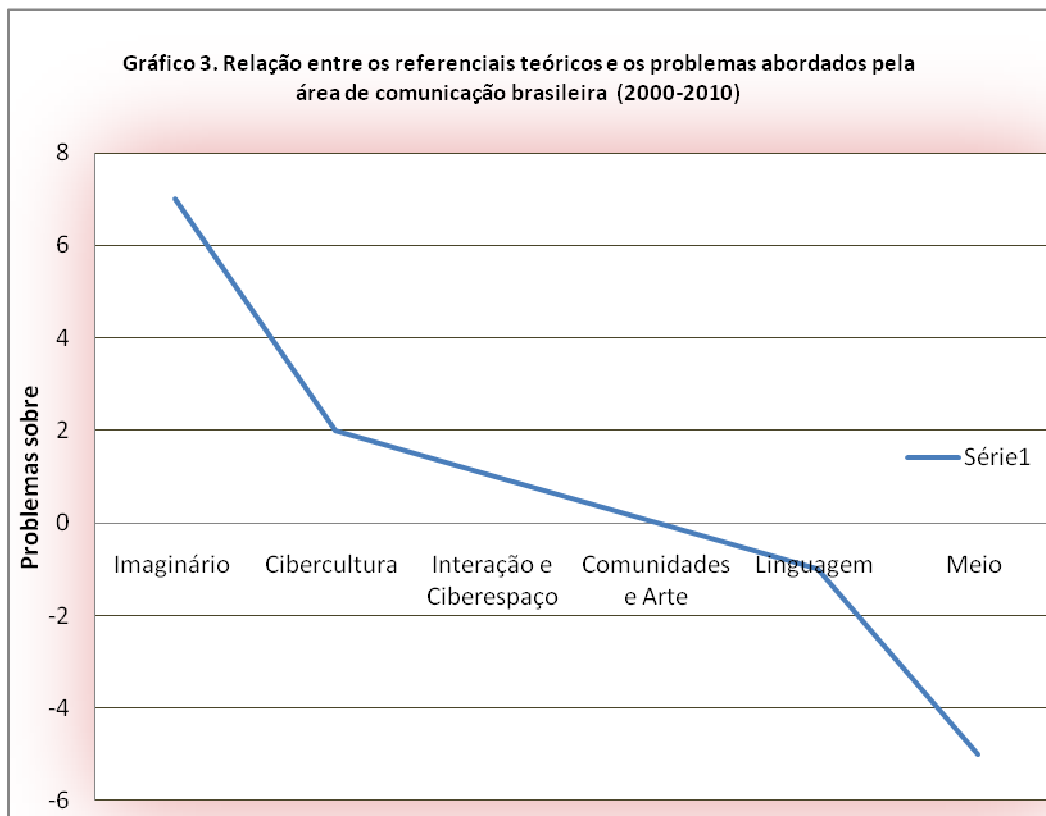
Categoria	Abordagem	Bases Teóricas ou Filosóficas do Pensamento	Número de referenciais mais citados / nº autores	Representantes Brasileiros em destaque	Referenciais Teóricos – número de autores
Arte	Sociocultural	Deleuze Foucault Maffesoli (tribalismo, nomadismo e presenteísmo) Peirce Arquitetura	4/3	Alex Primo André Lemos Lúcia Leão Lucia Santaella*	1
Ciberespaço	Sóciotécnica Socioantropológica	Castells Lévy McLuhan (aldeia global) Negroponte Reinghold Baudrillard Sfez Virilio	8/7	André Lemos Ciro Marcondes Filho Eugênio Trivinho Francisco Menezes Martins Francisco Rudiger Juremir Machado da Silva Suely Fragoso*	1
Cibercultura	Sociocultural Sociopolítico e socioeconômico	Baudrillard Breton Castells Derrida Deleuze Foucault Lévy Maffesoli (aldeia global) Matellart McLuhan (aldeia global) Sfez Virilio	12/10	Alex Primo André Lemos André Parente Lucia Leão Lucia Santaella Suely Fragoso André Lemos Erick Felinto Francisco Menezes Martins Eugênio Trivinho*	2
Comunidades	Biopsicossocial Sistêmico-Relacional	Maturana & Varela Morin Peirce Piaget	4/4	Alex Primo André Lemos Lúcia Leão Raquel Recuero*	0

Imaginário	Sociologia da técnica Filosofia da técnica	Bataille Baudrillard Breton Bergson Deleuze Foucault Guattari Heiddeger Lyotard Maffesolli Morin Sfez Nietzsche Virilio Wolton	15/8	André Lemos Ciro Marcondes Filho* Denis de Moraes Erick Felinto Eugênio Trivinho Francisco Menezes Martins Francisco Rudiger Juremir Machado da Silva	7
Interação	Técnico- comunicacional Socioeducacional	McLuhan (o meio é a mensagem) Pierre Lévy Manuel Castells Nicholas Negroponte Howard Reinghold Landow	5/4	Alex Primo* André Lemos Suely Fragoso Raquel Recuero	1
Linguagem	Semiótica Sócio- comunicacional	Bettanfly Bakthin Barthes Landow (hipertexto) Peirce	5/6	Alex Primo André Parente Lucia Leão Lucia Santaella Suely Fragoso André Lemos	-1
Meio	Técnico- comunicacional	De Kerckhove McLuhan (meio é a mensagem + meio como extensão) Wiener	3/8	Alex Primo* A.Paveloski* André Lemos* André Parente Lúcia Leão Suely Fragoso Raquel Recuero* Rodrigo Barbosa*	-5

Verificamos que se subtrairmos o fator “número de autores brasileiros diferentes” do “número de referenciais teóricos internacionais diferentes”, os estudos mostram a tendência que encontramos de freqüência na abordagem dos problemas sobre a internet e a comunicação. Apesar de, aparentemente, esses fatores não estarem diretamente relacionados, na mesma categoria, ao observar o número de autores que se dedicam a estudar determinada categoria e o número de referenciais teóricos desses estudos, vimos que essa tendência revela, quantitativamente, o que sabemos, qualitativamente: o número de idéias que são trazidas pelos referenciais de autores internacionais diferentes justifica o perfil interdisciplinar (diversificado, múltiplo, de múltiplos eixos, com muitos focos, sem objeto definido) que a área apresenta hoje. O estudo do meio de comunicação como interesse aparece em última posição.

- | |
|----------------------------------|
| 1º - Imaginário (7) |
| 2º - Cibercultura (2) |
| 3º - Interação e Ciberespaço (1) |
| 4º - Comunidades (0) |
| 5º - Linguagem (-1) |
| 6º - Meio (-5) |

Essa relação mostra ainda como a busca de referenciais teóricos para explicar o meio de comunicação é reduzida. Os estudos não se debruçam sobre a diversidade, nem procuram expandir o que já se conhece, o que não acontece com a categoria do imaginário, por exemplo, onde estudos dos mais variados são usados como referenciais teóricos. O que se verifica e é comprovado pela literatura que estudamos é que a abordagem ao meio ainda é a última opção na lista de referenciais teóricos das categorias dos estudos, como mostra o Gráfico 3 (abaixo), que trazemos apesar da obviedade da representação, para mostrar, visualmente, como estão sendo escolhidos os referenciais teóricos para a área de comunicação problematizar e abordar a internet e a comunicação.



A análise do imaginário, da cibercultura, da interação e do ciberespaço e da arte, bem como da linguagem vem antes das derivas deliberadas que a área de comunicação conclama como uma saída para seus problemas de investigação, notamos que, mesmo em última posição na lista das escolhas das abordagens teóricas e metodológicas, os estudos sobre meio de comunicação da área de comunicação estão tateando para procurar seu lugar e seu objeto mais apropriado ao estudar as diversas formas de conexão e de comunicação digitais presentes na internet.

As características, o conceito, os limites e as potencialidades de cada um dos dispositivos presentes na internet, que atuam como meio de comunicação, estão tentando ser cada vez mais delimitados pelos estudos. Há estudos que estão se especializando em blogs de microblogs, em redes sociais, em hipertexto, todos considerados como meio e comunicação, ou seja, em suas dimensões técnicas, culturais e sociais, conforme as dimensões da *Atualidade Mediática* como referencial teórico para entender os meios de comunicação na sociedade complexa. Entretanto, precisamos de um recorte mais adequado, que comece a diferenciar, em cada um dos meios de comunicação, suas peculiaridades, suas correspondências e diferenças com os meios analógicos, suas limitações, suas histórias e trajetórias.

Martins (2008), oito anos depois das primeiras idéias sobre a internet, considera que os mapeamentos são válidos para que a área possa “consolidar os estudos sobre a comunicação no cyberspace. Como integrante ativo em pesquisas nesta área, o autor diz que “estamos no caminho acertado. Devemos superar a fase antes de nos aprofundarmos nas reflexões ou críticas à era da comunicação digital” (2008: 69).

Neste estudo, que consideramos como um mapeamento mínimo da produção intelectual da área de comunicação sobre a internet e a comunicação do período de 2000 a 2010, podemos identificar que está havendo algum avanço nessa direção. Autores como Alex Primo, André Lemos e Raquel Recuero, jovens contemporâneos e usuários da internet, parecem compartilhar do espírito do tempo e inaugurar uma prática necessária a qualquer avanço do conhecimento: o compartilhamento de idéias. Todos estão pensando sobre a internet e propondo tipologias, conceitos, modelos de análise sobre os fenômenos presentes na internet para que, tomados em outras análises, possam ser apropriados, problematizados e discutidos por seus pares, possam avançar na construção de teorias. Assim, a tipologia do hipertexto proposta por Alex Primo (2002) é referenciada por Raquel Recuero (2009) ao tratar das comunidades e, em retribuição teórica e por necessidade de fundamentos consistentes, Alex Primo (2006) lança mão da tipologia de Raquel Recuero sobre comunidades (2009). Ambos reportam-se a André Lemos para tratar de conceitos como o de comunidades, tribos, etc.

Em nossa compreensão, essa prática científica deve intensificar-se com o aprofundamento das idéias dos estudiosos da comunicação sobre os dispositivos digitais móveis com conexão à internet, que estão sendo produzidos e deverão fazer parte do cotidiano de todos nós em breve. É mais do que oportuno superar tanto tempo de não-identidade da área para começar a fundar um corpo teórico que, com seus reais problemas, possam construir modelos de análise que sejam divulgados, trocados e incorporados por interessados em compreender todas as dimensões da comunicação pela internet. Esse é só o começo de uma possibilidade de se definirem as características de pesquisa e teorias da área de comunicação para tratar da internet e da comunicação como duas problemáticas sempre relacionadas.

Porém, enquanto houver escolhas deliberadas de estudiosos que resistem aos parâmetros científicos e justificam sua opção pela complexidade e interdisciplinaridade, como “conceitos pós-modernos”, a análise teórico-metodológicas de questões técnicas

que afetam a cultura e a sociedade será menos desenvolvida. Realizar pesquisa e compor o grupo de pesquisa da área de comunicação é uma opção de quem trata de questões que afetam as práticas comunicacionais. Caso essas questões sejam geradas em outros espaços do saber, a reflexão teórica ainda que altere e amplie o conhecimento da comunicação, ainda continuará a ser lacunosa. Quando Trivinho (2009) explica a importância dos efeitos e a divisão em duas fases extensas da pesquisa sobre a cibercultura no país, consideradas como um “estirão”, tão longo, deixa de trazer luz às questões que interessam, de perto, à comunicação. Ao abordar, por exemplo, ao que denomina “media interativos”, discute o propósito político, o desencadeamento dos usos táticos dos media interativos, mas não os próprios meios. O comportamento decorrente do uso dos equipamentos digitais é analisado como se o próprio equipamento não fosse significativo nesse contexto? Pela expressiva afirmação de que esses meios, miniaturizados, levam ao nomadismo, o estudo mostra que os efeitos, são, de fato, bastante mais importantes do que os aspectos relacionados aos próprios meios... Para que a “absorção online dos media e procedimentos de massa”, signifique algo do ponto de vista da comunicação, que problemas deveriam ser tratados e com que explicações?

Além desse desvio de qualquer possibilidade de análise da cibercultura ou da internet pelo olhar da comunicação, o estudo leva a afirmações futurísticas, como as seguintes:

Sem profissão de certeza, no entanto – que, décadas após a sua conformação social-histórica, o próximo decênio da cibercultura (ou talvez em medida cronológica mais diminuta, já que os tempos das reciclagens infotécnicas têm se contraído sobremaneira, ao calor das inovações corporativas e das consequentes apropriações sociais ao redor do globo) conviva, mais fortemente, com a sua tradução cognitiva organizada no espaço acadêmico, isto é, como campo de conhecimento institucionalizado, e, como não poderia deixar de ser, [conviva] com o seu modo de disposição cotidiano mais definido (especialmente nas metrópoles e cidades médias desenvolvidas), como vivência prática, coletiva e integral, com características apreensíveis com maior clareza e profundidade, no âmbito do conceito, independentemente de qualquer linha de consenso teórico a respeito. O argumento, que não pressupõe absolutamente qualquer aposta programática, muito ao contrário, apenas descreve, se muito, um traçado de força já assentado no presente e que, sendo irreversível, ocorre concretamente para o amanhã. (2009:27)

Consideramos que, ao não problematizar a cibercultura ou a internet do ponto de vista da comunicação, o autor faz questão de frisar que faz clara defesa de um campo

interdisciplinar para compreender esse fenômeno cultural, mesmo quando verifica que o desenvolvimento da discussão teórica e epistemológica no nosso país suplanta a mesma questão em outros países, porém, sem ter realizado um mapeamento datado, categórico e controlado, para tirar essa conclusão.

Um dos resultados que obtivemos mostra que estamos produzindo conhecimento simultaneamente a outros países da Europa, desde a emergência da internet (1996), porém a qualidade técnica da nossa pesquisa está aquém do que as dos países americanos, não só os da América do Norte, antes que se levantem as vozes anti-capitalistas, mas também as do Canadá, onde se desenvolvem as pesquisas da Escola de Toronto (com foco na corrente que estuda o meio), e alguns países da América Latina, que estudam a internet como meio de comunicação.

Conclusões

A oportunidade que os estudos da área de comunicação brasileira estão tendo, em uma sociedade de duas dimensões bem distintas que atuam uma sobre a outra – a da tecnologia e da comunicação – é singular. Durante a história do desenvolvimento dos meios de comunicação, nunca houve uma circunstância tão favorável à compreensão desses dois fenômenos reunidos e interrelacionados.

Os meios digitais de comunicação atuam sobre a atualidade mediática como conjunção, convergência e ação dos meios de comunicação na alteração do tempo presente (cultura) e sobre as representações de mundo do indivíduo na sociedade, cada vez mais complexa, de modo ímpar: ampliam e registram a memória e os bens simbólicos; permitem a expansão do espaço físico para além do palpável e visível; amplificam a velocidade, com acesso a dados e informações.

Ao estudarmos como o conhecimento sobre a internet e a comunicação está sendo construído sobre esse objeto técnico como meio de comunicação, procuramos mapear as problemáticas e problemas apresentados, bem como os focos e as tendências teóricas que podem contribuir para o fortalecimento do saber comunicacional.

Como nos apoiamos nas idéias de Martino (2007), consideramos necessário retomar sua problematização sobre o que ocorre no campo da comunicação em relação à epistemologia e os desafios que estão postos a quem decide pensar sobre as questões da área quando estudam a cibercultura. Segundo ele,

Os diferentes desenhos e matizes teóricos propostos para essas novas ciências são, aliás, bastante eloqüentes para mostrar como tem sido rico esse processo, o que revela a extrema dificuldade de se traçar uma representação da área (e não apenas uma compilação de experiências reunidas sem qualquer critério). Esse quadro inicial marcará profundamente as futuras gerações de teóricos, não somente em razão de um certo consenso construído em torno da idéia de diversidade do campo, mas principalmente porque, abordado sem distanciamento crítico, sem uma investigação da significação teórica disso que aparecia como uma evidência irrefutável, essa interpretação resultará num excessivo alargamento do círculo das iniciativas de fundação da “ciência da comunicação” e da extensão mesma do domínio de conhecimento (retórica, cibernética, semiótica, lingüística), pouco afeito a precisões. Muitos teóricos contemporâneos equivocadamente entendem a formulação do campo comunicacional como o somatório dessas iniciativas e suas correntes de estudo, tomando-as como peças de um

impossível quebra-cabeça, cuja solução nos daria a unidade da “ciência da comunicação”, ou, simplesmente, se contentam em denunciar essa impossibilidade de síntese, apelando para o plural (ciências da comunicação), de modo cômodo e irrefletido. (2006: 37)

Vimos que o autor faz uma antecipação dos nossos resultados. Em nosso levantamento, os estudos preocuparam-se em explicitar sobre que problema estariam focando, porém, o foco do seu estudo recaiu, em sua maioria, em problemas de natureza diversa dos que interessam diretamente ao campo da comunicação e afastaram-se das proposições teóricas que podem trazer luz às questões da área. Os estudos que definiram a teoria em que baseariam sua análise escolheram referenciais de outras áreas. Os que não se apresentaram como ensaios ou reflexões, referiram-se ao método e técnicas do estudo a ser realizado, propondo análises da prática comunicacional que se estabelece na internet.

A preferência temática e os problemas apresentados foram, em sua maior parte, como vimos no Capítulo 4, itens 4.1, 4.2 e 4.7, sobre os efeitos da internet (ciberespaço, cibercultura e interação) sobre a sociedade (60%), os aspectos relativos à subjetividade (10%) e modos de grupos viverem e conviverem nela (20%), questões sobre a arte (10%) e os efeitos da internet sobre a cognição dos indivíduos e sobre a configuração dos grupos na sociedade. Mais de 50% dos estudos analisados nessa fase demonstraram preocupação com a internet quase exclusivamente do ponto de vista político-social.

Esses resultados confirmam as múltiplas dimensões de problemas tratados pela área de comunicação, situação que não é novidade, tendo em vista já ser plenamente reconhecida pelos analistas do campo. Santaella (2001) refere-se à dificuldade que teve, quando membro da equipe responsável por avaliar investimentos em pesquisa do CNPq, para delimitar se os estudos pertenciam ou não ao campo da comunicação. (Santaella, 2001:15)

A pesquisa epistemológica que fizemos pode ajudar a aprimorar a formação de um conjunto de idéias consensuais que venha a ser construído para dar conta de responder às questões-problema que são comuns à área.

De nada vale estarmos avançados na pesquisa sobre a rede, como lembra Trivinho (2009), se não conseguimos comunicar nossas idéias uns aos outros para que sejam revistas, ampliadas, discutidas e problematizadas na direção de constituírem um conjunto sustentável de princípios sobre a internet como meio interativo que atua na cultura e na sociedade. É muito interessante observar a escolha e apropriação do ideário contido nesses estudos, uma vez que alguns estão tentando tratar de todos os problemas. Tratam da virtualização da sociedade, considerando apenas os seus efeitos perversos e aspectos demonizantes, ou se mostram assustados com os riscos que a tecnologia pode trazer para a configuração do mundo atual, ou ainda mostram-se deslumbrados pela possibilidade que a internet traz para a interação e até mesmo para a democracia.

O apoio teórico da área, como vimos, confirma o que vem sendo dito por diversos epistemólogos: não há consenso teórico na área de comunicação. Tomado por um estudioso da comunicação, para analisar a cibercultura no país, essa síntese do pensamento nacional pode, ajudar a explicar, pelo menos um pouco, o quadro teórico-epistemológico da área. Por exemplo, de certo modo, a edição e a organização da produção intelectual da área de comunicação no país sobre a internet e a comunicação está atrelada a uma ferrenha crítica anti-determinista da tecnologia digital. Logo, os estudos que adotam essa linha tem uma pretensa posição teórica estabelecida: são interdisciplinares (?) e tratam de questões relativas a cultura e à sociedade, sem olhar para a técnica?

Isso talvez explique o lugar ocupado por um intelectual do porte de Eugênio Trivinho. Entre os mais respeitados, nesse caso, não só em razão da posição da ABCiber entre os grupos de pesquisa sobre cibercultura no país, mas também em razão de sua produção sobre comunicação e tecnologia digital, entretanto, em estudo de Barbosa (2009: 77, 78) constata-se que as publicações deste autor não são indicadas nos programas de graduação. Neste trabalho verificamos que apenas duas vezes seus trabalhos constaram da lista de referências bibliográficas da pós-graduação, sendo uma delas do programa em que é docente. As referências a trabalhos brasileiros entre os estudos sobre a internet são bastante seletivas, na verdade, quase ausentes. Usando uma metodologia de avaliação das citações que exclui as auto-citações, o estudo de Barbosa (2009, 170;173) verificou que Trivinho tem zero citações nas bases

pesquisadas, exatamente em função de auto-citações que anulam as citações de outrem. Assim como ele, outros são muito pouco ou nada citados, preferindo-se uma variedade enorme de indicações de autores internacionais, de todos os campos de conhecimento, conforme identificamos nas referências bibliográficas dos programas de pós-graduação em comunicação do país (Ver Anexo 2). Em estudo americano, De Belli (2009) faz estudo denominado *Cybermetrics* no qual apresenta os critérios das citações dos principais estudos sobre a cibercultura. De fato, estudar as citações como legitimação social do saber é uma tradição de ciências naturais, especialmente da medicina baseada em evidências, e esse tipo de estudo confere validade e segurança aos pesquisadores. Porém, nem sempre é possível afirmar que os nomes das publicações mais conhecidas são os que, de fato, tem o reconhecimento social e a legitimação de seus pares.

É necessário e urgente que se pense a respeito desse tipo de constatação e que se proceda a estudos sobre as citações na área de comunicação brasileira, pois, como pudemos constatar, panoramicamente, há um verdadeiro caos nos programas de pós-graduação nacionais no que se refere a conteúdos e pressupostos teóricos e as citações entre os pares é muito baixa. (Ver Anexo 2 e Capítulo 3).

No campo das idéias, é melhor que sejam circuladas e trocadas entre os pares, para que sejam debatidas, confrontadas, visando ao estabelecimento de um consenso teórico-epistemológico. Talvez a densidade dos textos, a complexidade das relações teóricas, ou outros fatores (como problemas ideológicos de grupos!) interfiram negativamente contra essa comunicação científica e impeçam a circulação de idéias. Por último, pode ser que a dificuldade e a negação da finalidade, da função e da propriedade da formulação técnico-científica seja uma das principais razões.

Trechos, como o seguinte, que tratam do tema da cibercultura, (Trivinho, 2008) podem ilustrar a primeira dificuldade:

O bunker glocal perfaz, em sua cena material de praxe, certo arranjo da infra-estrutura infotecnológica no perímetro de ação imediata do corpo e da subjetividade, uma disposição objetual-espacial na qual e pela qual o sujeito teleinteragente, “de trás da tela”, resta como que voluntariamente “sitiado” a partir de dentro de sua condição de acesso/ recepção/retransmissão. [A infra-estrutura tecnológica pode ser de tipo tanto convencional, fixada à mesa, pelas adjacências, como portátil (um notebook, por exemplo); e o acesso à rede independe se efetivado por cabo, sem fio ou mesmo via linha discada.]

Esse microcinturão mediático, já pela conjunção majoritária de seus detalhes e de suas injunções – vale dizer, na forma de um abrigo condicional em redoma invisível, supostamente livre de quaisquer ameaças provenientes “do mundo lá fora” –, evoca, indubitavelmente e no limite, a figura de um bunker. (2008: 24)

Por outro lado, apesar de verificarmos que o conhecimento que está sendo construído pela área de comunicação brasileira reproduz o que esteve sendo pensado nos primeiros estudos internacionais, as bases de pesquisa sobre a internet e a comunicação no país têm sido amplificadas e especializadas. Já se podem reconhecer estudos pelas características de seus analistas e as pesquisas começam a se tornar menos especulativas sobre as características dos dispositivos, seus usos e efeitos (fases 1, 2 e 3 de Kim & Weaver, 2008), mas passam a ser propositivas (fase 4, de Kim & Weaver, 2008). Ao ser perguntada, por exemplo, em entrevista recente, sobre seu próximo livro após “Redes Sociais”, Raquel Recuero, disse que está trabalhando em um projeto com mais duas pesquisadoras, a Adriana Amaral e a Suely Fragoso em um livro focado em métodos de pesquisa para dados do ciberespaço. Também disse estar trabalhando em um projeto de estudo da conversação mediada pelo computador, tentando entender como a língua é utilizada e mudada no ciberespaço e como isso reflete os aspectos sociais da apropriação.⁸² Ora, esse é o movimento que se espera dos pesquisadores e que dele venham consolidadas novas idéias para explicar os fenômenos da área de comunicação, especificamente, sobre a internet como meio de comunicação.

Esperamos que os resultados deste nosso estudo venham colaborar para o fortalecimento da compreensão sobre a base teórica da área de comunicação. Outros devem estudar outros aspectos e continuar o que propusemos, com debate, discussão, questionamentos que ajudem a formar um conjunto de idéias que venham a ser cada mais aceitas. Isso ajudará os pesquisadores a reconhecerem-se em sua produção intelectual e a administrarem o fluxo e o compartilhamento da produção do conhecimento necessário à área. Esse movimento, como bem ressaltam vários epistemólogos, é que se faz por escolhas teóricas apropriadas, isentas, que se afastem de questões e valores centrados em ideológicas, políticas, e com o olhar dirigido àquilo que parece ainda estar nublado. Não basta colocar uma viseira teórica e olhar apenas para algumas questões porque hoje não se sabe bem nem mesmo o que se está

⁸² <http://monitorando.wordpress.com/2009/06/13/uma-entrevista-com-raquel-recuero/>

procurando, nem para onde se quer ir. Para ver bem os problemas da sociedade contemporânea (e colaborar para resolvê-los em seus aspectos comunicacionais!), visando aprimorar a internet no que ela significa para a área de comunicação, não será se posicionando a favor ou contra ela (ou a qualquer outra tecnologia de comunicação), nem pregando o fim da teoria, ou o desaparecimento do corpo, ou a multiplicidade do sujeito, ou a morte do social, tampouco será solução fugir para os braços de outras ciências ou apoiar-se em pensamentos filosóficos que questionam a técnica...

As questões conceituais e teóricas da área de comunicação brasileira necessitam ser identificadas por outros estudos, como este que fazemos. A análise da produção teórica pode levar a compreender o que se vem construindo no pensamento da área e sistematizar as contribuições teóricas que ajudarão a entender os próximos desafios que nos forem postos por outras tecnologias que surgirem. Esse é o caminho inevitável da civilização.

Neste estudo, verificamos que, por enquanto, a escolha das teorias que fundamentam os estudos da área, deliberadamente, tem recaído em uma das cinco possibilidades, cuja aproximação com a ciência aumenta na mesma seqüência numérica abaixo indicada:

- 1) flunar, andar sem mapa, não realizar ciência nem colocar métodos em prática;
- 2) evitar conceitos e definição de objetos de estudo que possam indicar reducionismo e apoiar-se em bases ontológicas ou filosóficas;
- 3) preservar idéias e conhecimentos originais das ciências humanas e sociais da formação do campo no Brasil, sem procurar apoio teórico do próprio campo da comunicação;
- 4) avançar em estudos teórico-metodológicos, propondo modelos teóricos ou testando técnicas de pesquisa qualitativas ou quantitativas, (conceitos, tipologias, análises críticas e sistematização da pesquisa da área);
- 5) compor com as idéias dos demais pares para amplificar as suas próprias problematizações, e lançar bases teóricas para compreender o fenômeno da tecnologia dos meios digitais de comunicação.

Isso significa que os pesquisadores da área de comunicação que estão ocupando os assentos cátedras universitárias e os programas de pós-graduação brasileiros podem olhar para o saber que produzem e verificar em que nível de cientificidade se encontra seu conhecimento e para onde querem ir, refletindo sobre este “querer ir”, de forma consciente, como uma verdadeira opção, de forma que a seja (ou não) o fundamento primordial. Claro que, ao contrário, eles também podem decidir continuar a explicar os fenômenos da área por preceitos e conjuntos de proposições de outras áreas de conhecimento, como hoje é corrente. Na verdade, começar a buscar a construir um pensamento que possa levar à compreensão dos meios de comunicação que configuram a internet, sem receio de serem rotulados como *deterministas*, *depende de uma escolha deliberada de trilhar um caminho científico na área de comunicação*.

Essa conclusão não afirma, confortavelmente, portanto, que o quadro dos estudos sobre a internet é uma demonstração de que comunicação é uma área de conhecimento interdisciplinar que se dirige à especialização disciplinar pelo procedimento científico aprimorado. De forma alguma, há um conjunto consensual de idéias da comunicação que a instrumentalizem para explicar a internet e a comunicação, na ótica da comunicação. O que vimos é que ainda existe uma forte tendência a aportes teóricos de outras naturezas e como isto afeta o desenvolvimento do conhecimento sobre a internet.

Por outro lado, se ainda não há um conjunto consensual de idéias para explicar a internet do ponto de vista estrito da área da comunicação, já vimos que estão sendo feitas novas proposições, poucas, mas ainda em bases teóricas de outras ciências e de outros objetos que estão surgindo. Precisamos, portanto, aprimorar os procedimentos e as escolhas teóricas que fazemos para tentar explicar um fenômeno absolutamente técnico-comunicacional e, justamente para isso, que o usar o olhar adequado pode se mostrar interessante.

Verificamos que não se trata apenas de negar que os fundamentos da área de comunicação contam, sem dúvida, com um conjunto de idéias que tem origens em diversos saberes das ciências sociais, das humanidades, e até das ciências exatas. Porém, precisamos ter claro que, mesmo que os conhecimentos de outras ciências agreguem conhecimento (e certamente fazem isso), o que em absoluto questionamos, as explicações socioculturais, antropológicas, psicológicas e estritamente informacionais não é que não possam dar conta de explicar o fenômeno da comunicação eletrônica na

sociedade da atualidade mediática, mas justamente, a lacuna deixada pelo saber comunicacional, e sua importante contribuição para a matéria. Por isso, consideramos que é inevitável a direção de que, como supúnhamos na formulação de nossa tese, as idéias sobre a internet tenderão a se voltarem, nesta década, para os fundamentos construídos pela própria área de comunicação. Vimos que começa a ser fundado um conjunto de explicações sobre a ação dos meios na atualidade mediática, para entender os efeitos como consequência dessa ação mediática. É verdade que esses construtos ainda são poucos e estão bastante separados uns dos outros, ainda, mas continuarão a ser propostos e, se houver quem os tome como referenciais teóricos, e procure realizar trabalhos com maior cientificidade, saindo do delírio persecutório e de uma espécie de elocubração sobre a era em que vivemos, uma série de idéias teóricas, vindas de reflexões metódicas, poderá construir a própria Comunicação como conhecimento. Só assim, as abordagens que a área fizer, tomadas como disciplinares, poderão, à medida que constroem seu próprio saber, contribuir para o saber de outras disciplinas, ou seja, atuar na interdisciplinaridade que a sociedade complexa, de fato, exige.

Mostramos com este levantamento que, escondidas entre os diversos estudos nacionais sobre internet e comunicação, há idéias muito fecundas sobre a comunicação no contexto da *Atualidade Mediática*, mas faltam desenvolver-se como proposições teóricas, para aproximar-se umas das outras e discutirem, entre si, e além da área, sobre as diferenças e similaridades de seus pensamentos, de modo a trocar, compartilhar e avançar no saber sobre a internet e a comunicação como objeto de investigação científica, pelo confronto e pela cooperação para idéias consensuais e que tragam material teórico para as análises da área de comunicação.

Trivinho (2009), ao afirmar que “(...) em matéria teórica e epistemológica, o Brasil se encontra, nesse universo de estudos, em estágio notadamente avançado em comparação com outros países, desenvolvidos ou não. O campo científico interdisciplinar aqui constituído recentemente, de que a Introdução da coletânea oferece sucinto testemunho, é um expressivo indicador disso. (2009:12) e de fato, é. Porém, a constituição do campo científico da Associação Brasileira de Cibercultura, como indicador de pesquisa sobre o tema, é suficiente para que as pesquisas realizadas tragam avanços para o conhecimento teórico-metodológico da área de comunicação nacional e internacionalmente? Como estão nossos indicadores de publicação, como

estamos representados nos grupos de pesquisa do mundo? Essas são questões epistemológicas da área que necessitam continuar a ser investigadas.

Portanto, nossa conclusão é a de que o conjunto de idéias que estão começando a surgir, em face da análise sobre a internet como meio de comunicação no Brasil, em face da abordagem da tecnologia da comunicação como centro, que altera e estende nossa consciência e nossos sentidos humanos, como vimos, podem passar – caso a comunicação entre os pares seja efetiva – a uma condição teórica própria da área. A perspectiva técnico-comunicacional existe, há base para ela, mas ainda está bastante incipiente e há que se cuidar para que essas primeiras iniciativas não se percam. O grupo de pensadores que identifica na internet uma oportunidade para a área de comunicação pode construir, sem dúvida, conjunto de idéias, que sejam subsídios uma ou mais teorias e modelos para explicar esse fenômeno da comunicação precisa continuar a trilhar esse caminho metódico e coerente com princípios norteadores do pensamento comunicacional.

Referências Bibliográficas

- BALLE, Francis. *Media et Societé*. Éditions Monchrestien, 1992.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUDRILLARD, Jean – Simulacros e Simulação. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1991 (Do original Simulacres et simulation, Paris: Gallimard, 1981)
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela Total – Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem*. Porto Alegre, 1997 (Do original *Écran Totale*, 1997)
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. *Além dos Meios e Mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia. Dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Editora Paulus, 2006
- BRETON, Philippe & Proulx, Serge. *A explosão da comunicação*; trad. Maria Carvalho; rev. Eda Lyra; 1ª Ed. Lisboa: Bizâncio, 1997.
- BRETON, Philippe. *A Utopia da Comunicação*. Trad. S. Ferreira. Lisboa; Instituto Piaget 1999.
- BRETON, Philippe. *Le Culte de L' Internet*. Paris: Decouvert ,2000.
- CASALEGNO, Frederico. (Org.) *Memória Cotidiana: comunidade e comunicação na era das redes*. Tradução de Adriana Amara, Francisco Rudiger e Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006 (Coleção Cibercultura)
- CASTELLS, Manuel, *A sociedade em Rede - A era da informação: economia sociedade e Cultura*; Tradução: Roneide Venâncio Majer. V. 1. São Paulo. Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A.Borges, Revisão Técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- CHAVES, Eduardo. *Tecnologia na Educação, Ensino a Distância, e Aprendizagem Mediada pela Tecnologia: Conceituação Básica*, disponível em (1995) página acessível em <http://www.chaves.com.br/TEXTSELF/EDTECH/EAD.htm>
- DE BELLIS, Nicola. *Bibliometrics and Citation Analysis: From the Science Citation Index to Cybermetrics*. Lanham, Md.: Scarecrow Press, 2009.
- DEBRAY, Regis. *Curso de Midiologia Geral*. tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Novas tendências da pesquisa em comunicação no Brasil: preferências temáticas da geração emergente*. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 31, p. 15-28, 2008.

- DE KERCKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura*, Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- DIAS, Cláudia Augusto. *Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais* Ci. Inf., Brasília, v. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999
- DORNELLES, Beatriz. O futuro do jornal. FAMECOS. Vol. 1, Nº 40. 2009.
- DREVES, Aleta Tereza & Costa Wagner. *Os Novos Caminhos do Jornalismo Ambiental Acreano: Os Blogs como Pauteiros da Mídia*. INOVCOM Vol. 1, Nº 2 2006
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, tradução de Helena Prente Cunha e Moema Parente Augel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- FAUSTO NETO, Tiago Quiroga. Epistemologia da Comunicação: três aspectos, Unireviista - Vol. 1, nº 3: (julho 2006)
- FISHER, Gustavo Daudt. *As trajetórias e características do You Tube e Globo Media Center/Globo Vídeo: um olhar comunicacional sobre as lógicas operativas de websites de vídeos para compreender a constituição do caráter midiático da web*. Tese. Orientador: Suely Fragoso. São Leopoldo: Unisinos, 2008.
- FRAGOSO, Suely. *Realidade Virtual e Hiperídia - somar ou subtrair?*. Ciberlegenda Universidade Federal Fluminense, v. 9, 2002
- FRANÇA, Vera Veiga. *O objeto da comunicação/a comunicação como objeto*. COMPÓS. 2008.
- FRANÇA, Vera Veiga. (2002) *Análises – Parte 4* in Weber, Maria Helena; Bentz, Ione & Holfeldt, Antonio (org.) *Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- FELINTO, Erick & CARVALHO, Mauro S. *Como ser Pós-Humano na Rede: os Discursos da Transcendência nos Manifestos Ciberculturais*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, www.COMPÓS.com.br/e-COMPÓS Agosto de 2005 - 2/17
- GERBNER, George. "Os meios de comunicação de massa e a Teoria da Comunicação Humana" in Dance, Fank E.X. (Org). *Teoria da Comunicação Humana*. Tradução de Álvaro Cabral e José Paulo Paes. São Paulo. Cultrix. 1973 (Original Human Communication Theory – Original Essays, 1967)
- GOMES, Wilson; MOREIRA, Sonia Virgínia. *O estado da arte dos cursos brasileiros de Pós-graduação em Comunicação*. Revista Brasileira de Ciências de Comunicação, São Paulo, v.23, n.2, jul./dez. 2000.
- HOLFELDT, Antonio & MARTINO Luis Claudio & FRANÇA, Vera. (orgs). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 5ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001
- INNIS, Harold. *The Bias of Communication*. Toronto: University of Toronto Press. 1951

- KAPLAN, A. *A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento*. São Paulo: Herder, 1972.
- KALUME MARANHÃO, Ana Carolina & Garrossini, Daniela Favaro. *A Mediologia de Régis Debray: limites e contribuições ao campo comunicacional*. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 33 - 47, jul./dez. 2010.
- KATZ- Elihu, LAZARFELD, Elmo Roper. *Personal Influence: The Part Played by People in the Flow of Mass Communications*. New York: Free Press, 1955.
- KIM, S. T & WEAVER, E. © *Communication Research about the Internet: 2002* SAGE Publications. All rights reserved. Downloaded from <http://nms.sagepub.com> at PENNSYLVANIA STATE UNIV on February 8, 2008 (535p)
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*; tradução Beatriz Vianna Doeira e Nelson Boeira. 9ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. - (Debates; 115) (Título original: The structure of scientific revolutions. Chicago University. 1970)
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LEÃO, Lúcia. *O Labirinto da Hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- LEMOS, André L.; CUNHA, Paulo. (Eds.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 37-56
- LEMOS, André L. *Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. LOGOS - Ano 4 Nº 6 1º Semestre / 1997 (p. 15 a 19) disponível em <http://www.logos.uerj.br/PDFS/anteriores/logos06.pdf#>
- LEMOS, André L. *Ciber-socialidade – Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. In <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/artigos.html> (20/04/1998a).
- LEMOS, André. L . “Cibercidades”. In: André Lemos; Palácios, Marcos. (Org.). *Janelas do Ciberespaço. Comunicação e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2000, v. 1, p. 9-38.
- LEMOS, André L. *Estruturas Antropológicas do Ciberespaço*. <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html> (13/08/1998b).
- LEMOS, André. L. *Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina/Meridional, 2002. v. 1.
- LEMOS, André L. “Arte eletrônica e cibercultura” in MARTINS, Francisco Menezes & Silva, Juremir Machado da (orgs). *Para Navegar no Século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina. EDPUCRS, 1999.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola/1ª Edição – 1998b (Coleção TRANS)- 214 pág.

- LÉVY, Pierre. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Traduzido por Bruno Charles Magne. Consultor técnico: Niza Maria Campos Pellanda. Porto Alegre: Artmed, 1993a.
- LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: 34, 1993b
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* Coleção Trans. Editora 34. São Paulo, 1997.
- LIMA, Venício A. de. *Mídia: teoria e política*. 2ª edição. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2004.
- LOPES DE SOUZA, Janara Kalline Leal. *Contribuições, limites e desafios da Teoria do Meio*, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação. Brasília: Unb, 2007.
- LOPES, Maria Imacolata de Vassalo (org). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LOPES, M. I. V. *Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico*, 8a ed.. 8ª. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 171 p.
- LOPES, Maria Imacolata de Vassalo. *Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação*. In http://www.alaic.net/VII_congresso/gt/gt_17/gt17%20p2.html Acesso em fevereiro de 2011.
- LOPES, Maria Imacolata de Vassalo. (Org.). *Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil - Avaliação e Perspectivas*. 1. ed. São Paulo: Universidade Santa Cecília, 1999.
- LOPES, Maria Imacolata de Vassalo - *Vinte anos de Pesquisa de Comunicação*. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 27, n.1, 2006.
- LOPES DE SOUZA, Janara Kalline Leal. *Contribuições, Limites e Desafios da Teoria do Meio*. Dissertação de Mestrado, Orientada pelo Dr. Luiz Cláudio Martino, Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2003.
- SILVA, Juremir. Machado da & Martins, Francisco Menezes (org). *A Genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- SILVA, Juremir. Machado da. *As Tecnologias do Imaginário*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, v. 1. 2003. 110 p
- MACHADO, Irene. "Semiótica como Teoria da Comunicação" in WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione & HOLFELDT, Antonio (org). *Tensões e objetos de Pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002. p.211
- MAFFESOLI, Michel. *Imaginaire et pluralité*. Printemps 2003 - Vol.05, No.02
- MAFESOLLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva* / Traduzido por Aluizio Ramos Trinta. Porto Alegre : Sulina, 2007. (Coleção: Imaginário cotidiano) 295 p

- MARCONDES FILHO, Ciro. *Haverá vida após a internet?* Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 16 • dezembro 2001 (p.35-45)•
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A Sociedade Frankenstein*. In http://www.sel.eesc.usp.br/informatica/graduacao/material/etica/private/a_sociedade_frankenstein.pdf, 1991.
- MARTINS, Francisco Menezes. *Impressões Digitais: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008. (coleção cibercultura)
- MARTINS, Francisco Menezes & Silva, Juremir Machado da (orgs). *Para Navegar no Século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina. EDPUCRS, 1999.
- MATELLARD, Armand. *Comunicação-Mundo. História das idéias e das estratégias*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1994. (Original Editions de La Decouvert, 1992, Paris)
- MATTELART, Armand & MATTELART, Michele. *História das Teorias da Comunicação*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 2ª edição. Revista e Ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- MATTELART, Armand & MATTELART, Michele. *História da Sociedade da Informação*. Tradução Niolas Nyimi Campanario. 2ª edição. Revista e atualizada: São Paulo: Edições Loyola, 2006. (original Histoire de la société de l'information, Editions La Decouverte, 2001b)
- MARQUES DE MELO, José (Org.). *O campo da comunicação no Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, v. 1.
- MARTINO, Luiz Claudio. C. *A Atualidade Mediática: O Conceito e suas Dimensões*, in http://www.COMPÓS.org.br/data/trabalhos_arquivo_coZXz9iPgCTLQ.pdf (Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte-MG, em junho de 2009)
- MARTINO, Luiz Claudio. *Pensamento Comunicacional Canadense: as contribuições de Innis e McLuhan*. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v. 5, p. 123-148, 2008.
- MARTINO, Luiz Cláudio. *Os meios de comunicação como simulações tecnológicas da consciência*. Mimeo. UnB, 2007.
- MARTINO, Luiz Claudio. – *A Revolução Mediática: a comunicação na Era da simulação tecnológica*, Razon y Palabra, n.50, feb-mar, 2006b. Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/Mesa%202/ARevolu%E7%E3oMedi%E1tica.pdf>
- MARTINO, Luiz Claudio. – *História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional*, in E-COMPÓS (Revista da Associação Nacional dos Cursos de Pós -Graduação em Comunicação), n.1, dez 2005. Disponível em: www.COMPÓS.org.br.
- MARTINO, Luiz Claudio. – *Muitas e Poucas: a dupla personalidade das teorias da comunicação*. Trabalho apresentado no XXVII INTERCOM, Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação. evento anual da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado em Porto Alegre de 2 a 6 de setembro de 2004.

MARTINO, Luiz Claudio. – “As Epistemologias Contemporâneas e o Lugar da Comunicação”, in Maria Immacolata Vassalo Lopes (org.) *Epistemologia da Comunicação*. Loyola. São Paulo, 2003a, pp. 69-101.

MARTINO, Luiz Claudio. – “Ceticismo e Inteligibilidade do Saber Comunicacional”, in *Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura, revista do PPG da PUC-SP*, nº 5, p. 53-67, abril de 2003. São Paulo: Educ. Brasília: CNPq, 2003b.

MARTINO, Luiz Claudio. – “De Qual Comunicação Estamos Falando?”, in A. Hohlfeldt; L. Martino; V. França (orgs.) – *Teorias da Comunicação*. Vozes. Petrópolis, 2001a.

MARTINO, Luiz Claudio. “Globalização e Sociedade Mediática”, in A. Fausto Neto et al. (orgs.), *Práticas Midiáticas e Espaço Público*. EDIPUCRS/COMPÓS. Porto Alegre, 2001b.

MARTINO, Luiz Claudio. – “Elementos para uma Epistemologia da Comunicação”, in LOPES, Maria Immacolata Vassalo & FUENTES NAVARRO, Raúl (orgs.) – *Comunicación: campo y objeto de estudio. Perspectivas reflexivas latinoamericanas*. ITESO-Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente. México, 2001c.

MARTINO, Luiz Claudio. – “Elementos para uma Epistemologia da Comunicação”, in A. Fausto Neto, S.D. Porto, J.L. Aida Prado (eds.) – *Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas*. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, 2001d.

MARTINO, Luiz Claudio. *Contribuições para o Estudo dos Meios*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 13, p. 103-114, 2000.

MARTINO, Luiz Claudio. – *Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação* ». CD-ROM Anais do XXI Congresso da INTERCOM, Recife, 1998. Publicado em A. Fausto Neto, S. Porto, J.L. Aida Prado (orgs), *Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas*. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, PB.

MARTINO, Luiz Cláudio. *Abordagens e representação do campo comunicacional*. Comunicação, mídia e consumo São Paulo, vol. 3n.8 p. 33 - 54 nov. 2006

MCLUHAN, Marshall & CARPENTER, Edmund (org.) *Revolução na Comunicação*. Tradução de Álvaro Cabral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974 (Original Explorations in Communication Traduzido da 2ª edição – 1966, Beacon Press, Boston, Mass.USA)

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MCQUAIL, Dennis e GUREVITCH, Michael. “Explaining Audience Behavior: Three Approaches Considered” in: Blumler, Jay e Katz, Elihu. *The Uses of Mass Communications: Current Perspectives of Gratifications Research*. Sage Annual Reviews of Communications Research Volume III. London, 1974

MEYROWITZ, Joshua. *No Sense of Place – The Impact of Electronic Media on Social Behavior*. New York: Oxford University Press, 1985.

- MIÈGE, Bernard. *O Pensamento Comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MONTARDO, Sandra. *Uma teoria crítica dos novos meios de comunicação*. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 18, 2006. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/320/251>. Acessado em 24 jan. 2011.
- MORAGAS, Miguel. *Comunicacion Alternativa y tipologia de los médios*. Lima, Peru, I Foro Internacional de la Comunicacion Social “Comunicacion y Poder”, junio, 1982.
- MORAES, Denis de. (org.) *Globalização, Mídia e Cultura Contemporâneas*. Campo Grande: Ed. Letra Livre, 1997.
- MORAES, Dênis de. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MORAES, Dênis de. *Planeta mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo Grande: Letra Livre, 1998. 287p.
- MORAN, José Manuel. *Leitura dos Meios de Comunicação*, São Paulo: Editora Pancast, 1993.
- MORRIS, Merrill & Ogan, Christine. *The Internet as Mass Médium*. Indiana University, 1996. disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol1/issue4/morris.html>
- MUNIZ SODRÉ. “Eticidade, campo comunicacional e midiatização. in MORAES, Denis de (org). *Sociedade Midiatizada*. Tradução de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lúcio Pimentel, Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MUSSO, Pierre. “Figura reticular da utopia tecnológica” in MORAES, Denis de (org). *Sociedade Midiatizada*. Tradução de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lúcio Pimentel, Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A Vida Digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PALACIOS, Marcos. *Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: Apontamentos para Discussão*. < <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html> > (19/11/1998)
- PALÁCIOS, Marcos. *Natura non facit saltum: promessas, alcances e limites no desenvolvimento do jornalismo on-line e da hiperficção*. E. COMPÓS Vol. 2. 2005
- PARENTE, André. (org.). Prefácio in *Tramas na rede (novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação)*, Editora Sulina, Porto Alegre, 2004, 303 pp.,
- PAVELOSKI, Alessandro. *Subsidios para uma teoria da Comunicação digital*, Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 4. Temática Variada, 2004. Disponible en <http://www.cibersociedad.net>
- PELLANDA & E PELLANDA (org). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. 2000.
- PEREIRA DA SILVA, Sivaldo. *Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e Cibercultura: Trajetória, modelos e vetores metodológicos*, E-COMPOS, Grupo de Trabalho

“Comunicação e Cibercultura”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

PORTO RENO, Denis & Pimenta, Caroline Petian. *A prática do jornal laboratório digital pelo estudante de Jornalismo contemporâneo: novos resultados obtidos*. INOVCOM Vol. 2, Nº 2 2007

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo, Cultrix, 1993.

PRETTO, Nelson De Luca. & SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008. 232 p

PRIMO, Alex & Fernando Teixeira. *A Emergência das Comunidades Virtuais*. <<http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo>> (16/10/1998)

PRIMO, Alex. *Interação Mediada Por Computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Sulina: 2007.

PRIMO, Alex. *A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva*. Galáxia, v. 16, 2008. disponível em http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/caso_Isabella_e_Madeleine.pdf

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. *Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia*. Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . *Comunidades de blogs e espaços conversacionais*. Prisma.com, v. 3, p. 1-15, 2006.

QUADROS, Claudia & Quadros, Itanel. *Em cartaz: o jornalismo do futuro*. Contemporânea Vol. 6, Nº 1 2008

RHEINGOLD, Howard. *La Comunidad Virtual. Una sociedad sin fronteras*. Colección Limites de La Ciencia. Gedisa Editorial. Espanha. 1996.

RICARDO, Militão de Maya. “Do Rock and Roll à Internet: música, comunicação e juventude dos dos anos 50 aos anos 90”. In PELLLANDA , Nize Maria Campos & Pellanda, Eduardo Campos (orgs). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

ROSNAY, Joel de. *Les Rendez-vous du Futur*. 1991.

ROSNAY, Joel de & Fayard, Carlo Revelli. *La révolte du pronétariat: des mass média aux média de masses*, 2006 disponível em [http:// www.pronetariat.com](http://www.pronetariat.com)

ROSNAY, Joel de. *O homem simbiótico: perspectivas para o terceiro milênio*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 (Do original *L'homme symbiotique, regards sur le troisième millénaire*, 1995)

- RUDIGER, Francisco. *Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina. 2003
- RUDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura: tecnocracia, humanismo e crítica no pensamento contemporâneo*, Porto Alegre: Sulina. 2ª ed. 2007
- RUDIGER, Francisco. *Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- SAAD CORRÊA, Elizabeth & ABREU DE SOUSA, André de & RAMOS, Daniela Osvald. *O estudo das redes sociais na comunicação digital: é preciso usar metáforas? A contemporaneidade do campo comunicacional*. Universidade de São Paulo, Brasil, disponível em <http://www.ec.ubi.pt/ec/06/pdf/elizabeth-correa-redes-sociais.pdf>
- SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado*. São Paulo: Hacker Dores. 2001.
- SANTAELLA, Lucia. Os espaços líquidos da cibermídia. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. www.COMPÓS.com.br/e-COMPÓS Abril de 2005 - 2/13
- SCHRAMM, Wilbur – *Tecnologia Educacional e Meios de Ensino*. Porto Alegre, Fundação Educacional Padre Landell de Moura, 1980.
- SFEZ, L. *Crítica da Comunicação*. Loyola, 2000.
- SILVA,
- TRIVINHO, Eugênio. *Bunker glocal: configuração majoritária sutil do imaginário mediático contemporâneo e militarização imperceptível da vida cotidiana*. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, vol. 5 n. 12. p. 11-34, mar.2008.(Dossiê).
- VATTIMO, Gianni. *La sociedad transparente*. Barcelona: Paidós, 1990.
- VERON, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix-EDUSP, 1981
- VIRILIO, Paul. *Cibermundo: a política do pior*. Lisboa: Teorema, 2000
- WANDELLI, Raquel. *Leituras do Hipertexto: Viagem ao Dicionário Kasar*. Imprensa Oficial, 2003
- WEAVER, D.H. 'Mass Communication Research at the End of the 20th Century: Looking Back and Ahead', paper presented to the International Conference of School of Journalism and Communication, Chinese University of Hong Kong, Hong Kong, 2000 (apud) KIM, S. T & WEAVER, E. © *Communication Research about the Internet: 2002* SAGE Publications. All rights reserved. Downloaded from <http://nms.sagepub.com> at PENNSYLVANIA STATE UNIV on February 8, 2008 (535p)
- WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione & HOLFELDT, Antonio (org). *Tensões e objetos de Pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002
- WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais – parte 1*. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001

- WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- WIMMER, R.D. and J.R. Dominick (2000) *Mass Media Research: An Introduction*, 6th edn. Belmont, CA: Wadsworth. (apud) KIM, S. T & WEAVER, E. © *Communication Research about the Internet: 2002* SAGE Publications. All rights reserved. Downloaded from <http://nms.sagepub.com> at PENNSYLVANIA STATE UNIV on February 8, 2008 (535p)
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação. Mass media: contextos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmaking*. Lisboa: Presença, 1987.
- WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Traduzido por Zélia Leal. Brasília: UnB, 2004. Adghirni. (Texto original *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997.
- WOLTON, Dominique. *Pensar a internet*. 24 Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 15 • agosto 2001 • quadrimestral (Texto originalmente publicado em *Internet – petit manuel de survie*. Paris, Flammarion, 2000. Cedido pelo autor. Traduzido por Daniela Dariano.)
- WOLTON, Dominique. *Internet e depois? Para uma teoria crítica dos novos mídias*. Algés: Difel, 1995/2001
- ZUZA, Erika dos Santos. *O uso do blog por meios jornalísticos no Brasil*. INOVCOM, Vol. 1, Nº 2, 2006

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – SUMÁRIO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA ÁREA DE
COMUNICAÇÃO SOBRE A INTERNET – 2000-2010

Nome do autor	Abreviatura	Formato	Estudos
Alex Primo	AP	Capítulo	Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade in 1 PRETTO, Nelson De Luca. & SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. 232 p (pág. 51-68)
		Livro	Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.
		Artigo	A emergência das comunidades virtuais. In: Intercom 1997 – XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais. In: Santos, 1997. Disponível em: http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf .
		Artigo	Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.
		Artigo	Ferramentas de interação em ambientes educacionais mediados por computador. Educação, v. XXIV, n. 44, p. 127-149, 2001. Disponível em: http://www.pesquisando.atravesda.net/ferramentas_interacao.pdf .
		Artigo	& Luciano Roth. Comunicação e inteligência artificial: interagindo com a robô de conversação Cybelle. In: MOTTA, L. G. M. et al. (Eds.). Estratégias e culturas da comunicação ed.Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 83-106.
		Artigo	Conhecimento e interação: fronteiras entre o agir humano e inteligência artificial. In: LEMOS, A.; P. CUNHA (Eds.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 37-56.
		Artigo	& RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003.
Artigo	& RECUERO, Raquel da Cunha; ARAÚJO, Ricardo Matsumura. Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. Revista fronteira, v. VI, n. 1, p. 91-113,		

		2004.
Artigo		Quão interativo é o hipertexto?: Da interface potencial à escrita coletiva. <i>Fronteiras: Estudos Midiáticos</i> , São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003
Artigo		Conflito e cooperação em interações mediadas por computador. <i>Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura</i> , v. 3, n. 1, p. 38-74, Jun. 2005. Disponível em: http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/2aprimeiro%20j05w.pdf
Artigo		Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. <i>404NotFound</i> , n. 45, 2005. Disponível em:< http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtf0und/404_45.htm >.
Artigo		& SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. <i>E 288ompôs</i> , v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006.
Artigo		& SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . Comunidades de blogs e espaços conversacionais. <i>Prisma.com</i> , v. 3, p. 1-15, 2006.
Artigo		O aspecto relacional das interações na Web 2.0. <i>E- Compôs (Brasília)</i> , v. 9, p. 1-21, 2007
Artigo		Avaliação qualitativa de interações em redes sociais: Relacionamentos no blog Martelada. <i>Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo)</i> , v. 4, p. 137-158, 2007.
Artigo		Interney Blogs como micromídia digital: Elementos para o estudo do encadeamento midiático. In: 17º Encontro Anual de Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. Anais. 2008. p.1 – 17.
Artigo		Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. In: <i>Revista da Famecos</i> , n.o 36, agosto de 2008, Porto Alegre. (pp 122-128) Disponível em http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/36/primo.pdf
Artigo		Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2008, Natal. Anais, 2008.

			Disponível em http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf
		Artigo	A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva. Galáxia, v. 16, 2008. No prelo.
		Artigo	Existem celebridades da e na blogosfera? Reputação e renome em blogs1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVIII Encontro da Compôs, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.
André Lemos	AL	Livro	& Lévy, Pierre. O Futuro da Internet. Em direção a uma ciberdemocracia planetária., São Paulo, Editora Paulus, 264p., 2010.
		Capítulo	Janelas do Ciberespaço. Porto Alegre: Sulina. 2ª Edição – 2004 – 279 pág (Coleção Cibercultura)
		Livro	Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002. 328p. (Coleção Cibercultura)
		Livro	& JOSGRILBERG, F. (Org.) . Comunicação e Mobilidade. Aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009. v. 1. 156 p
		Livro	Caderno de Viagem. Comunicação, Lugares e Tecnologias. Porto Alegre: Editora Plus, 2010. v. 1. 353 p.
		Artigo	Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana ^{JCR} , v. 2, p. 155-166, 2010.
		Capítulo	Cibercidade: as cidades na cibercultura. RJ: E-papers, 2004. (Coleção Cibercultura)
		Capítulo	Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003 (Coleção Cibercultura)
		Capítulo	Cibercultura e mobilidade: a era da conexão in Derivas: cartografias do ciberespaço. SP: Annablume/Senac, 2004

	Capítulo	Apropriação, desvio e despesa na cibercultura. in Genealogia do Virtual: comunicação cultura e tecnologias do imaginário. Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (orgs.Porto Alegre: Sulina. 2004.
	Artigo	& NOVAS, Lorena. Cibercultura e Tsunamis.Tecnologias de Comunicação Móvel, Blogs e Mobilização Social.]] In Revista Famecos, n. 26, pp. 29-40, Porto Alegre, PUC-RS, 2005. http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/tsunamis.pdf
	Artigo	A Arte da Vida. Diários Pessoais e Webcams na Internet. In Cultura da Rede. Revista Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002. http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte%20da%20vida.htm
	Artigo	O Imaginário da Cibercultura. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 46-53, 1998.
	Prefácio	Blogs.com. In: Adriana Amaral, Raquel Recuero e Sandra Montardo. (Org.). Blogs.com. Estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento editorial, 2009, v. , p. 07-21.
	Capítulo	Cities and Mobility. In: Bastos, M., Beiguelman, G., Bambozzi, L. Minelli, R.. (Org.). Appropriations of the (um) Common. Public and Private Space in Times of Mobility.. São Paulo: Instituto Sérgio Mota, 2009, v. , p. 40-57.
	Capítulo	Mídias Locativas e Territórios Informacionais. In: Lucia Santaella, Priscila Arantes. (Org.). Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir. São Paulo: EDUC, 2008, v. , p. 207-230.
	Capítulo	Comunicação e práticas sociais no espaço urbano. In: Henrique Antoun. (Org.). Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, v., p. 49-64
	Capítulo	Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. In: Médola, Ana Silvia; Araújo, Denise; Bruno, Fernanda. (Org.). Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007, v. 1, p. 277-293.
	Capítulo	VALENTIM, J. The Unplugged City and the Global Nomad. In: Nalini Rajan. (Org.). Digital Culture Unplugged. Probing the native cyborg's multiple locations. London, New York, New Deli: Routledge,

		2007, v. , p. 78-99.
Capítulo		Luxo ou Lixo? Origens e atualidades da Cultura “DigitalTrash”. In: Vinícius Andrade Pereira. (Org.). Cultura Digital Trash: Linguagens, Comportamentos e. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007, v. , p. -.
Capítulo		Software Livre e Globalização contra-hegemônica. In: ECompôs Canetti, Priscila Arantes, Renata Motta. (Org.). Conexões Tecnológicas. São Pauli: Instituto Sérgio Motta, 2007, v. , p. 44-64
Capítulo		Ciber-Cultura-Remix. In: Denize Correia Araújo. (Org.). Imagem. (Ir) Realidade, Comunicação e Cibernídia. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006, v. 1, p. 52-65.
Capítulo		Interferências na Cultura das Redes. In: Gonçalo Furtado. (Org.). Interferências. Conformação, implementação e futuro da cultura digital.. Porto: Mute Arquitetos, 2005, v. , p. 5-7
Capítulo		& CARDOSO, C. ; PALACIOS, M. . Revisitando o Projeto Sala de Aula no Século XXI. In: Bohumila Araújo; Compôs Siqueira de Freitas. (Org.). Educação a Distância no Contexto Brasileiro: algumas experiências da UFBA. Salvador: ISP/UFBa, 2005, v. , p. 09-30
Capítulo		Ciudad, comunicación y cibercultura. In: Octavio 291ompô C.. (Org.). Internet y la sociedad de la información. Quito, Ecuador: CIESPAL, 2005, v. 1, p. 215-252
Capítulo		Cidade, Tecnologia e Interfaces. Análise de Interface de Portais Governamentais Brasileiros. Uma proposta metodológica. In: Antônio Fidalgo; Paulo Sena. (Org.). Estética e Tecnologias da Imagem. Covilhã: Editora da Universidade da Beira Interior, 2005, v. II, p. 283-293.
Capítulo		Ciber-Cultura-Remix. In: 291ompôs Tavares; Suzette Venturelli. (Org.). Cinético Digital. São Paulo: Itaú Cultural, 2005, v. , p. 71-78.
Capítulo		Cibercidades: Um modelo de inteligência coletiva. In: André Lemos. (Org.). Cibercidade. As cidades na cibercultura. Rrio de Janeiro: E-Papers, 2004, v. 1, p. 19-26.
Capítulo		Micronações Virtuais. Cidadania e Cibercultura. In: André Lemos. (Org.). Cibercidade. As cidades na

		cibercultura. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004, v. 1, p. 151-174.
Capítulo		Apropriação, desvio e despesa na Cibercultura. In: Francisco Menezes, Juremir Machado da Silva. (Org.). A GENEALOGIA DO VIRTUAL Comunicação, cultura e tecnologias do imaginário Porto Alegre: Sulina, 2004, v. 1, p. 171-189.
Capítulo		Cibercultura e Mobilidade. A era da conexão. In: Lucia Leão. (Org.). Derivas: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004, v. , p. 17-44.
Capítulo		Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: André Lemos, Paulo Cunha. (Org.). Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003, v. , p. 11-23.
Capítulo		Aspectos da Cibercultura. Vida Social nas Redes Telemáticas. In: José Aidar Prado. (Org.). Cultura das Redes. São Paulo: Hacker, 2002, v. , p. -.
Capítulo		Ciber-flânerie. In: Dinorá Fraga da Silva; Sueli Fragoso. (Org.). Comunicação na Cibercultura. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001, p. 45-60.
Capítulo		Ciberflânerie. In: Armindo Bião; Antonia Pereira; Luiz Cláudio Cajaiba; Renata Pitombo. (Org.). Temas em Contemporaneidade, imaginário e teatralidade. São Paulo: AnnaBlume, 2000, v. 1, p. 83-94.
Capítulo		Cibercidades. In: André Lemos; Palácios, Marcos. (Org.). Janelas do Ciberespaço. Comunicação e Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2000, v. 1, p. 9-38.
Capítulo		A Copacabana de Fausto Fawcett. Sobre flânerie, hipertextos e cyberpunks. In: Antonio Fausto Neto; Antonio Hohlfeldt; Jose Aidar Prado. (Org.). Comunicação e corporeidades. Comp Pessoa: Compôs/UFPb, 2000, v. , p. 13-44.
Capítulo		Cibercultura: Técnica, Sociabilidade e Civilização do Virtual.. In: Nelson Pretto; Jose Sergio Gabrielli. (Org.). Globalização e Educação.. Injuí: Injuí, 1999, v. , p. 78-98.
Capítulo		Ciber-Socialidade – Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.. In: Ione Bentz; Albino Rubim; José Milton Pinto. (Org.). Práticas Discursivas na Cultura Contemporânea.. São Leopoldo:

			Unisinos, 1999, v. , p. 9-22.
		Capítulo	Bodynet e netcyborgs: sociabilidade e novas tecnologias na cultura contemporânea.. In: Ione Bentz; Albino Rubim; José Milton Pinto. (Org.). Comunicação e Sociabilidade nas Culturas Contemporâneas.. Petrópolis: Vozes, 1999, v. , p. 9-26.
		Capítulo	Ciberespaço. Cibionte e Inteligência Coletiva?. In: Dinorá Fraga da Silva; Renata Vieira. (Org.). Ciências Cognitivas em Semiótica e Comunicação. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999, v. , p. 133-148
		Capítulo	Arte Eletrônica e Cibercultura.. In: Juremir Machado da Silva; Francisco Menezes. (Org.). Para Navegar no Século 21. Tecnologias do imaginário e Cibercultura.. Porto Alegre: Sulina, 1998, v. , p. 225-244.
		Capítulo	The Labyrinth of Minitel. In: Rob Shields. (Org.). Cultures of Internet. Londres: Sage, 1996, v. , p. 13-29
		Livro	Cultura das Redes. Ciberensaios para o século XXI. Salvador: Edufba, 2002. v. 1. 73 p
André Parente	APa	Livro	Imagem Máquina . A Era das tecnologias do Virtual . Ed.34 . São Paulo .1999.
		Livro	O Virtual e o Hipertextual. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999. 112 p. (ilustr.)
		Livro	Tramas da rede. Porto Alegre; Sulina, 2004. (Coleção Cibercultura)
Ciro Marcondes Filho	CMF	Artigo	A Sociedade Frankenstein in http://www.sel.eesc.usp.br/informatica/graduacao/material/etica/private/a_sociedade_frankenstei n.pdf
		Artigo	Haverá vida após a internet? Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 16 • dezembro 2001 (p.35-45)
Denis de Moraes	DM	Capítulo	A Tirania do Fugaz: Mercantilização cultural e saturação midiática. In MORAES, Denis (org. Sociedade Mediatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

		Livro	Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
		Livro	Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre. 1997. 262p.
		Livro	Planeta mídia: tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Letra Livre, 1998. 287p
Denize Araújo	DA	Livro	Imagem (ir)realidade: Comunicação e cibermidia Porto Alegre: Sulina. 2006 – 328 pág (Coleção Cibercultura)
		Artigo	Estudos sobre Comunicação e Cibercultura no Brasil: Conceitos, Tendências e Clusters in http://www.alaic.net/Boletin/enero-febrero/doctos/1%20Correa.pdf
Erick Felinto	EF	Artigo	Relato de “Cibercultura, Sociosemiose e Morte”, de Eugênio Trivinho. In GT Cibercultura, COMPÓS, 2004
		Livro	A Religião das Máquinas – ensaios sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina. 1ª Edição – 2005 – 142 pág. (Coleção Cibercultura)
		Livro	Passeando no labirinto. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
Eugênio Trivinho	ET	Livro	Redes: Obliterrações no fim do século. São: Annablume. FAPESP.1998
		Livro	A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.
		Artigo	Cyberspace: crítica da nova comunicação. São Paulo: Biblioteca da ECA/USP, 1999. 466 p.
		Artigo	Comunicação, Glocal e Cibercultura: bunkerização da existência no imaginário mediático contemporâneo in http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_et.pdf
		Artigo	O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001a.

		Artigo	Cibercultura, iconocracia e hipertexto: autolegitimação social na era da transpolítica e dos signos vazios. Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura-Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, São Paulo, EDUC, n. 1, p. 111-125, 2001b. Meio digital: http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1267/1038
		Artigo	Cibercultura, sociossemiose e morte: sobrevivência em tempos de terror dromocrático; COMPÓS 2003. XII Reunião anual da Associação de Pós-Graduação em Comunicação. Caderno de resumos; 2003; 1; 8; 9; XII Encontro Nacional da COMPÓS; Recife/PE; BRASIL; Português; ; Meio digital: texto completo: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/BookdoGT2003DOC.zip ; Anais de evento..
Francisco Menezes Martins	FMM	Livro	Impressões Digitais: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2008. (coleção cibercultura)
Francisco Rudiger	FR	Livro	Introdução às teorias da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.
		Livro	Elementos para a crítica da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2002.
		Livro	Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre: Edipucrs, 2008
		Resenha	Crítica e reflexividade na cibercultura – resenha de Trivinho, E. A dromocracia cibercultural. Lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.
		Artigo	Dromocracia, cibercultura e transpolítica: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada
Juremir Machado da Silva	JMS	Livro	As tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2003. (Coleção Cibercultura)
		Livro	(org) Para navegar no século 21 – tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: EDPUCRS e Editora Sulina, 2003. p. 137-160.
Lucia Leão	LL	Capítulo	As derivas e os mapas in Derivas: cartografias do ciberespaço. SP: Annablume/Senac, 2004.

		Capítulo	Mapas e territórios: explorando os labirintos da informação no ciberespaço. In: Geane Alzamora; André Brasil. (Org.). Cultura em Fluxos: novas mediações em rede. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005, v. , p. 294-305.
		Livro	O Labirinto da Hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.
		Capítulo	Labirintos e mapas do ciberespaço. In: Lucia Leão. (Org.). InterLab: labirintos do pensamento contemporâneo. 1 ed. São Paulo: Editora Iluminuras - FAPESP, 2002, v. 1, p. 15-30.
		Artigo	Corpo, performance e redes.. Polêmica Imagem, v. 16, p. 16, 2006.
		Artigo	Hipertexto e a estrutura do labirinto. 2000. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
		Artigo	Colóquio: Pensamento Complexo e Novas Tecnologias em Comunicação. 1999. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra)
Lucia Santaella	LS	Artigo	Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. In: Lucia Leão (org). Derivas: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004
		Artigo	Por que as comunicações e as artes estão convergindo? São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção: questões fundamentais da comunicação)
		Livro	Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2008.
		Livro	Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
Marcos Palácios	MPa	Livro	André Lemos; Palácios, Marcos. (Org.). Janelas do Ciberespaço. Comunicação e Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2000, v. 1, p. 9-38.
		Livro	& RIBAS, Beatriz . Manual de Laboratório de Jornalismo na Internet. 1. ed. Salvador: EDUFBA- Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007. v. 01. 92 p.
		Livro (org)	DIAZ, Javier (Org.);. Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas.

		Salvador: EDUFBA- Editora da Universidade da Bahia, 2008. 362 p.
Capítulo		& HOLANDA, André ; QUADROS, Claudia ; SILVA, Jan Alyne Barbosa e . Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil. In: Diaz Noci, Javier; 297átia297297297, Marcos. (Org.). Metodologia para o estudo dos cibermeios: Estado da arte & perspectivas. Salvador: EDUFBA- Editora da Universidade da Bahia, 2008, v. , p. 261-278.
Capítulo		A internet como 297átia e ambiente: reflexões a partir de um experimento em rede local de participação. In: MAIA, R.; CASTRO, M. C. P.S.. (Org.). 297átia, esfera pública e identidades coletivas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, v. , p. 229-244
Capítulo		Mundo Digital. In: RUBIM, Albino. (Org.). Cultura e Atualidade. Salvador: EDUFBA, 2005, v. , p.
Capítulo		Communication and New Technologies in Brazilian Communication Thinking. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo; MELO, José Marques de; MOREIRA, Sonia Virgínia; BRAGANÇA, Aníbal. (Org.). Brazilian Research in Communication (Bilingual edition). São Paulo: Intercom, 2005, v. , p. 98-112.
Capítulo		Polarização, Inclusão e Exclusão Social: uma proposta de monitoramento do Projeto Aveiro Digital . In: LEMOS, André. (Org.). Cibercidade: as cidades na Cibercultura. Rio de Janeiro: e-Papers, 2004, v. , p. 23-35.
Capítulo		& CARDOSO, Kátia. Revisitando o Projeto Sala de Aula no Século XXI. In: Bohumila Kátia; Kátia Siqueira de Freitas. (Org.). Educação a Distância no contexto brasileiro: algumas experiências da UFBA. Salvador: Editora do ISP – Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público, 2005, v. , p. 9-29.
Artigo		Internet e modelos teóricos, modos de ver e modos de usar. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd rom] http://hdl.handle.net/1904/5402
Capítulo		Jornalismo em ambiente plural? Notas para discussão da Internet enquanto suporte para a prática jornalística. In: Brasil, André; Falci, Carlos Henrique; Jesus, Eduardo de; Alzamora, Geane. (Org.).

			Culturas em fluxo. Novas mediações rede. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2004, v. , p. 84-99
		Capítulo	Comunicação, Globalização e Mal-Estar ou Ressuscitando McLuhan para uso em tempos de crise. In: Nadia Carneiro; Sonia Cabeda. (Org.). O Mal Estar no Fim do Século XX. Feira de Santana: Editora Sagra, 1997, v. , p.
		Capítulo	& MACHADO, Elias. Competências digitais dos profissionais de Comunicação: confrontando demandas de mercado e experiências pedagógicas. In: Palacios, Marcos, Machado, Elias. (Org.). O Ensino do Jornalismo em Redes de Alta Velocidade. Salvador: EDUFBA, 2007, v. , p. 61-84.
		Artigo	Cyberspace as System and Environment: a discussion based on empirical observations. In: 23rd. IAMCR/AIECS/AIERI Conference, 2002, Barcelona. Coomunication Technology Policy: Papers, 2002.
		Artigo	Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. In: Encontro Anual da COMPÓS, 1999, Belo Horizonte, 1999.
		Capítulo	Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória . In: Elias Machado; Marcos Palacios. (Org.). Modelos de jornalismo digital. Salvador: Editora Calhandra/Edições GJol, 2003
Raquel Recuero	RR	Livro	Redes Sociais na Internet. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.
		Capítulo	& AMARAL, Adriana ; MONTARDO, Sandra . Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. (Org.). Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento, 2009, v. 1, p. 27-54.
		Capítulo	Mapeando Redes Sociais na Internet através da Conversação Mediada pelo Computador. In: 298ª Maria Hetkowsky e Antonio Dias Nascimento. (Org.). Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009, v. , p. 251-274.
		Capítulo	Redes sociais, capital social e difusão e informações. In: Mario Lima Cavalcanti. (Org.). Eu Mídia – A Era Cidadã e o Impacto da Publicação Pessoal no Jornalismo. Rio de Janeiro: Opvs, 2008, v. , p. 45-62.

	Capítulo	O Digital Trash como Mainstream: Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na Internet. In: Vinícius Andrade Pereira. (Org.). Cultura Digital Trash: Linguagens, Comportamentos e Desafios. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, v. , p
	Capítulo	Comunidades Virtuais: Uma abordagem teórica. In: Beatriz Dornelles. (Org.). Compôs, Imprensa e as Novas Tecnologias. 1 ed. Porto Alegre: edipucrs, 2002, v. 24, p. 221-240.
	Artigo	Tipologia de Fotologs Brasileiros no Fotolog.com. E-Compôs (Brasília), v. 9, p. 01, 2007.
	Artigo	Comunidades Virtuais no IRC: Apontamentos para estudo. In: Liziane Guazina; Nadia Vanti. (Org.). Comunicação e Informação: Ensaio e Críticas. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006, v. , p. 42-73.
	Artigo	O Capital Social e as Redes Sociais na Internet. In: XIV COMPÓS, 2005, Niterói. Anais da XIV Compôs, 2005.
	Artigo	Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. In: XXVII Intercom, 2004, Porto Alegre. Anais do XXVII Intercom, 2004.
	Artigo	Mememes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Revista FAMECOS, v. 32, p. 23-31, 2007.
	Artigo	Comunidades em redes sociais na internet: um estudo de caso dos fotologs brasileiros. Liinc em Revista, v. 4, p. 63-83, 2008.
	Artigo	Estratégias de Personalização e Sites de Redes Sociais: Estudo de caso da apropriação do Fotolog.com. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v. 5, p. 35-56, 2008
	Artigo	O Interdiscurso Construtivo como Característica fundamental dos Webrings. InTexto, Porto Alegre, v. 10, 2004. http://pontomidia.com.br/raquel/intextoraquelrecurso.pdf
	Artigo	Adicionar um comentário: Mecanismos de conversação em Weblogs e Fotologs Brasileiros. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 9, p. 1-15, 2009.
	Artigo	Dinâmicas de Redes Sociais no Orkut e Capital Social. Razón y Palabra, v. 52, p. 1-15, 2006.

		Artigo	Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. Verso e Reverso (São Leopoldo), v. 2008/3, p. 1-15, 2008.
Suely Fragoso	SF	Artigo	Cibergeografia Midiática: proposta de confluência de quatro abordagens quantitativas com vistas à construção de uma metodologia quanti-qualitativa para investigações empíricas da World Wide Web. Contracampo (UFF), v. 14, p. 56-70, 2006
		Artigo	De interações e interatividade. Revista Fronteiras Estudos Midiáticos, São Leopoldo - RS, v. 3, n. 1, p.83-95, 2001.

APÊNDICE 2 – CITAÇÕES LITERAIS DOS ESTUDOS

Conceito, Características e Efeitos do Ciberespaço.

ANDRÉ LEMOS

Um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e homepages, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema. (2002: 93)

O ciberespaço é a encarnação (sic) tecnológica do velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos que persegue o homem desde os tempos ancestrais (...) pode ser visto como um espaço sagrado, um lugar de movimentação de conhecimentos e de informações, um espaço de encruzilhadas (2002: 138)

O ciberespaço já mostrou ser uma incubadora de processos midáticos, sendo a dimensão social agregadora um de seus pontos fortes. (2001: 22)

O ciberespaço é para os tecnopagãos um espaço imaginário (2002: 140)

Comporta-se como um espaço mágico (...) comprimido pelo tempo real” (p.141)Potencializador das dimensões lúdicas, eróticas, hedonistas e espirituais da cultura contemporânea” (2002: 140-141)

Espaço simbólico onde se realizam, todos os dias, ritos de passagem do espaço físico e analógico ao espaço digital sem fronteiras. Conectar-se ao ciberespaço significa ainda, mesmo que simbolicamente, a passagem da modernidade (onde o espaço é esculpido pelo tempo) à pos-modernidade (onde o tempo comprime o espaço), de um social marcado pelo indivíduo autônomo e isolado ao coletivo tribal e digital (2002:142)

O ciberespaço representa o mais recente desenvolvimento e evolução da linguagem. Os signos da cultura, textos, música, imagens, mundos virtuais, simulações, software, moedas, atingem o último estágio da digitalização. Eles tornam-se ubiqüitários da rede – no momento em que estão em algum lugar estão em toda parte – e interconectam-se em um único tecido multicor, fractal, volátil, inflacionista que é, de toda forma, o metatexto englobante da cultura humana. (2002:14)

A cidade e as cibercidades devem ser vistas como formas espaço-temporais que se constroem pelo movimento: transporte e comunicação. No processo de virtualização das cidades deve acontecer, para que as cibercidades possam assim ser chamadas, formas de transporte e comunicação, onde os percursos de pessoas pelo espaço informativo a partir de trocas comunicacionais possam se inserir em trocas de informação entre elas. Cidade e circuitos eletrônicos mantem assim uma analogia que vai além da mera metáfora: ambas fazem circular (transporte) informação pelo mapeamento de objetos e instrumentos, provocando situações de comunicação. (2001:12-13)

(...) insistir em formas de fluxos comunicacionais e de transporte através da ação a distância (características das redes telemáticas). São simulações de quase-objetos; ícones e símbolos gráficos como praças, ruas, monumentos. O cibercidadão não é um flâneur que passa pelas ruas, mas um ciberflâneur que clica nos links do ciberespaço, tendo uma relação muito mais intelectual do que corporal com o lugar. Este, com a cibercultura, se vê transformado, de agora em diante, em espaço de fluxo. O ciberespaço, como espaço urbano, é um sistema de signos e de significações (2001:14)

Navegar no ciberespaço é andar num labirinto onde escritor e leitor se confundem, aventureiros e conformistas convivem lado a lado. (2001: 48)

O ciberespaço, como um hipertexto mundial, torna-se a “ecologia” sociocultural da cibercultura, o espaço do ciber-flâneur que todos nós internautas somos um pouco. A sua estrutura em rede permite o livre caminhar por links, como um ciber-flâneur, experimentando a não-linearidade (ou multilinearidade), a multiplicidade e a heterogeneidade de pontos de vistas. (2001: 51)

LÚCIA LEÃO

A construção da teia mundial envolve o trabalho de diversas mentes distribuídas em diversas páginas. Seu crescimento e sua vitalidade não se encontram localizados em um ponto central e específico. Ao contrário é do caráter de autogeração e autopoiesis que a internet se desenvolve. Sem dúvida alguma, o que faz da web uma teia, uma rede na qual uma complexa malha de informações se interligam. É a própria tecnologia hipertextual que permite os elos entre os pontos diversos. (1999:23)

Camaleônio, elástico, ubíquo, irreversível, o ciberespaço não se reduz a definições rápidas. Partindo de um olhar tríplice, percebemos que o ciberespaço engloba: as redes de computadores interligadas no planeta (incluindo seus documentos, programas e dados); as pessoas, grupos e instituições que participam dessa interconectividade e, finalmente, o espaço (virtual, social, informacional, cultural e comunitário) que emerge das interrelações homens-documentos-máquinas.” (2004:09)

SUELY FRAGOSO

A instituição da “câmera virtual” colabora com a tentativa de apropriação por parte dos mídias digitais, do realismo comumente atribuído às imagens construídas conforme o código da perspectiva central. (...) Assim, a enunciação das imagens digitalmente geradas parece indicar que a modelagem computadorizada se limita a reproduzir e reforçar o conceito de espaço predominante no mundo ocidental desde a Renascença. (2001:109)

O ciberespaço é simultaneamente espaço sistematizado e agregado. Trata-se de um “espaço agregado” na medida em que é constituído a partir das relações dos elementos – virtuais que o compõem. A constante mobilidade e mutação dos elementos constituintes, os quais continuamente “entram” e “saem” do ciberespaço, permite identificar, no entanto, uma instância em que o ciberespaço é concebido como uma “não-entidade” ilimitada. Nesse sentido, trata-se de um “espaço absoluto” (2001:112).

O fato de que conseguimos “navegar” no ciberespaço, como entidade essencialmente complexa com crescente desenvoltura, ou, pelo menos com níveis decrescentes de ansiedade, talvez esteja realmente indicando a emergência de um novo modelo cognitivo, incorporado e retratado nas representações espaciais nos “novos” mídias. É possível que nossa familiaridade com o ciberespaço indique e favoreça formas multidimensionais de percepção e pensamento afinadas com as noções de complexidade anunciadas contemporaneamente ao advento dos chamados “novos mídias”. (2001:114)

A expressão hiperespaço é também utilizada com relativa freqüência em relação aos sistemas de hipertexto e hiperímia, de um modo geral sem maiores considerações sobre o efetivo estabelecimento de um espaço multidimensional a partir das hiperconexões. (2002:05)

LUCIA SANTAELLA

(...) o ciberespaço deve ser concebido como um mundo virtual global coerente, independente de como se acede a ele e como se navega nele. Tal qual uma língua, cuja consistência interna não depende de que os seus falantes estejam, de fato, pronuciando-a, pois eles podem estar

todos dormindo, em um dado momento imaginário, o ciberespaço, como uma virtualidade disponível, independe das configurações específicas que um usuário particular consegue extrair dele. Além disso, há várias maneiras de se entrar no ciberespaço. Pelas animações sensíveis de imagens no monitor do vídeo controlado pelo mouse, passando pela tecnologia da realidade virtual que visa recriar o sensorio humano tão plenamente quanto possível, até os eletrodos neurais diretos. (2005: 4)

“O ciberespaço é como Oz – existe, chegamos a ele, mas não tem localização” (Stenger 1993: 54). De que se constitui isso que existe em um lugar sem lugar e que é, ao mesmo tempo, uma miríade de lugares? Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso. Nessa realidade, da qual cada computador é uma janela, os objetos vistos e ouvidos não são nem físicos nem, necessariamente, representações de objetos físicos, mas têm a forma, caráter e ação de dados, informação pura. É certamente uma realidade que deriva em parte do funcionamento do mundo natural, físico, mas que se constitui de tráfegos de informação produzida pelos empreendimentos humanos em todas as áreas: arte, ciência, negócios e cultura (Benedikt 1993: 116, apud Santaella, 2005:5).

(...) um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em uma relação simbiótica que cresce exponencialmente graças à comunicação interativa. Trata-se, portanto, de um espaço informacional, no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de outros usuários. O ciberespaço inclui, portanto, todas as modalidades de uso que as redes possibilitam, de modo que a RV (realidade virtual) é apenas a extensão última desse processo até o ponto de produzir um grau de imersão sensoria total no ambiente simulado. Apesar do dissenso (sic), penso que a definição mais coerente de ciberespaço seria aquela que o considera como todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se na rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. Conclusão, ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente mais além da tela, por menor que esta seja, podendo caber até mesmo na palma de nossa mão. (2005:8)

Como o ciberespaço se relaciona com a realidade virtual, com a visualização da informação, com as interfaces gráficas dos usuários, com as redes, com os meios de comunicação múltiplos, com a convergência das mídias, com a hipermídia, com a net arte? Ele se relaciona com todos, inclui a todos, pois tem a capacidade de reunir e concentrar todas esses tentáculos em um mesmo espaço rizomático, sem começo nem fim. (2005: 04)

ERICK FELINTO

Desse modo, o ciberespaço se apresenta como uma terra incógnita a ser explorada pelos investigadores da cultura midiática contemporânea. Certamente, ainda não possuímos todos os mapas para desbravá-lo, mas isso não descaracteriza sua legitimidade como domínio adequado à investigação das representações sociais. O ciberespaço surge, assim, não apenas como um produto fundamental do projeto das tecnologias digitais, mas também como repositório inesgotável — e em crescente ampliação — de “textos” (escritos, visuais ou sonoros) a respeito desse novo mundo digital. Uma das dificuldades envolvidas, porém, na elaboração de “mapas” epistemológicos para a investigação da Internet reside simplesmente em suas gigantescas “dimensões”.

LUCRECIA FERRARA

Deslocando-se sem sair do lugar ou projetando-se para o futuro para reencontrar o passado, o ciberespaço encontra sua escritura no modo de se situar no tempo e no espaço: um modo desencontrado e divergente, disperso e hetero, diferente daquilo que se viveu e poderá ser vivido, porque o tempo não é real, pois não existe o irreal, e o espaço não é perto ou distante, porque sem se deslocar, simplesmente é. Esse espaço-tempo heterodoxo constitui não uma unidade, mas o discurso do espaço sobre o tempo ou as nuances do tempo através da fala do espaço ou pelo que essa fala sugere sobre si mesma ao dizer o tempo. Essa fala assinala o fim do tempo como narrativa da duração que situava e classificava historicamente a vida entre “antes” e “depois”. (2000: <http://abciber.org/publicacoes/livro1/textos/o-espaco-liquido/>)

Conceito, Características e Efeitos da Cibercultura

FRANCISCO RUDIGER

a cibercultura é o movimento histórico, a conexão dialética entre o sujeito humano e suas expressões tecnológicas, através da qual transformamos o mundo e, assim, nosso próprio modo de ser interior e material em dada direção (cibernética)” (2004: 54).

CIRO MARCONDES FILHO

Não somos mais marcados somente pelo tempo abstrato do relógio; somos marcados agora pela exigência nervosa de estar no tempo mais atual, mais presente que o presente. Autores contemporâneos mencionam diversas associações que são feitas ao instantâneo da era atual: eles falam da ditadura do instantâneo, da violência intrínseca aos processos rápidos, da prevalência do emocional, da ausência de reflexão, em suma, de todos os componentes que fazem parte das formas totalitárias. (2001: 23)

A internet é o mundo, é a hydra social que absorve tudo dentro do domicílio, janela de intervenção no mundo e de transposição do mundo para dentro de casa. Sistema que dispensa a ágora, de onde o homem trazia a infelicidade para dentro de casa. Ela resolve a contradição hegeliana dos homens que se tranqüilizavam dentro de casa, mas perdiam o mundo. Nesse aspecto, ela é inovação, transformação cultural que funde os campos do real e do imaginário, princípio de realidade e princípio do prazer, ágora e imagem, infelicidade e felicidade. (2001: 42)

ANDRÉ LEMOS

Jovem cultura urbana, das tecnologias do tempo real e as agregações comunitárias ou não, as redes telemáticas, a veiculação digital do erotismo e mesmo do pornográfico, as lutas micropolíticas e globais (tencoanarquistas, visionários), o misticismo e o hedonismo (ravers, zippies)...Se o objetivo do estudo é o de escutar a “vida social que fala através do barulho maquínico e eletrônico da tecnologia contemporânea.” 2002:23)

[A CIBERCULTURA É A] forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com as convergências das telecomunicações com a informática, na década de 70” (2003:12).

A cibercultura fornece vários exemplos de uma despesa excessiva, não acumulativa e irracional de bits. Dançar por horas em festas tecno, viajar por vínculos banais e efêmeros do ciberespaço, produzir vírus, penetrar sistemas de computador, trocar informação frívola em bate-papos e grupos temáticos, etc, refletem essa orgia de signos que preenchem nossa realidade cotidiana desse fim de século. Muitos intelectuais contemporâneos criticam a internet justamente por esse caráter frívolo, de despesa e excesso improdutivo. (2002:243)

EUGÊNIO TRIVINHO

A cibercultura nomeia o presente: transnacional, põe-se *partout*, desdobra-se em ritmo vertiginoso, ramifica-se sem controle e se complexiza (sic) sem possibilidade de reversão (sinalização que se põe para além de qualquer vínculo exclusivo com o cyberspace – suas injunções contextuais, seus processos internos, suas potencialidades –, antes dizendo respeito à matriz virtual de dispositivos comunicacionais e às mudanças direta ou indiretamente derivadas de sua inserção em diferentes setores da vida humana). Abrangendo um sem-número de acontecimentos, processos e tendências, na esteira da circulação de objetos e produtos informáticos e da diversificação interna e desdobramento social da rede, a cibercultura se apresenta como fenômeno paradoxal que desafia a reflexão teórica, em escala nacional e internacional. Entrelaçada às principais características da pós-modernidade, ela retém, em seu bojo, aspectos da tradição e da modernidade; reescreve e reescala a mundialização mercantil da cultura e da informação, ao lhes dar ambiência cibericônica, hipertextual e interativa; vigora como condição *sine qua non* – embora normalmente pouco notada – da globalização econômica e financeira; reconfigura e multiplica, radicalmente, os conflitos sociais e as lutas políticas; enraíza-se, cada vez mais na vida cotidiana, particularmente nas megalópoles, metrópoles e cidades médias desenvolvidas, mesmo em contextos e setores nos quais inexistente informatização social significativa ou em atividades, processos e circunstâncias que não exigem a utilização direta de objetos infotecnológicos. (2009: 17)

As redes tecem as sociedades rearticulam a política, reorganizam as economias, modulam as culturas. Estão na base da interatividade absoluta e velos entre as pessoas, empresas e governos; da anulação do território geográfico, da supressão do espaço físico, da compressão do tempo na instantaneidade, da instituição da velocidade como vetor da cultura, enfim da materialização das estruturas multicapitalismo de fim do século. (1998: 15)

Tudo se equaciona nas redes, desde as ações cotidianas no espaço doméstico às grandes decisões políticas na esfera do Estado, desde o telex e o fax às avançadas estações multimedia que operam em três dimensões desde o laptop no automóvel ao telefone celular no avião, desde as transmissões de rádio locais às transmissões via satélite. (1998:16)

Imaginário tecnológico: o pensamento sobre a cibercultura

JUREMIR MACHADO DA SILVA

As tecnologias do imaginário são dispositivos de cristalização de um patrimônio afetivo, imagético, simbólico, individual ou grupal, mobilizador desses indivíduos ou grupos. São magmas estimuladores das ações e produções de sentido..”(JMS: 46)

O que um imaginário quer dizer? O que um imaginário quer mostrar? Que cada olhar é uma imagem. Que cada imagem é um olhar. Imaginação do olhar. Olhar da imaginação. O que as tecnologias podem fazer pelos imaginários? Ajudá-los a olhar. Cada um imagina o que vê e vê o que imagina. Não haveria, realmente, oposição entre imaginário e tecnologia? Em caso afirmativo, será preciso considerar que há oposição entre o olho e a lente. Por enquanto, o olho contempla a lente espiar o mundo e imagina o que vê. (JMS:70)

Duas questões nunca são suficientemente respondidas: o que é um imaginário? O que se pode saber de um imaginário? O imaginário é uma confluência transitória e motora: uma lava devastadora e nutritiva. O imaginário, repita-se, é o equilíbrio de antagonismos, a coabitação do diverso no uno, a vida sob a forma de oxímoro. Dele se pode saber tanto quanto se o que pode conhecer de uma obra de arte: tudo o que não se situa na zona irredutível do mistério. A batalha do conhecimento, portanto, recomeça sempre, a cada nova pergunta, e sempre esbarra numa parte de sombra: por que há algo em lugar de nada? Porque sim. (JMS:78)

A explosão das novas tecnologias da comunicação, com o surgimento da internet, na esteira da revolução da informática, suscitou uma nova leitura do papel mediador da técnica. Difunde-se o conceito de tecnologias da inteligência. Mas, antes disso, já alguns pensadores buscavam relativizar a idéia de controle, sem negá-la, e criticar o temor logocêntrico à imagem. Esse exercício de compreensão e de relativização abre espaço para a noção de tecnologias do imaginário. Passa-se do tudo é controle ou tudo é instrumento ao jogo complexo da apropriação/distorção. Reiventa-se o olhar(...) Por isso hoje é mais correto falar-se em tecnologias do imaginário que não servem apenas à razão (intelecto, inteligência), mas também ao sensível (coração, lúdico, afetivo, onírico, fantasias) (2006: 95)

O homem é interpelado, provocado e produzido pelas idéias que produz. O simbólico afeta o material. (...) o homem vive na tecnosfera. Sistemas de locomoção e de comunicação articulam-se. Toda comunicação é um deslocamento: da mensagem, do interlocutor, do enunciador, do imaginário coletivo. Não há idéia, logo crença, sem técnicas de suporte e de divulgação. Toda palavra precisa ser dita, mesmo a palavra mal dita, “ pois se as relações entre os homens são mediatizadas pela interface técnica (resultado da ação do homem sobre a matéria), a própria matéria tem uma história, a dos meios técnicos que se sucederam no Planeta desde o primeiro sílex lascado. Todo signo é técnica. (2003: 46)

Vale ainda mais uma aproximação do conceito de imaginário: os mitos que tem na cabeça (relendo Durand); os mitos que se tem no inconsciente (interpretando Lacan); os mitos que se tem no espírito/mente (lendo Morin); as mitologias que se tem no aparelho psico-afetivo (distorcendo Maffesoli). Ora, se o imaginário é uma usina de mitos, as tecnologias que o engendram são fábricas de mitologias (discursos/fábulas que informam o “trajeto antropológico” de cada um. Enfim, o imaginário é a presença do indivíduo no inconsciente coletivo e na sua própria vida, como outro e como si mesmo (cruzando Jung, Rimbaud e Durand), Ou, simplesmente, o fato de se ter a cabeça nos mitos. (2006:64)

FRANCISCO MENEZES MARTINS

Em tempos anteriores, quando a moral delimitava o horizonte do homem, o imaginário era a linha de fuga Hoje, quando a comunicação informa o horizonte moral, o imaginário persiste como linha de fuga. (2008:11)

Das particularidades às generalidades, com a passagem de um pensamento individual à consciência coletiva, por mero utilitarismo de ligação em rede com os da mesma espécie. As redes comunicacionais repetem, sob aspectos das tecnologias contemporâneas, o modelo gregário, instintivo e característico do tipo humano. A disposição dos valores no cyberspace, sua visibilidade e potencial dialógico retornam ao imaginário como aparentes forças subjetivas da vontade individual, No atualizar do virtual ciberespacial, a lembrança do movimento capaz de falsear a consciência da espécie, com a idéia de autonomia e individualidade, ainda que enquadrada em perfis que poderiam antecipar gostos e preferências a partir de dados estatísticos. (2008:13)

Da ficção virtualizada que retorna como dado social. Das antecipações e paródias da ficção científica, passando pela expansão dos mercados de consumidores e de tecnologias de comunicação, além do próprio instinto gregário da espécie humana ao uso da linguagem (Nietzsche, 2004), percebe-se uma civilização fragmentada geograficamente, mas conectada existencialmente pelas redes sociotécnicas e pelo imaginário.

ERICK FELINTO

No discurso (infantilizado) do triunfo absoluto da vontade humana tecnologizada, a “sociedade é apagada e o universo social emerge como um agregado fragmentário de indivíduos em um vazio sem restrições históricas e materiais” (2002: 275). Esse vazio é o próprio paraíso virtual

dos discursos pós-e transhumanos. Seu perigo é manter nossa concepção do fenômeno tecnológico presa a uma imaginação utópica desvinculada das experiências do mundo real, com seus processos de exclusão, desigualdade econômica e poderio tecno-científico. Se o “culto da Internet”, como define Breton o imaginário sobre as novas tecnologias, constitui de fato uma religiosidade “de jovens e para jovens”, seu valor supremo é a velocidade (2000: 87-88), uma velocidade que precisamente não permite o pensamento reflexivo e crítico, deixando assim o imaginário inteiramente livre para sonhar suas utopias tecno-espirituais. Mas, desprovida desse componente crítico, nossa percepção tecnológica correrá o risco de engendrar uma cultura para poucos, um novo mundo elitista e excludente, como eram as seitas gnósticas dos primeiros séculos. E esse é um sonho do qual vale a pena despertarmos (2005: 15)

ANDRE LEMOS

A ciberarte vai encarnar o imaginário da civilização do virtual. A arte eletrônica contemporânea toca o cerne da civilização do virtual: a desmaterialização do mundo pelas tecnologias do virtual, a interatividade e possibilidades hipertextuais, a circulação (virótica) de informações por redes planetárias. A arte entra no processo global de virtualização do mundo. Compreender a arte desse final de século é compreender o imaginário da cibercultura. (1999: 228)

SUELY FRAGOSO

São vários os pontos de discordância sobre o gerenciamento da Internet. Há quem ache que alguma forma de controle é essencial para evitar abusos, outros temem que os abusos acabem ocorrendo por parte daqueles a quem se der o poder de controlar. Argumenta-se que muito dinheiro já é gerado no ciberespaço, onde negócios são acertados e mensagens de conteúdo publicitário navegam disfarçadamente, e que é melhor reconhecer e administrar esse uso em prol da própria Net. Existe sempre o risco de que a rede se torne território de grandes grupos financeiros e em consequência sua estrutura se verticalize. Há quem questione a própria horizontalidade, causa do constante uso de um sistema caro e poderoso para circulação de informações irrelevantes, e defenda o estabelecimento de critérios de hierarquização. O que nos lança de volta à questão de quem seria responsável por um tal ‘controle de relevância’

Arte eletrônica e comunicação na internet

ANDRÉ LEMOS

A arte virtualiza as virtualizações, tentando saídas de situações limitadas a um aqui e agora físico e/ou simbólico. Esse processo não é exclusivo da arte eletrônica, fazendo parte de toda forma artística. Toda arte é virtualização de uma virtualização, já que procura trazer ao sensível, problematizações do real e alargar os limites do possível. No contexto da arte eletrônica contemporânea, esse processo atinge uma radicalização sem precedentes, pois a arte continua a ser virtualização de uma virtualização, só que agora sob uma forma puramente digital, utilizando-se de uma tecnologia também virtualizante (digital). (1999:231)

A utilização das novas tecnologias pela arte, aliando a informática e os meios de comunicação, vai constituir o que podemos chamar de ciberarte, cujos exemplos mais importantes são: a videoarte, a tecno-body-art (Stelarc, Orlan), a multimídia (CD-ROM), a robótica e esculturas virtuais (Marc Pauline e o SRL), a arte holográfica e a informática (imagens de síntese, poesias virtuais, internet e suas homepages, arte ASCII, smileys, exposições virtuais) a realidade virtual e a dança, o teatro e a música tecno-eletrônica. (1999: 235)

A hibridação (espaço, tempo e corpo) parece ser o paradigma das artes eletrônicas desse fim de século. A ciberarte é assim uma arte interativa híbrida, existindo um movimento contínuo de passagem do espaço físico ao eletrônico, do corpo físico ao corpo-prótese, do tempo subjetivo e individual ao tempo imediato (real).(1999: 239)

A ciberarte aproveita o potencial das novas tecnologias para explorar, virtualizando, os processos de hibridação da cibercultura contemporânea: espaço/ciberespaço; tempo/tempo real; e corpo/prótese. Ela parece desestabilizar a cultura do espetáculo: o que fazer com os museus e galerias? E as editoras de livros e discos? E o show-bizz? (1999:240)

As formas da arte eletrônica colaborativas mostram diversas ações coletivas, participativas e recombinatórias, nas quais pessoas e grupos cooperam entre si, pela via telemática. O mesmo acontece com o desenvolvimento dos softwares livres, hoje um sistema muito poderoso que também faz parte dessa liberação da emissão. Aqui os códigos são alterados e disponíveis para novas modificações através de desenvolvedores espalhados pelo mundo, (1999:243)

As novas possibilidades tecnológicas começam a interessar os artistas contemporâneos (fotografia, cinema, televisão e vídeo). Na década de 70, os artistas utilizam efetivamente as novas tecnologias, como os computadores e as redes de telecomunicação (TV e satélites), criando uma arte aberta, rizomática e interativa, onde autor e público se misturam de forma simbiótica. A ênfase se situa agora na circulação de informações e na comunicação. Como afirma um dos patrocinadores da exposição "Mediascape", realizada em Nova York em 1996, "art is communication; it creates understanding across frontiers" (...). A arte na era eletrônica vai abusar da interatividade, das possibilidades hipertextuais, das colagens ("sampling") de informações (bits), dos processos fractais e complexos, da não linearidade do discurso... (1999: 226)

A idéia de rede, aliada à possibilidade de recombinações sucessivas de informações e à uma comunicação interativa, tornam-se os motores principais dessa "ciber-arte". A arte eletrônica é uma arte da comunicação. (1999: 225)

A utilização das novas tecnologias pela arte, aliando a informática e os meios de comunicação, vai constituir o que podemos chamar de ciber-arte, cujos exemplos mais importantes são: a video-arte, a tecno-body-art (Stelarc, Orlan), o multimídia (CD-Rom), a robótica e esculturas virtuais (Marc Pauline e o SRL), a arte halográfica e informática (imagens de síntese, poesias visuais, Internet e suas Home Pages, arte ASCII, smileys, exposições virtuais), a realidade virtual e, obviamente, a dança, o teatro e a música tecno-eletrônica. A ciber-arte é uma arte interativa, dentro do paradigma digital da civilização do virtual. (1999: 235)

LÚCIA LEÃO

Com relação à WWW, é notável a crescente participação de artistas na rede, em sites de arte, quer seja expondo seus trabalhos, quer seja participando de fórum de discussões. Embora não se possa negar a importância e o alcance que redes como a internet tem na difusão de obras de arte, aqui vale uma ressalva: muitos dos trabalhos apresentados na rede não foram criados especificamente para ela e, portanto, não utilizam os potenciais hipermediáticos. (1999: 52)

Por outro [lado], alguns artistas inovadores estão desenvolvendo trabalhos que são criados exclusivamente para estar on line. Esses trabalhos, hoje em dia denominados web arte, são exemplos vivos dos potenciais estéticos da hipermídia. (1999:56)

LÚCIA SANTAELLA

Ao fazerem uso das novas tecnologias midiáticas, os artistas expandiram o campo das artes para as interfaces com o desenho industrial, a publicidade, o cinema, a televisão, a moda, as subculturas jovens, o vídeo, a computação gráfica, etc. De outro lado, para a sua própria divulgação, a arte passou a necessitar de materiais publicitários, reproduções coloridas, catálogos, críticas jornalísticas, fotográficas e filmes de artistas, entrevistas com ele(a)s, programas de rádio e televisão sobre ele(a)s. (2005:14)

Comunidades em Redes Sociais Colaborativas: Respostas para a Comunicação da Atualidade Mediática?

ALEX PRIMO

Recuero (2003) oferece uma tipologia que ultrapassa o entendimento dos blogs como uma mera transposição dos diários íntimos para a Web: a) diários, tratam basicamente da vida pessoal do autor; b) publicações, comentários sobre diversas informações; c) literários, os posts trazem contos, crônicas ou poesias; d) clippings, agregam links ou recortes de outras publicações; e) mistos, misturam posts pessoais e informativos, comentados pelo autor. Portanto, é preciso ultrapassar-se a noção do blog como texto e espaço individual, como celebração do ego no ciberespaço.

ANDRÉ LEMOS

Através da cibercultura, associamos comportamentos e ações que surgem (no princípio dos anos 80) a partir da confluência das tecnologias digitais e dos mass media de comunicação em sua relação direta e simbiótica com a dinâmica social, redefinindo, indubitavelmente, em nossas sociedades contemporâneas, a noção de espaço e tempo, sujeito e objeto, comunidade e indivíduo, natureza e artifício, real e virtual. (2002: 259)

ANDRÉ PARENTE

A multiplicidade pode ser explicitada como uma multitemporalidade. Vivemos na era das redes hipertextuais, em que o tempo se contrai e se expande. O tempo, hoje, é, paradoxalmente, um tempo de máxima concentração, pontual, e de máxima expansão, multitemporal. Ora o aqui e agora e o instantâneo real, ora a multitemporalidade, ou seja, uma temporalidade complexa dos fluxos de comunicação que arruinam o aqui e agora. O conexionismo generalizado tende uma de suas faces para os pontos ou nós da rede e uma outra face para as suas múltiplas conexões. (1999:98)

A noção de rede perpassa hoje quase todas os campos das ciências humanas e exatas, puras e aplicadas. A noção de rede vem despertando um tal interesse nos trabalhos teóricos e práticos de campos tão diversos como a ciência, a tecnologia e a arte, que temos a impressão de estar diante de um novo paradigma, ligado, sem dúvida, a um pensamento das relações em oposição a um pensamento das essências. (2004: prefácio)

(...) Mas se elegemos a figura da rede como principal metáfora para entendermos as transformações em curso, não podemos entender sua importância e extensão se a reduzimos ao fato histórico da emergência das novas tecnologias de comunicação e do ciberespaço. (2004: prefácio)

Muito embora os textos aqui apresentados, escritos por especialistas de áreas tão distintas quanto a filosofia, as ciências humanas e exatas, a arte e a tecnologia, nos ofereçam distintos interesses e abordagens sobre as questões das redes, eles compartilham algo em comum: a rede se tornou uma dimensão, indissociavelmente ontológica e prática, de modelização do mundo e da subjetividade. O pensamento das redes está associado a pelo menos três temáticas gerais, cada uma delas constituindo uma parte do livro: a filosofia da rede, a rede como nova dimensão da comunicação e a estética da rede (2004: prefácio)

LÚCIA LEÃO

A internet foi concebida como uma rede sem um ponto de comando central único e essa construção permite que ela continue ativa mesmo em caso de suspensão nas comunicações de alguns de seus centros. Todos os pontos da rede têm o mesmo poder de comunicação. (1996:22)

Estamos vivendo, na teia mundial, aquilo que já conhecíamos bastante em outras vivências: a experiência do nó. Imagem metafórica do impasse, da paralisia e do enredamento, o nó é aquilo que nos faz parar, que nos impede de prosseguir, é o não-lugar que nos suga, a inércia violenta e poderosa. O nó pode e deve ser utilizado pelos que desenvolvem jogos (games). O nó seduz aqueles que procuram situações desafiantes, que gostam de decifrar enigmas. Por outro lado, o nó deve ser evitado ao máximo por aqueles que buscam explorar o potencial de comunicação da WWW. ... menus e mais menus quebram demais o movimento natural e contínuo da leitura. (1996:28-9)

Existem três labirintos. Um labirinto é a arquitetura propriamente dita, pura potencialidade gravada em disco, nos sistemas ou nas redes. Um segundo labirinto é esse "espaço que se desdobra" e que se forma através do percurso de leitura do viajante. Esse segundo labirinto é uma atualização do primeiro. O terceiro labirinto seria aquele que surge após a experiência hipermidiática. Nem sempre ele se delinea claramente. Muitas vezes, a percepção que fica desse labirinto é mais a de uma silhueta sem forma, imagem que se esvai. (1996:46-7)

EUGÊNIO TRIVINHO

Telégrafo, telefone, rádio, TV, telex, fax, veio, videofone, satélites, computadores, videotexto, model, telefone celular, laptop, notebooks, robôs são máquinas especiais porque são capazes de gerar redes. (1998:17)

A ética das redes é amoral! Tudo circula indiscriminadamente, inclusive o que no passado era exorcizado como é o caso da pornografia. Mesmo o que em alguns países é interdito pelo moralismo, pelo conchavo político, pela autocensura dos media ou pela ingerência dos governos acaba, cedo ou tarde, cedendo às redes. (...) Por outro lado, tudo circula multiplicado, potencializado, não existem redes sem que haja saturação do elemento circulante, ou os dois andam juntos, ou não se trata de redes. (1998: 20)

RAQUEL RECUERO

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos, os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).(2009:24)

Os estudos de rede, tanto na parte social quanto nas outras ciências, receberam renovada atenção após a publicação dos trabalhos de barabási (2003), Barabasi e Albert (1999) Watts 2003) , Watts e Strogatz (1998) dentre outros autores, no final da década de 90 e início dos anos 2000. Em crescimento exponencial em muitas áreas desde então, inclusive a social, a abordagem de redes também encontrou eco nos estudos dos agrupamentos sociais no ciberespaço. Um dos gripos que trabalha com esta perspectiva está na Universidade de Toronto, chancelado por Barry Wellman, autor da maior parte dos estudos mais citados de redes sociais no ciberespaço (...) o Brasil, essa abordagem ainda é pouco conhecida. Em parte, porque vários dos estudos básico em redes sejam repletos de fórmulas e desenvolvimentos matemáticos, que notoriamente apresentam uma grande dificuldade de compreensão para os pesquisadores das ciências sociais. Apesar disso, muitos dos estudos de redes não utilizam ou utilizam pouca matemática, restringindo esta ao tratamento dos dados, através de softwares de análise amplamente distribuídos na WEB. (2009: 21)

SUELY FRAGOSO

Comunidades virtuais, sociedade em rede, tribos urbanas, - p surgimento e apopularização dessas e de outras expressões atestam para o reconhecimento das rápidas e profundas alterações nas formas como nos relacionamos uns com os outros que estão em curso. (SF. Prefácio, Raquel Recuero, 2008,)

A Linguagem da Internet: leitura, escrita e labirintos do hipertexto

ALEX PRIMO

Quanto à produção coletiva na Web, os blogs com comentários e a Wikipédia, aqui discutidos, se mostram como exemplares daquilo que anteriormente já se havia conceituado como um hipertexto cooperativo (Primo, 2002). Ou seja, um mesmo texto multiseqüencial escrito por diversos colaboradores. A cada intervenção, o texto como um todo se altera. Após cada movimento, a produção se mostra diferente aos seus autores. Esse processo coletivo acaba por criar um espaço de debates, mantido através de negociações entre os participantes. Essa dinâmica ganha movimento a partir das modificações que constantemente alteram o escrito e, por que não, os próprios autores. Além disso, com a inclusão de novos links, outros caminhos se abrem, e a própria Web se expande. (2003:12)

(...), a escrita coletiva online e o processo de tagging demonstram que a abertura para o trabalho colaborativo oferece uma dinâmica alternativa (não uma substituição) ao modelo de produção, indexação e controle por equipes de autoridades. A partir de recursos da Web 2.0, potencializa-se a livre criação e a organização distribuída de informações compartilhadas através de associações mentais. Nestes casos importa menos a formação especializada de membros individuais. A credibilidade e relevância dos materiais publicados é reconhecida a partir da constante dinâmica de construção e atualização coletiva.

ANDRÉ PARENTE

O hipertexto é fractal, ou seja, cada nó da rede hipertextual é apenas uma atualização possível entre outras, cada nó é potencialmente uma outra rede, ao infinito."(1999:98)

LÚCIA SANTAELLA

Cada vez mais crescentemente processos de comunicação são criados e distribuídos em forma digital legível no computador. Forma digital significa que quaisquer fontes de informação podem ser homogeneizadas em cadeias de 0 e 1. Isso quer dizer que a mesma tecnologia básica pode ser usada para transmitir todas as formas de comunicação – seja na forma de textos, áudio ou vídeo – em um sistema de comunicação integrado, via internet.

LÚCIA LEÃO

Pensar no leitor como um agente ativo – como um construtor de seu próprio labirinto – no processo de atualização da obra hipermidiática envolve mexer com antigos esquemas conceituais. Costumávamos pensar num tipo de obra em que os papéis de autor e leitor eram bem definidos e separados. (...) Com o novo tipo de interatividade possível através do computador, novas relações emergem e o leitor passa a ter uma função capital, pois sem ele a obra se reduz à mera potencialidade. (1999:42)

O leitor é, então, um operador de multiplicidades e deve proceder de uma forma descontínua e linear. Muitas vezes, ele pode retomar um quadro anterior para pegar o fio da meada, porém, a estrutura do aplicativo em si é caótica e por que não dizer labiríntica, já que de cada ponto pode-se chegar a recantos inesperados e de cada um desses recantos surge uma nova paisagem, Tal estrutura requer um leitor habilidoso em navegação. (1999:45 (sobre software)

Enfim, o caráter interativo é elemento constitutivo do processo hipertextual. À medida que a hipermídia se corporifica na interface entre os nós da rede e as escolhas do leitor, este se transforma em uma outra personagem. Dentro dessa perspectiva, minha tese é: o leitor é agora um construtor de labirintos. (1996:41)

SUELY FRAGOSO

O espaço da escritura hipermidiática é essencialmente multidimensional. Trata-se de um hiperespaço cuja complexidade é construída de modo relacional e apreendida a partir da experiência interativa e dinâmica à qual se convencionou chamar 'navegação'. Assim como uma linha de texto unidimensional pode ser inscrita numa página com duas dimensões Euclidianas, também os modelos tridimensionais 'cabem' facilmente no espaço multidimensional da hipermídia. (2002:09)

O Olhar Sobre a Interação: O Que é Mesmo que Se Compreende?

ALEX PRIMO

Se o que está em jogo é a comunicação (a ação compartilhada) e a interação (a ação entre) mediada, por que tantos estudos sobre “interatividade” se esquecem de tratar do diálogo mediado pelo computador? Quando o fazem, porém, tratam do tema de forma metafórica: a máquina “dialogando” com o internauta. Estará, então, o tautismo afetando até mesmo os teóricos da comunicação mediada? (2007:53)

Mesmo que haja um excesso de referências à interação no contexto da cibercultura, pouco se questiona sobre o que tal conceito significa e a que ele se refere. (...) interação será aqui entendida como ação entre os participantes do encontro (inter+ação). Sendo assim, é importante lembrar que interação não é o mesmo que interação social. (2007:13)

Se a interação mediada por computador permite a comunicação “um-um”, seu estudo precisa partir justamente de pesquisas sobre a comunicação interpessoal. Este ponto de partida em si já se opõe àqueles estudos que têm como referência a comunicação massiva. (...) Logo, deve-se desde (sic) pronto encarar as seguintes questões: como nos comunicamos? Como interagimos? Tais problemas que estão presentes em toda a história da comunicação humana não tem resposta fácil. As conclusões propostas nesse percurso têm sido provisórias, gerando progressivos debates. (2007:73)”

Diferentemente da interação mutua que promove a invenção conjunta de soluções temporárias aos problemas, durante a própria interação e em virtude dos fatores contextuais envolvidos, o desenvolvimento da interação reativa depende das formulas previstas (que viabilizam a própria interação). Em vez de ser negociada, a relação insistem em perseguir os trilhos demarcados, (2006: 154)

SUELY FRAGOSO

Outras colocações a respeito do potencial da interatividade, ainda que tenham em mente que a 'lógica' de uma determinada tecnologia não é suficiente para embasar previsões sobre seu impacto social, econômico e cultural, deixam de reconhecer que, para que se entrevejam os contornos do conjunto de possibilidades de direcionamento implicadas pela inserção de uma possibilidade tecnológica numa determinada configuração midiática, é fundamental compreender, com alguma precisão, o que vem a ser essa mesma possibilidade tecnológica. Sem perscrutar as características de seu próprio objeto de estudo antes de divagar sobre seus possíveis desdobramentos, uma parcela significativa dos trabalhos sobre interatividade se desenvolve a partir de definições demasiado amplas ou exageradamente restritivas, diante das quais todos os mídias (sic), ou nenhum mídia, poderia ser dotado de interatividade. (2001:02)

A Internet como Meio de Comunicação: como são os olhares específicos e o que eles estão prometendo explicar?

ANDRÉ LEMOS

A cibercultura instaura uma estrutura midiática ímpar (estrutura “pós-massiva”, como) veremos adiante) na história da humanidade, na qual, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode produzir e publicar informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com outros, reconfigurando a indústria cultural (“massiva”). Os exemplos são numerosos, planetários e em crescimento geométrico: blogs, podcasts, sistemas peer to peer, softwares livres, softwares sociais, arte eletrônica... Trata-se de crescente troca e processos de compartilhamento de diversos elementos da cultura a partir das possibilidades abertas pelas tecnologias eletrônico-digitais e pelas redes telemáticas contemporâneas. (2009: 39)

(...) O telefone é um outro exemplo deste tipo de interação, mas, aqui, a interação é basicamente social, existindo uma reduzida interação com o terminal de tipo analógico-mecânica. Esta limita-se à COMPÓSição do número desejado através das teclas do aparelho (sua interface) sendo a interação como outro o que faz do telefone uma ferramenta convivial, no sentido dado por Illich. Para Illich, o telefone é um exemplo de convivialidade pois “nenhum burocrata poderá fixar a priori o conteúdo de uma comunicação”. Existe com o telefone uma forte interação social, numa fraca interação técnica. Como diz Negroponte, o telefone não é inteligente (interativo) pois o que queremos fazer com ele é falar com o outro, não pegar o telefone, esperar a linha, discar o números, etc... Problemas sobre a interação: graus de interação – 0, 1, 2 (2002:120)

A televisão tradicional permite uma interação com a máquina tipo analógico-digital...(ligar-zapear) sem permitir uma interação direta e mais ampla etc (2002: 121)

Os novos media digitais vão proporcionar uma nova qualidade de interação, o que chamamos hoje de interatividade digital: uma interação técnica de tipo eletrônico-digital correspondendo à superação do paradigma analógico-mecânico. (2002:121)

A nova dinâmica técnico-social da cibercultura instaura uma estrutura midiática ímpar na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações (escrita, imagética e sonora) para qualquer lugar do planeta. (2003:03)

Esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem dos mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos). (2002: 68)

Os novos media permitem a comunicação individualizada, personalizada e bidirecional, em tempo real. Isto vem causando mudanças estruturais na produção e distribuição da informação, tanto em jornais, televisões, rádios e revistas quanto ao setor de entretenimento como o cinema e a música. (2002:79)

ALESSANDRO PAVELOSKY

A Internet já é parte dos sistemas e instrumentos da comunicação social mediada: é um suporte, é uma ponte, é a estrada, é um *medium*. As suas características diferem-se dos meios de comunicação de massa como o jornal ou a tevê, mas ela é um mediador. Distancia-se também dos meios interpessoais por origem, como o telefone. Reúne parte dos outros meios pelas vias da tecnologia, mas está distante de ser simplesmente o meio convergente, onde todos os outros se encontram. Enquanto suporte, permitiu até agora estimular a inversão constante, simultânea quase, de emissor e receptor, num emaranhado de alterações de papéis que até então não tínhamos presenciado na nossa história da mídia. E ela fez-se então notada.

A rede mundial de redes de computadores é sim um fantástico avanço das tecnologias de comunicação. (2004:01)

Assim, propor subsídios que nos dêem um mínimo de embasamento para a difícil tarefa de analisar mais a fundo as potencialidades já usadas (e outras em vias de serem utilizadas) da rede das redes, tendo como base o fato de a Internet estar indiscutivelmente presente em nossas vidas é um desafio e tanto. (...) Mas apesar das dificuldades, é possível iluminar a chance de se construir um agrupamento de pontos de reflexão que revele, com um pouco mais de clareza, por que os nossos parâmetros, referências de comunicação mudaram e estão em plena transformação com o advento da Internet. (2004: 02)

Vista do prisma dos grupos minoritários, a internet tb consegue se configurar enquanto fator de integração, pois suas características de meio de comunicação multidirecional, plural, incontrollável até, manifestam-se como um antídoto contra as características desagregadoras típicas dos meios de comunicação de massa quando estes, em especial, são usados para fins de manipulação dos estados e de empresas privadas em defesa de interesses próprios(2004: 13)

ALEX PRIMO

Os meios digitais abrem novas formas de comunicação e demandam a reconfiguração dos meios tradicionais ao mesmo tempo em que amplificam potenciais pouco explorados (2007:09)

Chamo de COMPÓSto informacional midiático o conjunto de informações disseminados tecnologicamente por meios de comunicação que servem para a atualização individual sobre notícias. (2008: 47)

LUCRECIA FERRARA

A rede mundial de computadores é o instrumento dessa memória/presente, porém não é senão um meio para uma memória agenciada pelo mundo de experiências do sujeito, a quem cabe construir outro lugar territorial, heterodoxo e topomidiático como comunicação de um tempo instantâneo. (

LUIZ CLAUDIO MARTINO

É isto que está por traz da grande explosão da comunicação que assistimos no século XX , quando a lenta fermentação de certas condições sócio-históricas (algumas de longo termo) finalmente se juntam com as novas condições tecnológicas dos modernos meios de comunicação. Elas resultam em uma nova arquitetura comunicacional, que entre outras coisas, irá interferir na noção mesmo que temos da cultura, transformando de maneira radical nossa de experiência na medida mesmo em que nos proporciona a possibilidade de um compartilhamento social da experiência, sua virtualização técnica, sua expansão e deslocamento em relação ao território físico-geográfico. Há também uma mudança de sentido e de valor no processo comunicacional. Não se trata mais (ou não apenas) de ver aí o fundamento do homem, como sua condição de possibilidade (como faz a reflexão filosófica), agora a comunicação se apresenta transfigurada em fenômeno técnico e passa a ser tomada como centro de referência para a vida social. (2006b:08)

SUELY FRAGOSO

Esse novo instrumento possibilita comunicação ágil entre centenas ou mesmo milhares de especialistas, profissionais ou amadores, inaugurando um patamar intermediário entre a comunicação individual e a comunicação de massa. (1996:05)

A despersonalização conseqüente do uso de correio eletrônico, no entanto, já deu origem a muito maluco desrecalcando os traumas 'em público', enviando mensagens terrivelmente

ofensivas como resposta a opiniões divulgadas nas listas. Nos Multi-User Dungeons (MUDs), dimensões virtuais acessíveis via conexão remota com outros computadores, acontece de tudo: encontros científicos de seríssima importância, flertes dos mais variados tons e cores, atentados criminosos contra os demais usuários, etc. Em várias dimensões virtuais pesquisadores desenvolvem relevantes trabalhos em co-autoria sem jamais terem se encontrado pessoalmente. O Grupo de Interesse Especial em Realidade Virtual do Reino Unido (UK VR-SIG) realiza Conferência Anual no seu próprio centro de convenções virtual, DMUMOO. As reuniões dos cientistas Larry Masinter (do Centro de Pesquisas da Xerox em Palo Alto) e Erik Ostrom (do Gustavus Adolphus College), conhecidos no ciberespaço pelos codinomes Grump e Joe Feedback, acontecem na LambdaMOO, dimensão virtual onde já houve estupro e assassinato (cujos responsáveis, aliás, foram julgados e punidos em estilo e rigor medievais). (Masinter e Ostrom, 1994: Muddex, 1994). (1996:06)

Os computadores se revelaram um revolucionário e poderoso meio de comunicação. Condenações obscurantistas não vão causar a derrocada da telemática. É hora de pensar e tomar posição a respeito dos usos e gerenciamento da Internet, e não de repetir o erro de maldizer o Tubo de Raios Catódicos porque não tem nada que preste na televisão no domingo à tarde. (1996:08)

Inicialmente cunhada para denominar a possibilidade de codificação indiferenciada (em formato binário) de elementos originalmente pertencentes a categorias semióticas distintas (texto, som e imagem), 'multimídia' passou a significar a possibilidade de combinação desses elementos compondo sistemas essencialmente intersemióticos. A vigência dessa segunda definição acabou tornando coerente qualificar como 'multimídia' produtos e práticas midiáticas anteriores ao advento das tecnologias digitais. (1996:09)

RAQUEL RECUERO

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade.(...) A mais significativa é a possibilidade de expressão e socialização através de ferramentas de comunicação mediadas por computador (CMC). (2009:24)

A metáfora da rede oferece um modo interessante de compreender fenômenos contemporâneos de Comunicação mediada por computador que, sem dúvidas, complexificou em larga escala os fluxos comunicativos de nossa sociedade contemporânea (2009: 164)

APÊNDICE 3: O MEU OLHAR DE USUÁRIA DO COMPUTADOR E DA INTERNET.

No momento em que me aventurei a pesquisar o conhecimento construído pela área de comunicação sobre a internet, gostaria de contar uma história, uma última reflexão sobre o difícil percurso, à deriva, que percorri para concretizar este estudo. Por que me propus a realizar análise comunicacional sobre a internet? A resposta é simples e direta: queria conhecer melhor uma área que sempre me despertou curiosidade tão logo comecei a ouvir falar sobre novas tecnologias da comunicação. No meu cotidiano doméstico e profissional, as “novas tecnologias de comunicação e informação” começaram a existir por volta de 1987.

Até aquele ano, o computador, PC 486, que eu usava era emprestado de quem era “profissional da área de informática, analista de sistema” e possuía aquela ferramenta misteriosa. Assim que comecei a experimentar, fiz questão de aprender. Procurei um curso sobre computadores chamado “Database” para tentar decifrá-lo um pouco mais e me lembro das frases do professor, logo, no primeiro dia para quebrar a mística que já assolava grande parte da turma: não é necessário que tenham medo do computador. Ele não existe sem que você permita. Se ele estiver desligado, ele não existe. Ele é uma máquina como qualquer outra. Ligado, não é inteligente, nem burro, nem faz mais do que se pede a ele. Ele apenas obedece a comandos e faz o que se ordene que ele faça. Na verdade, ele é um ordenador...um organizador, um processador de dados...que trabalha com linguagem binária. Para o computador só existe um mundo e nesse mundo só existem dois números: o zero e o um...Como foi importante conhecer a verdade. Desde aquele dia, eu me senti livre para enfrentá-lo e utilizá-lo para meu benefício.

Nessa época existiam alguns programas de edição de textos, bastante sofisticados à época, gravação em discos maleáveis, de dois tamanhos, dos quais nem me lembro os nomes ou as dimensões. Na verdade, para os nossos padrões atuais, aquilo tudo era bem precário e de difícil uso. O advérbio “usabilidade”, que vem sendo ouvido por toda parte, desde então, bem como a palavra interface, interatividade, e termos correlatos e importados da informática, sem que soubéssemos bem o que

significavam. Esses termos, aplicados tão indiscriminadamente desde esse período, e tomando conta de todas as conversas, passaram a me espantar, provocar, discutir e admirar, desde então. Depois de experimentar aquela tecnologia (ainda apenas de organização de dados, sem quase nenhuma dimensão da comunicação), não podia mais viver sem ela. Passou a ser incorporada, como era o carro, a máquina de lavar, o telefone, ou seja, era mais uma tecnologia que era útil em minhas necessidades. Por isso, precisei pedir essa máquina emprestada para escrever a minha primeira dissertação de mestrado, os meus trabalhos finais de curso, as minhas narrativas e poesias...Mesmo com o olhar que tenho hoje, aquela tecnologia era excelente para ampliar minha capacidade de expressão e era melhor ainda para me fazer ordenar meu pensamento em fluxo. Comparada à máquina de escrever elétrica (depois de ter superado a máquina manual), que me trazia menos velocidade, na verdade, usar o computador para produzir textos, editar e construir, era um sonho, algo mágico. Digitar, cortar, corrigir, editar, escolher letras, desenhar idéias e espaços na imaginação e concretizá-los com alguns toques no teclado...Mais ainda, era uma maravilha mandar imprimir, e ver sair todas as minhas idéias, em ordem, numeradas, aparecerem organizadinhas, na impressora matricial, com letras e formatos que eu programei. Aquela máquina barulhenta rodava por várias horas até imprimir as páginas...Esse cenário, logicamente, acontecia quando tudo corria bem...Se houvesse um problema, se o rolo de papel perfurado se soltasse dos pinos, se o computador desligasse por acidente, muitas vezes, era necessário começar de novo e tudo era perdido!

Ora, esse era o cenário quando, em 1995, de repente - quando apenas dispúnhamos desse recurso de edição de textos (e planilhas para cálculos que nunca me atraíram!) e já estávamos razoavelmente felizes - começaram a nos chegar informações de que havia uma tal "internet" que era um recurso que nos fazia saber tudo, na hora, com a digitação de páginas que começavam com <http://www...>

Lembro-me perfeitamente do percurso que fiz para as eleições de 1996, em novembro. Saí de casa sem anotar o endereço da zona eleitoral onde deveria comparecer e que mudara depois da eleição anterior. Eu já estava distante de casa, do outro lado da cidade. Na hora, alguém me lembrou: peça a alguém que tem internet para olhar no endereço de casa, peça para pesquisar no site...Se eu não tivesse esse recurso, iria me comunicar, mas teria de ligar do orelhão...Aquela facilidade foi muito

providencial. Em pouco tempo, em menos de 10 minutos (o acesso era discado e muito lento!), eu já sabia o que precisava. Experimentar o conforto do conhecimento, sem grande esforço e a distância foi muito bom... Não precisei atravessar toda a cidade, nem me aborrecer, nem voltar para casa ou gastar com telefone público (logicamente, também não havia celular como hoje!). Alguém pesquisou, e em poucos minutos eu sabia onde ir!

Ao reconhecer esse fenômeno que estava acontecendo, comecei a imaginar o que aquilo poderia fazer em sala de aula, com meus alunos, muitas vezes apáticos e preguiçosos com as rotinas de sala de aula... Como seria interessante que eles tivessem acesso a outra tecnologia, que pudessem fazer buscas para poderem atualizar-se, propor discussões, fóruns, colaborar, sair da passividade que assumiam em sala de aula, esperando que eu, a professora, a que professava, lhes ensinasse algo...

Daí, comprei, é claro, não podia mais esperar. Era caro, mas eu me arrisquei e comprei meu próprio computador. Mandei instalar os dispositivos necessários e entrei na rede. A conexão discada, todas as precariedades, o custo, tudo foi motivo de aborrecimento, claro, mas as vantagens foram muito maiores. Logo que comecei a usar, resolvi experimentar como autora. Abri um site.com com o seguinte nome: SABER É UM CAMINHO SEM VOLTA... em que oferecia, em rede, e sem saber se haveria interessados no que eu tinha a oferecer, suporte para a reflexão teórica e para a produção de textos... Não paguei por domínio, não me organizei para ser tecnicamente viável, era apenas uma experiência em rede. Eu me surpreendi, favoravelmente: em pouco tempo, havia muito mais interessados que se comunicavam comigo! A cada semana, dobrava, triplicava, quadruplicava o número de interessados... Este foi o nascimento da internet para mim. Admirada, mas sem saber como administrar aquilo, tentei manter a comunicação, tentei continuar a montar aqueles textos, mas era muito difícil continuar, sem estrutura para manter a “comunicação”. Sem a comunicação necessária, a idéia acabou ficando na dimensão daquele momento... Quem sabe, se eu tivesse investido na possibilidade de ganhar dinheiro, se tivesse como ideologia o modelo capitalista, poderia ter deixado o meu trabalho, poderia abrir um negócio que gerasse lucro, poderia estar rica?? Mas, não. Não era essa a minha intenção para uso da tecnologia. Para mim, o que eu tinha em

mãos me ajudaria a gerar aproximação, produzir conteúdo, conhecer pessoas e coisas, ensinar e aprender, simultanea, e coletivamente. A comunicação passou a ser o meu desafio, desde então.

Passei, então, a participar de um fórum, naquela época chamado de “grupo de discussão” sobre tecnologia e educação (edutecnet) que era moderado, tinha um responsável, alguém que “tomava conta”. Mesmo com essa limitação, foi uma experiência incrível e que me influenciou bastante. Conheci pessoas das quais sou amiga até hoje. Podia, naquele espaço virtual, apenas aprender, ficar lendo, ou podia me apresentar, conversar, perguntar, compartilhar, como se estivesse ao lado de pessoas que tinham domínio técnico e conhecimento teórico sobre os assuntos e estavam dispostas a trocar, comunicar. Bastava olhar a lista e ficar sabendo do que acontecia no mundo porque alguém havia postado as manchetes, havia comentado, criticado, elaborado e estávamos, desde as primeiras horas da manhã, em plena comunicação. Esse papel de autor da informação e do levantamento dos assuntos que circulavam era alternado entre as pessoas da lista e dependia de quem estava com mais tempo, interesse ou outra condição para participar. Com o tempo, sabíamos não só mais sobre os assuntos que estavam sendo discutidos, mas também nos envolvíamos no dia-a-dia uns dos outros, sabíamos quando as pessoas faziam aniversário, quando estavam internadas em hospitais, sabíamos quem ia aonde para algum evento, marcávamos de nos encontrar, presencialmente, ou seja, éramos um grupo de comunicação em rede. O crescimento desse grupo era espantoso e durante o período em que estive ativo, de 1998 a 2001, chegou a contar com mais de 2000 edutequianos, como éramos chamados...

Em seguida, fiz um curso de educação a distancia, experimentei plataformas, usei a rede por diversos anos, focada nas potencialidades da internet para o processo de autonomização e colaboração para a aprendizagem das pessoas. Montei cursos à distância, aprendi que as pessoas nem sempre querem ser autoras, escrevi artigo sobre a percepção das pessoas sobre o hipertexto, ou seja, me interessei pela internet como meio de comunicação. Nesse momento, pensei em realizar uma pesquisa sobre a autonomia do adulto para aprender na internet, em que pretendia investigar se há mudança na forma de aprender, da passividade para a atividade, em decorrência da internet como espaço de busca e de comunicação em rede.

De lá para cá, tenho me mantido conectada, sem exagero, mas sempre atenta às novidades. Participo das redes sociais, uso os recursos de compartilhamento (fotos, músicas, literatura) e observo o que existe no mundo pelos blogs, microblogs e youtube. Mais ainda, acho muito interessante como tudo isso tem se relacionado com a TV, com o rádio, com o jornal e com a publicidade.

Nesse percurso, cheguei à faculdade de comunicação. Como usuária e curiosa, queria conhecer outra faceta da internet: queria saber como era a visão dos especialistas da área de comunicação. Queria agregar conhecimento teórico à prática que já tinha. Este estudo é, portanto, a concretização de vários anos de observação sobre um fenômeno tecnológico da comunicação e da informação que, sem que se possa negar, alterou e continua a transformar nossa maneira de viver no mundo.

Hoje, questiono muitas idéias e funcionalidades sobre a internet. Tenho a mesma curiosidade que tinha antes, mas, com a experiência e as escolhas que fiz, algumas me parecem inócuas, outras, perniciosas, outras, mera figuração no cenário de potencialidades tecnológicas de comunicação. Hoje, há uma outra circunstância. A tirania da tecnologia digital parece nos obrigar a participar das redes. Somos “estimulados”, no trabalho, a colaborar nas listas de discussão, a participar da internet...Ora, para onde vai o encanto, quando passamos a ser obrigados a fazer algo? Para onde foi o interesse natural por conhecer e compartilhar?

Em resumo, quis deixar clara essa trajetória porque quis mostrar que não uso a tecnologia de forma a me deslumbrar com todos os recursos e nem sou uma entusiasmada consumidora. Pelo contrário, sou seletiva, considero apenas o que me parece interessante para me ajudar a compreender algo, de forma a trazer alguma contribuição...Vejo a tecnologia da comunicação como aquilo que me aproxima, que me leva a resolver questões, que me amplifica como consciência, pensamento e sentido. Todos nós queremos e precisamos de extensões para ampliar nossas capacidades humanas. A tecnologia digital é uma dessas extensões e muito eficaz, mas também pode nos causar grandes desconfortos, exageros, cansaços. Todos nós também queremos e precisamos, aliás, de uma ideologia para viver...Portanto, não me considero uma “cyberfan” como ironiza Rudiger (2002: 19), mas tenho, sim, curiosidade e necessidade de compreender os processos que estão me guiando a usar

computadores e a navegar em busca de dados, informações, atualizações, comunicação, e entretenimento. Se a internet oferece tudo isso, e ainda passa a ser um complemento, ou continuidade, dos programas de TV, dos espetáculos e dos filmes que assisto, pessoalmente, e um espaço de troca, de relacionamentos e de estudo, de fato, houve alteração nas minhas práticas culturais e nos meus relacionamentos sociais, especialmente, no meu acesso a outros espaços e a outras pessoas. Posso viajar, posso conversar, posso trocar informações...Não sei se existe algum poder hegemônico me espionando e me pressionando a comprar, comprar, e comprar...A internet não me pressiona mais que o telemarketing, nem me impressiona mais que as notícias e as publicidades da TV e do rádio. Todos são meios de comunicação e ubíquos, onipresentes...Enquanto estou no computador, ligo o rádio para ouvir músicas e a TV para sentir que estou acompanhada em casa. Os meios de comunicação estão no meu cotidiano e isso não é uma escolha, é um fato da circunstância tecno-histórico em que estou. Se há manipuladores, se acredito que os meios vão me transformar ou teletransportar para um mundo mais igualitário e democrático, com um cérebro cyborg, olhos e ouvidos estendidos, consciência ampliada e tudo o mais que se fala sobre os poderes da tecnologia digital em rede? Não importa o que acredito. O que sei é que não posso confundir o que acredito com o que faço e com a minha responsabilidade intelectual no papel social de professor-pesquisador. Oferecer ao outro o direito a conhecer o mundo, claramente, é meu dever, se quero atuar como pesquisadora e professora. Se eu tiver os olhos cheios de sangue, lágrimas e suor ou brilhando de tanta emoção e deslumbramento, não verei e nem mostrarei a realidade com a devida nitidez...

Além disso, ao tratarmos de tecnologia, tratamos de ética e de moral. Quando usamos e pensamos sobre a tecnologia que nos modifica temos de nos pautar em ética e em moral. Discutindo princípios tão caros à humanidade, como liberdade, democracia, e outros, precisamos ser honestos ao analisar o que se passa ao nosso redor. A tecnologia é o conjunto das técnicas que a humanidade inventou e desenvolveu para facilitar a vida. Pretender que nossos alunos aprendam sem que possam reconhecer a verdade sobre a tecnologia de comunicação que existe afasta-nos desses valores. Podemos deixar que os alunos estudem comunicação sem saber do que se está falando? Podemos negar a internet como tecnologia de comunicação,

porque não compartilhamos dos preceitos capitalistas que colaboraram para seu desenvolvimento? Existe uma maneira de discutirmos sobre a tecnologia e todo o imaginário que engendra sem deixar de mostrar o que, realmente, prevalece como fato comunicacional e que nos faz ser quem somos na sociedade em que vivemos?

Como pretendente a um espaço como pesquisadora da área de comunicação brasileira, espero que este estudo contribua para clarear o que é a internet e como ela pode ser analisada pela e para a área de comunicação.

ANEXOS

ANEXO 1: EMENTAS DE DISCIPLINAS OU LINHAS DE PESQUISA DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRA

EMENTA 1: Análise das relações políticas e sociais no contexto da cibercultura. Genealogia da noção de “comunidade”, a partir das obras de Bauman, Giddens, Hall, Featherstone, Anderson, Reinghold, Paiva e Cazaloto, e as transformações deste conceito na pós-modernidade, passando a designar grupamentos sociais sedimentados sobre uma noção de identidade provisória. Compreensão dessas transformações sob a óptica das “comunidades virtuais” que se disseminam a partir das condições técnicas produzidas pela Internet.

EMENTA 2: Estudo de referencial conceitual introdutório comum a vários temas da cibercultura, articulando, sob o prisma da crítica teórica, um conjunto de conceitos-chave que permita uma abordagem aprofundada das relações entre homem e máquina e das mediações exercidas pelos aparatos telemáticos. Os conceitos abordados, entendidos como construção de uma interpretação das relações sociais nas quais está implicado o fenômeno da comunicação telemática, são: cibercultura, interatividade, interface, global, comunidades virtuais e inclusão digital.

EMENTA 3: O objetivo da disciplina é discutir o conceito de cibercultura como uma formação cultural característica da civilização tecnológica avançada. A partir de uma abordagem multidisciplinar, pretendemos investigar os vínculos da cultura digital com determinados princípios (estéticos, epistemológicos etc.) da contemporaneidade. Nesse processo, constitui também um objetivo fundamental oferecer aos estudantes instrumentos teóricos para uma compreensão dos grandes temas e problemas da pós-modernidade e das principais linhas de força que caracterizam a tecnocultura digital.

EMENTA 4: Em termos específicos, o curso se propõe a investigar os meios digitais e suas estruturas comunicacionais; o conceito de virtual e de comunidades virtuais; origens da cibercultura: contracultura, misticismo tecnológico e a metáfora computacional; as reconfigurações do espaço no horizonte da cibercultura, seus aspectos econômicos e culturais e a questão do acesso às novas tecnologias; materialidade tecnológica e sensorialidade na cibercultura; digitalismo: o mundo como informação. Por fim, pretende-se investigar as grandes consequências sociais da cultura virtual: o cotidiano na era da cibercultura; a noção de "cibercidadania"; subculturas e formações culturais; a cibercultura como espírito da época.

EMENTA 5: A criação de toda tecnologia - especialmente as tecnologias comunicacionais - reflete-se na elaboração de imagens sociais e culturais. O objetivo desta disciplina é estudar as configurações do imaginário formadas a partir das novas tecnologias da comunicação e informação. Em outras palavras, trata-se de analisar o papel das tecnologias na construção ou reelaboração dos imaginários sociais. A compreensão plena do presente exige um confronto com os cenários histórico-culturais antecedentes.

EMENTA 6: Os usos da linguagem no formato digital: pontuação, ortografia. As siglas, as estruturas frasais. Características da escrita no formato digital. A natureza enunciativa: maior número de semioses. A transmutação dos gêneros tradicionais. Os novos gêneros no formato digital

EMENTA 7: O espaço do discurso. As dimensões do texto e do discurso. Enunciação e sentido. Texto, discurso e ideologia. A informação de forma textual e hipertextual Heterogeneidade. Interdiscursividade. Intertextualidade. A textualidade eletrônica nos textos científicos e de difusão da Ciência. A arquitetura do texto científico e do texto de divulgação da produção científica. Oficina de análise de textos.

EMENTA 8: A comunicação como sistema. A história como processo. Temporalidade e espacialidade na construção da idéia de sistemas de comunicação. O circuito da comunicação: papéis sociais dos produtores de discursos midiáticos. Os leitores, os cientistas e as singularidades dos discursos. A difusão digital da produção científica: possibilidades e usos.

EMENTA 9: As noções de rede e de imagem-movimento na arte contemporânea: O curso irá apresentar e analisar trabalhos da vídeoarte brasileira destacando aspectos arquiteturais e relacionais dispostos nos vídeos e instalações tendo em vista o pensamento da imagem e da rede na arte contemporânea.

EMENTA 10: Transformações da mídia na sociedade contemporânea: Transformações Comunicacionais e Comunidades: O papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea. Novos usos da mídia no final do séc. XX e início do XXI. A interface entre comunicação e educação. Iniciativas para a produção coletiva e consumo direcionado da informação: o jornalismo cidadão e o jornalismo social. Novos papéis na produção da informação: de leitores a produtores. Do global ao local: a valorização do cidadão e das comunidades.

EMENTA 11: Imagem tecnológica e comunicação. Imagem e escritura. Imagens tecnológicas no contexto da Sociedade da Informação e das comunidades científicas que nela se formam. Objetivo: Discutir as interfaces e as interações das imagens tecnológicas no contexto da Sociedade da Informação e das comunidades científicas que nela se formam.

LINHA 1: Esta linha pesquisa modelos de midiaticização na contemporaneidade, em especial no campo jornalístico e tecnológico, na perspectiva de elaboração de produtos periódicos como elementos indissociáveis a para construção de novos ambientes e representações no mundo.

LINHA 2: Estética, Redes e Tecnocultura: A linha Estética, Redes e Tecnocultura tem suas análises e produções teóricas orientadas, em primeiro lugar, pela compreensão de que a comunicação ocorre, hoje, num ambiente sócio-técnico pós-industrial que lida tanto com objetos humanos como não-humanos. Admite-se, ainda, que tal ambiente encontra-se marcado pela aceleração tecnológica intermediada por redes físicas e imateriais, que fornecem interligação digital permanente para expressões de caráter multicódigos. (...) Outro campo importante de indagações decorre da interpretação de que tal intermediação tecnológica não conduz, necessariamente, a transformações nas relações comunicativas. Ao contrário, pode-se observar até um predomínio de atividades de mera conexão em detrimento do coletivo, levando a uma cultura autocentrada, passiva e caracterizada por particularidades, incluindo aí até mesmo as vanguardas. Isto se traduziria, assim, numa crescente imprecisão do objeto e do estatuto disciplinar das teorias de base no campo da Comunicação. (...) Outros temas de pesquisa privilegiam os níveis de vinculação característicos da socialização virtual contemporânea, implicando escolhas políticas sobre a base predominantemente relacional da cultura em rede. Portanto, em diálogo com soluções dadas por outras culturas, supõe-se que

as investigações sobre produções de linguagem de caráter regional, com seus gostos, afinidades e atividades singulares, poderão explicitar sua devida inserção global.(...) A linha se propõe estudar, ainda, a possibilidade de as atuais plataformas digitais imersivas, em articulação com relacionamentos existenciais no espaço urbano, ampliarem a autoconsciência dos processos de linguagem, predispondo a mudanças de hábitos de sentimentos, ação e pensamento. A partir de tais interseções entre tecnologia, sociedade e comunicação, a estética é outro ponto de convergência da linha de pesquisa, seja na esfera do jornalismo, do cinema, do ativismo global, da cultura dos links ou do próprio processo de reconstrução do campo da Comunicação.

LINHA 3: Comunicação e novas tecnologias digitais: Linha de Pesquisa 1: Transformações Comunicacionais e Comunidades: Ementa: Modificações e impactos das inovações tecnológicas na comunicação. Características funcionais das tecnologias da informação. Evolução histórica e aplicações especiais das tecnologias digitais como a Hipermídia Adaptativa, o e-learning e a Inteligência Computacional. Características e constituição da sociedade virtual da informação e do conhecimento.

LINHA 4: Tecnologias da Comunicação e da Informação - análise das tecnologias da comunicação e da informação, tendo em vista o seu impacto social, econômico e político e suas formas de apropriação cultural

LINHA 5: Comunicação, informação e novas tecnologias da comunicação - A emergência, na contemporaneidade, das formas de comunicação digital. As redes telemáticas, a cibercultura e outras expressões das novas formas comunicacionais. A influência das novas tecnologias nos padrões e práticas interativas

ANEXO 2: INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS PARA CURSOS DE COMUNICAÇÃO BRASILEIROS - PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO FILIADOS À COMPÓS EM 2010:

[1991 - PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo](#) Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (Mestrado e Doutorado) Lucrécia Ferrara [1991 – UFBA - Universidade Federal da Bahia](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea (Mestrado e Doutorado) Maria Carmem Jacob de Souza

[1991 – UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado) João Batista de Macedo Freire Filho

[1991 – UMESP Universidade Metodista de São Paulo](#) Pós-Graduação em Comunicação Social (Mestrado e Doutorado) Laan Mendes de Barros

[1991 - UnB Universidade de Brasília](#) Programa de Pós Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado) Sérgio Dayrell Porto

[1991 – UNICAMP Universidade Estadual de Campinas](#) Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes, Unicamp. (Mestrado e Doutorado) Roberto Berton De Ângelo

[1993 – USP Universidade de São Paulo](#) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (Mestrado e Doutorado) Maria Immacolata Vassallo de Lopes

[1995- PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (Doutorado e Mestrado) Juremir Machado da Silva

[1995 – UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos](#) Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação (Mestrado e Doutorado) Christa Berger

[1996 – UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais](#) Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado) César Guimarães

[1996 – UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (Mestrado e Doutorado) Miriam Rossini

[1997 – UFF - Universidade Federal Fluminense](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado) Simone Pereira de Sá

[2001 – UTP - Universidade Tuiuti do Paraná](#) Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens Cláudia Quadros

[2001 - CÁSPER LÍBERO - Faculdade Cásper Líbero](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) Dimas A. Kunsch

[2001 – UFPE - Universidade Federal de Pernambuco](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado) Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes

[2002 – UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) Fátima Cristina Regis Martins de Oliveira

[2002 – UNIP - Universidade Paulista](#) Mestrado em Comunicação Eduardo Peñuela Cañizal

[2003 – UNESP - Universidade Estadual Paulista](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp Luciano Guimarães

[2003 - PUC-RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social Miguel Serpa Pereira

[2004 – UNIMAR - Universidade de Marília](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) Rosângela Marçolla

[2006 – ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing](#) Comunicação e Práticas de Consumo (Mestrado) Gisela G. S. Castro

- [2006 – UFSM - Universidade Federal de Santa Maria](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) Eugenia Mariano da Rocha Barichello
- [2008 – UNISO - Universidade de Sorocaba](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura – (Mestrado) Osvando J. de Morais
- [2007 – UAM - Universidade Anhembi Morumbi](#) Mestrado em Comunicação Rogério Ferraraz
- [2007 - PUC-MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais](#) Mestrado em Comunicação Social Julio Pinto
- [2007 – UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora](#) Mestrado em Comunicação e Sociedade Iluska Coutinho
- [2007 – UFG - Universidade Federal de Goiás](#) Mestrado em Comunicação Ana Carolina Rocha Pessoa Temer
- [2008 – UFS C - Universidade Federal de Santa Catarina](#) Programa de Pós-Graduação em Jornalismo Gislene da Silva
- [2008 – UEL - Universidade Estadual de Londrina](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mestrado Paulo César Boni
- [2008 – UFSCar - Universidade Federal de São Carlos](#) Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som (Mestrado) Samuel Paiva
- [2008 – UCB - Universidade Católica de Brasília](#) Mestrado em Comunicação João José Azevedo Curvello
- [2008 – UFPB - Universidade Federal da Paraíba](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) Marcos Nicolau
- [2008 – UFC - Universidade Federal do Ceará](#) Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC (Mestrado) Silas de Paula
- [2009 – UFAM - Universidade Federal do Amazonas](#) Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação Gilson Vieira Monteiro
- [2009 – USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul](#) Programa de Mestrado em Comunicação Gino Giacomini Filho
- [2009 – UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte](#) Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia Maria das Graças Pinto Coelho
- [2010 – USP - Universidade de São Paulo](#) Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais Eduardo V. Morettin

Estão relacionadas apenas as listagens de bibliografia disponíveis virtualmente pelas universidades (portais na internet) e recomendada pelos programas com ALGUMA REFERÊNCIA OU EXPLÍCITA com ênfase em disciplinas ou linhas de pesquisa sobre novas tecnologias, tecnologia digital, meios digitais e correlatos.

LISTA 1

- Aumont, J. (1999) De l'esthétique au présent. Paris, De Boeck & Lacier.
- Bairon, Sérgio. (2005) Texturas sonoras. São Paulo, ed. Hacker.
- _____. (2002). Interdisciplinaridade. Educação, história da cultura e hipermídia. São Paulo, Futura.
- Bairon, Sérgio & Ribeiro, José da Silva. (2007) Antropologia visual e hipermedia. Porto, Afrontamento.
- Bairon, Sérgio (et.alii.). (2002). Diadorim. História local nos processos de alfabetização de crianças, jovens e adultos no município de Diadema. São Paulo, FAFESP.
- Bauer, Martin & Gaskell, George. (2002) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, Vozes.

- Bolter, Jay David & Gromala, Diane. (2003) *Windows and mirrors*. Cambridge, London, MIT Press.
- Burke, Peter. (2005) *Testemunha ocular*. Bauru, Edusc.
- Crary, Jonathan. (2001) *Suspensions of perception*. Cambridge, London, MIT Press.
- Comolli, Jean-Louis. (2001) "O Futuro do Homem. O homem da câmera de filmar." in: *O Olhar de Ulisses. O Homem e a Câmara*. Cinemateca Portuguesa..
- De Certeau, Michel (1993). *La culture au pluriel*. Paris, Éditions Seuil.
- _____. (1997). *Histoire e psicanalyse entre science et fiction*. Paris:Gallimard.
- _____. (1989). *La Invention du Cotidien*. Paris, Gallimard.
- _____.(1975) *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Derrida, Jacques (1999). *O olho da universidade*. São Paulo, Ed. Estação Liberdade.
- Gadamer, Hans Georg (1975). *Wahrheit und Methode*, Tübingen, J.C.B. Mohr. _____.
- (1984). *Le problème de la conscience historique*. Paris, Gallimard.
- _____. (1990) *Das Erbe Europas*. Tübingen, J.C.B. Mohr.
- _____. (1996) *Estética y hermenéutica*. Madrid, Tecnos.
- Hansen, Mark. N. (2004) *New philosophy for new media*. Cambridge, London, MIT Press.
- Latour. Bruno. (2000). *Ciência em ação*. São Paulo, Ed. Unesp.
- Piault, Marc (2000). *Anthropologie et cinéma*. Paris, Éditions Nathan/HER, 2000.
- Pink, Sarah. (2006) *The future of visual anthropology*. New York, Routledge.
- Sodré. Muniz. (2002). *Antropológica do espelho*. Rio de Janeiro. Vozes.
- Sloterdijk, Peter. (2004). *Sphären III. Schäume*.Frankfurt, Suhrkamp.
- _____. (1999). *Sphären II. Globen*. Frankfurt, Suhrkamp.
- _____. (1998). *Sphären I. Blasen*. Frankfurt, Suhrkamp.
- Vertov, Dziga. (1984) *Kino-eye*. Los Angeles, University California Press.
- Wittgenstein, Ludwig (1988). *Investigações Filosóficas*. Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- Wright, Bem. (2007). *Slavoj Zizek. The Reality of the Virtual*. OliveFilms. DVD-video.
- Zizek, Slavoj. (2008). *A visão em paralaxe*. São Paulo, Ed. Boi Tempo.
- _____. (2005). *The Elvis of cultural theory*. Zeitgeist Films. DVD-vídeo.
- _____. (2006) *The pervert's guide do cinema. 1,2,3.. Microcinema*. DVD-video.

LISTA 2

- BAKHTIN, Michail. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BOLTER, J. D. *Writing Space: The Computer Hypertext and history of Writing*. Hillsdale, N.J.; Lawrence Erlbaum, 1991.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sóciodiscursivo*. São Paulo, Editora da PUC-SP, EDUC, 1999.
- CRYSTAL, David. *Language and the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.
- ERICKSON, Thomas. *Making Sense of Computer-mediated Communication (CMC): Conversations as genres, CMC Systems as Genre Ecologies*. In the Proceedings of the Thirty-Third Hawaii

International Conference on Systems Science. (ed. J. F. Nunamaker, Jr. R. H. Sprague, Jr.), January, 2000. IEEE Press. Obtido no endereço eletrônico: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/

- HILGERT, Gaston. A construção do texto “falado” por escrito na Internet. In: Dino PRETI (org.). Fala e escrita em Questão. (Projetos Paralelos – NURC/SP - Núcleo USP – Vol. 4). São Paulo, Humanitas, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. Línguas e Instrumentos Lingüísticos, Editora Pontes, 1999, nº 3.
- MURRAY, Janet H. Hamlet on the holodeck: the future of narrative in cyberspace. New York: Free Press, 1997.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes. (org.). Interação e Aprendizagem em Ambiente Virtual. Belo Horizonte, FALE- UFMG, 2001.
- RHEINGOLD, Howard. The Virtual Community. Homesteading on the Electronic Frontier. Cambridge, Massachusetts; The MIT Press, 2000.
- WALLACW, Patrícia. The Psychology of the Internet. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

LISTA 3

- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado (trad. Joaquim J.M. Ramos). Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal (trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: Problemas de lingüística geral (trad. M. da Glória Novak e L. Neri). S. Paulo: Nacional-EDUSP, 1976.
- DUCROT, O. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso (trad. Laura F. de A. Sampaio). São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GUIRADO, Marlene. Psicanálise e Análise do Discurso. S. Paulo: Summus, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em Análise do Discurso. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- ORLANDI, E. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: Sujeito e Texto. S. Paulo: EDUC, 1988.
- _____. Análise de discurso – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.
- PINKER, Steven O instinto da linguagem. Como a mente cria a linguagem. (trad. Claudia Berliner; revisão técnica Cyntia Levart Zocca. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- (LOCALIZEI AUTOR) Odenildo Sena _____. De Fernando a Fernando: as teias ideológicas do poder. Tese de Doutorado. S. Paulo: PUC, 1997.
- THOMPSON, John B. A mídia e Modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ZOPPI-FONTANA, Mônica. Cidadãos modernos – discurso e representação política. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- WARNIER, Jean-Pierre. A mundialização da cultura. Bauru: Edusc, 2000.
- WIENER, Norbert. Cibernética e sociedade. O uso humano dos seres humanos (trad. José de Paulo Paes). 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

LISTA 4

- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e terra, 1997. Vol 1.

- _____. O poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 1998. Vol. 2.
- _____. O fim do milênio. São Paulo: Paz e terra, 1999. Vol. 3.
- DeFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. Teorias da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- DERTOUZOS, Michael. O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. 3. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DIZARD JR., Wilson. A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DUARTE, Fábio. Democracia no território digital. Comunicação & Educação. São Paulo: Ed. Moderna: ECA-USP, 1999. n. 14. jan./abr. p. 27-32.
- GATES, Bill. A empresa na velocidade do pensamento: com um sistema nervoso digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- McLUHAN, Marshall. Understanding media. Cambridge: MIT Press, 1994.
- MORAES, Dênis de. O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PALACIOS, Marcos. Educação na Internet. In: Comunicação & Educação. São Paulo: ECA-USP : Ed. Moderna. N. 6, maio/ago. 1996. P. 35-40.
- ROBERTSON, Douglas. S. The new renaissance: computers and the next level of civilization. New York: Oxford University Press, 1998.
- SANTOS, Milton. Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

LISTA 5

- Tramas da Rede. André Parente (org.), Porto Alegre, Sulinas, 2005.
- Transcinemas. Katia Maciel (org.), Rio: Contracapa, 2009.
- Cinema em trânsito. Cinema, arte contemporânea e novas mídias. Rio, Azougue, (no prelo).
- Redes sensoriais: Arte, Ciência e tecnologia, Katia Maciel e André Parente (org.), Rio: Contra Capa, 2003.
- Cinema Sim. Kátia Maciel (org.). São Paulo, Itaú Cultural, 2008.
- Filmes de Artista. Fernando Cocchiarale (org.). Rio, Contra Capa, 2008

LISTA 6

- BUGAY, Edson L.; ULBRICHT, Vânia R. Hipermídia. Florianópolis, 2000.
- CAIRNCROSS, Frances. O fim das distâncias. São Paulo: Nobel, 2000.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane P. Sistemas de informação com internet. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1999.
- LEAO, Lucia. O Labirinto da Hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- LEMOS, André. As janelas do ciberespaço. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEVY, Pierre. Inteligência coletiva. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (Orgs). A genealogia do virtual. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RUDIGER, Dorothee S. Elementos para a crítica da cibercultura. São Paulo: Hacker, 2002. (SIC – ERRO NO NOME DO AUTOR)
RUDIGER, Francisco. Introdução às teorias da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.
SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
SILVA, Marco (Org). Educação online. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
WERTHEIM, Margaret. Uma história do espaço de Dante a Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LISTA 7

- ABREU, Alzira A. Jornalismo Cidadão. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 31, 2003, p. 25-40.
- BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do campo comunicação/educação. Revista Comunicação e Educação. São Paulo: USP/Moderna, n. 14, p. 7 a 16, jan./abr. de 1998.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação: conhecimento e mediações. Revista Comunicação e Educação. São Paulo: USP/Moderna, n.20, p. 7 a 14, jan./abr. de 2001.
- BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. Nosotros, el médio: Cómo las audiencias están modelando el futuro de la noticias y la información. The Media Center at The American Press Institute. Casa Editorial El Tiempo (CEET), 2003, disponível em www.hypergene.net/wemedia/espanol.php
- BRAMBILLA, Ana Maria. Jornalismo open source em busca de credibilidade: como funciona o projeto coreano OhmyNews International. In: Intercom 2005. XXVIII Intercom, 09, 2005, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro, 2005.
- CAMACHO AZURDUY, Carlos Alberto. Los ciudadanos y los medios de comunicación: El derecho a la información como práctica de formación y desarrollo de la ciudadanía comunicativa. 2003. Tese (Doutorado). Facultad de Ciencias de la Información, Universidad Complutense de Madrid/ Facultad de Ciencias de la Comunicación e Información, Universidad Diego Portales.
- CANCLINI, Nestor García. Comsumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede. Vol. I. 6.ed. São Paulo, Paz e Terra, 2005.
- _____. Fim de milênio. Vol. III. 3.ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- _____. O poder da identidade. Vol. II. 3.ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- GARRETÓN, Manuel A. Democracia, ciudadanía y medios de comunicación. Un marco general, en AA.VV., Los medios, nuevas plazas para la democracia. 1ª ed., Lima, Asociación de Comunicadores Sociales Calandria, 1995, p. 97-108.
- GILLMOR, Dan. Nós, os media. Lisboa, Presença, 2005.
- GONNET, Jacques. Educação e mídias. São Paulo: Loyola, 2004.
- HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. DP&A EDITORA, 2005.
- KAPLÚN, Mario. A la educación por la comunicación. La práctica de la comunicación educativa. Santiago de Chile: UNESCO, 1992.
- _____. Una pedagogia de la comunicacion. Madrid, Ediciones de la Torre. 1998.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro, UFRJ Editora, 2001.
- MATTELART, Armand. A globalização da comunicação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- _____. Diversidad cultural y mundialización. Barcelona, Paidós, 2006.
- _____. Historia da Sociedade da Informação. São Paulo, Loyola, 2002.
- MELO, José Marques (Org.) Mídia cidadã, utopia brasileira. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.
- MESQUITA, Mario; TRAQUINA, Nelson. Jornalismo Cívico. Livros Horizonte, 2003.
- MIRALLES, Ana Maria. Periodismo, opinión pública y agenda ciudadana. Bogotá, Grupo Editorial Norma, 2006.
- MORAES, Denis (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MORAES, Denis de. Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre. 1997. 262p.
- _____. Planeta mídia: tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Letra Livre, 1998. 287p.
- PERUZZO, Cecília. Comunicação nos movimentos populares. A participação na construção da cidadania, Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- SOARES, Ismar O. Comunicação / Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus

profissionais. Contato - Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, v.1, n.2, 19-74 p..
jan./mar., 1999.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 2005

LISTA 8

MARTIN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2001.

WOLTON, Dominique. Pensar a comunicação. Brasília: Editora UnB, 2004.

LISTA 9

BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta a sua mídia. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LISTA 10

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2007.

LISTA 11

BORGMAN, Christine L. Scholarship in the Digital Age: Information, Infrastructure, and the Internet. Cambridge, Mass. : MIT Press, 2007.

BORNER, Katy; SANYAL, Soma; VESPIGNANI, Alessandro. Network science. Annual Review of Information Science and Technology, v. 41, p. 537-607, 2007.

CASE, D. Looking for Information: A Survey of Research on Information Seeking, Needs, and Behavior. 2nd. ed. Amsterdam ; Boston : Elsevier/Academic Press, 2007.

CRONIN, B.; ATKINS, H. B. (eds) The Web of Knowledge: A Festschrift in Honor of Eugene Garfield. Medford: Information Today Inc, 2000.

DUTTON, William H. World Wide Research: Reshaping the Sciences and Humanities. Cambridge, Mass: MIT Press, 2010.

LANGVILLE, Amy N. Google's PageRank and Beyond: The Science of Search Engine Rankings. Princeton, N.J. : Princeton University Press, 2006.

MANNING, Christopher D. Introduction to Information Retrieval. New York, Cambridge University Press, 2008.

MOED, Henk F. Citation Analysis in Research Evaluation. Dordrecht : Springer, 2005.

NEWMAN, M. E. J. The structure of scientific collaboration networks. PNAS, v. 98, n. 2, p. 404-409, 2001. Disponível em: <http://www.pnas.org/cgi/content/full/98/2/404>

- OTTE, E; ROUSSEAU, R. Social network analysis: a powerful strategy, also for information sciences. *Journal of Information Science*, Cambridge, v. 28, n. 6, p. 441-453, 2002.
- SMALL, H. Paradigms, citations, and maps of science: A personal history. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 54, n.5,p. 394-399, 2003.
- SOLLA PRICE, D. J. de, *Networks of Scientific Papers*. *Science*, n. 149, p. 510-515, 1965.
- STERNITZKE, Christian; BERGMANNB, Isumo. Similarity measures for document mapping: A comparative study on the level of an individual scientist. *Scientometrics*, v.78, n.1, p. 113-130, 2009
- VAUGHAN, Liwen; YOU, Justin. Word co-occurrences on Webpages as a measure of the relatedness of organizations: A new Webometrics concept, *Journal of Informetrics*, v. 4, n. 4, p. 483-491, 2010. DOI: 10.1016/j.joi.2010.04.005.
- WAGNER, C. S. ; LEYDESDORFF, I. Network structure, self-organization, and the growth of international collaboration in science. *Research Policy*, v. 34, n.10, p. 1608–1618, 2005.
- WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 857 p.
- WELLMAN, Barry; KOKU, Emmanuel; HUNSINGER, Jeremy. *Networked Scholarship*. In: *International Handbook of Virtual Learning Environments*. Springer Netherlands, 2006. p. 1429-1447 .
- WHITE, H. D., WELLMAN, B., NAZER, N. Does citation reflect social structure? Longitudinal evidence from the ‘Globenet’ interdisciplinary research group. *JASIST*, v.55, n. 2, p.111–126, 2004. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.10369/pdf>>

LISTA 12

- ARAÚJO, Denize Correa (org.). *Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- COUCHOT, E. *A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- DUBOIS, P. *Cinema, vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 10. ed. Campinas: Papius, 1996.
- MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas e pós-cinemas*. Campinas: Papius, 1997.
- MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens; uma história de amor e ódio*. São Paulo, Cia das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. *Imagem também se lê*. São Paulo: Rosari, 2009.
- PARENTE, André (org.) *Imagem máquina, a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. (orgs). *Narrativas, imagens e práticas sociais*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica e sociedade*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

ANEXO 3: GRUPOS DE PESQUISA EM CIBERCULTURA

De acordo com Denize Araújo, havia onze Grupos de Pesquisa em Cibercultura, em 2006, inscritos no CNPq e certificados pelas instituições:

1. “Núcleo de Cultura e Tecnologia da Imagem”, criado em 1991, liderado por André Parente e Kátia Maciel, da UFRJ, com pesquisas analíticas e criativas unindo experiência e teoria: novas configurações do sujeito, estética da arte interativa e da morfogênese da imagem para entendimento do virtual, do ciberespaço, do hipertexto, da infografia e da multimídia, compreendendo as tecnologias da imagem como formas híbridas de campos diferenciados que proporcionam a interação de pesquisas multidisciplinares que redimensionam o campo da Comunicação.
2. “Ciberpesquisa”, Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura, núcleo criado em 1996 por André Lemos e Marcos Palácios, da UFBA, que conta com diversos grupos e projetos: “Cibercidades” (liderado por André Lemos, em convenio com Aveiro, Texas e Canadá), “Jornalismo Online” (Marcos Palácios e Elias Machado), “Sistemas Cibernéticos” (Gottfried Stockinger), “Internet e Política” (Sonia Serra e Wilson Gomes), “Comunicação Organizacional e Tecnologias da Informação” (Cláudio Cardoso), “Política, Telecomunicação e Convergência” (Othon Jambeiro);
3. “Ciberidea”, Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Comunicação, Cultura e Subjetividade, criado em 1998 e liderado por Paulo Vaz, que enfatiza pesquisas em tecnologias da comunicação e mudanças culturais por elas incitadas, transformando a subjetividade contemporânea. Agrega os seguintes pesquisadores de Filosofia, Comunicação e Psicologia, de 5 linhas de pesquisa: Comunicação e Complexidade (CBPF-Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas), Ética, Saberes, Subjetividade e Desenvolvimento (IP-Instituto de Psicologia-UFRJ), Mídia e Mediações Socioculturais (ECO-UFRJ), Novas Tecnologias e Cultura (FCS-UERJ) e Tecnologias da Comunicação e Estéticas (ECO-UFRJ): Fátima Regis, Fernanda Bruno, Henrique Antoun, Luiz Alberto de Oliveira, Paulo Vaz, Rosa Ribeiro Pedro e Vinicius Andrade Pereira;
4. “Tecnologias do Imaginário”, criado em 2000, liderado por Juremir Machado da Silva, que procura compreender os fenômenos de cristalização de imaginários através de tecnologias de sedução e disseminação midiáticas, além de analisar imaginários revisitados pelas novas mídias e tecnologias.
5. “NuPH” - Núcleo de Pesquisa em Hipermídia, criado em 2001, liderado por Sergio Bairon e Rogério da Costa (PUC-SP), em convênio com as Universidades do Porto, Aberta de Portugal, Complutense (Madrid) e Freie (Berlim). Conta com o apoio dos pesquisadores Lucia Santaella, Massimo Canevacci, James Clifford e Edgard Morin. Com tendência transdisciplinar, analisa e produz pesquisas que interrelacionam a criação e a sustentabilidade de comunidades virtuais;
6. “Comunicação, Imagem e Contemporaneidade”, criado em 2001, liderado por Denize Araújo, da UTP, com pesquisas sobre o estatuto da imagem em contextos midiáticos, com ênfase na imagem digital e nos processos de produção digitalizada de imagens. Reúne docentes do Mestrado em Comunicação e Linguagens da UTP e pesquisadores de outras instituições, como Luciana Silveira (UFTPR) e Maria Lucia Becker (Unibrasil), além de contar com o Acordo de Cooperação firmado entre a UTP e o Laboratório de Novas Tecnologias da UCS, coordenado por Diana Domingues.
7. “Comunicação e Tecnocultura: meios e imaginários tecnológicos”, criado em 2002, liderado por Erick Felinto, que conta com os seguintes pesquisadores: Alessandra Aldé (UERJ), Eugenio Trivinho (PUC-SP), Fátima Regis (UFRJ), Felipe Pena (UFF), Francisco Rudiger (PUC-RS), Vinicius Andrade Pereira (UERJ). O GP investiga

- questões de cibercultura e tecnologias digitais com ênfase em aspectos formais e repercussão no imaginário cultural;
8. “Tecnologias da Comunicação e Sociabilidade”, criado em 2002, coordenado por Simone Pereira de Sá, agrupando pesquisas que enfocam tecnologias da comunicação e analisam o computador como ambiente comunicacional. O grupo vivencia a estética da música eletrônica articulada às dinâmicas identitárias através de comunidades virtuais.
 9. “CENCIB”-Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura, criado em 2003, liderado por Eugenio Trivinho, contando com dois pesquisadores: Erick Felinto e Henrique Antoun. O Centro agrega pesquisas voltadas para o desenvolvimento da produção avançada da crítica conceitual acerca da cibercultura como marco epistêmico referencial do contexto sóciohistórico, tecnológico e mediático contemporâneo.
 10. “Imagem e Narrativas Digitais”, criado em 2005, coordenado por Paulo Carneiro da Cunha e André Menezes Marques das Neves, da UFPE, procura soluções práticas associando-se ao Laboratório Kimera, para desenvolver pesquisas científicas e experimentais dirigidas a protótipos relacionados às novas mídias digitais. Seus objetos de interesse estão no campo da cibercultura: entretenimento cibernético, inteligência artificial, comunidades virtuais, representações digitais (interfaces e simulacros virtuais), games e pós-cinema
 11. “Mídias Digitais”, criado em 2005, liderado por Suely Fragoso, da Unisinos, que estuda a comunicação mediada por computador e objetiva a construção de arcabouços teórico-metodológicos específicos para cada problematização, incentivando discentes a discutir seus temas e ensaios.